

2019

REVISTA PORTUGUESA DE ESTUDOS REGIONAIS

PORTUGUESE REVIEW OF REGIONAL STUDIES

1º Quadrimestre | nº 50 | Avulso €15

Diretor José Cadima Ribeiro



2019

REVISTA PORTUGUESA DE ESTUDOS REGIONAIS

PORTUGUESE REVIEW OF REGIONAL STUDIES

1º Quadrimestre | nº 50 | Avulso €15

Diretor José Cadima Ribeiro



Revista Portuguesa de Estudos Regionais

Portuguese Review of Regional Studies

Nº 50, 2019, 1º Quadrimestre

Direção Editorial

José Cadima Ribeiro, Universidade do Minho

Comité Editorial

Adriano Pimpão, Universidade do Algarve

Alejandro Cardenete, Universidad Loyola Andalucía

Ana Lúcia Sargento, Inst. Politéc. de Leiria

António Caleiro, Universidade de Évora

António Covas, Universidade do Algarve

António Figueiredo, Universidade do Porto

António Pais Antunes, Univ. de Coimbra

António Rochette Cordeiro, Univ. Coimbra

Armindo Carvalho, Universidade do Porto

Artur Rosa Pires, Universidade de Aveiro

Aurora Teixeira, Universidade do Porto

Carlos Azzoni, Universidade de São Paulo

Carlos Pimenta, Univ. Federal de Itajubá

Carmen Padín, Universidad de Vigo

Celeste Eusébio, Universidade de Aveiro

Conceição Rego, Universidade de Évora

Eduardo Anselmo de Castro, Univ. de Aveiro

Eduardo Haddad, Universidade de São Paulo

Elias Melchor-Ferrer, Universidad de Granada

Elisabeth Kastenzholz, Universidade de Aveiro

Eva Sánchez Amboage, Univ. Téc. Particular de Loja

Fernando Perobelli, Univ. de Juiz de Fora

Francisco Carballo-Cruz, Univ. do Minho

Francisco Diniz, Univ. Trás-os-Montes e AD

Geoffrey D. Hewings, REAL e Univ. de Illinois em Urbana-Champaign

Hugo Pinto, Univ. de Coimbra (CES) e Univ. do Algarve

Isabel Mota, Universidade do Porto

Iva Miranda Pires, Univ. Nova de Lisboa

João Guerreiro, Universidade do Algarve

João Leitão, Universidade da Beira Interior

João Oliveira Soares, Universidade de Lisboa

Joaquim Antunes, Inst. Politécnico de Viseu

José Freitas Santos, Inst. Politéc. do Porto

José Pedro Pontes, Universidade de Lisboa

José Reis, Universidade de Coimbra

José Silva Costa, Universidade do Porto

Laurentina Vareiro, Inst. Polit. do Cávado e do Ave

Lívia Madureira, Univ. Trás-os-Montes e AD

Manuel Brandão Alves, Univ. de Lisboa

María Magdalena R. Fernandez, Univ de A Coruña

Mário Fortuna, Universidade dos Açores

Mário Rui Silva, Universidade do Porto

Miguel Marquez Paniagua, Universidade da Extremadura

Natasa Urbancikova, Technical University of Kosice

Nuno Ornelas Martins, Univ. Católica, Porto

Oto Hudec, Technical University of Kosice

Paula Cristina Remoaldo, Univ. do Minho

Paulo Guimarães, Universidade do Porto

Paulo Pinho, Universidade do Porto

Paulo Dias Correia, Universidade de Lisboa

Pedro Costa, ISCTE-Inst. Univ. de Lisboa

Pedro Guedes de Carvalho, Univ. Beira Int.

Pedro Nogueira Ramos, Univ. de Coimbra

Peter Nijkamp, Univ. Livre de Amsterdão

Regina Salvador, Universidade Nova Lisboa

Rui Nuno Baleiras, Universidade do Minho

Rui Ramos, Universidade do Minho

Sandra Saúde, Instituto Politécnico de Beja

Teresa Noronha Vaz, Univ. do Algarve

Tiago Freire, University of Canberra

Tomaz Ponce Dentinho, Univ. dos Açores

Valdir Roque Dallabrida, Univ. do Contestado (Canoinhas)

Vasco Reis, Universidade de Lisboa

Xésus Pereira López, Universidade de Santiago de Compostela

Xulio Pardellas de Blas, Univ. de Vigo

Indexação A Revista Portuguesa de Estudos Regionais está referenciada nas seguintes bases bibliográficas

EconLit, *Journal of Economic Literature*, *QUALIS* (2013-2016: Ciências Ambientais=B1; Engenharias 1=B3; Planeamento Urbano e Regional / Demografia=B3), *Scopus* (SJR, 2016 = 0,109; SNIP, 2016 = 0,065) e *Redalyc* (Rede de Revistas Científicas de América Latina, Caraíbas, Espanha e Portugal).

Una comunidad **más** grande en pro del **acceso abierto**



Universidad Autónoma del Estado de México
redalyc@redalyc.org
Síguenos en f y t



Secretariado executivo Ana Luísa Ramos

Propriedade e Edição ©APDR

Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional

Universidade dos Açores, Rua Capitão João D'Ávila

9700-042 – Angra do Heroísmo

+351 295 333 329 (telef/fax) • rper.geral@gmail.com

<http://www.apdr.pt/siteRPER/index.html>

Periodicidade Quadrimestral (janeiro; maio; setembro)

Preço Avulso 15€ • Assinatura 30€ (Portugal) e 45€ (estrangeiro)

Impressão Studioprint • **Tiragem** 30 exemplares

Depósito legal 190875/03 • **ISSN** 1645-586X

ÍNDICE

7 Editorial

9 Higher Education and Economic Prosperity at Regional Level

Igor Cvecic
Danijela Sokolic
Marija Kastelan Mrak

27 Recursos Perfeitos, Turismo e Singularidades Territoriais: Contributos Para o Desenvolvimento de Uma Linha de Turismo Científico na Golegã

Sérgio Paulo Leal Nunes
Vanda Cristina Brito e Sousa

49 Sustainability Evolution of North and Alentejo Vineyard Regions

Micael Santos
A. Galindro
C. Santos
A. Marta-Costa
V. Martinho

65 Gastronomia de Taberna & Storytelling: Saberes e Sabores Que Reforçam a Identidade Cultural do Território

Josefina Salvado
Ana Maria Ferreira
Jaime Serra
Noemi Marujo

85 Melhoria da Distribuição de Mercadorias na Baixa Pombalina de Lisboa – Perspetivas Sobre a Implementação de um Centro de Distribuição Urbana Para Servir o Segmento HORECA

Vasco Reis
Alexandra Escarameia
Rosário Macário

103 A Tropicalização da Especialização Inteligente: Considerações Iniciais e Falhas Sistémicas de Inovação Para o Desenvolvimento de Uma Estratégia em Pernambuco (Brasil)

Hugo Pinto
Carla Nogueira
Manuel Laranja
John Edwards

- 123 A Relevância da Gestão de Recursos Para o Desempenho- Aplicação da Teoria Baseada Nos Recursos ao Empreendedorismo Social em Portugal

Susana Bernardino

J. Freitas Santos

- 141 A Imprensa Regional Portuguesa Como Pequeno Bastião da Imprensa Tradicional no País

Tiago Lima Quintanilha

Miguel Paisana

Gustavo Cardoso

Editorial

With the publication of this issue, the 'Revista Portuguesa de Estudos Regionais' (Portuguese Revue of Regional Studies) has reached its 50th issue. It was a long and hard road for its editors to reach this point. In this regard, my part was quite easy since I have only been in this position, as Editor-in-Chief, since May 2016 and, by that time, the journal had already firstly been accepted as a member of EconLit, and, later on, as a member of Qualis and, especially, of Scopus data bases. This allowed it to attract the submission of a large amount of papers from both Portuguese and foreign researchers. Most recently, we have also succeeded in becoming a member of Redalyc (Network of Scientific Journals of Latin America, Caribe, Spain and Portugal), which has enhanced our visibility, namely, in South America.

Naturally, there is always the need to advertise the journal among the scientific community and to make it evident that we are providing a journal that publishes high quality papers, and which address subjects that really matter, either by their empirical relevance, innovative theoretical and/or analytical approaches or by their policy contribution. The competition among international journals has increased a lot in the last few years, therefore no one should rest on their past achievements.

This 50th issue has arrived 15 years after the launching of the journal in 2003, an editorial project of 'APDR - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional' (Portuguese Association for Regional Development), the Portuguese section of the European Regional Science Association. APDR, itself, was born in 1984, by the initiative of a group of senior and junior academic researchers of Regional Science and related fields, which included A. Simões Lopes, generally considered the founding father of Regional Science in Portugal. I, myself, had the chance to be a member of this founding team as a junior researcher, developing my master's thesis under his scientific supervision.

Regional science was only introduced in Portugal in the 1970s, that is to say, it was only then that Portuguese researchers began to pro-

duce more consistent and theoretically supported studies on regional and urban subjects. In this regard, it is worth mentioning that the 1979 book from A. Simões Lopes on *Regional Development – Problematic, Theory, Models*, published by the Calouste Gulbenkian Foundation, has long been used as the main academic textbook to support the teaching of Regional Science in Portuguese universities.

As stated in its rules, some of the main goals of the Portuguese Association for Regional Development were (and still are): contributing towards innovation, the improvement and dissemination of knowledge on regional development; and ii) promoting the exchange of information and experiences among its members and professionals from various institutions (<http://www.apdr.pt/a-apdr/estatutos/> - retrieved 24/11/2018). Therefore, editing a scientific journal was, and still is, one of the best ways to achieve these goals.

The 50th issue includes eight papers, two more than we usually publish. By doing this, we wanted to give the issue a well-deserved special meaning, not only through the amount of papers included, but also through the diversity of fields of research these papers are focused on, going from location factors, urban logistics, wine sector performance and sustainability, higher education and regional development, to smart specialisation strategies, market behavior in regional press, social entrepreneurship and cultural heritage.

Normally, the contributors of this journal are from different parts of the world. In this case, and in celebrating its 50th issue, we wanted to give Portuguese researchers centre stage. In this issue, from outside of Portugal, either working alone or in partnership with Portuguese researchers, we also have contributions from English and Croatian researchers.

In this regard, in the paper from Croatia (Cvecic, Sokolic and Mrak), I would like to present the following idea from its abstract: "As Europe features significant regional disparities in employment, education and economic prosperity, the support for science and technology, including HEIs [Higher Education Institutions]

and their outputs, is crucial for regional development, especially among ‘peripheral’ regions”. Among other things, this tells us that regional disparities are still a major concern in many of our economies, just as they used to be, long ago, when Regional Science was born as an autonomous field of research. Additionally, it tells us that knowledge and Higher Education Institutions still have a role to play in Regional Development, either by providing education and training, or by providing research on products and services and advice on ways to deal with regional problems and resources.

Bearing this in mind, journals like the Portuguese Review of Regional Studies have an unquestionable role in acting as part of a network of researchers on regional and urban issues, and in establishing the connection between research and society, as a whole, providing knowledge on different issues and inspiring policies.

J. Cadima Ribeiro
(Editor-in-Chief)

Higer Education and Economic Prosperity at Regional Level¹

O Ensino Superior e Prosperidade Económica ao Nível Regional

Igor Cvecic

Faculty of Economics and Business, University of Rijeka

Danijela Sokolic

Faculty of Economics and Business, University of Rijeka

Marija Kastelan Mrak

Faculty of Economics and Business, University of Rijeka

Abstract/ Resumo

Macroeconomic, social, political, regulatory and other factors drive different prospects of economic growth and wellbeing in different European regions. Higher education institutions (HEI), with their tradition, commitment, progressiveness, continuity and stability are a crucial factor for growth and development. There is empirical evidence of lower unemployment rates in countries with effective communication between the educational system and the labour market that provides for employers' understanding of competencies (qualities) students have upon finishing their education. Realistic expectations result in better demand and supply matching, thus contributing to regional welfare. As Europe features significant regional disparities in employment, education and economic prosperity, the support for science and technology, including HEIs and their outputs, is crucial for regional development, especially among 'peripheral' regions. Furthermore, HEIs must aim at better linking their programmes with employment and the needs for innovation and entrepreneurship. Thus, we estimate how higher education and science relate with economic prosperity in different European regions at NUTS 2 level, classifying them into three groups according to their level of GDP per capita. The regression estimates show different

Os fatores macroeconómicos, sociais, políticos, regulatórios e outros impulsionam diferentes perspectivas de crescimento económico e bem-estar em diferentes regiões da Europa. As instituições de ensino superior (IES), com sua tradição, compromisso, progressismo, continuidade e estabilidade, são um fator crucial para o crescimento e desenvolvimento. Há evidência empírica de taxas de desemprego mais baixas em países com uma comunicação eficiente entre o sistema educacional e o mercado de trabalho, que proporciona aos empregadores uma compreensão das competências (qualidades) que os alunos têm ao concluir a sua educação. Expectativas realistas resultam numa melhor adequação da oferta e procura, contribuindo para o bem-estar regional.

Como a Europa apresenta significativas disparidades regionais no emprego, na educação e na prosperidade económica, o apoio à ciência e tecnologia, incluindo as IES e o seu serviço, é crucial para o desenvolvimento regional, especialmente nas regiões "periféricas". Além disso, as IES devem procurar articular melhor os seus programas com o emprego e as necessidades de inovação e empreendedorismo. Assim, é estimado como o ensino superior e a ciência se relacionam com a prosperidade económica em diferentes regiões europeias ao nível NUTS 2,

¹ Acknowledgment: This work has been supported by the University of Rijeka under the project titled "Contemporary challenges in rethinking work as an economic resource" no. ZP-UNIRI-1/17

effects of specific factors of HEI influencing regional prosperity levels.

Keywords: development, prosperity, higher education, (un)employment, EU regions

JEL Codes: R10, I25, J60

classificando-as em três grupos de acordo com o seu nível de PIB per capita. As estimativas desta regressão mostram diferentes efeitos de fatores específicos das IES que influenciam os níveis regionais de prosperidade.

Palavras-chave: Desenvolvimento regional, prosperidade, ensino superior, (des)emprego, regiões da UE

Código JEL: R10, I25, J60

1. INTRODUCTION

Benefits of economic development lay on economic growth and competitiveness. Regions need to support innovation and research and development (R&D) to achieve economic growth. Thus, the key determinant of growth and development is human capital advancement since (working) people are meritorious for creation and innovation. Talents with innovative ideas are a result of hard work and passion of individuals, and expertise and enthusiasm of educators in a supporting environment. That's why innovative ideas and start-ups often come as outputs of quality higher education systems and tend to migrate towards competitive and benchmark enabling working environments.

European regions can be differentiated according to the value creation of industries developed in the region. A higher value-added economy region boosts industries that focus on those activities that generate a larger margin calculated as the final price of a product or service minus the cost of the inputs used to produce it, and thus create higher profits for businesses and higher wages for workers. High added-value industries (i.e. electronics, chemicals, biomedical manufacturing, professional services, etc.) depend on highly trained and well-educated work force, and they are more likely to be situated in the region with the high quality higher education institutions since higher value-added economies rely heavily on innovation and skills, knowledge and technology development.

The purpose of this paper is to explore how important is higher education for regional growth and prosperity, specifically its impact on gross domestic product per capita. The structure of this paper stresses primarily the

idea of the affirmation of specific determinants related to the 'science triangle' (education, innovations in business, R&D) that have clear influence on development of European regions. Therefore, after the introduction section, which gives a broader perspective on the important issue of higher education and its potential effects on regional prosperity, the second section describes the theoretical frameworks that were taken into consideration while preparing and executing the analytical research. The third section explains the methodology and the research design, while the forth section represents the main analytical part, which includes the explication of the statistical regression and its results. Finally, the conclusion section brings the major findings and interpretations of the results alongside with suggestions for the future.

2. THEORETICAL BACKGROUND

The interconnectedness of the economy and the labour market strongly influences the demand for work, while the supply for work unquestionably is under the influence of factors such as: employment and activity rates, migrations, changes in skills, duration of education and life-long learning (Cvečić, 2015). Trends in technology development boost market dynamics and cause constant change in needed skills and competencies on the labour market. A recent study on employers' preferences in terms of abilities, skills and attitudes of higher educated young employees shows that employers appreciate more positive attitudes towards work challenges and the willingness to grow personally and professionally (communication, problem solving, team work, etc.) compared to the basic knowledge they acquired

through formal education (Kaštelan Mrak and Sokolić, 2017). This puts additional burden on higher education institutions, making them responsible not only for broadening students scientific and philosophical perspectives, but also arming them with creativeness, self-confidence and an entrepreneurial spirit.

Higher Education Institutions (HEI) create educated and skilled people as well as ideas. They have three important roles (Veugelers and Del Rey, 2014): teaching (dissemination of knowledge; improvement of human capital), research (extending the horizons of knowledge), transfer their knowledge to the rest of society (creation of industries and new companies). Although the higher education system and its institutions ‘produce’ knowledge and skills indispensable for the socio-economic development, regional effects have not been thoroughly and adequately investigated. This is mostly due to regional data not being properly collected and analysed, especially with internationally comparable methodology and harmonized data bases. However, as regional disparities become more evident, while centralization and agglomeration, as well as globalisation effects, endanger the prospects of development and wealth of ‘peripheral’ and/or ‘vulnerable’ regions, it is crucial to identify key factors which would enable regions to prosper in the future and diminish these differences. Thus, the focus should be given primarily to the regions ‘in need’ in order to facilitate not only their sustainable future and the process of economic and social cohesion, but especially to avoid negative outcomes of differentiated demographic and economic environments, including business prospects. Neglecting ‘sensitive’ regions would almost certainly mean more economic and social imbalances and tensions. As knowledge and education have clearly been at the forefront of economic and social progress, regional development strategies cannot be seriously implemented without adequate attention to HEIs, and their output.

First comprehensive research papers with estimations of HEIs economic impacts on local businesses, government and individuals can be associated with Caffrey & Isaacs (1971), Brownrigg (1973), and Booth & Jarrett (1976). Positive and negative impacts were identified primarily suggesting conditions and modes how to better manage expectations and decisions of particular HEIs and their local community. A renewed interest in the problem

occurred in the late 1980ies and early 1990ies as a result of increased political interest and changes in societal and governance practices (Elliott et al., 1988; Florax, 1992; Feldman, 1994; Goldstein et al., 1995; Henderson et al., 1998). Even though the effects of HEI on regional development have been attracting modern researchers’ interests for nearly half of the century, there is little or no relevant data showing macroeconomic or economy-wide level effects of HEIs on prosperity on regional level. In most cases only case-studies can be found addressing specific regions or even particular HEIs (Universities UK, 2014; Kelly et al., 2014; Boston University, 2003; Canterbury City Council, 2001). Although this approach suits investigations of specific problems and environments, it does not provide general conclusions for all (or most) HEIs and regions.

The last decade and a half actually shows a genuine interest in issues related to location effects, innovation outputs and entrepreneurship associated with HEIs and regional development (Lawton Smith, 2007; Uyarra, 2008; Huggins and Johnston, 2009; Lawton Smith and Bagchi-Sen, 2012; Veugelers and Del Rey, 2014). Both endogenous growth theory and the ‘Triple-Helix’ concept of university-industry-government interactions emphasize the role of HEIs in creating ideas, as well as transferring them towards commercial uses (Gunasekara, 2006; Koschatzky and Stahlecker, 2010; Ranga and Etzkowitz, 2013), although the link between science and industry is not clearly direct nor it is always obvious (Veugelers and Del Rey, 2014). Most authors suggest the importance of a stronger involvement of HEIs in local industries and also regional policies. Tripple et al. (2012) argue that, although still much necessary and anticipated, new models of collaboration of HEIs with local actors, it is the new student populations and new university funding which actually created new conditions for HEIs engagement at the regional level. Lester (2005) presents a model of alternative innovation-led growth, where HEIs have specific roles in: creating new industries, industry transplantation, diversification of old industries into related new ones, upgrading of mature industries.

Kroll and Schubert (2014) used spatial panel-data models in order to identify the impact that HEIs have on value creation and unemployment in Germany. Their results suggest

a strong impact of HEIs on regional GDP, but a rather flat spatial distribution due to spill-overs between neighbouring regions. Interestingly, short-term effects of HEIs on unemployment rates were detrimental, which suggests a negative transitional effect. The effect is changing in medium- to long-term. Previously, Audretsch and Feldman (2003) presented the issue of knowledge spill-overs, especially because of their influence on clusters and agglomerations. They emphasized how knowledge spill-overs are in fact heterogeneous, which is also important for companies which seek better ways to arrange their strategic localization and investments.

Beside the frequently used case-study approach, the last decade and a half witnessed new concepts being presented (Segarra Blasco, 2003; Garrido-Yserte and Gallo-Rivera, 2010; Pastor et al., 2013) and more ambitious measuring methodologies being used to assess the impacts of HEIs (Goldstein and Drucker, 2006; Goldstein and Renault, 2004). For instance, Segarra Blasco (2003) estimates the impacts of private enterprises R&TD as well as universities' basic and applied R&D on innovations in a specific region, while Garrido-Yserte and Gallo-Rivera (2010) focus on the demand-side effects of a particular HEI using three different methods (a simplified version of the ACE Model, the Ryan short-cut model and the input-output technique) to estimate the induced effects. Most studies with measurable results suggested only modest positive impacts of HEIs. However, more important factors still stay outside the scope of known approaches, as well as HEIs long-term impacts on macroeconomic variables, due to time lag between academic outputs and its economic impacts. Exploring Russian regions, Egorov et al. (2017) concluded that higher education institutions, through their coverage and specific effects on their regions indeed are important economic agents which positively contribute to gross regional product growth.

Drucker and Goldstein (2007) suggested four designs as possible estimation approaches to assess impacts of HEIs: (a) single university impact studies; (b) surveys; (c) knowledge production functions; (d) cross-sectional and quasi-experimental designs. Emphasizing a new interest in innovative potential of regions, Uyarra (2010) proposed a critique of contemporary roles of universities by testing five models, each encompassing different set of

roles, mechanisms for engagement and spatial aspects of interactions. None of them gives the whole picture, while combining them can also lead to controversial assumptions. Kroll and Schubert (2014) engaged in quantitative identification of HEIs' overall macroeconomic effects while taking into account the multidimensionality of outputs, heterogeneity of regional environments and regional spill-overs. Although their contribution to the field is significant, their paper deals only with regions within Germany (NUTS 3 level), which is a big and significant economy nevertheless, but less diverse than the European Union's 276 NUTS 2 regions analysed in this paper. Gennaioli et al. (2013) managed to investigate the determinants of regional development using a database of more than 1,500 sub-national entities from more than 100 countries and found that human capital (measured through education) emerges as the most consistent determinant of regional income, as well as productivity.

Multidimensionality of HEIs outputs relate to different and complex mechanisms which can be grouped into two major groups (Florax, 1992): (a) short-term, expenditure-based demand-side effects (consumption and investments) and (b) long-term, knowledge-based supply-side effects (human capital creation, knowledge production, innovation, and other less measurable socio-economic effects). These first order effects will induce second order impacts on macroeconomic outputs, such as employment and value creation. Segarra Blasco (2003) groups three categories of HEI's outputs: human capital, localization factors and knowledge. While there is strong evidence that knowledge spill-overs are geographically localized and students often stay in the region of their HEI after graduation (Veugelers and Del Rey, 2014), a unique approach on investigating these effects has not been determined.

Although new graduates can temporarily unbalance the labour supply, it is their technical and managerial knowledge and skills which potentially increase regional innovativeness, creativeness and productivity. Firms increase sales, profits and wages (Florax, 1992; Goldstein et al., 1995), but they have to be in the position to use academic outputs. Effective transfer of knowledge and regional absorption of such knowledge by firms is essential for regional development (Huggins et al., 2008; Power and Malmberg, 2008). Besides forming graduates, HEI's influence the dynamics of

their region (Pastor et al., 2013), generating additional benefits through the supply side (rise of productivity induced by human capital) and demand side (daily expenditures and investments made by HEIs and its multiplier effect on the economy); clearly a manifestation of regional development. Meanwhile, the extremely important data on mobility of university trained students and researchers is mostly unavailable, leaving another issue influencing regional development unexplained.

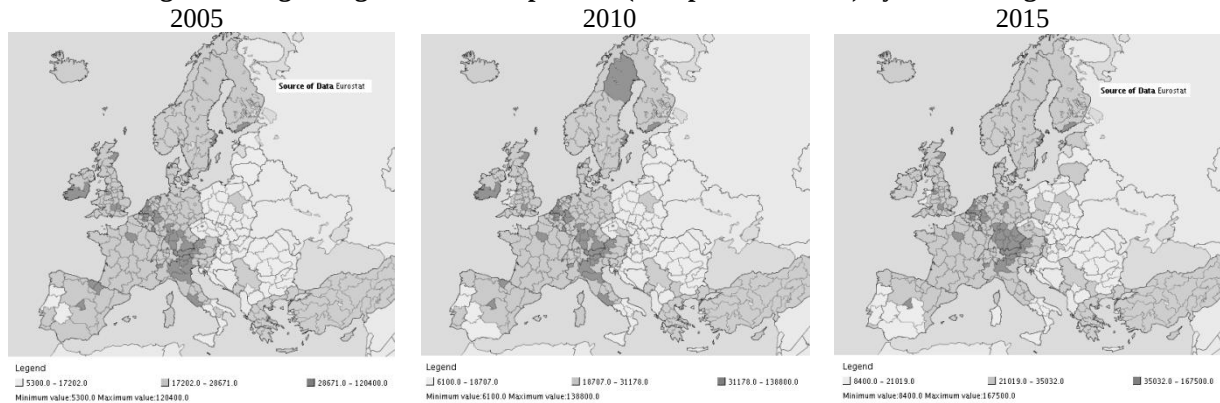
3. METHODOLOGY AND RE-SEARCH DESIGN

As a multidimensional and complex issue, regional development can be assessed in various ways, for example through the Human Development Index (HDI), which consists of three equally weighted dimensions (*Longevity*, measured by life expectancy at birth; *Knowledge*, measured by the expected years of schooling and the mean years of schooling; and *Standard of living*, measured by real Gross National Income per capita at PPP) (Human Development Index). Thus, we chose to use ‘regional prosperity’ as a synonym for the

standard of living at the regional level, which is mostly associated with regional GDP per capita. In this case, GDP reflects better the income levels (or ‘prosperity’) of a certain region compared to the Gross National Income. GDP shows the strength of local income, it measures its economic output, or the total economic value produced within a certain area.

In the context of regional prosperity, especially in Europe, it is crucial to understand the significant regional disparities because they potentiate differentiated demographic, economic and business environments and dynamics. Thus, national policies and European priorities associated with the EU Cohesion Policy are both inclined toward the idea to reduce disparities and imbalances among regions through the process of regional convergence, primarily by encouraging economic, social and territorial cohesion with the help of the European Structural and Investment Funds, as well as the improved national development instruments and policies such as education, innovation and R&D. These disparities can be displayed by several criteria, but the most common is the regional GDP per capita (Figure 1).

Figure 1: Regional gross domestic product (PPS per inhabitant) by NUTS 2 regions



Source: Authors calculations based on Eurostat data.

In Figure 1, the colours represent three categories of regions: ‘Lower income’ (up to 75% of EU average of GDP PPS pc), ‘Middle income’ (75 - 125%) and ‘Higher income’ regions (more than 125% of EU average of GDP PPS per capita) in 2005, 2010 and 2015 respectively. These three maps actually suggest two important facts: (1) the most advanced regions, often called the ‘core-regions’ are mostly located in the center of the EU, espe-

cially the ‘old’ Member States such as Western and Southern Germany, Western Austria, Northern Italy, Benelux, Île-de-France, regions of London, Dublin, Madrid, Stockholm, Helsinki etc., while the less advanced regions are located at the ‘periphery’ – New Member States, plus southern Spain and Italy, most of Portugal and Greece; (2) comparing these three years, it seems that the ‘core’ regions are switching more toward the centre of the EU,

including regions of New Member States close to Germany, Austria and the Nordic states, but at the expense of many Mediterranean regions.

One of the most discussed issues in recent decades was the increasing disparity of regions within the EU, especially after the last three Enlargements. Although all New Members States were less advanced than the previous EU15, their inclusion in the EU and the investments associated with the EU Cohesion Policy seemingly reduced the disparities, which can be observed in Table 1. Important

facts can be drawn out while analysing these differences and changes: (1) 'Upper' to 'Lower' ratio suggests smaller differences among 'top' 10 and 'bottom' 10 regions; (2) least advanced regions are converging to the EU average; (3) most advanced regions are diverging from the EU average (the gap is growing). Another important detail has to be distinguished in relation to Figure 1: the total number of 'periphery' regions increased between 2005 and 2015.

Table 1. Differences in living standard in 276 EU regions (GDP pc, NUTS 2)

<i>GDP pc level in year</i>	2005	2010	2015
Average (entire group of regions)	22,936.4	24,942.5	28,025.7
Average Upper 10* (% of EU average)	49,591.3 (216.2)	54,832.4 (219.8)	62,877.8 (224.4)
Average Lower 10 (% of EU average)	2,764.9 (12.1)	4,167.6 (16.79)	5,436.6 (19.4)
Upper 10 to Lower 10 regions ratio	17.94	13.16	11.57
2nd Upper to 1st Lower region ratio*	27.44	24.71	23.59
1st Upper to 1st Lower region ratio	63.03	46.21	55.99

* Region Inner London West is excluded from calculations as outlier since its GDP per capita is 148,073, 148,786 and 215,921 in respective years, and, thus, significantly influences Upper level regions average and groups' differences.

Source: Authors calculations based on Eurostat data.

A fixed effect (FE) analysis is used to estimate panel data and to assess the contribution of the economic (unemployment rate, share of employment in total population, and population ratio), educational (population with tertiary education), innovation enabling (R&D expenditure, human resources in science and technology - HRST, and employed in high-technology sector), and business materialization variables (patent application) to the level of economic prosperity of the EU regions (measured in GDP per capita). We used data on 28 EU countries and 276 EU regions (NUTS 2 level) in the period of 17 years (available data includes 2000-2016 period, but not all EU NUTS 2 regions have data available for all the indicators used in the analysis through the whole period).

Due to different stages of socio-economic, integration-related, institutional, political and historic development, and other factors that caused above mentioned disparities between lower income (i.e. peripheral) and upper income (i.e. core) regions, we assume different

determinants would be more relevant to their level of economic prosperity at the given time. Capability to innovate and further develop human potential would probably differ in regions with cutting edge innovations and longer tradition in R&D than in new EU member states struggling yet to organize effectively their institutional frameworks. Thus, it is sound to speculate that new innovations and their spill-overs in highly developed regions are leading towards even greater effects on their prosperity and even greater disparities between least and most developed regions.

To address this issue, for the purposes of better assessing factors related to higher education, intellectual capital and subsequently innovations on growth and prosperity potential of regions, we divided EU regions in three groups based on GDP per capita: Lower, Middle and Higher income regions. Table 2 presents the criteria for their grouping. Tables with specific descriptive statistics on region groups are in the Appendix 1.

Table 2. Lower, Middle and Higher income EU regions - criteria for grouping (NUTS 2)

	Lower income	Middle income	Higher income
Range	GDP pc < 17,953	17,953 – 29,922	GDP pc > 29,922
Number of regions	81	127	66

Source: Authors calculations based on Eurostat data.

Based on theoretical assumptions and previous research on relationship between higher education and regional development, we introduce the following hypotheses:

H1: Unemployment rates are crucial for regional prosperity, especially in lower income regions;

H2: Employment and demography significantly influence regional prosperity;

H3: Higher education propensity variables influence regional prosperity dominantly in lower income regions;

H4: Innovation potential and business dynamics variables influence regional prosperity more significantly in higher income regions.

Descriptive statistics of the dependent variable (GDP per capita) and all independent variables included in the empirical analysis, as well as explanations, units of measurement and sources of all data used in the regression analysis are given in Table 3. All data was collected on Eurostat.

We use gross domestic product (GDP) per capita as the indicator of the standard of living at the regional level and evaluate effects of different variables on GDP per capita. Thus, we propose the following model:

$$RP_{it} = \beta_0 + \beta_1 * ECON_{it} + \beta_3 * V_{it} + \lambda_t + e_{it}$$

where the dependent variable RP_{it} represents economic prosperity at the regional level, measured through the regional gross domestic product per capita for the European NUTS 2 region i at time t . It is calculated as the ratio of regional GDP and total population in a NUTS 2 region i . The variable $ECON_{it}$ represents a set of economic-demographic indicators. It is a control variable in a model, and consists of the following variables: Unemployment rate, Share of employment in population and Population growth rate.

$$ECON_{it} = UNEMP_{it} + EMPL_{it} + DEMO_{it}$$

The Unemployment rate ($UNEMP_{it}$) is relevant for absorbing differences in regional la-

bour supply and demand. The unemployment level can also be a manifestation of macroeconomic effects of HEIs, but usually it takes much more time to reveal. Unemployment rates, however, directly influence GDP because of its effects on consumption and public spending. Moreover, we include the population growth rate ($DEMO_{it}$) and the share of employed people in the total population ($EMPL_{it}$) as control variables. These variables should be solid representatives of the demographic dynamics and economic utility of capacity of a region. Additionally, the net migration rate is not included in the estimations as previous studies showed inconsistent conclusions, although it might reflect important trends such as the *brain drain* or the sudden influx of immigrants with lower levels of education.

V_{it} represents other explanatory variables related to employment, higher education and economic dynamics, whose effects on regional prosperity we test in this model. Explanatory variables which we refer to in our estimations can be grouped as following:

A) **Higher education (HE) propensity indicators** - ratio of population with tertiary education in total population (tertiary educated people between 25 and 64 y. o.) and share of human resources in science and technology (HRST) in total employment by NUTS 2 regions; and

B) **Innovation potential and business dynamics indicators** – ratio of intramural research and development (R&D) expenditure (GERD) in GDP in a specific NUTS 2 region in a specific year, high-tech patent applications to the EPO by priority year (per million inhabitants) and share of high-technology sectors employees in total employment.

C) The first group of key explanatory variables presumes greater innovative potential in regions with better managed higher education systems. As far as the second group of explanatory variables, the selection of these variables describes the level of technology

orientation of the region (high-tech employment and the number of patents), estimates the R&D potential of a region (GERD), describes levels of innovation-oriented industry dynamics and predicts the potential for university –

industry spill-overs. As previously suggested in many studies, regional enterprises are expected to better link research outcomes and employed graduates with higher levels of innovativeness.

Table 3. Descriptive statistics on main variables for 276 EU regions (NUTS 2)

Variable	Explanation	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
GDP pc	Gross domestic product (GDP) divided by total population in NUTS 2 regions in EUR	4,259	23,937.3	14,120.09	1,260.438	215,921.4
Unemployment rate	Unemployment rate by NUTS 2 regions, population aged 20 to 64 years (%)	4,414	8.749909	5.596412	1	36.1
Employment share	Share of employed in total population in NUTS 2 region aged 20 to 64 years	4,461	0.4127737	0.0512271	0.1550569	0.5919331
Population growth rate	Growth of total population of NUTS 2 region (%)	4,291	0.2904805	0.8395236	-11.04639	5.635405
GERD in GDP	Total intramural R&D expenditure (GERD) as % of GDP of NUTS 2 regions	2,794	1.268207	1.112693	0.06	12.19
Tertiary educated population	Ratio of population with tertiary education in total population aged 25 to 64 years (%)	4,433	24.36346	9.384652	3.7	74.9
HRST in employment	Share of human resources employed in science and technology (HRST) by NUTS 2 regions in total employment	4,449	0.3084517	0.0806593	0.0895522	0.609632
High-tech in employment	Employment in high-technology sectors by NUTS 2 regions (high-technology manufacturing and knowledge-intensive high-technology services), share in total employment (%)	4,023	3.843624	1.887293	0.5	12.8
Patents	High-tech patent applications to the EPO by priority year (per million inhabitants)	2,953	20.75763	35.00501	0.052	605.773

Source: Authors calculations based on Eurostat data.

Previous studies have suggested a variety of other indicators, like: the number of regional start-ups, creative contributions, number of students, investments of higher education institutions per capita, number of staff in HEI, number of publications per capita and third-party funds (investments from third parties in

HEIs' projects). We, however, could not include them for the lack of available data.

All non-observed shocks absorbed in the proposed model are captured by including dummy variables based on year effects (λ_t). Residuals are also included in the model and labeled as e_{it} .

Our panel data is strongly balanced. Based on Hausman test results of Lower and Middle income groups we rejected H_a and conducted a fixed effect robust analysis. The group of Higher income regions is more dispersed, and additional testing has been made - test of over-identifying restrictions, the Sargan-Hansen statistic suggests that H_a has to be rejected (P-value < 0.05). Hence, we confirmed that the fixed effects linear panel data model (with robust standard errors) is suitable for the estimations in our model. The fixed effects model delivers consistent parameter estimates for the true causal effect in the case of a correlation between the control variables and region-specific effects.

4. ECONOMETRIC ANALYSIS AND RESULTS

We start the empirical analysis by calculating the effects of individual variables on each region group – Lower, Middle and Higher

income regions (Table 4, 5 and 6), and in continuation we analyse effects of combined influence factors in a complex estimation during the total analysed period (Table 7). The unemployment rate, as well as employment and demographic factors such as population growth rates have the highest impact on regional prosperity. They explain 63% of model variations in Higher income regions to 78% of variations in Lower income regions.

For the group of regions with lower GDP per capita, the importance of higher education for regional prosperity reflects in a positive impact of the tertiary educated and the share of human resources employed in science and technology of a given region. Moreover, the employed in high-tech sectors significantly affect GDP per capita, while the intramural research and development expenditure (GERD) has no statistically significant impact on regional prosperity estimated through regional GDP per capita.

Table 4. Estimation of effects affecting regional prosperity in EU regions with lower levels of GDP per capita

VARIABLES	Lower income regions					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Unemployment rate	-64.72*** (23.07)	-45.90** (21.91)	-61.01** (23.92)	-73.72*** (23.13)	-88.99*** (23.95)	-23.90 (23.88)
Employment share	23,266*** (5,106)	20,050*** (5,196)	21,608*** (4,924)	23,079*** (4,958)	21,413*** (5,173)	24,429*** (5,664)
Population growth	148.7** (59.81)	163.1** (62.76)	156.8** (62.21)	151.1** (58.70)	131.1** (53.03)	158.6** (76.52)
GERD in GDP		368.2 (437.8)				
Tertiary educated population			103.7** (46.73)			
HRST share				8,270*** (3,010)		
High-tech employment					432.9*** (95.42)	
Patents						94.17** (45.72)
Constant	-746.7 (2,192)	-847.8 (2,218)	-1,553 (2,316)	-2,439 (2,200)	-2,151 (2,342)	-1,962 (2,389)
Time dummy	yes	yes	yes	yes	yes	yes
Observations	1,167	945	1,154	1,158	974	587
R-squared	0.783	0.807	0.787	0.789	0.825	0.832
Number of regions	81	80	81	81	73	76

Robust standard errors in parentheses *** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Source: Authors.

In the Middle income group of regions, representing $\pm 25\%$ of the EU GDP PPS per capita average, factors with the highest impact on GDP per capita are related to human potential as a generator of business growth and economic prosperity. Thus, the employed in high-tech sectors have a positive impact on GDP per

capita, while interestingly, the share of HRST has a negative effect on GDP per capita. Since HRST represents all employed people in Science and Technology, including the support staff, one can only speculate on real effects of that category on economic prosperity on regional level.

Table 4. Estimations of effects affecting regional prosperity in EU regions with middle levels of GDP per capita ($\pm 25\%$ of average)

VARIABLES	Middle income regions					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Unemployment rate	-188.0*** (47.01)	-198.0*** (49.81)	-195.1*** (48.97)	-192.1*** (45.58)	-224.2*** (52.20)	-179.2*** (59.19)
Employment share	22,488*** (8,000)	10,566 (8,801)	22,557*** (7,983)	21,186*** (7,678)	22,803*** (8,186)	21,627*** (7,960)
Population growth	256.8 (301.7)	284.3 (344.6)	255.8 (304.5)	284.9 (301.7)	267.3 (302.7)	41.70 (423.9)
GERD in GDP		364.4 (330.6)				
Tertiary educated population			32.18 (52.47)			
HRST share				-9,072*** (2,778)		
High-tech employment					858.0*** (198.0)	
Patents						2.230 (16.44)
Constant	13,784*** (3,420)	16,802*** (3,640)	13,131*** (3,499)	16,793*** (3,596)	10,266*** (3,420)	14,258*** (3,612)
Time dummy	yes	yes	yes	yes	yes	yes
Observations	1,797	1,185	1,775	1,779	1,682	1,311
R-squared	0.655	0.603	0.652	0.656	0.688	0.573
Number of regions	127	123	127	127	125	123

Robust standard errors in parentheses *** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Source: Authors.

Among the Higher income regions, besides the research and development expenditure (GERD per capita) in a given region, which seems to have statistically significant, but ne-

gative effect on regional prosperity, two positive and statistically significant impacts could be emphasized: the share of high-technology employment in total employment

and the share of tertiary educated population. It should be noted that unemployment rates have no statistically significant impact in these regi-

ons, but mostly due to low levels of unemployment that accompany highly developed regions.

Table 5. Estimations of effects affecting regional prosperity in EU regions with higher levels of GDP per capita

VARIABLES	Higher income regions					
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Unemployment rate	-18.36 (294.1)	-242.1 (249.8)	-121.4 (217.8)	-7.525 (287.0)	-64.85 (256.5)	-6.276 (237.7)
Employment share	86,269** (35,760)	85,128** (36,917)	82,067*** (30,635)	90,575** (38,789)	81,475** (32,318)	82,269*** (30,636)
Population growth	338.8 (415.2)	195.3 (370.9)	257.9 (331.3)	301.8 (355.8)	340.5 (417.3)	518.0 (405.7)
GERD in GDP		-737.8* (410.4)				
Tertiary educated population			356.1* (181.0)			
HRST share				10,284 (19,243)		
High-tech employment					699.0* (403.9)	
Patents						5.858 (8.560)
Constant	-5,388 (17,299)	-4,959 (17,354)	-11,871 (17,136)	-10,766 (23,196)	-7,337 (17,659)	-4,549 (14,688)
Time dummy	yes	yes	yes	yes	yes	yes
Observations	879	492	879	879	864	678
R-squared	0.631	0.637	0.649	0.633	0.636	0.630
Number of regions	66	65	66	66	66	66

Robust standard errors in parentheses *** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Source: Authors.

As expected, individual factors show different impacts according to their current level of regional standard of living. In the next table (Table 7), we combine variables in a complex estimation by which we try to explain multi-dimensional impacts of specific variables on regional prosperity. Our estimation consists of unemployment rates, employment shares and population growth rates, along with tertiary educated population and HRST shares (as representatives of R&D potential – “Higher education propensity” group of variables), and the relative number of people employed in high-technology sectors, GERD and patents (as representatives of high-technology orientation and university-business spill-over potential – “Innovation potential and business dynamics” group of variables).

In a broader analysis, which includes more variables and their *interactions*, tertiary education has stronger influence on regional prosperity in lower income regions, while the size of high-tech sectors contributes to the progress of all three groups of regions. Patents significantly affect prosperity in Lower and Higher income regions, but with a large difference in their contribution to their GDP per capita. This finding is somewhat in line with research on education and innovation effects on productivity in Mexican states (German-Soto and Gutiérrez Flores, 2015), which also identifies innovation as an important contributor to increasing productivity of northern, central and richer states. In addition, according to their research, education expenditure seems to be more important for the poorer states.

The unemployment rate, as one of the three control variables in our basic estimation, has a significant negative influence on all three groups of regions, not the case though for the Higher income regions in the basic estimation. The employment share, as a capacity utilization, has a significant positive impact on all regions, except on the Middle income group of regions in more complex estimations. The population growth rate is especially important for lower income regions, since they are more often affected by migrations and the *brain drain* phenomena.

It is important to note that all estimations have relatively high fit yielding R^2 values, especially for the Lower income regions estimations. More complex estimations, including variables such as the tertiary educated population, HRST, ratio of employed in high-technology sectors, GERD and patents, explains better the variations of the GDP per capita in the case of Lower and Higher income groups of regions, which is not the case for the Middle income regions.

Table 6. Comparison of effects affecting regional prosperity in EU regions with lower, middle and higher GDP per capita levels

	Lower	Middle	Higher	Lower	Middle	Higher
VARIABLES	GDP pc	GDP pc	GDP pc	GDP pc	GDP pc	GDP pc
Unemployment rate	-64.72*** (23.07)	-188.0*** (47.01)	-18.36 (294.1)	-63.42*** (22.42)	-243.2*** (59.63)	-479.1** (191.0)
Employment ratio	23,266*** (5,106)	22,488*** (8,000)	86,269** (35,760)	19,295*** (5,921)	8,777 (6,883)	70,566*** (25,319)
Population growth	148.7** (59.81)	256.8 (301.7)	338.8 (415.2)	184.5** (76.08)	352.4 (429.8)	761.6** (313.1)
GERD in GDP				10.60 (386.3)	214.0 (276.9)	-744.9** (296.6)
Tertiary educated population				135.3** (65.26)	96.37 (80.48)	264.2 (209.9)
HRST per employee				5,546 (4,314)	-16,090*** (3,441)	-14,766 (9,786)
High-tech employment				216.1*** (81.45)	970.2*** (175.3)	498.1* (278.9)
Patents				87.07** (41.18)	-6.479 (12.00)	6.079* (3.641)
Constant	-746.7 (2,192)	13,784*** (3,420)	-5,388 (17,299)	-4,454 (2,765)	16,717*** (3,238)	-2,748 (16,103)
Time dummy	yes	yes	yes	yes	yes	yes
Observations	1,167	1,797	879	494	893	388
R-squared	0.783	0.655	0.631	0.856	0.638	0.658
Number of region	81	127	66	69	116	65

Robust standard errors in parentheses *** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Source: Authors

5. DISCUSSION AND CONCLUSION

Disparities in the living standard and well-being among EU regions, especially between ‘core’ and ‘peripheral’ regions, is becoming more profound, and therefore captures interest of economists and policy-makers in the EU

(and elsewhere). As education, innovation and science and technology undoubtedly influence the regional issues and capacities through employment, productivity and economic growth, regional effects of higher education institutions (HEIs) have to be adequately assessed. Up to now, most studies with measurable results

suggested positive impacts of HEIs (like in Kroll and Schubert; 2014), but important factors still stay outside the scope and the specific links between HEIs and regional industries stay unclear (Veugelers and Del Rey; 2014). This is possibly due to different conditions and complex mechanisms associated with HEIs outputs, including multidimensionality, supply- or demand-side effects (which usually take different time spans to be clear and visible), and especially spill-over effects between neighboring regions.

Changes in Employment shares proved to be statistically significant for variations of GDP per capita in most estimations and all groups of regions, which is in line with most previous research (for instance: Gennaioli et al., 2013), although Unemployment rates have no significant impact on GDP pc in Higher income regions in our estimations due to low levels of unemployment in ‘core’ EU regions.

‘Peripheral’ and/or ‘vulnerable’ regions without (or without significant) HEIs can also gain through knowledge transfers from neighboring regions and regional absorption of such knowledge by local firms. Although innovations and their spill-overs in Higher income regions could lead towards greater effects on their prosperity (and even greater disparities between regions), it seems that the ‘core’ EU regions are switching more toward the centre of the EU, including regions of New Member States close to Germany, Austria and the Nordic states – usually more innovative and effective in technology transfers. What seems to be very significant for the level of income of Lower income regions (‘peripheral’) is the increase of High-tech employment and the increased Share of human resources employed in science and technology; not so much the case of more advanced regions.

Hence, we used panel data for the econometric analysis to evaluate the influence of specific factors directly or indirectly connected

to higher education on regional prosperity for NUTS 2 level regions in the EU (276 regions) in the period of 17 years. Our results suggest that when combined with HEI specific variables, unemployment rates are crucial for regional development (not just in Lower income regions), while employment and demography significantly influence regional development in Lower and Higher income regions. Furthermore, higher education propensity variables influence regional development dominantly in Lower income regions (Tertiary educated population; positive effect) or Middle income regions (HRST per employee; negative effect). Finally, regarding innovation potential and business dynamics variables, a clear significant and positive influence can be accredited to high-tech employment, and patents per a million of inhabitants (although not in Middle income regions), while GERD per GDP negatively influences regional prosperity of Higher income regions.

The analysis emerging from the estimated model concludes that regional differences should be seen as a potential opportunity for introducing customized policies designed to address region specific issues. Further research should be more focused on localization effects of macroeconomic, especially institutional factors and regulations enabling positive and regulatory stable environments for fragile and risky entrepreneurial endeavours, start-ups and enterprise investments, in order to boost regional development and industry competitiveness, especially in peripheral regions. Constraints for more in depth research lie with missing and uncollected data on regional level, which could help to identify crucial effects of HEIs on regions.

References

Audretsch, D.B.; Feldman, M.P. (2003), Knowledge Spillovers and the Geography of Innovation, Handbook of Urban and Regional Economics, Vol. 4

Booth, G.G.; Jarrett, J.E. (1976), The Identification and Estimation of a University's Economic Impacts,

The Journal of Higher Education, Vol. 47, Issue 5, pp. 565-576.

Brownrigg, M. (1973), The economic impact of a new university, *Scottish Journal of Political Economy*, Vol. 20, pp. 123-139.

Caffrey, J.; Isaacs, H. (1971), Estimating the impact of a college or university on the local economy; American Council on Education; ERIC ED 252100, Washington

Cvečić, I. (2015), Konkurentnost europskog tržišta rada i perspektive Republike Hrvatske (Competitiveness of the European Labor Market and Perspectives of the Republic of Croatia), in: *Development of Economic Competitiveness of the Republic of Croatia as an EU Member* (ed. Kandžija, V.), University of Rijeka - Faculty of Economics.

Drucker, J.; Goldstein, H. (2007), Assessing the Regional Economic Development Impacts of Universities: A Review of Current Approaches, *International Regional Science Review*, Vol 30; Issue 1, pp. 20-46.

Egorov, A.A.; Leshukov, O.V.; Gromov, A.D. (2017), The Role of Universities in Economic Development of Russian Regions, National Research University Higher School of Economics (HSE), Working Papers - Basic Research Program (series: Education), No 41/EDU/2017, Moscow (Russia)

Elliott, D.S.; Levin, S.L.; Meisel, J.B. (1988), Measuring the Economic Impact of Institutions of Higher Education, *Research in Higher Education*, Vol. 28, Issue 1, pp. 17-33.

Feldman, M.P. (1994), *The Geography of Innovation*, Kluwer Academic Publishers, Boston

Florax, R.G.M. (1992), *The University: A Regional Booster? Economic Impacts of Academic Knowledge Infrastructure*. Aldershot, UK: Avebury.

Garrido-Yserte, R.; Gallo-Rivera, M. (2010), The impact of the university upon local economy: three methods to estimate demand-side effects, *The Annals of Regional Science*, vol. 44, issue 1, pp. 39-67

Gennaioli, N.; La Porta, R.; Lopez-de-Silanes, F.; Shleifer, A. (2013), Human Capital and Regional Development, *The Quarterly Journal of Economics*, Oxford University Press, Vol. 128 pp. 105-164. (doi:10.1093/qje/qjs050)

German-Soto, V.; Gutiérrez Flores, L. (2015), Contribution of Education and Innovation to Productivity among Mexican Regions: A Dynamic Panel Data Analysis, *Theoretical*

Economics Letters, Vol.5 No.1 (February, 2015)

Goldstein, H.A.; Maier, G.; Luger, M. (1995), The university as an instrument for economic and business development: U.S. and European comparisons. In: *Dill, D.; Sporn, B. (eds.): Emerging patterns of social demand and university reform: Through a glass darkly*. Elmsford, NY: Pergamon, pp. 105-133.

Goldstein, H.A.; Renault, C.S. (2004), Contributions of Universities to regional economic development: A quasi-experimental approach, *Regional Studies*, 38, pp. 733-746.

Goldstein, H.; Drucker, J. (2006), The Economic Development Impacts of Universities on Regions: Do Size and Distance Matter?, *Economic Development Quarterly*, 20, pp. 22-43.

Gunasekara, Ch. (2006), Reframing the Role of Universities in the Development of Regional Innovation Systems, *The Journal of Technology Transfer*, Springer, 31(1), pp. 101-113

Henderson, R.; Jaffe, A.B.; Trajtenberg, M. (1998), Universities as a source of commercial technology: A detailed analysis of university patenting; *Review of Economics & Statistics*, No 80(1): 119

Huggins, R.; Johnston, A.; Steffenson, R. (2008), Universities, knowledge networks and regional policy, *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 1, pp. 321-340.

Huggins, R.; Johnston, A. (2009), The economic and innovation contribution of universities: A regional perspective, *Environment and Planning C: Government and Policy*, 27, pp. 1088-1106.

Kelly, U.; McNicoll, I.; White, I. (2014), *The economic and social impact of the University of Kent*, Viewforth Consulting Ltd, Final Report, October 2014

Koschatzky, K.; Stahlecker, Th. (2010), The changing role of universities in the German research system: engagement in regional networks, clusters and beyond, *Fraunhofer Institute for Systems and Innovation Research (Fraunhofer ISI), Working Papers Firms and Region*, No. R2/2010, Karlsruhe (Germany)

Kroll, H.; Schubert, T. (2014), On universities' long-term effects on regional value creation and unemployment - The case of Germany, *Fraunhofer Institute for Systems and Innovation Research ISI, Working Papers Firms and Region*, No. R1/2014, Karlsruhe, Germany; ISSN 1438-9843

Kastelan Mrak, M. and Sokolic, D. (2017), The Evolution of Work Organization and its Implication for Educational Policies and Managerial Practices, Proceedings of the 6th International Scientific Symposium Economy of Eastern Croatia - Vision and Growth (Anka Masek Tonkovic, ed.), ISSN: 1848-9559, University J.J. Strossmayera Osijek, Croatia, pp. 335-344.

Lawton Smith, H. (2007), Universities, innovation, and territorial development: a review of the evidence, *Environment and Planning C: Government and Policy*, 25, pp. 98-114.

Lawton Smith, H.; Bagchi-Sen, S. (2012), The Research University, Entrepreneurship and Regional Development: Research Propositions and Current Evidence, *Entrepreneurship and Regional Development*, 24, pp. 383-404.

Lester, R.K. (2005), Universities, Innovation, and the Competitiveness of Local Economies: A Summary Report from the Local Innovation Systems Project— Phase I. Cambridge, MA: MIT Industrial Performance Center Working Paper 05-010

Pastor, J.M.; Pérez, F.; Fernández de Guevara, J. (2013), Measuring the local economic impact of universities: an approach that considers uncertainty, *Investigaciones de Economía de la Educación* 5, Universitat de Valencia & Ivie, pp. 1061-1090

Power, D.; Malmberg, A. (2008), The Contribution of Universities to Innovation and Economic Development: In What Sense a Regional Problem? *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 1, pp. 233-245.

Ranga, M.; Etzkowitz, H. (2013), Triple Helix Systems: An Analytical Framework for Innovation Policy and Practice in the Knowledge Society, *Industry and Higher Education* 27 (4), Special Issue (August 2013)

Segarra Blasco, Agustí (2003), La universitat com a instrument de dinamització socioeco-

nómica del territory, *Societat i Coneixement*, nº 3, pp. 78-101

Tripple, M.; Sinozic, T.; Lawton Smith, H. (2012), The “third mission” of universities and the region: comparing the UK, Sweden and Austria, 52nd European Congress of the RSAI (August 2012), Bratislava (Slovakia), published by: European Regional Science Association, Louvain-la-Neuve (Belgium)

Uyarra, E. (2008), The impact of universities on regional innovation: A critique and policy implications, *Manchester Business School Working Paper*, nº 564

Uyarra, E. (2010), Conceptualizing the Regional Roles of Universities, Implications and Contradictions, *European Planning Studies*, 18, pp. 1227-1246.

Veugelers, R.; Del Rey, E. (2014), The contribution of universities to innovation, (regional) growth and employment, *EENEE Analytical Report No. 18* (Prepared for the European Commission), European Network on Economics of Education

*** Engines of Economic Growth. The Economic Impact of Boston's Eight Research Universities on the Metropolitan Boston Area (2003), Boston University

*** Human Development Index (HDI), United Nations Development Programme, available at: <http://hdr.undp.org/en/content/human-development-index-hdi> [July 2017]

*** The economic impact of four large education institutions on the Canterbury district economy, Canterbury City Council (2001), Canterbury

*** The Economic Impact of the North East Higher Education Sector (2014), Universities UK, available at: <http://www.universitiesuk.ac.uk/policy-and-analysis/reports/Documents/2014/economic-impact-north-east.pdf> [April 2017]

Appendix 1. Descriptive statistics of Lower, Middle and Higher income EU regions**Table 7. Lower GDP per capita EU regions**

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
GDP pc	1,286	10,053.43	4,888.121	1,260.438	21,791.93
Unemployment rate	1,322	11.84985	6.254393	1.9	35.7
Employment ratio	1,338	0.3825799	0.0533086	0.193083	0.5102708
Population growth	1,285	-0.0998477	1.008282	-11.04639	4.758798
GERD in GDP	1,006	0.6016799	0.4290951	0.06	2.91
Tertiary educated population	1,321	17.4243	6.661161	3.7	42.4
HRST in employment	1,331	0.2431212	0.0581914	0.0895522	0.4264876
High-tech in employment	1,085	2.79871	1.653125	0.5	8.8
Patents	639	1.629527	2.086649	0.052	16.37

Source: Authors calculations based on Eurostat data.

Table 8. Middle-level GDP per capita EU regions

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
GDP pc	1,963	25,028.24	4,226.42	8,993.779	3,6651.25
Unemployment rate	2,080	8.365673	5.183894	1.4	36.1
Employment ratio	2,079	0.4135611	0.0455562	0.1550569	0.5919331
Population growth	1,980	0.3935078	0.7097633	-4.773294	4.52961
GERD in GDP	1,262	1.34977	0.8715736	0.06	12.19
Tertiary educated population	2,067	25.81369	7.467232	6.7	50.6
HRST in employment	2,074	0.3147238	0.0636437	0.1127367	0.566284
High-tech in employment	1,937	3.668095	1.390283	0.9	9.7
Patents	1,493	14.21358	16.54029	0.074	139.726

Source: Authors calculations based on Eurostat data.

Table 9. Higher GDP per capita EU regions

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
GDP pc	1,010	39,494.87	16,909.69	24,476.91	215,921.4
Unemployment rate	1,012	5.490119	2.613785	1	19
Employment ratio	1,044	0.4499022	0.0298861	0.3385174	0.5229625
Population growth	1,026	0.5805172	0.6387352	-3.862195	5.635405
GERD in GDP	526	2.347281	1.541323	0.13	11.36
Tertiary educated population	1,045	30.26679	10.36643	7	74.9
HRST in employment	1,044	0.3792818	0.0694995	0.2171582	0.609632
High-tech in employment	1,001	5.315884	2.051184	1.3	12.8
Patents	821	47.54583	53.18377	0.267	605.773

Source: Authors calculations based on Eurostat data.

Recursos Perfeitos, Turismo e Singularidades Territoriais: Contributos Para o Desenvolvimento de Uma Linha de Turismo Científico na Golegã

Perfect Resources, Tourism and Territorial Singularities: Contri- butions To the Development of a Scientific Tourism Line in Golegã

Sérgio Paulo Leal Nunes

spnunes@ipt.pt

Centro de Investigação Aplicada em Economia e Gestão do Território – Instituto Politécnico
de Tomar, DINÂMIA-CET-Instituto Universitário de Lisboa
CIRIUS-ISEG-Universidade de Lisboa

Vanda Cristina Brito e Sousa

vandasousa33@hotmail.com

Centro de Investigação Aplicada em Economia e Gestão do Território – Instituto Politécnico
de Tomar

Resumo/ Abstract

Este artigo tem como objectivo discutir os fundamentos susceptíveis de suportar o desenvolvimento de uma linha de turismo científico na Golegã. Partindo-se de um enquadramento teórico-conceitual que relaciona o território, a competitividade e a coesão territorial, o turismo e a política pública, o artigo apresenta quatro novos conceitos: recursos perfeitos, coerência territorial, singularidades económicas e territoriais. O turismo científico é ainda uma linha de turismo pouco explorada, quer em Portugal quer internacionalmente. Contudo, neste momento, existem condições muito favoráveis à discussão desta temática, nomeadamente em termos político-institucionais. O caso em estudo reporta-se à Golegã, onde a hipótese de uma linha de turismo científico é fundamentada na articulação de um conjunto de recursos com a necessária construção de um processo de coerência territorial associado.

Palavras-chave: competitividade e coesão territorial, turismo científico, recursos perfeitos, singularidades territoriais, Golegã

This article aims to discuss the fundamentals that can support the development of a scientific tourism line in Golegã. Starting from a theoretical-conceptual framework that relates territory, competitiveness and territorial cohesion, tourism and public policy, the article presents four new concepts: perfect resources, territorial coherence, economic and territorial singularities. Scientific tourism is still a line of tourism little explored, both in Portugal and internationally. However, now there are very favorable conditions for discussing this issue, particularly in politico-institutional terms. The case study concerns the Golegã, where the hypothesis of a scientific tourism line is based on the articulation of a set of resources with the necessary construction of a territorial coherence process associated.

Keywords: competitiveness and territorial cohesion, scientific tourism, perfect resources, territorial singularities, Golegã

1. INTRODUÇÃO

O turismo científico é ainda uma linha de turismo pouco explorada, quer em Portugal quer internacionalmente. Contudo, neste momento, existem condições muito favoráveis à discussão desta temática. Em primeiro lugar, pela natureza dos recursos em causa e do seu significado económico, social e correspondentes relações com a política pública. Em segundo lugar, existe actualmente um conjunto alargado e coerente de condições político-institucionais neste domínio que favorecem objectivamente o turismo científico: o programa Cultura e Ciência (C²), desenvolvido pela Secretaria de Estado do Ensino Superior, em articulação com outros organismos da administração pública; o reconhecimento da importância do turismo para a dinamização económica das regiões (Estratégia Turismo 2027) e do turismo científico, especificamente a Recomendação da Assembleia da República (RAR) n.º 197/2017; a coerência desta proposta com os documentos estratégicos da região e do concelho da Golegã (Plano Estratégico da Lezíria do Tejo 2014-2020 e Plano Estratégico Desenvolvimento Urbano – PEDU 2014-2020); e, não menos importante, a abordagem desenvolvida neste artigo articula-se com os fundamentos da estratégia de especialização inteligente – RIS3 (variedade relacionada, efeitos multiplicadores, *place-based approach* e *practice based-research*).

Apesar do enquadramento político-institucional favorável ao desenvolvimento desta tipologia de projectos, acredita-se que a eficácia no seu desenho e na sua implementação poderá ser aumentada se existir uma coerência teórico-conceptual que permita enquadrar devidamente as relações entre o território, a competitividade e a coesão territorial, o turismo e a política pública. Tal convicção resulta do facto desse enquadramento procurar clarificar os espaços, os actores e os mecanismos através dos quais se pode dinamizar adequadamente esta estratégia.

Este texto tem, por isso, dois objectivos fundamentais. O primeiro, passa por construir um quadro teórico-conceptual que permita conferir uma dinâmica colectiva, evolutiva e territorial aos processos conducentes a acrés-

cimos de competitividade e coesão. O segundo objectivo passa por particularizar uma linha de turismo científico na Golegã como ilustração empírica do primeiro objectivo, conferindo à experiência linhas de intervenção coerentes e executáveis. Para além desta introdução, o artigo está estruturado em quatro secções: a primeira articula a relação entre território e desenvolvimento regional e apresentam-se os conceitos de recursos perfeitos, coerência territorial, singularidades económicas e territoriais, como forma de relacionar teoricamente a natureza territorial da política pública e dos processos de competitividade e de coesão, onde o turismo científico é suscetível de configurar um caso particular desta dinâmica; na segunda secção descrevem-se algumas experiências internacionais associadas ao turismo científico, com destaque para o caso do Chile e da Região de Aysén e sumarizam-se, igualmente, algumas experiências portuguesas; a terceira secção é dedicada ao desenvolvimento do caso de estudo da Golegã. Termina-se com as conclusões e com algumas pistas e reflexões para o futuro.

2. A CONCEPÇÃO DE TURISMO COMO SINGULARIDADE TERRITORIAL

2.1 Território e Desenvolvimento Regional

A abordagem desenvolvida nesta secção inspira-se, como ponto de partida, nas abordagens à competitividade territorial e ao desenvolvimento endógeno, mais concretamente nas teorias de desenvolvimento regional que fazem do espaço um activo relacional (ver, por exemplo, Capello, 2007). O conceito de território adoptado neste texto encontra-se filiado no âmbito da economia do território e suporta-se conceptualmente na perspectiva de que o território é um sujeito de poder nos processos de desenvolvimento regional (Alves, 2001; Lopes, 1995). Nesta perspectiva, o território é a sobreposição de múltiplas dimensões de espaços: um espaço físico (escala geográfica), um espaço de relações (actores, redes e dinâmicas de interacção) e um espaço político-institucional (resultante da coordenação entre diferentes

órgãos de poder e da integração num espaço concreto das suas diferentes políticas). Significa, desde já, que sempre que se utilize o qualificativo de *territorial*, não se pode deixar de levar em consideração a dinâmica relativa à evolução da integração num território concreto destas três dimensões e das tensões associadas, isto é, o território é um resultado das complexas interdependências entre a dimensão do mercado, a dinâmica de interações e um enquadramento político-institucional mais ou menos favorável a concretizações económicas e sociais (Camagni, 2008).

Em termos mais particulares e procurando espaço para futuras acções de operacionalização de conceitos e estratégias, podemos conceptualizar a relação entre território e desenvolvimento regional como um processo sistémico (entre múltiplos actores, os seus objectivos/actividades e as suas dinâmicas), interactivo (decorrente das múltiplas interdependências associadas) e cumulativo (*path dependent*), isto

é, um processo complexo com elevada incerteza estrutural (ver, por favor, o quadro 1). Este processo envolve diversas tensões, por exemplo entre eficiência e equidade, entre expectativas e resultados ou entre desejos e possibilidades. Como consequência, a gestão das tensões e dos dilemas associados condiciona fortemente o processo de desenvolvimento regional. Se não é fácil quantificar e qualificar o desenvolvimento regional numa métrica inquestionável, é relativamente mais fácil avaliar algumas das suas principais manifestações e dos seus resultados mais encontrados. Nestes termos, podemos dizer que é um processo que procura maximizar simultaneamente (no tempo e nos espaços) um equilíbrio instável entre o crescimento económico (produção, emprego, exportações, investimentos) e a sustentabilidade (recursos, famílias, comportamentos, mobilidades), isto é, um processo que procura gerir uma tensão difícil de realizar entre eficiência e equidade.

Quadro 1 - Território e Desenvolvimento Regional

						Território (concepção)		
Desenvolvimento Regional	Natureza objectiva: resultados		Competitividade e Coesão Territorial	Natureza processual		Espaço físico	Espaço de Interações	Espaço político institucional
	Crescimento	Emprego		Competitividade	Atractividade	Desenvolvimento Regional = resultado destas dinâmicas que envolvem múltiplas tensões e dilemas entre recursos (humanos, físicos, tecnológicos) e processos (órgãos de poder, natureza dos agentes, objectivos e estratégias, modelos de governância)		
		Produção			Conectividade			
		Exportações		Coesão	Proximidade			
		Investimento			Acesso			
	Sustentabilidade	Recursos						
		Famílias						
		Comportamentos						
		Mobilidade						

Fonte: Elaboração própria

A abordagem que se tem vindo a desenvolver salienta com maior ênfase a natureza – o que é – (d)o desenvolvimento regional. Vamos mudar ligeiramente o ângulo de abordagem, no sentido de nos aproximarmos – tanto quanto possível – dos processos e das dinâmicas através dos quais é possível condicionar o processo de desenvolvimento regional. Neste sentido, não será demasiado subjectiva a argumentação de que os objectivos de um qualquer território num mundo globalizado e interdependente estão, inevitável e crescentemente, associados às suas dinâmicas de competitividade e de coesão territorial (C&CT) (Camagni, 2002; CE,

2008; Lopes, 2001; Mateus et al., 2005).

A competitividade deverá ser entendida enquanto binómio auto-reforçante de atractividade (de recursos, nas suas múltiplas manifestações) e de conectividade (pela via da construção de redes e de interações diversas) e a coesão enquanto integração *territorial* dos conceitos de proximidade (nas suas diversas tipologias) e de acesso (material, institucional e financeiro). Atractividade sem conectividade conduz os territórios a situações de *lock-in* económico, social e político; enquanto que proximidade sem acesso conduz os territórios a desequilíbrios sociais e institucionais graves:

as comunidades encontram-se geograficamente próximas dos bens, equipamentos e/ou serviços, mas por múltiplas razões (materiais, físicas, cognitivas) não lhes conseguem aceder (no sentido concreto de utilização e consumo). Por outro lado, conectividade sem atractividade, e acesso sem proximidade, fazem de nós apenas consumidores virtuais sem participação sobre a *função de produção territorial* e os seus impactos, nomeadamente em termos de dinâmicas de conhecimento e de inovação e do aproveitamento das diversas curvas de aprendizagem inerentes às suas actividades e processos.

A coevolução da eficiência e da equidade conducente a acréscimos irreversíveis de C&CT exige, por isso, o envolvimento total e esclarecido dos diversos actores regionais e nacionais e, em algumas circunstâncias, mesmo dos actores supranacionais. Por outro lado, o conhecimento e a sua gestão têm vindo a ganhar importância enquanto recurso essencial na produção e distribuição de riqueza dos diferentes territórios (Lorenz e Lundvall, 2006; Lundvall e Johnson, 1994; OCDE, 1996; Foray, 2006), assim como na concepção da política pública (mecanismo essencial na prossecução de objectivos económicos e sociais que emanam directamente do território e os seus agentes) (EU, 2010; Ferrão, 2011). Deriva, logicamente, destas considerações que os projectos que pretendam contribuir para aumentar a C&CT devem suportar a sua orgânica em dinâmicas de aprendizagem, de conhecimento e de inovação (Cappellin e Wink, 2009; Lundvall, 2006).

Ora, a questão essencial, em termos de investigação e conceptualização do espaço de intervenção (política pública e empresarial) nesta dinâmica de desenvolvimento, passa pela capacidade de cruzar este processo (desde a sua natureza até à natureza dos seus processos) com a concepção de território explicitada, definindo modelos e mecanismos susceptíveis de gerir as tensões e os dilemas inerentes à complexidade de um processo de desenvolvimento regional, ou mais concretamente, de potenciar para níveis mais elevados a competitividade e a coesão *territorial*. Cada experiência territorial é, assim, uma tentativa de apropriação *territorial* relativa ao controlo de algumas das dimensões mais relevantes do processo de desenvolvimento, por via da gestão eficaz das tensões inerentes ao desenvolvimento regional.

2.2 Recursos Perfeitos, Singularidades e Turismo

A intervenção no processo de C&CT tem como objecto os recursos e os processos que lhe estão associados e, necessariamente, a sua forma de relacionamento. Um dos argumentos principais que se deseja apresentar e explorar defende que a natureza dos recursos e a coerência dos processos condiciona a estratégia de C&CT, uma vez que a dimensão territorial que pode surgir da sua articulação potencia a diversa tipologia de ganhos de C&CT. Relativamente aos recursos, importa avaliar em que medida existem, onde estão, saber se é possível mobilizá-los para os nossos objectivos e definir claramente a sua natureza. Neste âmbito, os recursos não têm todo o mesmo potencial para de igual forma atingir os objectivos em causa. Há, por isso, recursos mais apropriados do que outros, ou seja, são mais ou menos perfeitos, na acepção que desejamos introduzir nesta abordagem. A nossa proposta passa por classificar um recurso em termos do seu grau de perfeição (Nunes e Sousa, 2017). Para isso, sugere-se que um *recurso perfeito* tem sete características:

1. Escasso em termos globais
2. Abundante em termos locais
3. Controlo local do recurso
4. Enraizamento territorial (difícil imitação e deslocalização; aspectos identitários)
5. Efeitos multiplicadores (diretos, indiretos e induzidos)
6. Utilização obriga à preservação (sustentabilidade)
7. Procura global (viabilidade)

O conceito de recurso perfeito é central na nossa abordagem. Importa, por isso, deixar algumas notas sobre este conceito. Os *recursos perfeitos* não têm uma natureza binária, nem estática ou absoluta no tempo e no espaço e da mesma forma que podem ser aperfeiçoados, também podem perder perfeição. Os *recursos perfeitos* são uma possibilidade entre várias, que resulta de uma construção política, económica e social. Um outro aspecto importante decorre da possibilidade de, num momento do tempo, os agentes locais deterem os mecanismos de controlo de um recurso perfeito. Contudo, isso nada nos diz sobre a nacionalidade e a racionalidade desse controlo, isto é, a existência do recurso pode não garantir a sua

exclusividade. Recursos perfeitos que não são aproveitados pela comunidade local acabam por ser explorados por agentes fora da comunidade, com perda de controlo das dinâmicas de apropriação de valor económico e, normalmente, não salvaguardando as condições de preservação e sustentabilidade dos recursos. Adicionalmente, deve salientar-se que a partir de *um determinado grau de perfeição* os recursos começam a atrair as atenções dos diversos agentes económicos (nacionais e internacionais) e o grau de mobilidade internacional irá rapidamente traduzir-se num jogo de concorrência pela competência. Por outro lado, a procura global, e o valor de mercado que esta lhe atribui, determina o limiar económico (mínimo e máximo) de um recurso perfeito. Finalmente, a preservação de um recurso perfeito não depende, necessariamente, da dinâmica da procura (mercado). As dinâmicas de viabilidade económica e de preservação são auto-reforçantes embora largamente independentes, quer nas estratégias quer nos mecanismos que as suportam e nos agentes que as corporizam.

Relativamente aos processos e à sua eficácia, defende-se que a eficácia do processo de intervenção sobre um recurso perfeito será tanto maior quanto maior for também a sua coerência *territorial*. A coerência *territorial* (geográfica, económica e institucional) do processo que pretende intervir no âmbito de um recurso (mais ou menos perfeito) resulta da articulação e integração *territorial* de três componentes que permitem conferir operacionalidade ao conceito:

- i. *Governance* destes territórios (coordenação de processos, estratégias e racionalidades subjacentes ao capital político-institucional);
- ii. As diferentes bases de conhecimento e os modos de aprendizagem correspondentes;
- iii. A estrutura económica e social regional.

Em síntese, estas três dimensões devem fazer emergir uma massa crítica mínima de actores, estratégias e meios que conferem coerência *territorial* ao processo de transformação de um recurso com potencial numa concretização económica e social. Não se trata, evidentemente, de uma coerência genérica; cada território constrói a sua coerência *territorial* de acordo com os seus objectivos e os recursos inerentes à sua prossecução, suportados num quadro político-institucional favorável a essa construção. A construção da coerência territorial contribui para a qualificação do grau de perfeição

de um recurso e a política pública emerge como condição necessária ao processo.

Está-se agora em condições de apresentar um novo conceito, o conceito de singularidade¹ económica (ver, por favor, figura 1). Nestes termos, uma singularidade económica emerge quando é possível identificar um recurso perfeito e conferir-lhe coerência territorial. Por sua vez, a singularidade económica pode, em algumas circunstâncias, apresentar uma característica económica estruturalmente diferenciadora: a produção e o consumo são mediados pela proximidade territorial, isto é, concretizam-se (determinam-se) num mesmo ponto do espaço. Neste caso, está-se perante uma singularidade *territorial*². Do ponto de vista conceptual, deriva logicamente da exposição supra que o potencial de ambas as singularidades para atingir níveis elevados de C&CT é máximo. Máximo no sentido em que o equilíbrio entre competitividade e coesão entretanto atingido fica associado a níveis de elevada irreversibilidade territorial, no que diz respeito à potencial desestruturação desse equilíbrio. Dito de outro modo, a C&CT obtida através de singularidades é mais sustentável – económica e socialmente – do que aquela obtida através de processos exógenos de dinamização económica.

A figura 1, analisada no sentido dos ponteiros do relógio, ajuda a ilustrar estes conceitos. Em termos genéricos, a dinâmica económica resulta da capacidade de combinar recursos e processos de modo a produzir bens e serviços de modo eficiente. Contudo, se se introduzir uma diferenciação entre T – territorial e SRT – sem referência territorial, em cada uma das dimensões consideradas, qualificando-as de acordo com o quadro conceptual desenvolvido até agora, obtém-se um resultado bastante diferente: à medida que os recursos ganham perfeição, que os processos ganham coerência territorial e que a produção se enraíza no território, a dinâmica económica ganha contornos de uma singularidade económica³. Se, em seguida, se introduzir a dimensão associada ao consumo (com idêntica diferenciação) emerge,

¹ A singularidade – roubada à física – é aqui usada, em termos metafóricos, como forma de representar um ponto de densidade elevada, uma concentração elevada de massa – recursos e processos – num território.

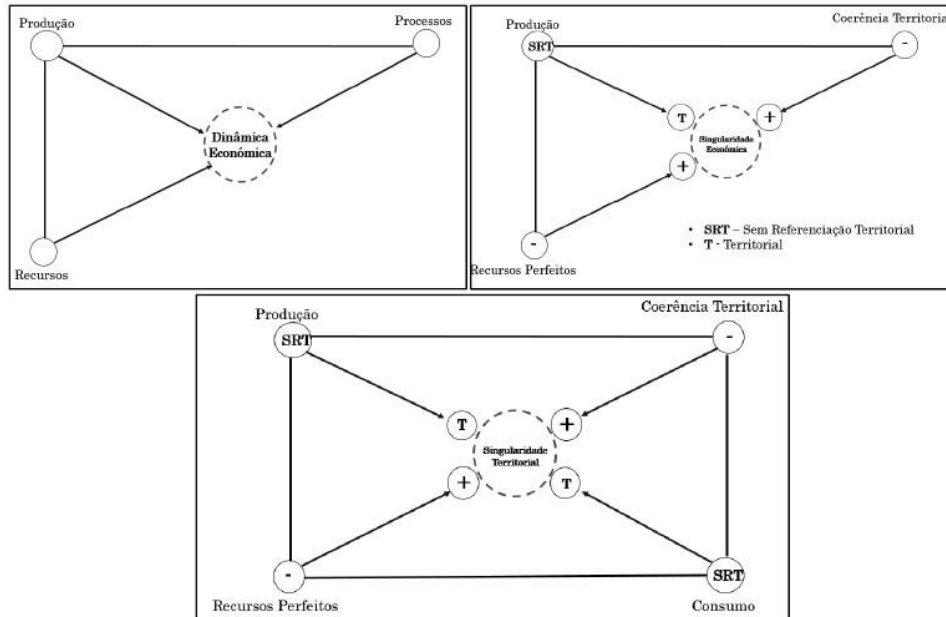
² Uma singularidade territorial é um caso particular de uma singularidade económica.

³ Por exemplo, um *cluster* industrial pode configurar uma singularidade económica.

potencialmente, uma singularidade territorial que, também potencialmente, tem elevada pro-

babilidade de contribuir para ganhos qualificantes e menos irreversíveis de C&CT.

Figura 1 - Conceptualização de singularidades



Fonte: Elaboração própria

Na abordagem que se tem vindo a desenvolver, o turismo é considerado um sector da economia (Song *et al.*, 2012). Contudo, como qualquer sector da economia e das suas actividades conexas, possui especificidades que condicionam objectivamente as intervenções no seu domínio, seja da política pública, seja da política empresarial ou dos modos de inovação (Hjalager, 2010; Nordin e Hjalager, 2017). Qual é a principal especificidade do turismo, enquanto actividade económica? Esta questão pode ter múltiplas respostas, embora na nossa perspectiva o elemento central é que o turismo é produzido e consumido num território específico. Ao contrário da generalidade dos bens e serviços económicos, onde o consumo e a produção podem estar – e geralmente estão – funcionalmente separados, ou em territórios diferentes, o turismo não possui estruturalmente essa característica; pelo contrário, o turismo – e o seu valor acrescentado, nomeadamente em termos dos seus efeitos multiplicadores – determina-se, quantifica-se e qualifica-se territorialmente. Esta especificidade, raramente explicitada, tem consequências profundas, tanto do ponto de vista teórico como empírico. Relativamente aos nossos objectivos, a principal consequência é que o turismo pode configurar uma singularidade territorial, isto é, pode configurar uma manifestação de ubiquidade económica (produção e consumo) num

mesmo território, a partir de uma integração coerente, partilhada e desejada de *recursos perfeitos* com *coerência territorial*.

Resulta desta perspectiva que, por um lado, se se procurar dinamizar o processo de C&CT através do turismo, essa intervenção será tanto mais eficaz quanto mais nos aproximarmos do conceito de singularidade territorial e a concretização desse potencial é um desafio para investigadores, políticos, empresários e comunidade em geral; por outro lado, o turismo tem uma dimensão territorial inequívoca. A contribuição do turismo para ganhos de C&CT é, pelas razões apresentadas, resultado de estratégias conceptualmente partilhadas e conjuntamente implementadas. Isto significa que a contribuição do turismo para a C&CT não é apenas – ou sobretudo – o resultado de empresas de turismo inovadoras e competitivas. É o resultado dessa competitividade integrada num quadro económico com coerência territorial e, tanto quanto possível, construído a partir de recursos territorialmente aperfeiçoados.

2.3 O turismo, a institucionalização do valor e a política pública

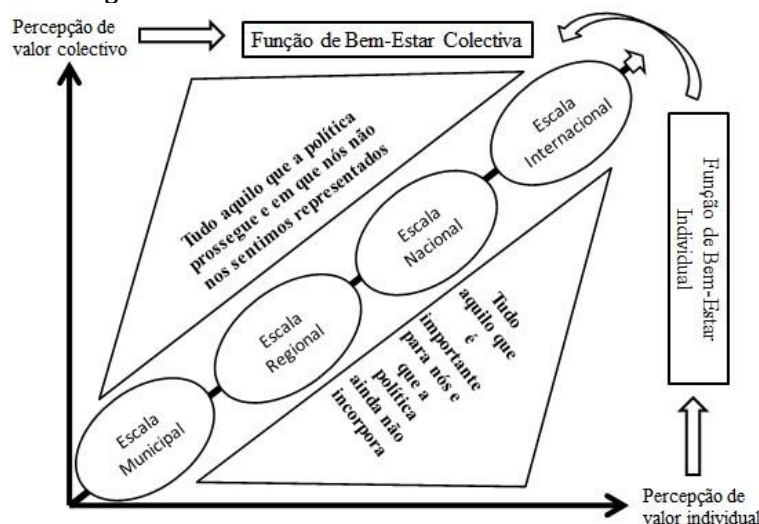
Afirmou-se na secção anterior que a construção da coerência territorial contribui fortemente para a qualificação do grau de perfeição de um recurso e, neste âmbito, a política públi-

ca emerge como condição necessária ao processo. Arrisca-se aqui o argumento de que não haverá dimensão da competitividade do turismo que não dependa directa ou indirectamente da política pública (Kennell e Chaperon, 2018; Bellini *et al.*, 2017), entendida como um mecanismo essencial de prossecução de objectivos económicos e sociais que emanam de um território. Contudo, nem sempre o que tem valor para cada um de nós, ou mesmo de forma colectiva para alguns de nós, é objecto de ações de política pública. A evolução da percepção de valor individual até à concretização de valor colectivo objecto de política pública não é uma tarefa fácil e consegue-se, nomeadamente, através de mecanismos de institucionalização de valor. Muitas vezes somos leva

dos a reconhecer que existem recursos com elevado potencial de concretizações económicas e sociais nos territórios, mas cuja operacionalização tarda em acontecer. Tal dificuldade justifica-se, na nossa perspectiva, pela insuficiente institucionalização do valor desses recursos na sociedade, nomeadamente consubstanciando opções de política pública.

Nunes (2010; 2011) desenvolveu um modelo de análise e tomada de decisão para relacionar a evolução de uma função de bem-estar individual para uma função de bem-estar colectiva através da institucionalização do valor. A figura seguinte ajuda a ilustrar o argumento principal.

Figura 2 - Modelo de Análise e Tomada de Decisão



Fonte: Nunes (2011)

Seguindo Nunes (2010; 2011), no eixo horizontal está representada a Percepção de Valor Individual, isto é, a importância que nós, enquanto indivíduos, damos a um determinado fenómeno. Essa importância aumenta à medida que nos deslocamos da esquerda para direita ao longo desse eixo horizontal. Por sua vez, esta percepção traduz-se numa função de bem-estar individual que integra a hierarquização das nossas preferências (saúde, educação, trabalho, justiça, lazer, segurança social...) ponderados pelas diversas restrições que a sociedade nos coloca (orçamentais, culturais, históricas, legais, acesso ao conhecimento, etc.).

No eixo vertical está representada a Percepção de Valor Colectivo. Grupos distintos den-

tro da sociedade – seguindo a metodologia de comportamento explicitada para os indivíduos – organizam-se em torno de interesses comuns e, para um determinado fenómeno, o valor que lhe reconhecem aumenta à medida que subimos no eixo vertical. Deduz-se então uma função de bem-estar colectiva que hierarquiza, também, as vontades de grupos da sociedade que se organizam de acordo com diferentes tipos de regras e procedimentos. Ora, a forma de prosseguir os dois tipos de funções é, como se imagina, muito diferenciada, nomeadamente no que concerne às estratégias e aos instrumentos.

A evolução faz-se do valor individual para o valor colectivo e, finalmente, para uma re-

apresentação política desse valor. Pensemos agora na diagonal da figura. Sobre essa diagonal existe coincidência entre aquilo que tem valor para nós enquanto indivíduos e a valorização que a sociedade faz, de forma colectiva, sobre o fenómeno em causa. Estão, então, reunidas as condições mínimas para que de forma colectiva se possam prosseguir os objectivos que nós prosseguimos enquanto indivíduos. Essas soluções revestem-se, preferencialmente, por opções de política mais ou menos formais. Facilmente se compreende que o triângulo abaixo da diagonal representa tudo aquilo que nós valorizamos e desejamos individualmente e que ainda não se encontra reflectido nos interesses colectivos da sociedade. Por outro lado, o triângulo acima da diagonal representa tudo aquilo que a sociedade prossegue por via de uma determinada política, mas na qual o indivíduo (ainda) não se sente representado. Os conflitos entre indivíduos e grupos e mesmo entre concepções diferentes da sociedade e a forma de os solucionar, nada mais são do que os confrontos sucessivos em diferentes tempos e espaços desta dinâmica de aprendizagem individual e colectiva. Podemos dizer que, deste ponto de vista, a sociedade é uma amálgama de motivações em permanente contradição e a natureza da sociedade (actual e num futuro próximo) é resultado da evolução destas dinâmicas.

Finalmente, sobre a diagonal principal temos as diferentes escalas territoriais (interdependentes, com os correspondentes órgãos de poder) onde podem ocorrer equilíbrios e desequilíbrios entre os diferentes agentes que já identificámos. As políticas não têm todo o mesmo âmbito, nem os agentes que as prosseguem têm todos as mesmas competências, embora tenham todos a mesma legitimidade para as implementar. São os modos de governância (partilhada e territorialmente integrados) que contribuem fortemente para que os territórios atinjam níveis mais ou menos elevados de C&CT.

A institucionalização do valor, isto é, transformação de um valor individual em valor colectivo, enquadrado pela política pública, é a condição mínima para que recursos e estratégias diferenciadas estejam em condições de igualdade relativamente às diferentes opções de política. Esta linha de argumentação é particularmente válida no turismo em geral, nomeadamente se entendido enquanto singularidade territorial, e nas suas dimensões emergentes

em particular, onde a necessidade de materialização e consolidação institucional mais se fazem sentir, como é o caso do turismo científico. Não é possível que recursos potencialmente perfeitos possam progredir para singularidades territoriais, sem a coerência territorial que lhe é conferida pela política territorial que a consubstancia em última instância e como síntese territorial do valor colectivo dos recursos perfeitos. O turismo científico é uma dessas dimensões emergentes, da qual se fará uma breve análise de seguida.

2.4 Turismo Científico

O turismo científico suporta-se no princípio geral de que os indivíduos se deslocam com o objectivo de fazer investigação científica, nas suas mais diversas manifestações. O turismo científico é, segundo Bourlon *et al.* (2011), uma actividade geradora de conhecimento e de mediação cultural. Bourlon *et al.* (2011) conceptualizam o turismo científico através da articulação da dimensão científica e da dimensão associada à mobilização pessoal para desenvolver as diversas actividades. Dessa articulação, como se pode observar na figura 3, resultam quatro possibilidades: turismo de investigação científica, eco-voluntariado científico, turismo cultural com dimensão científica e turismo de aventura com dimensão científica. Dentro destes quatro grupos podem desenvolver-se diversas tipologias de turismo científico, tal como descrito na figura 4.

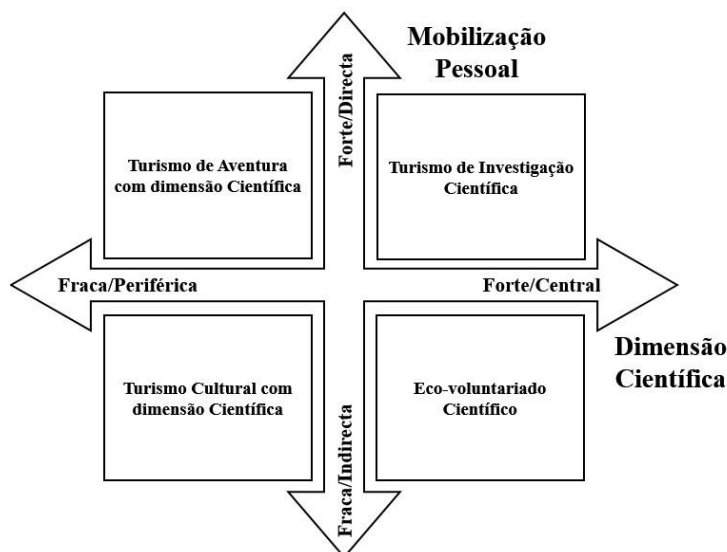
Resulta daqui que o turismo científico se reveste, enquanto actividade económica, de uma natureza cumulativa e biunívoca, contribuindo para o crescimento sustentável dos territórios, muitas vezes fragilizados e com ausência de activos e/ou acessibilidades procurados pelo turismo de massas, através de processos incrementais de competitividade e coesão territorial, ao invés alicerçados na singularidade, no conhecimento, na investigação e na inovação. Natureza cumulativa, porque se faz com base em processos evolutivos e tem como objecto recursos únicos de base territorial local, cuja produção e consumo se efectivam no mesmo espaço, que, por sua vez, capitaliza, quer por via do investimento em conhecimento e inovação que neles é integrado, preservando-os, quer por via da geração de novos conteúdos para investigação, valorizando-os.

Natureza biunívoca, porque paralelamente, e adaptando aqui os conceitos da Ecologia,

também o consumidor, enquanto parte integrante do ecossistema formado pelo binómio

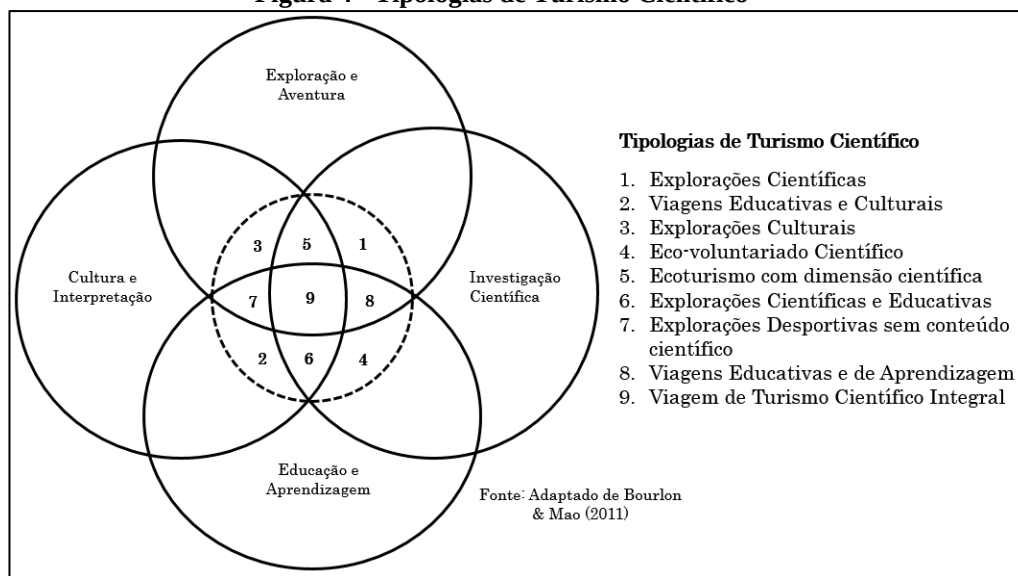
turista/recurso, usufrui das relações de cooperação que se constroem (em que ambos os

Figura 3 - Turismo Científico e dimensões de análise



Fonte: Adaptado de Bourlon *et al.* (2011)

Figura 4 - Tipologias de Turismo Científico



Fonte: Adaptado de Bourlon & Mao (2011)

“indivíduos” tiram proveito da relação, produzindo e absorvendo externalidades positivas), na medida em que adquire o conhecimento produzido (dimensão científica) e satisfaz a sua motivação (mobilização pessoal), contribuindo também ele com *inputs* para aqueles fins de preservação e valorização do próprio recurso.

Acresce o facto, a que também o turismo científico não é alheio, do papel estratégico da actividade turística no desenvolvimento local (ver, por exemplo, Bernardino *et al.*, 2018), pelo envolvimento de diferentes tipos de

parceiros públicos e privados (Eusébio *et al.*, 2014), e, consequentemente, pela dinamização de outras actividades económicas complementares (ver, por exemplo, Rebocho, 2017), sendo que no caso em apreço, acresce uma aliança interativa entre o perfil de motivação lógica de valorização pelo mercado de um produto único e irrepetível e a sua capacidade de gerar conhecimento com características de fungibilidade. Desta forma, o turismo científico promove dinâmicas que são geradoras de conhecimento, preservação e valorização dos *recursos perfei-*

tos ou de mediação cultural e, simultaneamente, induzem a apropriação do seu valor económico de forma partilhada pelos actores sociais locais, devido à mobilização de agentes e à integração territorial do processo produtivo que lhe está subjacente, condições, por sua vez, favoráveis à aplicação do modelo conceptual até aqui desenvolvido.

Em síntese, esta primeira parte procurou salientar a dimensão territorial dos processos conducentes à dinamização da C&CT. Para isso, partiu-se de uma definição multidimensional de território que permitiu qualificar os recursos e a coerência dos processos com atributos dessa definição, conduzindo-nos ao conceito de singularidade territorial, como caso particular de uma singularidade económica. Por último, tomámos o turismo em geral e uma das suas manifestações em particular, como espaço intelectual de reflexão e consequente intervenção empírica, relacionando o seu êxito com a existência e a natureza da política pública que a condiciona e potencia na evolução para uma singularidade territorial. Finalmente, a abordagem que aqui se esboçou não fundamenta que apenas as singularidades territoriais têm potencial para concretizações no âmbito da C&CT; o que se defendeu, sim, é que esse potencial é mais elevado se realizado a partir de singularidades territoriais, nomeadamente se o sector económico em análise for o turismo. Simultaneamente, esta abordagem é particularmente relevante para territórios de baixa densidade económica, social e político-institucional e em dimensões emergentes de intervenção, cujo reconhecimento, consolidação e institucionalização necessitam de uma elevada mobilização individual e colectiva, de forma a que possam atingir patamares susceptíveis de se transformarem em objectos de política pública, como é o caso da área do turismo científico. A transformação de um valor individual em valor colectivo enquadrado por política pública é a condição mínima para que recursos e estratégias diferenciadas estejam em condições de igualdade relativamente às opções de política para a prosseguir. O processo de institucionalização do valor contribui, desta forma, para a coerência territorial dos recursos, nomeadamente pelo contributo que lhe é conferido pelas diferentes dimensões da política pública. Sem política pública não existem singularidades territoriais.

3. TURISMO CIENTÍFICO: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS E NACIONAIS

Partindo do quadro teórico-conceptual apresentado, far-se-á na presente secção uma breve descrição de alguns casos de estudo internacionais e experiências nacionais passíveis de nele se enquadrar, não obstante tratarem-se simultaneamente de práticas já consolidadas e de iniciativas ainda em formação.

3.1 O turismo científico no Chile: a região de Aysén

A região de Aysén, igualmente conhecida como Patagónica Chilena (Bourlon *et al.*, 2011), localiza-se na zona austral do Chile efetuando fronteira a ocidente com o oceano pacífico e a oriente com a Argentina. Representa quase 15% da superfície continental e insular do país, sendo a sua 3.^a maior região com uma área de mais de 100.000 km², a qual se encontra administrativamente dividida em 4 províncias (Províncias de Aysén – capital Puerto Aysén, Coyhaique – capital Coyhaique, General Carrera – capital Chile Chico, e Capitán Prat – capital Cochrane) e dez comunidades (Pelle, 2016).

O turismo científico surge na região de Aysén como forma de desenvolvimento turístico alternativo, para territórios social, económica e ambientalmente fragilizados e desfavorecidos por via do seu isolamento, com ausência de redes infraestruturais robustas que sirvam a um turismo de massas, mas providos de recursos específicos e singulares com potencial de capitalização que promova a dupla necessidade de desenvolvimento e equidade (Bourlon *et al.*, 2011). Uma das estratégias inovadoras de diferenciação sustentável de Aysén diz respeito a uma iniciativa de desenvolvimento turístico do litoral de Aysén, associada à descoberta de um território com características únicas de património natural e cultural praticamente inexplorado e ainda por descobrir. Este é um ativo que pode contribuir, quer para o crescimento socioeconómico das comunidades locais, quer para a conservação de ecossistemas frágeis de importância mundial, valorizando e aumentando o seu conhecimento por via de uma motivação conjunta, aliado às quatro modalidades associadas ao turismo científico que referimos na

segunda secção.

Assim, tendo como essência a origem litoral da região de Aysén, nasceu o projecto *Arquipélagos Patagónicos, Destino Internacional para o Turismo Científico*, com base na aliança estratégica entre o Centro de Investigação em Ecossistemas da Patagónia e o Fundo Multilateral de Investimentos, pertencente ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, cujos conteúdos se encontram alojados através de plataforma digital criada para a partilha dos produtos turísticos e conhecimento gerado acerca da temática.

Desta forma, o Departamento de Turismo Sustentável do CIEP desenvolveu um trabalho de recolha de informação da região em parceria com os operadores da rede de turismo científico, tendo identificado cinco áreas temáticas com oportunidade de desenvolvimento, correspondentes a 5 zonas prioritárias para o turismo científico em Aysén. Em seguida, para cada uma destas áreas temáticas definidas, foram desenvolvidos conteúdos e criados produtos turísticos associados a distintos recursos e percursos a promover em cada uma das zonas prioritárias. Por outro lado, para cada produto turístico foram igualmente identificadas as áreas temáticas do conhecimento associadas ao turismo científico a praticar em cada local, possibilitando ao turista saber que percursos ou rotas existem para a área do conhecimento do seu interesse. A plataforma citada disponibiliza ainda um repositório de documentação associada ao projecto, que inclui guias de campo, mapas da região e produções científicas e académicas sobre a temática do turismo científico, para além de dedicar um espaço ao apoio à obtenção de certificação de outros projectos e iniciativas, que visem desenvolver o ramo do turismo científico, ao nível de empresas e entidades que façam parte integrante da rede de oferta de actores turísticos, de projectos científicos que incorporem turistas e/ou estudantes no seu processo de investigação, ou de produtos turísticos ou expedições de interpretação científica.

Esta é uma das experiências internacionais mais consolidadas que permite ilustrar algumas das dinâmicas e das potencialidades associadas ao turismo científico.

3.2 Outros apontamentos internacionais sobre turismo científico

Apesar do turismo científico, tal como conceptualizado no presente artigo, se tratar de

uma área de investigação ainda relativamente recente, e da Região de Aysén nos parecer ser um dos casos mais paradigmáticos da sua aplicabilidade, quer por abranger todas as suas vertentes, quer por conseguir fazê-lo num território isolado, existem outras experiências que se podem enquadrar, quando não em várias, pelo menos em alguma das tipologias identificadas de turismo científico.

Nestes termos, refira-se o caso da Cidade de Manaus, porta de entrada da floresta amazónica e capital do Estado do Amazonas (no Brasil), cujo processo de colonização remonta ao séc. XVII, e que possui actualmente uma população de cerca 1,7 milhões de habitantes, para uma área de 11.400km² (Andrade, 2008). Não obstante encontrar-se bem posicionada no *ranking* das maiores e mais ricas cidades brasileiras, bem como possuir uma elevada atractividade turística pela sua vasta diversidade natural e cultural, também associada ao ciclo de exploração da borracha e às origens indígenas, as políticas públicas não têm conseguido contrariar o seu crescimento desordenado e a desflorestação, nas áreas urbana e rural, das últimas décadas, decorrentes do modelo de desenvolvimento urbano, com elevados impactes ambientais para a área de reserva florestal (Nogueira *et al.*, 2007), onde ainda persistem os últimos indivíduos de uma das espécies de primatas mais ameaçadas do Brasil (Andrade, 2008).

Para além do apontamento atrás descrito é de destacar ainda, como forma alternativa de prática nos domínios do turismo científico, o caso do projecto TAMAR (tartaruga **marinha**), criado, em parceria com a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, há 37 anos (1980), pelo então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, actualmente incorporado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, e desenvolvido em conjunto pela Fundação Pró-TAMAR (instituição privada sem fins lucrativos fundada em 1988) e pelo Centro Tamar/ICMBio (TAMAR, s/d). Neste sentido, com o propósito de reverter o processo de extinção de 5 das 8 espécies existentes, que se reproduzem no Brasil (Baptistote, 1994), para as quais as ações antrópicas estão entre as principais ameaças, foram criadas 22 bases locais do Projecto, ao longo do litoral brasileiro e ilhas oceânicas, num total de 25 localidades dos estados da Baía, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Espírito Santo,

Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina (Vale *et al.*, 2016). Neste âmbito, as equipas técnicas, auxiliadas por estagiários, pescadores, turistas e pelas comunidades locais efectuam trabalho de marcação, monitorização e telemetria de indivíduos ao longo do seu ciclo de vida, e de libertação de crias nascidas a partir de ovos previamente trasladados para centros de incubação e salvaguarda (Baptistote, 1994).

Após a apresentação das experiências internacionais mais emblemáticas, identificam-se, em seguida, algumas das experiências nacionais.

3.3 Algumas experiências nacionais no âmbito do turismo científico

A relevância que o governo nacional atribui ao turismo e à sua promoção (nacional e internacional), designadamente do turismo científico, está bem expressa nas políticas públicas que enquadram o actual quadro estratégico 2014-2020, de que é um bom exemplo a recente Resolução da Assembleia da República n.º 197/2017, de 10 de agosto. Contudo, com base na pesquisa efectuada, o acervo bibliográfico acerca da temática é ainda reduzido, facto que encontra correspondência ao nível da escassez de informação na divulgação de iniciativas desenvolvidas ou em curso. Não obstante, apresentam-se no Quadro 2 algumas práticas nacionais, cujos requisitos se encontram reuni-

dos no domínio do turismo com dimensão associada a diferentes áreas científicas.

Não sendo o objectivo principal efectuar um levantamento exaustivo das experiências aqui identificadas, poder-se-á, no entanto, considerar a título exemplificativo o caso do Arouca Geopark, para efeitos de uma breve caracterização dos principais factores diferenciadores do modelo ali desenvolvido, sinalizando-se os restantes como sugestão para eventual investigação futura. Enformado pela filosofia reconhecida pela UNESCO, subjacente à criação da Rede Europeia de Geoparques (2000), de permitir uma troca de experiências e uma promoção conjunta do conceito – território geograficamente delimitado, com uma estratégia de desenvolvimento sustentado baseada na conservação do património geológico (em associação com os restantes elementos do património natural e cultural) com vista à melhoria das condições de vida das suas populações – e de cada um dos membros da rede (Brilha, 2009), foi reconhecido, pela Rede Europeia e Global de Geoparques, em abril de 2009, o Arouca Geopark. Este Geopark tem a sua sede no Centro Interpretativo Geológico de Canelas, como membro de uma rede que conta actualmente com 120 Geoparques e 33 países, estando Portugal representado com quatro (Terras de Cavaleiros, Naturtejo, Arouca e Açores Geopark).

Quadro 2 - Algumas experiências nacionais associadas ao turismo científico

Algumas Experiências Nacionais	Objecto	Instituições
Mação	Gestão Integrada do Território	ITM; CMM
Cantanhede	Biotecnologia	Biocant; Centro de Ciência Júnior
Arouca	Geossítios	Geopark
Oliveira do Bairro	Natureza, ecoturismo, religioso, industrial, aventura	CMOB+IPAM (capital Turismo Científico)
Açores	Geoparque, radiotelescópio	Governo Regional
Madeira	Mergulho, Ilhas Selvagens	Governo Regional
Roteiro Minas e zonas interesse geológico	Plataforma Digital	Empresa de Desenvolvimento Mineiro e DGEM
Entroncamento	Património Ferroviário	
Constância	Astronomia	CMC
Golegã	Pré-História	Núcleo Museológico do Centro Português de Geo-História e Pré-História
Seia	Ecossistemas, biologia	Entidade Privada
Teses de Mestrado e Livros (alguns exemplos cujo foco principal é o turismo científico)		
Sara Canilho	Portas do Rodão	
Maria João Ferreira	Universidade do Porto	
Marlene Marques	Astronomia (Coimbra)	
Rui Cardoso	Turismo Científico em Portugal: um roteiro - Férias e escolas (Ciência Viva)	

Fonte: Elaboração Própria

Como recursos específicos associados a este território identificam-se alguns apontamentos tais como o fenómeno das pedras parideiras, os fósseis marinhos de 480 milhões de anos ou a cascata da Mizarela (Oliveira, 2006). Aliados à riqueza geomorfológica e geológica da região, encontram-se ainda diferentes tipos de unidades de paisagem com uma diversidade faunística e florística de elevado valor do património português, com referência para espécies já pouco frequentes no país e em declínio na Europa, mas que ainda aí ocorrem, exemplo da raposa, do lobo, da gineta, da lontra e do gato bravo⁴. De acordo com os vestígios arqueológicos existentes, a história de ocupação do concelho de Arouca remonta aos anos 500 A.C., encontrando-se marcado pelo acumular de um vasto património, tangível e intangível, associado à evolução antrópica e cultural no território, com herança de povos como os romanos, germanos e muçulmanos. É assim, num contexto marcado pela presença quer de um património único (ambiental, geológico, cultural, histórico e cénico), quer da confluência de motivações, expressas nas políticas públicas e na agregação de actores (Universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro, Minho, Porto, Aveiro, Lisboa e Madrid, Museu Geomineiro de Espanha e Câmara de Arouca), que é assinada pelo Arouca Geopark, em 2011, a *Declaração de Arouca*⁵, em que se defende o geoturismo como actividade que sustenta a identidade de um território. Finalmente, o coordenador da equipa multidisciplinar do Departamento de Geologia da UTAD, identifica como visão da estratégia de desenvolvimento territorial do Geopark Arouca *tornar-se num destino de excelência turístico e espaço de referência, nacional e internacional para a aprendizagem e aprofundamento do conhecimento científico, conjugando o património geológico com a cultura, a gastronomia e restante património natural* (Sá, 2016: 57).

4. A HIPÓTESE DO TURISMO CIENTÍFICO NA GOLEGÃ

O caso de estudo apresentado neste artigo diz respeito à Golegã. Este caso deve ser entendido como uma primeira aproximação à problemática que se tem vindo a desenvolver e também

uma primeira interpelação aos diversos actores no território (comunidade e política pública).

4.1 A Golegã na proximidade da tempestade perfeita

A hipótese de desenvolvimento de uma linha de turismo científico na Golegã encontra, do ponto de vista do enquadramento político-institucional, condições muito favoráveis, facto que nem sempre é fácil de encontrar num mesmo momento do tempo e do espaço. Em primeiro lugar, e em termos, supramunicipais, a RAR n.º 197/2017 recomenda ao *Governo a promoção do turismo científico... e que implemente um plano de ação para promover o turismo científico* assente em nove medidas. A medida n.º 4 explicita que o governo deve proceder à *identificação das autarquias com potencial para atrair turistas neste âmbito e envolvimento das mesmas na estratégia nacional de turismo*. Ainda no âmbito das competências da administração central, importa salientar uma iniciativa levada a cabo pela Secretaria de Estado do Ensino Superior e o Ministério da Cultura, designada por Diálogos Cruzados (C²), que pretende fazer uma articulação mais profunda entre a Ciência e a Cultura. De acordo com a Secretaria de Estado do Ensino Superior, *Diálogos Cruzados é composto por diversas sessões de trabalho que visam aproximar e fomentar o diálogo e a criatividade entre agentes e instituições culturais e científicas e de ensino superior, envolvendo a administração local e central, as empresas e as associações*.

Finalmente, todo o contexto da Estratégia do Turismo 2027 é particularmente favorável a esta dimensão de turismo, embora não exista nenhuma referência explícita ao turismo científico ou a alguma das suas manifestações. Em termos regionais, a Estratégia Integrada de Desenvolvimento Territorial da Lezíria do Tejo 2014-2020 apresenta igualmente um enquadramento favorável e conceptualmente coerente com o turismo científico. Do ponto de vista local, o cenário é semelhante. A Estratégia de Desenvolvimento Urbano e Plano de Ação para a Regeneração Urbana da Golegã para 2014-2020 apresenta três objectivos estratégicos: regenerar e dinamizar o centro da vila da Golegã atraindo novos residentes, visitantes e empreendedores, fomentar a coesão e a inclusão social e promover a mobilidade urbana sustentável e a melhoria da qualidade do ambi-

⁴ Disponível em: <http://www.cm-arouca.pt>

⁵ Disponível em <http://aroucageopark.pt>

ente urbano; nenhum deles desalinhado com a possibilidade de enquadrar político-institucionalmente o turismo científico como promotor desses objectivos.

Desta breve análise efectuada pode-se concluir que não existem quaisquer contradições que fragilizem a coerência entre a dimensão conceptual e a dimensão político-institucional na abordagem que se tem vindo a desenvolver. Pelo contrário, o enquadramento político-institucional é particularmente favorável à nossa abordagem. Em termos metafóricos, a Golegã encontra-se na proximidade de uma *tempestade perfeita*.

4.2 O potencial dos recursos perfeitos da Golegã

A Golegã tem um conjunto de recursos que de acordo com a nossa definição de *recursos perfeitos* se podem enquadrar nesta classificação e se, adicionalmente, lhes for possível conferir coerência territorial podem evoluir para uma singularidade territorial. Vejamos, em primeiro lugar de que recursos estamos a falar e das suas principais características. O quadro 3 procura realizar uma síntese sobre as principais características em análise.

4.3 Análise ao caso da Golegã

O quadro 4 procura fazer a síntese dos recursos que acabámos de caracterizar com uma classificação dos autores quanto ao seu nível de perfeição, de acordo com os critérios anteriormente explicitados. Para isso seguiu-se a seguinte metodologia. Considere-se uma matriz M, de C colunas e L linhas, tal que:

R – recursos, com $r = 1, \dots, C$

F – factores, com $f = 1, \dots, L$

x_{rf} - elemento genérico da matriz M, classificação do recurso r pelo factor f

Classificando-se cada factor de 1 – irrelevante a 5 – muito significativo, a classificação de cada recurso face ao seu grau de perfeição obtém-se através da seguinte expressão:

$$\text{Para cada } r, X_r = \frac{\sum_{f=1}^L X_{rf}}{\max \sum_{f=1}^L X_{rf}}, \text{ com } r = 1, \dots, C$$

Desta forma $0,2 \leq X_r \leq 1$, quanto mais X_r se aproxima da unidade maior o grau de perfeição do recurso. Apenas como ilustração, o quadro seguinte apresenta a classificação que

os autores realizaram sobre os recursos em causa.

Esta metodologia, apesar da sua subjectividade, permite salientar dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, permite identificar quais as dimensões que são susceptíveis de trabalho de aperfeiçoamento em cada um dos recursos. Em segundo lugar, permite identificar indícios que contribuam para realizar escolhas quando não se encontrem reunidas as condições para se começar a experiência pela totalidade dos recursos identificados.

Os casos identificados no quadro anterior, pelos atributos próprios que emergem da caracterização efectuada, podem ser explorados individualmente numa linha de turismo científico. Pode até defender-se, com algumas vantagens, que o seu objecto é bastante distinto. Contudo, uma análise mais profunda permite sugerir que estes *recursos perfeitos* ganham eficácia se tratados em conjunto. Porquê? Existem, essencialmente duas ordens de razões.

Em primeiro lugar, Bourlon *et al.* (2011: 21) referem que existem complementaridades e sinergias entre as diferentes formas de turismo científico e que as vantagens para o território serão potenciadas pela promoção e manutenção das diferentes formas e manifestações desta tipologia de turismo. Será possível conferir a coerência conceptual proposta por Bourlon *et al.* (2011) aos recursos em análise? Vejamos a figura 5.

Como se pode observar da figura 5, também os recursos considerados no caso de estudo da Golegã possuem um grau de articulação, mais ou menos intenso, entre a mobilização pessoal para desenvolver as actividades (forte ou fraca) e a dimensão científica (direta, central, indireta ou periférica), em correspondência com o quadro teórico de base face às diferentes tipologias de turismo científico conceptualizadas. Esta é a primeira razão.

Mas existe uma outra razão ainda mais relevante, devido às suas implicações em termos de concretização de um potencial de valor territorial. Retoma-se aqui a discussão feita na segunda secção, convocando os seus resultados. Algum trabalho de interpelação pública, sem qualquer significado estatístico, permitiu obter alguns indícios de que a percepção de valor não é similar para todos os recursos (ver quadro 5).

Quadro 3 - Características dos recursos – Golegã

	Objecto	Geografia física e administrativa	Modelo de povoamento	Aculturação
Golegã	Território	Concelho com área total de 84,32 km ² (95% de solo rural) pertencente à região do Ribatejo, no distrito de Santarém, e às regiões administrativas NUT III Lezíria do Tejo e NUT II Alentejo, dividido internamente em três freguesias (Golegã, Azinhaga e Pombalinho). Insere-se na planície aluvionar das lezírias do tejo, de paisagem plana e espaiada com zonas inundáveis atravessadas pelos Rios Tejo e Almonda e delimitada por terrenos de vegetação xerófila, onde abundam os pastos férteis e os recursos agropecuários.	Possui uma densidade populacional de 66,1 hab/ km2, com 5.576 habitantes, dos quais 64% se concentram na vila da Golegã, núcleo polarizador do Município e sede de concelho, onde se centralizam actividades e equipamentos. A restante população encontra-se distribuída por mais 6 lugares (com menos de 2.000 habitantes), dos quais se destaca, enquanto polo complementar, o núcleo da Azinhaga, essencialmente agrícola, em detrimento das restantes áreas rurais de menor expressão populacional.	Apresenta uma ocupação pré-histórica do período calcolítico inicial, bem como vestígios da época celta ou romana e da idade média, passando pelos assentamentos Avieiros em construções palafíticas deixadas pelas comunidades piscatórias do século XX e pela dominância histórica da cultura campina ribatejana e das dinâmicas económicas ligadas ao cavalo.
	Objecto	Enquadramento	Caracterização	Singularidade
Casa Estúdio Carlos Relvas	Fotografia	Imóvel icónico localizado no centro da vila da Golegã, construído por Carlos Augusto de Mascarenhas Relvas e Campos, e onde habitou. Nascido em 1838, no concelho da Golegã, Carlos Relvas foi um abastado fidalgo, político, lavrador, criador de cavalos e cavaleiro, desportista, inventor e fotógrafo apaixonado, actividade a que se dedicou a partir dos anos 60. O avanço das técnicas e massificação da actividade fotográfica, levou à instalação dos primeiros verdadeiros estúdios com uma vocação comercial, que se caracterizavam pelos tetos envidraçados ou por laterais incorporando estruturas de vidro, devido às exigentes condições de iluminação através do aproveitamento da luz solar.	Carlos Relvas instala, numa primeira fase, um <i>atelier</i> térreo, com uma face envidraçada, em frente ao grande edifício da residência familiar, que viria a complementar na década de 70 com um estúdio de dois pisos (com câmaras-escuras, laboratórios, e recepção com sala de estar no rés-do-chão e estúdio no 1.º andar) e planta retangular. De arquitectura ecléctica revivalista, essencialmente marcada pelo movimento do Romantismo associado ao impulso da literatura e da imprensa, o edifício ganha um carater de originalidade e monumentalidade desde o seu desenho sugestivo de um templo, ao telhado de configuração oriental, passando pelas linhas neogóticas, estruturas em ferro fundido e envidraçadas, rendilhados góticos, apontamentos mitológicos, estátuas greco-romanas ou motivos mouriscos, a que se alia o embelezamento cénico do jardim.	A par do seu contributo na arte de fotografar, contribuiu para o avanço da técnica ao nível da fototipia, da estereoscopia e da focagem fotográfica, deixando ainda um espólio de 12.000 negativos em vidro, objecto de um processo de restauro e digitalização que levou cerca de 13 anos a concluir. O legado de Carlos Relvas tornou-se num centro social de referência internacional, enquanto monumento evocativo da expressão fotográfica, de cenários e personagens, singular pela cultura elo de ligação artística, técnica e científica. A particularidade de resistir praticamente intacto e com o espólio e mobiliário original torna-o parte dos escassos casos de estúdios musealizados que se têm conservado ao nível mundial, tendo sido objecto de publicação como Imóvel de Interesse

Paul do Boquilobo	Natureza	A Área Protegida do Paul do Boquilobo (PB), classificada como Reserva Natural (RN) ao nível nacional em 1980 (Decreto-Lei nº 198/80, de 24 de junho), foi a primeira área protegida portuguesa a ser declarada e integrada pela UNESCO, em 1981, na Rede Mundial de Reservas da Biosfera. Posteriormente, em 1991, 1996 e 1999, foi ainda considerada em termos internacionais e comunitários como Biótopo CORINE, Zona Húmida de Importância Internacional ao abrigo da Convenção de Ramsar e Zona de Proteção Especial de avifauna no âmbito da REDE NATURA 2000. Estas classificações resultaram do reconhecimento relativo à relevância dos seus habitats e das suas espécies. A RNPB conta atualmente com 5.896 ha classificadas, e situa-se, quase na sua totalidade, no concelho da Golegã, abarcando as freguesias da Golegã, Azinhaga e Pombalinho, bem como uma pequena parte no concelho de Torres Novas, freguesia de Riachos.	Planície aluvial recortada por galerias ripícolas e densos núcleos arbóreos de freixos, salgueiros, caniçais e bunhais nas zonas mais inundáveis, que delimitam várzeas circundadas por montados e pastagens. Subdivide-se em três zonas: - nuclear, de proteção integral e parcial, com função de conservação da biodiversidade e investigação científica; - de uso extensivo, com zonas tampão de proteção complementar onde se desenvolvem a produção florestal, as pastagens e a agricultura em zona inundáveis; e, - de intervenção específica, de transição entre os terraços fluviais e os aluviões da lezíria, onde se pratica uma agricultura com práticas sustentáveis e onde se incluem também os aglomerados urbanos. Desenvolvem-se ainda, com elevado grau de inovação, tecnologia e conhecimento, actividades nas áreas de anilhagem de aves, observação ornitológica, monitorização da qualidade da água, vigilância da natureza, medidas de promoção da biodiversidade nas actividades agrícolas e florestais, sensibilização ambiental, produção de acervo científico e de valorização dos produtos e	É o maior ecossistema aquático representativo de zonas húmidas interiores, habitats em declínio acentuado. Estão inventariados dez habitats naturais inscritos na Diretiva Habitats, dos quais cinco são de água doce (incluindo um habitat prioritário de águas paradas), um de formações herbáceas, e três florestais. Sem prejuízo de uma elevada biodiversidade ao nível da fauna em geral, as aves constituem o seu principal valor, algumas, espécies raras em Portugal e na Europa, albergando o mais importante garçal do território português, espécies de colhereiros e outras aves migratórias do continente africano quer do norte da Europa e que nela ocorrem ou nidificam. Por outro lado, também várias espécies de peixes utilizam o paul para desova, sendo de destacar endemismos lusitanos (ruivaco e boga-portuguesa), ou espécies de anfíbios e répteis, com destaque
	Objecto	Enquadramento	Caracterização	Singularidade
Casa Saramago	Cultura	A Azinhaga é a segunda maior freguesia do concelho da Golegã, onde, em 1922, nasce José de Sousa Saramago. Filho de camponeses de poucas posses que terão emigrado para Lisboa, quando tinha apenas dois anos de idade, Saramago manteve no entanto ligação aos seus avós maternos, na aldeia onde nasceu, tendo igualmente vivido em Lisboa e na ilha de Lanzarote. Em abril de 2017 a Fundação José Saramago (FJS), instalada na Casa dos Bicos, em Lisboa, inaugura a extensão localizada na casa onde nasceu o autor, na Azinhaga, encontrando-se também representada na biblioteca da sua casa em Lanzarote.	Desempenhou diversas funções, desde funcionário da saúde e da previdência social, a tradutor (com mais de 70 livros traduzidos), editor, jornalista, assessor ministerial, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores e escritor. Foi no entanto na área da escrita literária que se veio a consagrar como referência mundial, graças ao seu contributo único no domínio da poesia, romance e narrativa, por sua vez, com influência nas áreas do teatro, da música e do cinema, autor controverso e de escrita intervencionista em nome dos direitos humanos. Na vida literária de Saramago podem identificar-se três grandes ciclos de produção: 1947-1953; 1966-1979; e, 1980-2010, sendo este último o período que marca o estilo de ficção novelesca saramaguiano que continuará até à sua morte.	É distinguido com inúmeros galardões, títulos honoríficos e prémios ao nível literário, com relevância para as 39 nomeações Doutor Honoris Causa em universidades de 17 países, para o Prémio Luís de Camões em 1995 e, finalmente, a atribuição do Nobel da Literatura em 1998. O projecto de recuperação e musealização da Casa Saramago, no Largo da Praça da Azinhaga, foi encetado através de uma parceria estabelecida entre a respectiva Junta de Freguesia, a FJS e a Câmara Municipal da Golegã. Dispõe, no rés-do-chão, de uma biblioteca que disponibiliza todo o acervo literário do autor em várias línguas, uma livraria, um auditório para actividades culturais e um cibercafé. No primeiro andar é evocado o ambiente vivido por Saramago com os avós durante as férias passadas até aos seus 15 anos de idade, com a recriação dos espaços e recuperação de alguns objectos.

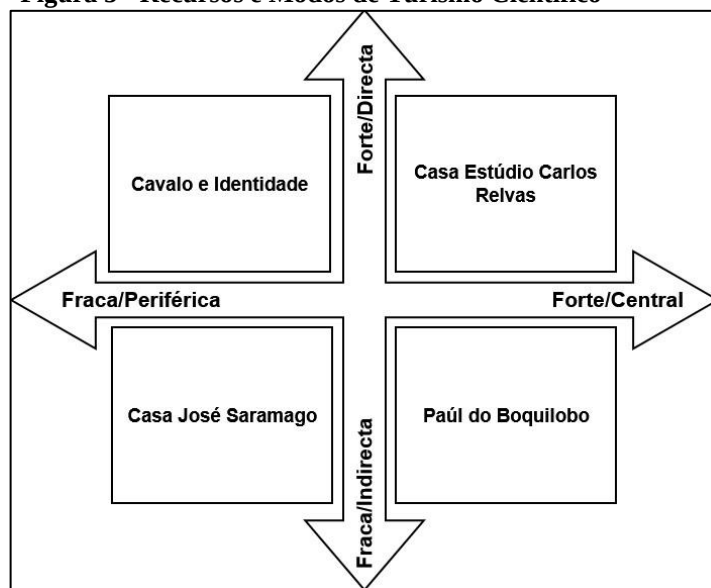
Cavalo	Economia	A histórica evolução da estrutura produtiva do concelho da Golegã, em torno das actividades agrícolas e da indústria pecuária, com preponderância para a produção e criação de cavalos, originou um forte enraizamento das actividades e tradições associadas à fileira do cavalo como produção/criação cavalar, equitação, competição desportiva e realização de eventos etnográficos culturais. Intitulada como Capital do Cavalo, berço dos cavalos lusitanos “Veiga” (cavalos de toureiro por excelência), desenvolvidos pelo lavrador e zootécnico Manuel Tavares da Veiga, constitui um potencial de mercado para os utilizadores do Cavalo (com especial destaque para a raça puro sangue Lusitano), resultante da concentração de um conjunto assinalável de infraestruturas, equipamentos, serviços de excelência, iniciativas e eventos, que gravitam em torno das diversas actividades com valor económico a ele associadas, como serviços de alimentação, tratamento, higiene e assistência veterinária de animais, transporte, melhoramento genético e apuramento de raça, fabrico artesanal de material de equitação e adornos, turismo equestre, alojamento hoteleiro, restauração, entre outras.	Várias iniciativas em torno da fileira do cavalo são dinamizadas, tais como: - o certame anual da Expoégua, durante o mês de maio, que se dedica à mostra de éguas e poldras de todas as raças e que integra a Romaria de São Martinho; - a “Feira Nacional do Cavalo” (desde 1972, então Feira de São Martinho, que remonta a 1571, e a que se veio juntar a “Feira Internacional do Cavalo Lusitano”), anual (na 1.ª quinzena do mês de novembro), no Largo do Arneiro; - animação regular de Concursos de Atrelagem de Tradição (disputados por cavalos, coches e carruagens a partir da Quinta da Broa, num percurso total de 14 quilómetros, com provas de superação e mestria); - inauguração do complexo multifuncional Equuspolis, Localizado na Horta da Baralha, dedicado ao cavalo e às artes plásticas; - infraestruturação de circuitos equestres integrantes do mapa turístico do concelho; - projecto <i>Pegaso</i>, entre Portugal, Espanha, Inglaterra e Irlanda, no âmbito da Iniciativa Interreg III B “Espaço Atlântico”, de reforço do cavalo enquanto identidade com atrativo turístico; - projecto <i>Euro Equus</i>, entre Espanha, Portugal, Bélgica e República Checa, para a valorização de regiões equestres e preservação da herança cultural europeia.	O concelho da Golegã constitui-se como o maior “entrepasto comercial” do puro-sangue lusitano a nível mundial, onde se apresentam os criadores e onde se transacionam os seus exemplares para todo o mundo. As capacidades competitivas na fileira do cavalo, quer no mercado nacional, quer internacional, têm atraído milhares de visitantes, de entre os quais oriundos de países como Espanha, Itália, França ou dos países nórdicos com tradições equestres, começando a fazer parte de rotas internacionais ligadas ao turismo equestre, e das ofertas turísticas.
---------------	----------	--	---	--

Fonte: Adaptado de Nunes e Sousa (2017).

Quadro 4 - Grau de perfeição dos recursos

	Casa Estúdio Carlos Relvas	Paul do Boquilobo	Casa Saramago	Cavalo
Escasso em termos globais	5	3	3	4
Abundante em termos locais	5	5	5	5
Controlo local do recurso	5	4	2	5
Enraizamento territorial	5	4	4	5
Efeitos multiplicadores	2	3	2	4
Utilização obriga à preservação	4	4	3	3
Procura global	3	3	2	4
$\sum_{f=1}^L X_f$	29	26	21	30
$\max \sum_{f=1}^L X_f$	35	35	35	35
$0, 2 \leq X_r \leq 1$	0,83	0,74	0,60	0,86

Fonte: Elaboração própria

Figura 5 - Recursos e Modos de Turismo Científico

Fonte: Elaboração própria

Quadro 5 - Percepção de valor e recursos perfeitos na Golegã

Recursos/objecto	Percepção de Valor			Preponderância
	Individual	Colectivo/Social	Político	
CE Carlos Relvas: Fotografia	+++	+	++	Individual
Paul do Boquilobo: Natureza	++	+	++++	Política
Golegã: Cavalo	++++	+++++	++	Colectiva/Social
Casa Saramago: Cultura	+	+	+	??

Legenda: de pouca relevância (+) a muita relevância (+++++)

Fonte: Elaboração própria

O recurso ganha perfeição e o processo ganha coerência territorial à medida que se articulam as três dimensões de valor: individual, colectivo e político-institucional, isto é, à medida que se institucionaliza o valor colectivo dos recursos. A consideração das três dimensões obriga a *sentar à mesma mesa* (mesmo que, legitimamente, com objectivos distintos) o valor individual, o valor colectivo e a representação política do valor colectivo (corporizado pela política pública). Sem a coerência territorial que resulta da superação destes dilemas e a gestão destas tensões não será possível construir recursos perfeitos e transformá-los em singularidades territoriais capazes de dinamizar com elevados níveis de eficácia a C&CT. Dito de outra forma, existem recursos com níveis elevados de perfeição que podem ser explora-

dos numa linha de turismo científico e se for possível conferir-lhe coerência territorial pode-se estar próximo de uma singularidade territorial.

Logo, a hipótese proposta neste artigo parece ter potencial para se (vir a) localizar na diagonal da figura 2. Onde? Numa iniciativa de âmbito local ou de âmbito superior? A resposta a esta questão deve ser dada pela comunidade, embora a discussão possa ser desencadeada pela política pública e/ou pela academia. Nunca se pode esquecer que as instituições científicas (onde se inserem as instituições de ensino superior) são agentes incontornáveis das múltiplas dinâmicas associadas ao turismo científico.

Em face do que se acabou de defender, podem ainda encontrar-se alguns argumentos que

favoreçam a criação e o desenvolvimento de uma linha de turismo científico, não só na Golegã, mas igualmente em outros territórios nacionais. Em primeiro lugar, o turismo científico insere-se numa dimensão estratégica do país e da região – o Turismo – diversificando-a, através do aprofundamento das dinâmicas inerentes à especialização inteligente. Se se pensar, por exemplo, nos objectivos do programa *C²*, uma linha de turismo científico permite não só articular a ciência com a cultura de forma coerente, explícita e directa, como também integrar territorialmente comportamentos e experiências associados à cultura científica, podendo mesmo levar ao desenvolvimento de novos produtos, ajudando a promover por esta via vários objectivos da RAR já referida.

Em segundo lugar, o turismo científico é transversal a outras tipologias de turismo, mas com potenciais efeitos positivos na estrutura económica e social do território, por via da aplicação da investigação nesses domínios. O turismo científico é, simultaneamente, objectivo e instrumento – característica explosiva deste projecto –, uma vez que é objecto de investigação, mas pode e deve igualmente contribuir para modificar e fortalecer a estrutura económica regional (relações da investigação com a estrutura produtiva local existente e/ou a potenciar, criando novo conhecimento e integrando-o nas dinâmicas territoriais).

Finalmente, é uma linha de turismo ainda pouco explorada, configurando uma hipótese alternativa (embora transversal) ao turismo de massas, que pode contribuir para consolidar uma massa crítica de procura que ajudará a viabilizar e a aprofundar os níveis de especialização de investimentos já existentes (equipamentos, infraestruturas, tecnologias) e que, adicionalmente, se pode explorar isoladamente na Golegã ou em articulação regional.

5. CONCLUSÃO

Este texto procurou dar contributos em dois domínios distintos, embora interdependentes: o

domínio teórico-conceptual e o domínio empírico. Da articulação de ambos, pode-se sugerir como principal resultado a proposta de um quadro metodológico suficientemente operativo que permite a clarificação sobre as condições susceptíveis de construir e desenvolver dinâmicas territoriais de valor económico, no caso concreto tendo como foco o turismo científico. Em termos teórico-conceptuais, a abordagem desenvolvida permitiu concluir que as dinâmicas territoriais de desenvolvimento são processos em constante evolução e dependem fortemente de mecanismos que permitam construir singularidades económicas e, no caso particular do turismo, singularidades territoriais. A competitividade e a coesão territorial dependem das dinâmicas externas que condicionam os territórios, mas dependem também em larga escala da capacidade de construção de soluções endógenas, diferenciadoras e partilhadas por toda a comunidade sob a forma de políticas públicas e modos de governância partilhados. Do ponto de vista empírico, parece pacífico que a hipótese relativa ao desenvolvimento de uma linha de turismo científico na Golegã tem bases de partida sólidas e concretas para se vir a desenvolver no curto/médio prazo. Existe um conjunto de *recursos perfeitos* que precisa de ganhar coerência *territorial*. A Golegã – e certamente muitas outras regiões portuguesas que importa identificar – encontra-se na proximidade de uma tempestade perfeita. A combinação de vontades no território determinará, num primeiro nível, a dinâmica que a nossa hipótese poderá vir a ter num futuro próximo. O passo seguinte passa, naturalmente, pela necessidade de conferir coerência territorial aos recursos identificados. A abordagem desenvolvida neste texto é particularmente útil para territórios de interior. O desafio passa por identificar potenciais recursos perfeitos e a partir dessa dinâmica transformá-los em singularidades territoriais.

Agradecimentos

Esta investigação tem sido desenvolvida no Centro de Investigação Aplicada à Economia e Gestão do Território com o apoio do Instituto Politécnico de Tomar e da Escola Superior de Gestão. Os autores gostariam de agradecer ao António Ventura por nos ter desafiado a iniciar esta reflexão em 2017 e à Helena L. Grilo e ao

Luis Grilo pelos comentários e sugestões realizadas em fases anteriores do texto. Os autores agradecem igualmente aos revisores os seus comentários pertinentes que contribuíram para minimizar as insuficiências que ainda persistem no texto e que são da única responsabilidade dos autores.

BIBLIOGRAFIA

Alves, Manuel (2001). *Multidimensionalidade do espaço: do espaço objecto ao espaço sujeito e à ordem no território*. Centro de Investigações Regionais e Urbanas. Instituto Superior de Economia e Gestão. UTL. Lisboa.

Andrade, Johanny (2008). *O Turismo Científico na Amazônia: Um estudo das oportunidades, necessidades e potencialidades para a cidade de Manaus*, Manaus: Dissertação de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Florestais, Universidade Federal do Amazonas.

Baptistotte, Cecília (1994). Tartarugas marinhas: Projecto TAMAR. In: Congresso de Herpetologia no Brasil, 1., 1994, *PUC Belo Horizonte-MG*. Anais. Belo Horizonte: Fundação Biodiversistas e Fundação Ezequiel Dias, pp. 33-37.

Bellini, Nicola, Grillo, Francesco, Lazzeri, Giulia e Pasquinelli, Cecilia (2017). Tourism and regional economic resilience from a policy perspective: lessons from smart specialization strategies in Europe, *European Planning Studies*, (25), 1, pp. 140-153.

Bernardino, Susana, Santos, Freitas e Ribeiro, José (2018). The legacy of European Capitals of Culture to the “smartness” of cities: The case of Guimarães 2012, *Journal of Convention & Event Tourism*, (19), 2, pp. 138-166.

Bourlon, Fabien, Mao, Pascal e Osorio, Mauricio (2011). El turismo científico en Aysén: un modelo de valorización territorial basado en el patrimonio y actores locales. *Sociedad Hoy*, (20), pp. 55-76.

Brilha, José (2009). A Importância dos Geoparques no Ensino e Divulgação das Geociências. *Revista do Instituto de Geociências - USP*, Publ. Espec. (5), pp. 27-33.

Camagni, Robert (2002). On the Concept of Territorial Competitiveness: Sound or Misleading? *Urban Studies*, (39), n.º 13, pp. 2395-2411.

Camagni, Robert (2008). Regional Competitiveness: Towards a Concept of Territorial Capital, em Capello, R. et. al. (org) – *Modelling Regional Scenarios for Enlarged Europe*. Advances in Spatial Sciences. Springer. pp. 33-47.

Capello, Roberta (2007). *Regional Economics*. Routledge. UK.

Cappellin, Robert e Wink, Rüdiger (2009). *International Knowledge and Innovation Networks*, New Horizons in Regional Science. UK: Edward Elgar.

Comissão Europeia (2008). *Livro Verde Sobre a Coesão Territorial Europeia*, COM (2008) 616 final, Bruxelas.

EU (2010). *Regional policy contributing to smart growth in Europe*. COM (2010) 553, Brussels.

Eusébio, Celeste; Kastenholtz, Elisabeth e Breda, Zélia (2014). Tourism and sustainable development of rural destinations: a stakeholders' view, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, (36), pp. 13-21.

Ferrão, João (2011). *O ordenamento do território como política pública*, Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de educação e Bolsas. Lisboa.

Foray, Dominique (2006). *The Economics of Knowledge*. MIT Press, Cambridge.

Hjalager, Anne-Mette (2010). A review of innovation research in tourism, *Tourism Management*, (31), pp. 1-12.

Kennell, James e Samantha, Chaperon

(2018). *Tourism and Public Policy*, Routledge, New York.

Lopes, António (1995). *Desenvolvimento Regional. Problemas, Teoria, Modelos*. 4ª edição Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Lopes, Raul (2001). *Competitividade, Inovação e Territórios*. Celta editora. Lisboa.

Lorenz, Edward e Lundvall, Bengt-åke (2006). Understanding European systems of Competence Building, in Lorenz E. and Lundvall, B.-Å. (eds.). *How Europe's Economies Learn: Coordinating Competing Models*, Oxford University Press, New York.

Lundvall, Bengt-åke (2006). Interactive Learning, Social Capital and Economic Performance, in Kahin, Brian e Foray, Dominique (eds) – *Advancing knowledge and the Knowledge Economy*, MIT Press, Cambridge (pp. 63-74).

Lundvall, Bengt-åke e Johnson, Björn (1994). The Learning Economy, in *Journal of Industry Studies*, (1), n.º 2: pp. 23-42.

Mateus, Augusto & Associados, CIRIUS, GeoIdeia e CEPREDE (2005). *Competitividade Territorial e Coesão Económica e Social*, in *Colecção Estudos de Enquadramento Prospetivo do Quadro Comunitário de Apoio III*, Observatório do QCA III, Lisboa.

Nogueira, Ana, Sanson, Fábio e Pessoa, Karen (2007). A expansão urbana e demográfica da cidade de Manaus e seus impactos ambientais. *Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto*. Florianópolis, Brasil, INPE, pp. 5427-5434.

Nordin, Sara e Hjalager, Anne-Mette (2017). Doing, Using, Interacting – Towards a New Understanding of Tourism Innovation Processes, in Kiralova, Alzbeta (Ed). *Driving tourism through creative destinations and activities*, IGI Global.

Nunes, Sérgio (2010). O Surf como Fenómeno Multidimensional Integrador de Valor. *SurfPortugal*, Junho de 2010.

Nunes, Sérgio (2011). O Surf na economia do Mar: Da Natureza Privada à Percepção de Valor Colectivo. *JANUS – Publicação conjunta do Jornal Público e da Universidade Autónoma de Lisboa*. ISBN: 978-989-619-135-1

Nunes, Sérgio e Sousa, Vanda (2017). *Recursos Perfeitos, Turismo e Singularidades Territoriais: a hipótese do turismo científico na Golegã*. CIAEGT-IPT, WP N.º 2017.02, Tomar.

OCDE (1996). *The Knowledge-Based Economy*, OCDE Publishing, Paris.

Oliveira, Sara (2006). Arouca vai criar geoparque para o turismo científico. *Jornal Público*, 25.jan.

Pelle, Óscar (2016). *Universidad de Aysén*. Facultad de Arquitectura y Urbanismo: Memoria de Título, Universidad de Chile.

Rebocho, Bárbara (2017). Glamping um Novo Paradigma no Turismo. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, (46), pp 45-55.

Sá, Artur (2016). Fórum: Géoparque: Identidade geográfica, cultural e preservação ambiental. UTAD. Centro de Convenções da UNICAMP – Campinas/SP.

Song, Haiyan, Dwyer, Larry, Li, Gang e Cao, Zheng (2012). Tourism Economics Research: a Review and Assessment, *Annals of Tourism Research*, (39), N.º 3, pp. 1653-1682.

TAMAR (s/data). Releases: Informações gerais Projecto TAMAR. Disponível em: <http://tamar.org.br/releases/release-projecto-tamar-informacoes-gerais.pdf>.

Vale, Tatiane, Robles, Rafael e Moreira, Jasmine (2016). The use of technologies in museums and visitor centers: case study at the Tamar visitor center in Fernando de Noronha - PE (Brazil). *Applied Tourism*, pp. 97-112.

Páginas web consultadas:

<http://aroucageopark.pt> (acedido em dezembro de 2017)

<http://www.cm-arouca.pt> (acedido em dezembro de 2017)

Sustainability Evolution of North and Alentejo Vineyard Regions¹

Evolução da Sustentabilidade nas Regiões Vitícolas do Norte e Alentejo

Micael Santos

micaels@utad.pt

University of Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)
Centre for Transdisciplinary Development Studies (CETRAD)

A. Galindro

anibalg@utad.pt

University of Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)
Centre for Transdisciplinary Development Studies (CETRAD)

C. Santos

cisantos@utad.pt

University of Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)
Centre for Transdisciplinary Development Studies (CETRAD)

A. Marta-Costa

amarta@utad.pt

University of Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)
Centre for Transdisciplinary Development Studies (CETRAD)

V. Martinho

vdmartinho@esav.ipv.pt

Polytechnic Institute of Viseu (IPV)
Agricultural School (ESAV)

Abstract/ Resumo

The wine sector currently lacks nuclear features, which makes Portugal's producing performance drift away from the frontline worldwide wine producers. The aim of this paper is to evaluate the evolution of the Portuguese wine industry's performance through the world and national available statistical data. Also, this work tries to evaluate the sustainability dynamic regarding the North and Alentejo,

O setor vitivinícola carece atualmente de características nucleares que fazem o desempenho produtivo do país afastar-se dos líderes da produção mundial de vinho. O objetivo deste trabalho consiste em avaliar a evolução do desempenho do setor vitivinícola português através dos dados estatísticos disponíveis, a nível mundial e nacional. Pretende-se ainda avaliar a dinâmica da sua sustentabilidade, no Norte e Alentejo,

¹ This work was supported by the R&D Project INNOVINE & WINE – Vineyard and Wine Innovation Platform - Operation NORTE -01-0145-FEDER-000038, co-funded by the European and Structural Investment Funds (FEDER) and by Norte 2020 (Programa Operacional Regional do Norte 2014/2020).

The authors acknowledge the suggestions provided by the participants at the “24th APDR Congress” (Covilhã, Portugal, 2017) in which a previous version of this paper has been discussed.

using the Portuguese Farm Accountancy Data Network from 2001 to 2012. From the sustainability indicators, the results show that Alentejo presents the best performance in terms of environmental sustainability. The North has an increasing economic dimension of sustainability and good social performance. The conclusions suggest that academic research can improve the wine industry's overall orientation to sustainability.

Keywords: Alentejo, North, Performance, sustainability, wine sector.

JEL Codes: Q01, Q15, Q19

através dos dados da Rede de Informação de Contabilidade Agrícola de 2001 a 2012. Dos indicadores de sustentabilidade obtidos verifica-se que o Alentejo obtém o melhor desempenho em termos de sustentabilidade ambiental. O Norte tem uma tendência para melhorar a dimensão económica da sustentabilidade e revela bom desempenho social. As conclusões sugerem que a investigação académica pode melhorar a orientação geral desta indústria para a sua sustentabilidade.

Palavra-chave: Alentejo, Norte, desempenho, sustentabilidade, setor vitivinícola.

Código JEL: Q01, Q15, Q19

1. INTRODUCTION

Portugal is the 11th world wine producer, 9th world exporter in value and the 5th largest producer in the EU in terms of value and volume (OIV, 2016). The importance of the wine sector in this country is quite visible in the extensive and important demarcated regions like Douro and Alentejo, which produce wines with higher quality over time and are identified as Protected Denomination of Origin (PDO) (IVV, 2017b). Nonetheless, the sector currently lacks nuclear features, which makes Portugal's producing performance drift away from the frontline of worldwide wine producers.

This situation may threaten the positive relationship between the wine sector and the regional competitiveness, found by Hall & Sharples (2008) and Viassone et al. (2016), since the sector contributes directly with employment supply, economic growth, tourism development and infrastructure, which all improve the overall social well-being. The growth of this sector in conformity with the principles of sustainable development is becoming a priority; nonetheless the inherent strategic development needs frequent adaptation, as pointed out by Capri & Pomarici (2014), Misso & Borrelli (2013) and Zucca et al. (2009). A business strategy based on sustainability, which perceives social responsibility as an opportunity, may offer a source of competitive advantage to sustainable oriented firms (Porter & Kramer, 2007).

Sustainability is progressively gaining im-

portance in the agri-food sector (Jones, 2012) and plays a very important role in the wine business (Ohmart, 2008). Related to the wine industry, Flint et al. (2011) define - as the ability of a business to be successful in the long term. It also means specifically that the business should be resilient to significant competitive forces in this marketplace. The sustainability literature (e.g. Elkington, 1998; Ohmart, 2008; Marta-Costa, 2010; Marta-Costa et al., 2012; Mencarelli & De Propriis, 2014) evidences it through a three-dimensional concept based on the economic performance of the various sectors of activity, alongside the environmental and social impacts directly related to the triple bottom line approach.

This subject plays an important role on viticulture since it is a business which depends on scarce natural resources; therefore the agricultural practices may have a positive or a negative impact on the environment (Marta-Costa, 2010; Marta-Costa et al., 2012). Generally, there is an increasing concern about the negative environmental impacts of the wine sector through the vineyard and wine-making operations alongside the wine tourism activities (Gabzdylova et al., 2009; Silverman et al., 2005; Sinha & Akoorie, 2010). Regarding singularly the agronomic activity, Marta-Costa (2010) identifies a great diversity of farming systems, from the harmless nature-friendly approaches that are based on scarce labour, to the bulky and intensive input-oriented systems. Those two have keenly different impacts on the environment. The soil and water manage-

ment, solid waste, energy and agrochemical use, greenhouse gas emissions and water contamination have been the main collateral damages of this industry and are associated with the most negatively remarkable environmental impacts (Colman & Paster, 2009; Ohmart, 2008).

However, the viticulture endeavours also affect other environmental issues such as the climate. Bosco et al. (2013) identified that the vineyard phase represents about 22% of the overall carbon emissions relating to wine production, and production logistics seem to be responsible for around 50% of the emissions associated with wine production (Christ & Burritt, 2013). This situation alarms the grape growers, since grape production is very vulnerable to temperature changes and that hazard may affect the survival of some varieties of grapes (Blackmore & Goodwin, 2009). The work of Cichelli et al. (2016) emphasizes the strong link between climate and vine and they argue that the effects of climate change on viticulture could be more significant in mountainous ecosystems, such as the Douro region.

The balance between environmental issues and their relationship with economic performance of viticulture and the social context of the activity can be assessed through the concept of agricultural sustainability. To prove this relationship, Klassen & McLaughlin (1996) and Russo & Fouts (1997) have shown a positive correlation between environmental management initiatives and financial performance of companies. For example, in New Zealand some producers have implemented environmental management systems to differentiate their wines and they gained a competitive advantage (Hughey et al., 2005). This product differentiation occurs because consumers consider products to be more valuable when they originate from more sustainable practices (Flint & Golobic, 2009; Woodruff, 1997). Therefore, it allows the companies to tag a premium price on them (Hill et al., 2014).

This paper aims to briefly characterise the Portuguese wine industry performance in international and national context, through sector statistical data, and evaluate the evolution of sustainability indexes from Alentejo and North regions using the available data of Portuguese Farm Accountancy Data Network from 2001 to 2012 (PTFADN, 2001-2012) in three dimen-

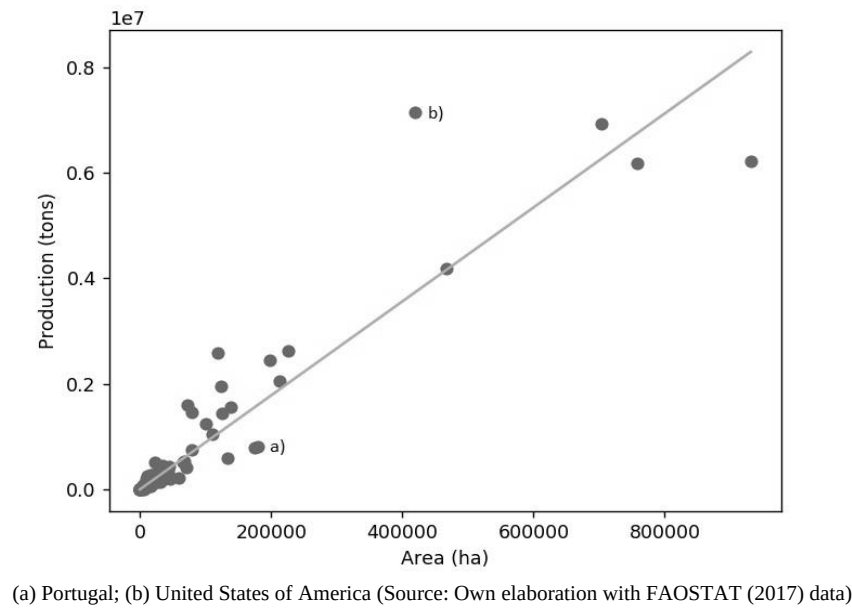
sions: economic, social and environmental. For the development of the Portuguese wine sector it is important to study its dynamics and to identify the faults that can be improved because depletion of resources or a low level of competitiveness can jeopardize their sustainability.

After the brief introduction of this first section, the article features three more. Section two provides a statistical analysis of the Portuguese wine sector in both a worldwide and internal context. A brief revision of the sustainability assessment literature in agricultural activities is offered in section three and the evolution of some sustainability indicators for the North and Alentejo regions of Portugal are described in section four. Finally, the last section summarizes the work discussion and conclusions.

2. BRIEF ANALYSIS OF PORTUGUESE WINE SECTOR

Different countries have numerous reasons for bulky wine production, such as historical factors, favourable environment and climate, which produces distinctive wine and highlights comparative advantages against other countries. Spain, Italy and France are the best wine exporting countries, scoring an aggregate value of nearly 50% of the worldwide wine exports over the last five years (FAOSTAT, 2017). In 2014 and according to this Food and Agriculture Organization's (FAO) data, the worldwide harvesting area for grape production was roughly 7 million ha, which has significantly diminished since the 1960s, when the worldwide harvesting area was floating between 9 and 9,5 millions ha. Nonetheless, despite smaller harvesting area, the grape industry has managed to improve productivity in order to maintain the same production levels. To seek information about the distribution of the productivity among the countries we consider the most recent available FAO data (FAOSTAT, 2017) from 90 wine producing countries for 2014. Figure 1 and Table 1 show the relationship between grape production (tonnes) and harvested area (ha), through an Ordinary Least Squares (OLS) regression, explained extensively in Greene (2000).

Figure 1: Grape production per area plot of the 90 considered countries in 2014



The analysis of Figure 1 shows a positive slope line as the visual output of the OLS regression (Table 1). Portugal appears significantly below the prediction line, which means smaller area productivity (grape per hectare) compared to the mean of the countries considered in the sample. On the other hand, the

United States stands as a great outlier contender way above the line, showing an outstanding grape output per harvested area. While the scatter plot tells us about how countries place individually regarding those two features, the OLS regression (Table 1) allows us to find a general remark.

Table 1: Regression results for dependent variable (Grape production, Tonne)

Parameters	Estimation	T-value	P-Value (Pr(> t))
β_1 (Harvested Area)	8,9041	27,742	0,000*

* Statistically significant results for 1% level of significance. The low p-value (< 0,01) indicates that we can reject the null hypothesis even for 1% of significance.

R-Square = 0,896. The high-valued R-squared (0,896) states that roughly our model explains 90% of the response variable movements.
Source: Own elaboration.

The coefficient β_1 of Table 1 tells us that in average the grape production increases by 8,9041 tonnes per each additional hectare (in harvested area). Portugal produced approximately 4.575 tonnes of grape per ha, a significantly distant value from the worldwide average.

After a concise presentation about the point at which Portugal's wine sector stands among other countries, we will present the context of the sector among the Portuguese regions. According to the available data on IVV (2017a, 2017b), Table 2 presents the vineyard area and production of wine, from 2000 to 2015, in Portuguese regions.

According to Table 2, from 2000 to 2015, Portugal's mainland vineyard area declined 17% during this period. Alentejo was the only region that countered the decreasing trend, scoring a significant 35% area growth. Regarding the production of wine, Alentejo and Setúbal presented a voluminous growth, 165% and 53% respectively, while the other regions saw their production decay or swing steadily around zero. Even though this type of study allows us to pinpoint general trend from each region, it is also worth gathering information about which type of wines those regions are producing.

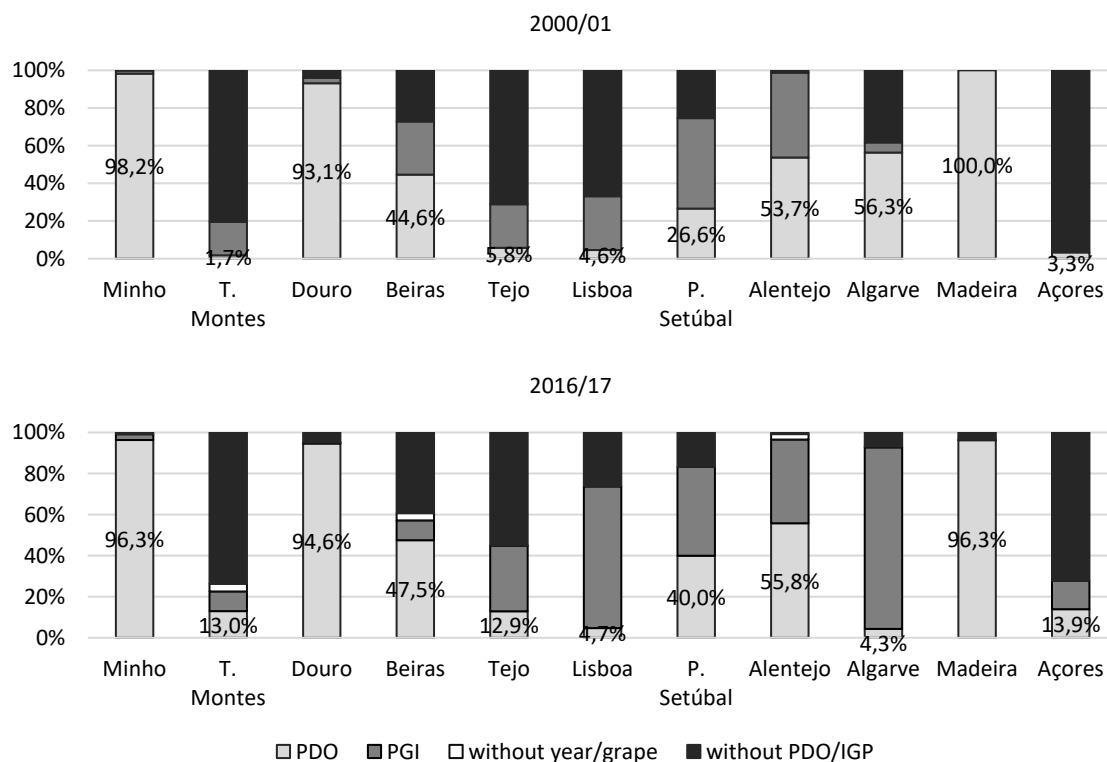
Table 2: Vineyard area (ha) and production of wine (hl) in Portuguese regions, from 2000 to 2015

Regions	2000		2015		Growth rate of area	Growth rate of production
	Area (ha, %)	Production (hl, %)	Area (ha, %)	Production (hl, %)		
Trás-os-Montes e Douro	67.638 (28%)	1.715.186 (26%)	59.972 (30%)	1.725.077 (25%)	-11%	1%
Beiras	57.200 (24%)	1.202.146 (18%)	53.100 (27%)	908.250 (13%)	-7%	-24%
Alentejo	16.123 (7%)	434.173 (7%)	21.816 (11%)	1.152.184 (16%)	35%	165%
Minho	34.035 (14%)	880.865 (13%)	20.433 (10%)	874.491 (13%)	-40%	-1%
Lisboa	21.875 (9%)	1.305.665 (20%)	20.359 (10%)	1.202.711 (17%)	-7%	-8%
Tejo	29.765 (13%)	744.062 (11%)	13.589 (7%)	611.183 (9%)	-54%	-18%
Península de Setúbal	9.283 (4%)	329.404 (5%)	7.556 (4%)	504.129 (7%)	-19%	53%
Algarve	2.154 (0,9%)	13.817 (0,2%)	1.858 (0,9%)	13.630 (0,2%)	-14%	-1%
Mainland Portugal	238.073	6.625.318	198.683	6.991.655	-17%	6%

Source: IVV (2017a, 2017b).

Figure 2 displays each region according to their type of wine production, using data from

IVV (2017b), for the first (2000/2001) and last (2016/2017) year available.

Figure 2: Wine type production of the Portuguese regions in 2000/01 and 2016/17

Source: Own elaboration with IVV (2017b) data

Observing Figure 2, Minho, Douro and Madeira produces a majority of PDO wine (more than 90% of the production). In contrast, Trás-os-Montes and Açores produce mainly wine without any classification (without Protected Geographical Indication (PGI) or PDO), which represents more than 70% of their wine production. In general, all regions increased or maintained their representativeness of PDO wine production, except in Algarve, which production of PDO wine production decreased significantly from 56,3% to 4,3%, starting to produce essentially PGI wine. The production of PDO wine in Lisboa remained steady from 2000/01 to 2016/17, but the wine without any classification decreased, while the PGI wine increased. In short, all regions essentially produce wines with better classifications, so this analysis suggests that Portugal has endeavoured to improve the quality of wines and to have this quality recognized.

Concerning the studied regions of this work, the North region (comprises Trás-os-Montes e Alto Douro and Minho) is the Portuguese vineyard region with highest wine production (25%, Table 2) and with the largest vineyard area (despite the decrease, 30%, Table 1), while the Alentejo region has evolved in recent years with an increase of 35% in wine production and an amazing increase of 165% in vineyard area. Despite the evolution of Alentejo, this region has not made great efforts to increase the amount of wine with denomination of origin. However, the North region has invested heavily in the production of wine with a designation of origin with the exception of Trás-os-Montes and Douro regions.

3. SUSTAINABILITY ASSESSMENT IN FARMING SYSTEMS

Sustainability is a visionary development paradigm that emerged as an attempt to bridge the gap between environmental concerns from the increasingly evident ecological consequences of human activities, and socio-political concerns about human development issues (Robinson, 2004). The need for farming systems to become more sustainable made their sustainability assessment imperative, and the theme has gained interest as a common topic of discussion by societies all over the world (Marta-Costa & Silva, 2013; Petronilho et al., 2013).

However, due to the complexity and lack of

consensus around the sustainability concept, very different approaches have been taken in sustainability assessments and their development has been neither easy nor consensual and many problems have been identified for assessing sustainability in the agricultural sector (Marta-Costa & Silva, 2013, Saltiel et al., 1994). The multifunctionality of the agriculture, the scales to adopt, the indicators selection, the linkages and the integration of indicators, and the application of the results in the systems are the main problems cited by Marta-Costa & Silva (2013), Binder & Wiek (2007) and Smith & McDonald (1998). The complexity of the sustainability assessment is emphasized by Masera et al. (2000) and the authors argue that a multidisciplinary effort and the multi-criteria models supported by qualitative and quantitative indicators are essential requirements for the process that should have a broad temporal analysis (Masera et al., 2000).

The main methodologies that have been developed to assess sustainability in the agricultural sector are indicators or tools-based indexes that obey integrative assessment approaches in rigorous and complex frameworks. Within this structure, Marta-Costa & Silva (2013) identified the Framework for the Evaluation of Sustainable Land Management (FESLM; FAO, 1993); Sustainability Solution Space for Decision Making (SSP; Wiek & Binder, 2005); *l'Exploitation Agricole Durable* (ARBRE; Pervanchon, 2007); Response-Inducing Sustainability Evaluation (RISE; Häni et al., 2007); Sustainability Assessment of Farming and the Environment (SAFE; Van Cauwenbergh et al. 2007); and Indicateur de Durabilité des Exploitations Agricoles (IDEA; Vilain, 2008). These methodologies have a rigorous framework that can be applied to the farming systems with a set of well-defined and predefined indicators that are embedded in the sustainability concept and its environmental, social and economic dimensions. Masera et al. (2000) developed the Framework for the Evaluation of Natural Resources Management Systems via Sustainability Indicators (MES-MIS), that is differentiated from the others methods through its relative and subjective character of the sustainability indicators that are identified according the systems under evaluation. In fact, as stated by the document of the Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD, 2002), in agriculture there is no single path to sustainability and

no unique model of sustainable economic activity that could be applicable to all geographic, economic and social environments. The specificities of the local culture, society and economy have to be taken in account to implement and articulate sustainability at a local level (Zanoli, 2007; Borsellino et al., 2016).

The different approaches of sustainability assessment had been studied in a comparative way (e.g. Gaviglio et al., 2017; Olde et al., 2016; and Marta-Costa & Silva, 2013). Gaviglio et al. (2017), with a study case for South Milan Agricultural Park through IDEA, RISE, SAFE, Analysis of Farm Technical Efficiency and Impacts on Environmental and Economic Sustainability (SOSTARE) and Monitoring Tool for the Integrated Farm Sustainability (MOTIFS), verified that it is possible to construct a sustainability assessment methodology, taking into account the object of study, the context and the available data. Olde et al. (2016) compared four indicator-based methodologies (RISE; Sustainability Assessment of Food and Agriculture systems – SAFA; Public Goods – PG; and IDEA) for sustainability assessment at farm level in five Danish farms, and concluded that RISE was the most relevant tool for assessing the sustainability of the farm. However, some limitations were identified for all of them concerning the application of more sustainable practices in the decision-making process.

Generally, sustainability assessment methodologies have been used to evaluate both organic and conventional farms. This was done by Astier & Hollands (Eds.) (2005) and Gaviglio et al. (2017) and their results showed that organic farms have better results in environmental indicators and in the majority of social indicators than conventional farms. The conventional farms seem to have better economic performance. This result shows the trade-off of the economic and the environmental dimensions of sustainability.

The environmental component of sustainability typically dominates discussions of sustainability assessments of productive systems, which has given rise to advancement of assessments approaches that only consider one or two of the categories of the triple bottom line (Saltiel et al., 1994; Von Wirén-Lehr, 2001; Darnhofer et al., 2010; Santiago-Brown et al., 2014). For instance, the carbon footprint assessments (Saltiel et al., 1994, Koohafkan et al., 2012) and the Life Cycle Assessment

(LCA; Keoleian, 1999) focused on the environmental dimension as well as the cost-benefit analysis, commonly used to evaluate initiatives in economic and social terms (Espinoza et al., 2008). However, assessments that only consider one or two of the categories of the triple bottom line are insufficient to fully evaluate sustainability, as sustainability is a systemic concept (Von Wirén-Lehr, 2001, Santiago-Brown et al., 2014).

Linear programming tools, multi-objective and multi-attribute models constitute other group of methodologies that are used to complement the sustainability assessment, usually to drive stakeholders to the goal that has been settled (Rezaei-Moghaddam & Karami, 2008; Xavier et al., 2017; and Marta-Costa, 2010).

Rezaei-Moghaddam & Karami (2008) applied a multi-criteria decision-making techniques with analytic hierarchy process to evaluate the sustainable agricultural development of two models based on ecological modernization and demodernization theories in Fars, province of Iran. Xavier et al. (2017) analysed the importance of different sustainable indicators in agroforestry using the extended goal programming model in Portugal. These two different methodologies allow the ordering of sustainability indicators according to their importance given by the stakeholders. Rezaei-Moghaddam & Karami (2008) showed that the stakeholders consider the environmental indicators more important and the results of Xavier et al. (2017) give relevance to the economic dimension. Yet, Marta-Costa (2010) used the multi-objective programming to plan a Portuguese farm that was capable of reaching a compromise between the economic and environmental sustainability.

Generally, the economic dimension of the sustainability assessment methods is concretized by the adoption of indicators related to the production, productivity, income, value added and employment, among others. The wise use of resources, product quality, agrochemicals used and management of water, waste, soil and organic matter are the variables used for environmental dimension. The participation in associations, cooperation, training, education and equity are some of the social indicators to assess the agricultural sustainability, but these are the least used in the sustainability literature (Gaviglio et al., 2017; Marta-Costa, 2010; Marta-Costa et al., 2012; Rezaei-Moghaddam & Karami, 2008; Xavier et al.,

2017).

Efforts must be made to find more sustainable solutions that allow a balance between their dimensions. Santini et al. (2013) and Sil-concerns about employee safety, company culture, concern about environmental impacts and the state of the environment, land protection and social responsibility (Gabzdylova et al., 2009; Grimstad, 2011; Silverman et al., 2005). External drivers are related to customer demand, investor, community and public pressure, competitors and compliance with regulations (Gabzdylova et al., 2009; Grimstad, 2011; Silverman et al., 2005). Finally, the strategic factors are the competitive advantage, differentiation, marketing benefits, public image, brand reputation, product quality and cost savings (Alonso, 2010; Gabzdylova et al., 2009; Grimstad, 2011; Silverman et al., 2005).

4. SUSTAINABILITY DYNAMICS BETWEEN 2001 AND 2012

With the Portuguese wine industry layout and production having been described in the previous section we follow up trying to answer the core of this empirical work and seek information about how sustainable this industry is currently. We use the database from PTFADN (2001-2012) for quality wines, available only for North and Alentejo regions, for the period from 2001 to 2014. However, the methodology of this database changed in 2013, so we present the evolution of sustainability indicators for both Portuguese regions only until 2012.

Following the list of quality criteria for a sustainability indicator and its dimensions defined for Herrera et al. (2016), Marta-Costa et al. (2012) and Martinho (2017), the analysed indicators or indexes will be organized in three groups, highlighting the economic, social and environmental (Annex I) contexts, in a sustainability perspective.

Economic indicators (Annex I) were those parameters which were designed to assess the economic profitability of the systems or to influence them directly (Marta-Costa et al., 2012). This dimension is very important because it influences the maintenance of the activity and the permanence of the farmers, which is essential for the protection of the environment and to preserve the landscape and natural resources. Besides satisfying food demand, viticulture must promote appropriate

Silverman et al. (2005) identify three drivers that motivate firms towards sustainability, which are internal, external and strategic drivers. The internal factors integrate managerial attitudes, returns for the family-holding, minimize risk aversion, reduce and promote the efficient use of external inputs and lead to self-sustaining and viable long-term systems.

All data in monetary terms was deflated using the prices index calculated by the National Statistics Institute (INE; 2002-2012) data from Portugal, with 2001 settled as the reference year.

From the economic indicators of Annex I it is possible to find that the utilized agricultural area (UAA) is greater in Alentejo with a decreasing evolution from 29,45 ha (on average by farm) in 2001 to 19,92 ha in 2012. In contrast, the North presented smaller average areas of around 7 and 8 ha but with some increases in the period 2001 to 2012.

The productivity of the UAA manifested by gross margin and agricultural production is higher in the North with an increasing trend after 2008 and slight decrease between 2011 and 2012. On the other hand, Alentejo had a strong decrease from 2001 to 2012.

The current subsidies per ha increased during the period in both regions from 2001 to 2012 and North received more subsidies on average per farm than Alentejo in all periods.

The intermediate consumption decreased slightly in the North and strongly in Alentejo from 2001 to 2012, with the North being the region with more intermediate consumption on average by farm in 2012.

The levels of agricultural capital by ha present signs of correlation (more in Alentejo than in North) with the levels of investment and the investment subsidies by ha that are, also, greater in the North. The levels of investment/ha in the North experimented a decreasing evolution until 2008 but afterwards increased until 2012. Those levels decreased drastically in Alentejo after 2003 (similar trend happens in the region for the productivities, maybe the intercalary CAP reform of 2003 had some effects) but seem to display some signs of increasing after 2008.

The competitiveness (net value added/AWU) decreased in the Alentejo between 2001 and 2012 due to a drastic decrease in 2002 and there was a decreasing evolution in North in the same period, looking namely for the values

in the beginning and end of the period. In 2012, the North had a slightly better competitiveness indicator.

The technical inefficiency of factor variable (the ratio among the intermediate consumption and the agricultural production) seems to follow an increasing evolution in the two regions, with irregular evolutions across the period. These indicators for the technical inefficiency of variable factor were built considering their relationships with the average productivity in the theory of production, following, for example, the considerations of Blancard & Martin (2014) and EUROSTAT (2016). It was considered, in our work, that when average productivity increase, the technical inefficiency of variable factor decreases. On average, the North has more TE with lower ratios of technical inefficiency (32,78% in 2012) as opposed to Alentejo (33,48% in 2012).

The social dimension of sustainability is related to the search for equality between the various social sectors, in terms of employment opportunities, access to resources and services. Equality between societies should be promoted, essentially, for an improvement in the quality of life (Marta-Costa et al., 2012). In this sense, for this work and according the available data, we select as social indicators (Annex I) the type of labour used in the system (AWU/ha) and salaries paid (€/AWU).

From Annex I, regarding social indicators, the data shows that North is the region with more labour per ha, which is interesting from a social perspective (not so good from an economic point of view), because it reveals more jobs in the farms. By 2012, the North had 0,23 AWU/ha in average by farm and Alentejo 0,07 AWU/ha. The salaries paid by AWU are higher in the North but with a decreasing evolution (3.388,09 in 2001 and 2.680,25 in 2012). In the Alentejo, salaries decreased from 2001 to 2012 with a strong decrease in 2005.

Finally, environmental indicators are those that provide information on the capacity of the proposed systems and strategies to be environmentally productive and sustainable (Marta-Costa et al., 2012). We select the indicators exposed in Annex I that represent the respect of grapes production for the ecological rules and for the harmony of the economic and environmental dimensions.

From an environmental approach (Annex I), the consumption of fuel and lubricants by ha increased in Alentejo and maintained, more or

less, a constant rate in the North between 2001 and 2012, with the North taking the lead in the majority of the period. For the fertilizers and crop protection consumption by ha between 2001 and 2012, the North presents the higher values. Both regions present, in general, a decreasing evolution for use of fertilizers and crop protection consumption. The electricity, fuel and water/ha, from 2001 to 2012, decreased strongly in the North and increased (considering namely the values in the beginning and in the final of the period) in the Alentejo (with the lower values). Alentejo seems to be the most environmentally sustainable region, which again is associated with the structural characteristics of this Portuguese zone, namely those related with the kind of agricultural activities produced here, with the climate availability of water and dimension of the farms.

The dynamics of the selected indicators are synthesized in Figures 3 and 4 in a comparative way, where the year 2001 assumes the index 100. This procedure uses the contribution of each indicator for the sustainability where more is better (e.g. profits) or less is preferable (e.g. crop protection). In the last case an inverse relationship is calculated. The value for each assessment sustainability dimension was the average of all the indicators exposed in Annex I.

The analysis of Figures 3 and 4 allows two brief observations. First, there is a growing trend of economic indicators only in the North region, despite a decreasing peak between 2005 and 2008 reaching its 2001 level. In the Alentejo region the economic dimension experienced a slight drop from 2001 to 2012. Second, the environmental and social indicators have fewer oscillations in the North. However, in Alentejo, the social indicators show a downward tendency for the future and the environmental indicators show an increasing trend (through linear tendency line).

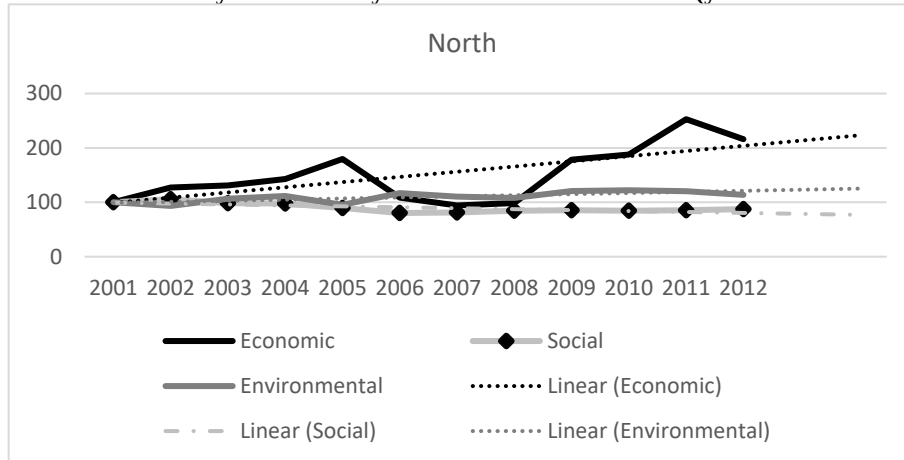
Figure 5 shows the relation between the sustainability indicators, by assessment area, for both regions under study, where North assumes the index 100.

According to Figure 5, it becomes evident the great differences are essentially among the environmental indicators, where Alentejo has much better environmental indicators than the North. Economic indicators began to be the most disparate between the two regions, from 2001 to 2004, but after this period there was an

approximation and the dimension moved to around the 100 level (between 88 and 114).

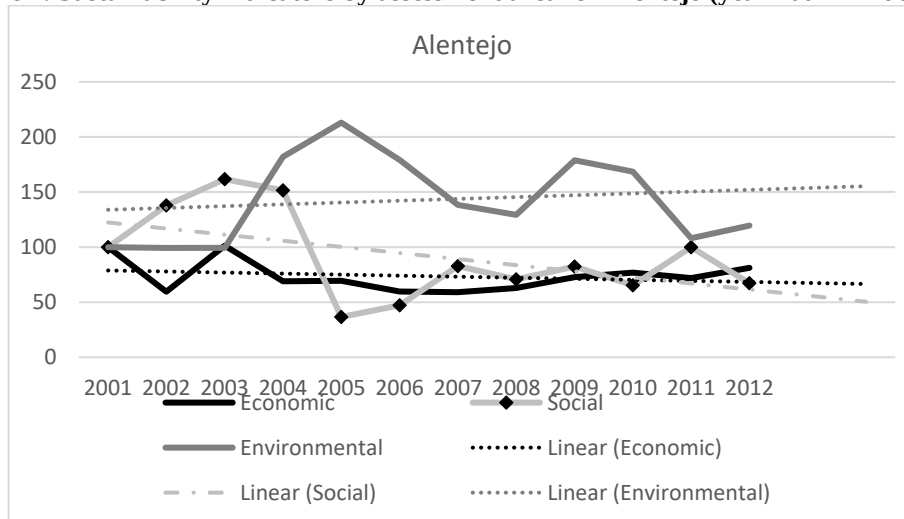
Social indicators are generally present with greater weakness for the Alentejo region.

Figure 3: Sustainability indicators by assessment area for North (year 2001 = Index 100)



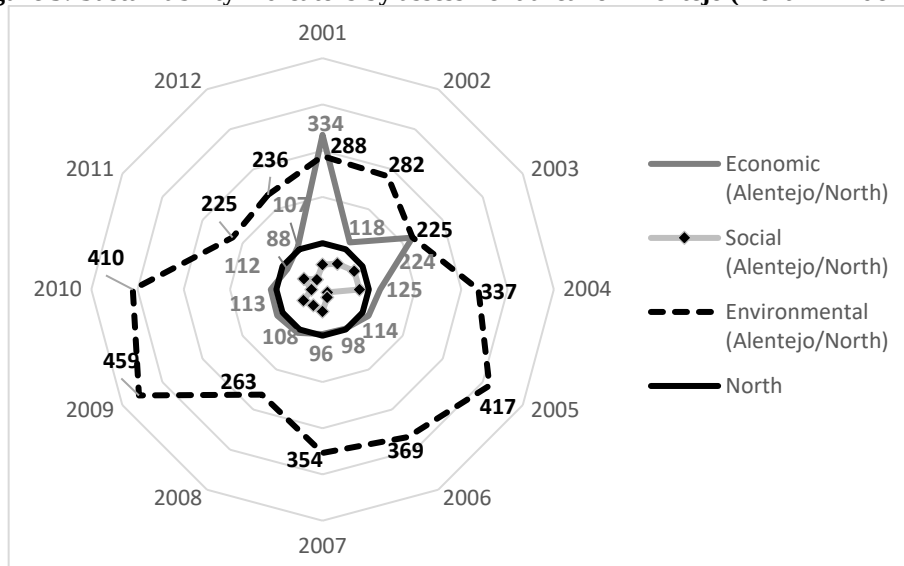
Source: Own elaboration with PTFADN (2001-2012) and INE (2002-2012) data)

Figure 4: Sustainability indicators by assessment area for Alentejo (year 2001 = Index 100)



Source: Own elaboration with PTFADN (2001-2012) and INE (2002-2012) data)

Figure 5: Sustainability indicators by assessment area for Alentejo (North = Index 100)



Source: Own elaboration with PTFADN (2001-2012) data)

5. CONCLUSION

This paper characterised and evaluated the Portuguese wine industry performance, considering some sector statistical analysis and a few sustainability indexes from the wine farms.

In a world context, Portugal seems to have much to improve regarding the production of grapes obtained with the available harvesting area. However, Portugal seems to have gained some efficiency production in recent years; despite having lost vineyard area, it gained in wine production. Relative to Portuguese regions, Trás-os-Montes and Alto Douro are the most important vineyard regions in terms of vineyard area and wine production, but Alentejo is the region with better evolution in the last years, where vineyard area increased 35% and production increased 165% from 2000 to 2015.

The sustainability indicators for the North and Alentejo allow us to conclude that Alentejo has farms with more area on average than in the North of Portugal. The North and Alentejo are very similar in economic dimensions after 2004, but the North has an increasing tenden-

cy. Relative to social indicators of sustainability, the North is more labour intensive and pays higher wages than Alentejo. Finally, relatively to environmental indicators of sustainability, Alentejo uses fewer resources that can harm the environment, comparative to the North. So we conclude that North is more socially sustainable and with greater progress in the economic dimension and Alentejo is more environmentally sustainable. These results suggest that these two regions could improve these overall sustainable indicators to achieve better competitiveness.

Despite the previous conclusions, it has to be mentioned that indicators may be a tricky subject since their selection and following results always depend on the researcher's sensibility upon their construction. There is also a clear lack of sustainability data on Portugal that should be taken into account in order to improve future studies and policy suggestion regarding this important industry. However, the sustainability assessment is always a good attempt for the improvement of the decision management of the farms.

REFERENCES

- Alonso, A.D. (2010), "How "green" are small wineries? Western Australia's case", *British Food Journal*, Vol. 112, N.º 2, pp. 155-170.
- Astier, M. & Hollands, J. (Eds) (2005), *Sustentabilidad y Campesinato: Seis Experiencias Agroecológicas en Latinoamérica*, México, GIRA A. C. and Mundi Prensa.
- Binder, C. & Wiek, A. (2007), "The role of transdisciplinary processes in sustainability assessment of agricultural systems" in: Häni, F., Pintér, L. & Ferren, H. (Eds.), *Proceedings and Outputs of the First Symposium of the International Forum on Assessing Sustainability in Agriculture (INFASA)*, Bern (Switzerland), pp. 33-48.
- Blackmore, K.L. & Goodwin, I.D. (2009), *Analysis of Past Trends and Future Projections of Climate Change and Their Impacts on the Hunter Valley Wine Industry*, Hunter and Central Coast Regional Environmental Management Strategy, Newcastle upon Tyne.
- Blancard, S. & Martin, E. (2014), "Energy efficiency measurement in agriculture with imprecise energy content information", *Energy Policy*, N.º 66, pp. 198-208.
- Borsellino, V., Migliore, G., D'Acquisto, M., Franco, C.P. Di, Asciuto, A. & Schimmenti, E. (2016), "Green Wine through a Responsible and Efficient Production: A case of a Sustainable Sicilian Wine Producer", *Agriculture and Agricultural Science Procedia*, N.º 8, pp. 186-192.
- Bosco, S., Bene, C., Galli, M., Remorini, D., Massai, R. & Bonari, E. (2013), "Soil organic matter accounting in the carbon footprint analysis of the wine chain", *International Journal of Life Cycle Assessment*, Vol.18, N.º 5, pp. 973-989.
- Capri, E. & Pomarici, E. (2014), "Modelli di sostenibilità a confronto nel settore vitivinicolo italiano". *Il Corriere Vinicolo*, N.º 9, pp. 16-17.
- Christ, K.L. & Burritt, R.L. (2013), "Critical environmental concerns in wine production: An integrative review", *Journal of Cleaner Production*, N.º 53, pp. 232-242.
- Cichelli, A., Pattara, C. & Petrella, A.

(2016), “Sustainability in Mountain Viticulture. The Case of the Valle Peligna”, *Agriculture and Agricultural Science Procedia*, N.º 8, pp. 65-72.

Colman, T. & Paster, P. (2009), “Red, white, and ‘green’: the cost of greenhouse gas emissions in the global wine trade”, *Journal of Wine Research*, Vol. 20, N.º 1, pp. 15-26.

Darnhofer, I., Fairweather, J. & Moller, H. (2010), “Assessing a farm’s sustainability: Insights from resilience thinking”, *International Journal of Agricultural Sustainability*, Vol. 8, N.º 3, pp. 186-198.

Elkington, J. (1998), “Partnerships from cannibals with forks: The triple bottom line of 21st-century business”, *Environmental Quality Management*, Vol. 8, N.º 1, pp. 37-51.

Espinosa, A., Harnden, R. & Walker, J. (2008), “A complexity approach to sustainability-stafford beer revisited”, *European Journal of Operational Research*, Vol. 187, N.º 2, pp. 636-651.

EUROSTAT (2016), Agri-environmental indicator – energy use. Available on http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Agri-environmental_indicator_-_energy_use, accessed on 27/02/2017.

FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations, 1993), *FESLM: An International Framework for Evaluating Sustainable Land Management*, World Soil Resources Reports, N.º 73, Rome, FAO.

FAOSTAT (Food and Agriculture Organization of the United Nations Statistics, 2017), Area harvested and Grapes Production in Crops Production, available in <http://www.fao.org/faostat/en/#home>, accessed on 27/02/2017.

Flint, D.J. & Golicic, S.L. (2009), “Searching for competitive advantage through sustainability: A qualitative study in the New Zealand wine industry”, *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, Vol. 39, N.º 10, pp. 841-860.

Flint, D.J., Golicic, S.L. & Signori, P. (2011), “Sustainability through resilience: the very essence of the wine industry”, in: *6th AWBR International Conference*, Bordeaux Management School (France). Available in <http://academyofwinebusiness.com/wp-content/uploads/2011/09/8-AWBR2011-Flint-Golicic-Signori.pdf>, accessed on 27/02/18.

Gabzdylowa, B., Raffensperger, J.F. & Castka, P. (2009), “Sustainability in the New Zealand wine industry: drivers, stakeholders

and practices”, *Journal of Cleaner Production*, Vol. 17, N.º 11, pp. 992-998.

Gaviglio, A., Bertocchi, M. & Demartini, E. (2017), “A tool for the sustainability assessment of farms: selection, adaptation and use of indicators for an Italian case study”, *Resources*, Vol. 6, N.º 4, pp. 60.

Greene, W. H. (2000), *Econometric analysis*, Upper Saddle River, N.J, Prentice Hall.

Grimstad, S. (2011), “Developing a framework for examining business-driven sustainability initiatives with relevance to wine tourism clusters”, *International Journal of Wine Business Research*, Vol. 23, N.º 1, pp. 62-82.

Hall, C.M. & Sharples, L. (2008), *Food and wine festivals and events around the world: Development, management and markets*, Routledge.

Häni, F., Stämpfli, A., Gerber, T., Porsche, H., Thalmann, C. & Studer, C. (2007). RISE: A Tool for Improving Sustainability in Agriculture. A Case Study with Tea Farms in Southern India, in: Häni, F., Pintér, L. & Ferren, H. (Eds.), *Proceedings and Outputs of the First Symposium of the International Fórum on Assessing Sustainability in Agriculture (INFASA)*, Bern (Switzerland), pp. 121-148.

Herrera, B., Gerster-Bentaya, M. & Knierim, A. (2016), “Stakeholders’ perceptions of sustainability measurement at farm level”, *Studies in Agricultural Economics*, Vol. 118, pp. 131-137.

Hill, C.W., Jones, G.R. & Schilling, M.A. (2014), *Strategic management: theory: an integrated approach*, Cengage Learning.

Hughey, K.F., Tait, S.V. & O’Connell, M.J. (2005), “Qualitative evaluation of three ‘environmental management systems’ in the New Zealand wine industry”, *Journal of Cleaner Production*, Vol. 13, N.º 12, pp. 1175-1187.

INE (Instituto Nacional de Estatística, 2002-2012), “Taxa de Variação do Índice de Preços no Consumidor”, available in <http://www.ine.pt/>, accessed on 22/06/2017.

IVV (Instituto do Vinho e da Vinha, 2017a), “Evolução da Área de Vinha”, available in www.ivv.min-agricultura.pt/np4/3_5/, accessed on 27/02/17.

IVV (Instituto do Vinho e da Vinha, 2017b), “Evolução da Produção Nacional de Vinho por Região Vitivinícola”, available in www.ivv.min-agricultura.pt/np4/35/, accessed on 27/02/17.

Jones, G.V. (2012), "Sustainable vineyard developments worldwide", *Bulletin de l'OIV*, Vol. 85, N.º 971-972-973, pp. 49-60.

Keoleian, G. (1999), "Overview of LCA and its Application to Sustainable Agriculture", in: Aistars, G. (Ed.), *Proceedings of Workshop of Life Cycle Approach to Sustainable Agriculture Indicators*, University of Michigan, 7 p.

Klassen, R.D. & McLaughlin, C. P. (1996), "The impact of environmental management on firm performance", *Management science*, Vol. 42, N.º 8, pp. 1199-1214.

Koohafkan, P., Altieri, M.A. & Gimenez, E.H. (2012), "Green agriculture: Foundations for biodiverse, resilient and productive agricultural systems". *International Journal of Agricultural Sustainability*, Vol. 10, N.º 1, pp. 61-75.

Marta-Costa, A.A. (2010), "Application of Decision Support Methods for Sustainable Agrarian Systems", *New Medit*, Vol. IX, N.º 2, pp. 42-49.

Marta-Costa, A.A. & Silva, E. (2013). "Approaches for sustainable farming systems assessment" in: *Methods and Procedures for Building Sustainable Farming Systems*, Netherlands, Springer, pp. 21-29.

Marta-Costa, A., Torres-Manso, F. & Tibério, L. (2012), "Sustainability diagnosis of an agroforestry system", *Regional Science Inquiry Journal*, Vol. IV, N.º 2, pp. 111-124.

Martinho, V.J.P.D. (2017), "Efficiency, total factor productivity and returns to scale in a sustainable perspective: An analysis in the European Union at farm and regional level", *Land Use Policy*, N.º 68, pp. 232-245.

Masera, Ó., Astier, M. & López-Ridaura, S. (2000), *Sustentabilidad y Manejo de Recursos Naturales. El Marco de Evaluación MESMIS*, México, GIRA A.C. and Mundi-Prensa.

Mencarelli, F. & De Propris, L. (2014), "Mappa dei modelli di produzione sostenibile: gli indicatori della sostenibilità del vino, in: Forum per la Sostenibilità del Vino (Ed.), *Primo Rapporto sulla Sostenibilità del Vino*, pp. 35-61, available in <http://www.vinosostenibile.org/wp-content/uploads/2014/10/Primo-Rapporto-Sostenibilita-del-Vino-Ottobre-2014.pdf>, accessed on 19/01/2015.

Misso, R. & Borrelli, I.P. (2013), "Wine system e identità territoriale", *Economia & Diritto Agroalimentare*, N.º 18, pp. 97-113.

OECD (Organisation for Economic Co-operation and Development, 2002), "Adoption

of technologies for sustainable farming systems", *Wageningen Workshop Proceedings*, available in <http://www.oecd.org/greengrowth/sustainable-agriculture/2739771.pdf>, accessed on 25/01/2017.

Ohmart, C. (2008), "Innovative outreach increases adoption of sustainable winegrowing practices in Lodi region", *California agriculture*, Vol. 62, N.º 4, pp. 142-147.

OIV (International Organisation of Vine and Wine, 2016), "OIV Statistical Report on World Vitiviniculture: World Vitiviniculture Situation", available in <http://www.oiv.int/public/medias/5029/world-vitiviniculture-situation-2016.pdf>, accessed on 28/01/2016.

Olde, E.M., Oudshoorn, F.W., Sørensen, C.A., Bokkers, E.A., & De Boer, I.J. (2016), "Assessing sustainability at farm-level: Lessons learned from a comparison of tools in practice", *Ecological Indicators*, N.º 66, pp. 391-404.

Pervanchon, F. (2007), "When farmers integrate sustainable development in their strategy thank a tree: the sustainable farm tree" in: Häni, F., Pintér, L. & Ferren, H. (Eds.), *Proceedings and Outputs of the First Symposium of the International Forum on Assessing Sustainability in Agriculture (INFASA)*, Bern (Switzerland), pp. 111-120.

Petronilho, S., Barros, A.S., Coimbra, M.A., & Rocha, S.M. (2013), "Efficient use of non-renewable natural resources for quality wine through sustainable viticulture" in: Raza, A. (Ed.), *Agricultural Systems in the 21st Century*, Nova Science Publishers, Inc., pp. 195-230.

Porter, M.E. & Kramer, M.R. (2007), "Strategy and society: The link between competitive advantage and corporate social responsibility", *Harvard Business Review*, Vol. 85, N.º 6, pp. 136-137.

PTFADN (The Portuguese Farm Accountancy Data Network, 2001-2012), "Resultados médios por exploração", available in <http://www.gpp.pt/index.php/rica/rede-de-informacao-de-contabilidades-agricolas-rica>, accessed on 23/03/2017.

Rezaei-Moghaddam, K. & Karami, E. (2008), "A multiple criteria evaluation of sustainable agricultural development models using AHP", *Environment, Development and Sustainability*, Vol. 10, N.º 4, pp. 407-426.

Robinson J. (2004), "Squaring the circle? Some thoughts on the idea of sustainable de-

velopment”, *Ecological Economics*, Vol. 48, N.º 4, pp. 369-384.

Russo, M.V. & Fouts, P.A. (1997), “A resource-based perspective on corporate environmental performance and profitability”, *Academy of management Journal*, Vol. 40, N.º 3, pp. 534-559.

Saltiel, J., Bauder, J.W. & Palakovich, S. (1994), “Adoption of sustainable agricultural practices: Diffusion, farm structure, and profitability”, *Rural Sociology*, Vol. 59, N.º 2, pp. 333-349.

Santiago-Brown, I., Jerram, C., Metcalfe, A. & Collins, C. (2014), “What does sustainability mean? Knowledge gleaned from applying mixed methods research to wine grape growing”, *Journal of Mixed Methods Research*, Vol. 11, N.º 3, pp. 232-251.

Santini, C., Cavicchi, A. & Casini, L. (2013), “Sustainability in the wine industry: key questions and research trends”, *Agricultural and Food Economics*, Vol. 1, N.º 1, pp. 1-14.

Silverman, M., Marshall, R.S. & Cordano, M. (2005), “The greening of the California wine industry: Implications for regulators and industry associations”, *Journal of Wine Research*, Vol. 16, N.º 2, pp. 151-169.

Sinha, P. & Akoorie, M.E. (2010), “Sustainable environmental practices in the New Zealand wine industry: An analysis of perceived institutional pressures and the role of exports”, *Journal of Asia-Pacific Business*, Vol. 11, N.º 1, pp. 50-74.

Smith, C.S. & McDonald, G.T. (1998), “Assessing the sustainability of agriculture at the planning stage”, *Journal of Environmental Management*, Vol. 52, N.º 1, pp. 15-37.

Van Cauwenbergh, N., Biala, K., Bienders, C., Brouckaert, V., Franchois, L., Ciudad, V., Hermy, M., Mathijs, E., Muys, B., Reijnders, J., Sauvenier, X., Valckx, J., Vanclooster, M., Van Der Veken, B., Wauters, E. & Peeters, A. (2007), “SAFE – A Hierarchical Framework

for Assessing the Sustainability of Agricultural Systems”, *Agriculture, Ecosystems and Environment*, N.º 120, pp. 229-242.

Viassone, M., Vrontis, D. & Papasolomou, I. (2016), “The relationship between wine sector and regional competitiveness”, *Global Business and Economics Review*, Vol. 18, N.º 3-4, pp. 259-276.

Vilain, L. (2008), *La Méthode IDEA. Indicateurs de Durabilité des Exploitations Agricoles: Guide d'Utilisation*, Dijon, Educagri éditions.

Von Wirén-Lehr, S. (2001), “Sustainability in agriculture - an evaluation of principal goal-oriented concepts to close the gap between theory and practice”, *Agriculture, Ecosystems & Environment*, Vol. 84, N.º 2, pp. 115-129.

Wiek, A. & Binder, C. (2005), “Solution spaces for decision-making – a sustainability assessment tool for city-regions”, *Environmental Impact Assessment Review*, N.º 25, pp. 589-608.

Woodruff, R.B. (1997), “Customer value: the next source for competitive advantage”, *Journal of the Academy of Marketing Science*, Vol. 25, N.º 2, pp. 139-153.

Xavier, A., Freitas, M., Fragoso, R. & Rosário, M. (2017), “Uma Abordagem Baseada na Programação Por Metas Para a Gestão de Sistemas Agroflorestais Com Múltiplos Stakeholders”, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, N.º 46, pp. 57-70.

Zanoli, R., (2007), “Quale futuro per l'agricoltura sostenibile?” *Rivista di Economia Agraria* N.º 62, pp. 371-382.

Zucca, G., Smith, D.E. & Mitry, D.J. (2009), “Sustainable viticulture and winery practices in California: what is it, and do customers care?” *International Journal of Wine Research*, N.º 2, pp. 189-194.

ANNEX A - Economic, Social and Environmental Indicators for the Wine Farms over the North (N) and Alentejo (A) Regions (2001-2012)

		Indicators	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
ECONOMIC	N	Utilized agricultural area (ha)	7,86	7,83	7,77	8,22	7,7	8,31	7,86	7,64	8,09	8,56	8,72	8,23
		Gross margin (€/ha)	2983,67	2337,68	2049,38	2128,36	2095,12	1906,40	1822,77	1838,99	2195,41	2300,89	2339,28	2161,58
		Agricultural production (€/ha)	4014,87	3304,63	2744,40	2778,95	2697,63	2564,31	2450,79	2349,89	2778,49	2942,63	2891,27	2619,07
		Current subsidies (€/ha)	141,39	160,24	174,43	214,79	250,06	225,06	182,70	226,49	333,98	286,84	332,12	498,18
		Intermediate consumption (€/ha)	979,32	1041,73	737,26	726,33	803,58	786,06	734,96	630,58	791,66	817,91	778,56	858,64
		Agricultural Capital (€/ha)	10896,11	10769,39	10239,29	9749,14	11814,85	11465,21	10736,68	9576,79	10142,56	10045,49	12661,26	13227,51
		Investment (€/ha)	744,31	710,16	570,47	488,93	495,15	672,63	284,15	192,13	595,24	627,33	528,08	703,58
		Investment subsidies (€/ha)	17,27	81,13	85,60	100,50	162,21	37,40	29,27	30,48	145,78	163,04	266,40	188,15
		Competitiveness indicator	10848,9	6925,40	6564,00	7185,63	7089,66	8261,14	7539,03	7881,02	8293,84	9442,80	9280,27	7898,06
		Technical inefficiency (%)	24,39	31,52	26,86	26,14	29,79	30,65	29,99	26,83	28,49	27,80	26,93	32,78
	A	Utilized agricultural area (ha)	29,45	30,19	24,16	25,04	26,14	22,6	24,43	20,84	26,55	24,01	20,48	19,92
		Gross margin (€/ha)	3385,88	1792,41	4236,83	2661,99	792,76	828,12	768,75	1307,96	1021,08	957,88	1038,02	801,51
		Agricultural production (€/ha)	3869,64	3330,83	5325,81	3290,26	809,30	875,32	952,66	1396,79	1104,70	926,70	1078,07	678,79
		Current subsidies (€/ha)	154,2	98,80	95,74	96,25	48,59	90,04	62,47	168,82	111,08	158,04	254,61	274,30
		Intermediate consumption (€/ha)	712,87	1637,08	1644,13	631,31	197,40	270,35	305,55	444,73	237,94	218,17	429,93	227,28
		Agricultural Capital (€/ha)	5904,31	5522,60	6961,25	6195,99	3496,84	3576,46	5562,68	6237,32	4756,39	3687,21	7281,74	4419,23
		Investment (€/ha)	986,14	622,36	1477,90	116,25	122,25	43,26	218,84	68,23	91,70	147,76	260,83	252,67
		Investment subsidies (€/ha)	306,97	60,83	561,12	14,59	0	22,61	0	22,76	14,53	81,59	146,04	117,76
		Competitiveness indicator	45104,15	14489,94	23790,82	21601,00	9537,02	8370,85	5709,09	16139,25	12237,76	10159,73	7034,36	7804,43
		Technical inefficiency (%)	18,42	49,15	30,87	19,19	24,39	30,89	32,07	31,84	21,54	23,54	39,88	33,48
SOCIAL	N	Labour (AWU/ha)	0,24	0,27	0,25	0,24	0,21	0,17	0,18	0,18	0,22	0,21	0,21	0,23
		Salaries paid (€/AWU)	3388,09	3344,31	3126,68	3231,18	3096,31	3040,07	2958,58	3179,55	2670,68	2761,39	2810,09	2680,25
	A	Labour (AWU/ha)	0,06	0,1	0,12	0,1	0,04	0,05	0,06	0,05	0,06	0,07	0,09	0,07
		Salaries paid (€/AWU)	2799,54	3052,15	3452,76	3814,02	182,48	304,85	1832,77	1630,50	1812,22	396,43	1399,13	496,20
ENVIRONMENTAL	N	Fuel and lubricant (€/ha)	76,95	84,05	69,00	71,13	99,019	71,63	70,42	81,66	58,10	72,14	77,90	77,29
		Fertilizers (€/ha)	61,33	81,53	71,47	57,01	59,03	51,63	56,14	71,11	55,72	65,16	63,09	58,86
		Crop protection (€/ha)	142,88	143,86	131,62	112,29	116,38	116,12	146,83	160,40	149,67	129,83	135,37	130,24
		Electricity, fuel and water (€/ha)	24,37	22,72	20,19	23,72	31,40	20,54	19,32	15,05	16,88	13,72	13,55	17,26
	A	Fuel and lubricant (€/ha)	49,96	46,10	53,05	43,66	40,24	42,98	46,05	69,97	49,23	64,15	110,70	57,76
		Fertilizers (€/ha)	35,82	69,39	22,99	12,56	10,40	14,06	23,56	11,31	20,50	22,20	16,35	26,75
		Crop protection (€/ha)	92,36	66,27	105,24	34,72	27,68	39,99	64,14	96,08	46,63	53,25	112,73	48,60
		Electricity, fuel and water (€/ha)	3,62	3,71	6,07	5,82	7,27	3,16	2,43	10,94	1,50	1,38	4,21	5,36

Source of data: PTFADN (2001-2012)

Observation: All data in monetary terms was deflated using the prices index calculated with INE (2002-2012) data, with 2001 settled as the reference year.

Gastronomia de Taberna & Storytelling: Saberes e Sabores Que Reforçam a Identidade Cultural do Território¹

Tavern Gastronomy & Storytelling: Flavors and Narratives Reinforcing Territory Identity

Josefina Salvado

josefina.o.salvado@gmail.com

Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS)
Universidade de Évora

Ana Maria Ferreira

amferreira@uevora.pt

Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS)
Universidade de Évora

Jaime Serra

jserra@uevora.pt

Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS)
Universidade de Évora

Noemi Marujo

noemi@uevora.pt

Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS)
Universidade de Évora

Resumo/ Abstract

A gastronomia de taberna, quando observada pela lente dos rituais identitários dos destinos, reflete os diversos marcadores simbólicos da sua génese cultural, permitindo que os saber fazer e os gostos culinários sejam mantidos vivos, e se tornem agentes de progresso regional. Os patrimónios alimentares são espaços de inovação (criatividade) e permanência (tradições), onde se valoriza cada vez mais não só o momento de preparar a comida, mas ainda os modos de socialização, de transmissão cultural e de storytelling. Aplicou-se uma metodologia de “triangulação” de fontes, contendo uma análise comparativa entre três livros de receituários tradicionais, visando elencar os pratos e petiscos mais autênticos e emblemáticos da gastro-

The tavern gastronomy reflects several cultural symbolic markers, allowing intangible heritage and culinary tastes to be kept alive. Taverns are spaces of innovation (creativity) and permanence (traditions), where socialization modes, cultural transmission and storytelling are increasingly appreciated by tourists. A “triangulation” of three sources (cookbooks) was used as methodology, aiming to list the most authentic and emblematic dishes of the Alentejo gastronomy. Municipalities and tourism entities must cherish the tavern concept, supporting the safeguarding and preservation of these spaces and cultures and also the territory development.

¹ A investigação, produção e publicação do artigo recebeu financiamento ao abrigo do programa de fundos europeus FEDER/PT2020 e financiamento nacional proveniente da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) - UID/HIS/00057/2013 – POCI-01-0145-FEDER007702 projeto - CIDEHUS

nomia Alentejana. Importa que os Municípios e as entidades de turismo acarinhem o conceito de taberna apoiando a salvaguarda e preservação desses espaços e dessas culturas, e com isso, promover o desenvolvimento do território.

Palavras-chave: Taberna de gastronomia; Património cultural & criativo; Rota das tabernas; Alentejo

Código JEL: Z32, R11, A14, N9

Keywords: Gastronomy; Cultural & creative heritage; Taverns Route; Alentejo

JEL Codes: Z32, R11, A14, N9

1. INTRODUÇÃO

“A cozinha de uma região é uma linguagem na qual ela traduz inconscientemente as suas estruturas”, Levi-Strauss,(1964)

Desde os primórdios da civilização, que o homem vem construindo uma narrativa a partir da mesa (como estratégia na guerra e paz, em acordos de casamento, na sociabilidade, nos protocolos, em demonstrações de poder, riqueza e hierarquias, ...), criando uma identidade culinária (através da escolha dos alimentos, processos e técnicas) e diferenciando a gastronomia (pelos saberes, sabores, gostos e sociabilidade), dando assim sentido ao universo onde está inserido.

Atualmente, e segundo Jean-Louis Rastoin no prefácio de Noronha (2016), o corpus científico da economia agro-alimentar é ainda reduzido. O conceito de sistema alimentar é relativamente novo e ainda pouco explorado, apesar do grande interesse teórico e empírico que tem. Em Portugal este caminho vai sendo construído, e materializado na Resolução do Conselho de Ministros nº 96/2000 (2000:3618-3620), onde a cozinha tradicional viu consagrada a sua importância, associada à identidade nacional.

“É hoje inquestionável que a identidade cultural dos povos, a par de bens corpóreos que testemunham o respetivo percurso civilizacional, integra ainda um vasto património intangível que, ao longo do tempo, vai revelando a sua particular visão da realidade. Entre estes modos de expressão cultural, muitas vezes sem suporte físico e mais vulneráveis do ponto de vista da respetiva preservação, mas contudo relevantes pelo contributo para a caracterização de certos aspetos de uma nação

ou das partes que a compõem, figuram, entre outras, as artes culinárias. Entendida como o fruto de saberes tradicionais que atestam a própria evolução histórica e social do povo português, a gastronomia nacional integra pois o património intangível que cumpre salvaguardar e promover.”

Esta norma transmite a ideia de que os sabores e saberes tradicionais atestam a evolução histórica e social do povo português e que a gastronomia nacional integra o património intangível, que cumpre salvaguardar e promover. Por outro lado, importa destacar que os sistemas culinários constituem um espaço de inovação (criatividade) e de permanência (tradições), valorizando não só o momento de preparar a comida, mas os modos de socialização e partilha da refeição e de transmissão cultural de histórias (storytelling).

A inspiração fundadora deste trabalho, centrou-se na temática da alimentação de taberna, associada a um espaço território do Sul de Portugal, o Alentejo (Figura 1), visando criar maior notoriedade turística e explorar o potencial desenvolvimento daquele território. Seguindo o pensamento de Rastoin, in Noronha (2016), é essencial a conceção de um sistema de alimentação «regionalizado», de maior proximidade e em linha com os objetivos de desenvolvimento sustentável. A economia de taberna pode assim, contribuir para reduzir os circuitos longos típicos do sistema alimentar global, bem como estreitar os laços entre as pessoas nas comunidades, promover os legados gastronómicos das regiões e dar a conhecer aos visitantes as suas tradições e costumes.

O termo "taberna" e "taverna" deriva etimologicamente do latim *taberna* e do grego *ταβέρνα*, que significa "abrigo" ou "oficina",

sendo um espaço privilegiado de socialização. Conforme cita Orlando Leite “após um dia de jorna (as tabernas) eram pontos de encontro

inevitáveis, nos quais se partilhava a bebida e se carpiam mágoas e discussões” (Leite, 2012:5).

Figura 1 – Território de estudo



Fonte: Guia de restaurantes certificados do Alentejo (2014:6), in https://www.visitalentejo.pt/fotos/editor2/eBooks/guia_de_restaurantes_certificados_do_alentejo_pt.pdf

Existe uma forte relação do território (através da gastronomia) com a taberna e a relação da taberna com a economia local. De notar que a taberna é uma atividade económica que tem o vinho como principal produto comercializado, sendo um garante de negócio para os produtores locais. Na região do Alentejo a relação da taberna com a economia local não se limita ao vinho, destacando-se a caça e os produtos hortícolas locais. O pequeno produtor agrícola, na maioria das vezes frequentador da taberna, que pratica uma agricultura de subsistência, encontra na taberna o local de escoamento do excedente da sua produção. O mesmo acontece com o caçador sazonal que ao vender determinada peça de caça ao taberneiro, para a confeção de determinado petisco, obtém um rendimento extra. Portanto a taberna poderá ser um catalisador do desenvolvimento regional.

A realidade descrita em cima, alimenta a memória da minha vivência de infância, recordando as tabernas como um local onde bebiam

os homens da terra, onde se comprava vinho ao quartilho, se petiscava, se adquiria o conduto (queijo, linguiça, azeitonas, peixe, presunto, pão), se comprava o coto de cera, os fósforos e o petróleo e se aviavam alguns víveres para a casa. Por vezes havia alguém que tocava e cantava e pagava-se a pronto ou conseguia-se fiado (“ponha no livro” como diziam), com acerto de contas no final do mês (ou quando possível).

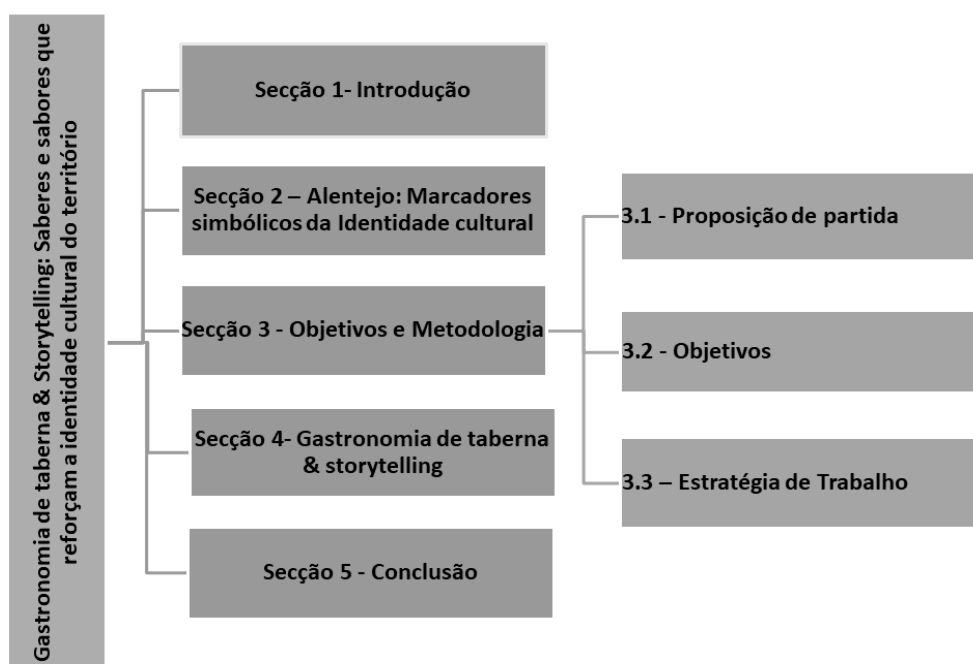
A taberna de ontem deu lugar a restaurantes tradicionais hoje, oferecendo vinho e pratos típicos da região, guardando no seu espaço memórias de outros tempos, expressos na arquitetura, no mobiliário e na decoração. Para além da gastronomia típica alentejana, a sua vertente cultural e de sociabilidade englobam as histórias contadas e recontadas aos clientes. Este ambiente e narrativas, possuem grande potencial de promover a notoriedade do destino e de alavancar as dimensões identitária, económica, social, cultural e turística desses

espaços-território. Para dar corpo a essa mensagem, o trabalho engloba 5 secções conforme mostra a figura 2.

Na **Secção 2**, o trabalho inicia com uma profunda revisão de literatura acerca dos diversos povos que ocuparam o Alentejo. Soares (2010) destaca a existência de um vasto capital cultural acerca da temática “Alimentação”, observando-se um elevado grau de especialização nos domínios da seleção e preparação de alimentos. Soares, (2011) menciona ainda, que a mais antiga e abundante fonte grega de que se tem conhecimento (do séc. IV a. C.), no âmbito da literatura gastronómica especializada, vem atribuída a Arquéstrato, um autor siciliano. O conceito de “taberna”, acomoda um património coletivo que foi legado às comunidades e transmitido através de gerações, que se quer vivo. No caso do Alentejo os saber fazer e

os gostos culinários são tributários dos povos e das civilizações que habitaram aquele espaço-território, revelando no seu receituário culinário e gastronómico, influências várias: Fenícias, Celtas, Romanas, Visigóticas, Muçulmanas. Desse contacto, diversos marcadores simbólicos emergiram, resultando em ícones da sua identidade cultural. No período do Séc. XV a XIX a composição das receitas, as técnicas de confeção e produtos utilizados, são muito variados, evidenciando todas as culturas que partilharam connosco os seus sabores e saberes. Na **Secção 3**, definem-se os objetivos e aplica-se uma metodologia de “triangulação” (Blaikie, 1991) de dados de 3 fontes impressas do Século XX, sem antes particularizar a linhagem de livros de receitas em Portugal, desde o Século XV a XIX.

Figura 2 - Esquema de trabalho



Fonte: Produção própria

Na **Secção 4** pretende-se refletir acerca das evidências práticas dos atributos identitários, que ainda no século XX, são referências simbólicas da cozinha tradicional alentejana, e que poderão gerar interessantes argumentos para o storytelling. Elencam-se os símbolos gastronómicos do Alentejo, através da análise de três obras de referência culinária, “A cozinha tradicional portuguesa” de Maria de Lourdes Modesto, a “Cozinha de Portugal – Alentejo” de Maria Odete Cortes Valente e o “Guia das

Tascas e Tabernas de Portugal” de Orlando Leite. A análise destes livros de culinária como fonte histórica, seguiu a grelha de Albala (2012), respondendo sempre que possível a 5 questões: quem escreveu, quando e onde foi publicado, qual o público-alvo e porque foi escrito.

Na **Secção 5**, conclui-se que, comer e beber é uma necessidade natural e fisiológica de todos os homens, em todos os tempos, sendo sobretudo um ato de sociabilidade, cuja lin-

guagem o Homem utiliza para comunicar e conviver (Coelho:1994). Acompanhando este espírito, a gastronomia e vinho nas tabernas alentejanas permitem a salvaguarda deste património histórico material e imaterial, sendo um poderoso catalisar de outras dimensões (turismo, económica, humana e de memória), com impactes no desenvolvimento dos espaços-território. A gastronomia e vinhos dos territórios, olhados na perspectiva dos rituais identitários dos destinos, podem ser potenciados através de narrativas de *sotrytelling* cultural. Segundo vários autores (Kim, Jong-Hyeong & Youn, Hyewon, 2017) esta ferramenta incrementa a performance da Oferta (ao mostrar novas dimensões de diferenciação no desenho de produtos e serviços turísticos) e agrega valor à Procura (ao envolver o visitante com as comunidades, potenciando a cocriação de valor das experiências). Por fim, as tabernas podem auxiliar a criar experiências memoráveis para os turistas, gerando lembranças e sensações positivas no seu imaginário e por consequência um desejo de repetir a experiência. Todos estes argumentos são poderosos potenciadores do desenvolvimento dos territórios.

2. ALENTEJO: MARCADORES SIMBÓLICOS DA SUA IDENTIDADE CULTURAL

O Território é a base material da paisagem. A Convenção Europeia sobre a Paisagem, aprovada pelo Conselho da Europa em julho de 2000, define o conceito de Paisagem como “um componente básico do património natural e cultural europeu”, dando-lhe assim um significado “coletivo”. Por outro lado, a palavra “Território” deriva de terra, terra trabalhada e vivida, o que lhe dá desde logo, um estatuto de autenticidade, telúrico e ancorado.

Portanto, dentro dos territórios existem lugares, que estão relacionados com a dimensão cultural e com a identidade do espaço onde as relações de proximidade e afetividade dos indivíduos se entrelaçam (Martins, 1882; Guia de Portugal, 1995). Oliveira Jorge (2005) reforça esta ideia, considerando que o território é entendido como o espaço produzido e apropriado pela sociedade (portanto é um ato comunitário), composto pela inter-relação dos objetos naturais e culturais. Expressa-se em cada território, uma identidade cultural que apela a um

discurso assente na unidade e singularidade do coletivo.

Em Portugal, a essência do termo “coletivo” é pouco pacífico, colocando em discussão uma grande variedade de sentidos e uma multiplicidade de representações. Diversos autores possuem opiniões divergentes quanto ao elemento que permitem garantir a originalidade dos espaços geográficos do norte e do sul, quanto a cultura, tradição e costumes.

Por exemplo Cabral, (1992) coloca a tónica no conjunto de fatores geográficos, sociais e económicos, que enformam “duas culturas substancialmente distintas”, a do norte e a do sul. Ratazzi, (1997) corroborou esta ideia, quando escreveu no seu livro de recordações acerca de Portugal, dizendo que o país se podia dividir em duas regiões distintas, a do norte, muito produtiva e cultivada, e a do sul, com alguma analogia ao deserto do Saara. Por seu turno, Vasconcellos, (1982), alega que os “habitantes do norte e da beira são mais humildes do que os do sul”, Figueiredo, (1903) considerou o contraste religioso entre o norte e o sul, resultante do maior contacto das gentes do sul com o islão e Ribeiro (1967) discernia que a dualidade no território português, tinha um cariz geográfico, assente em influências atlânticas a norte e em mediterrânicas a sul, ao que acrescentava a clivagem entre litoral e interior.

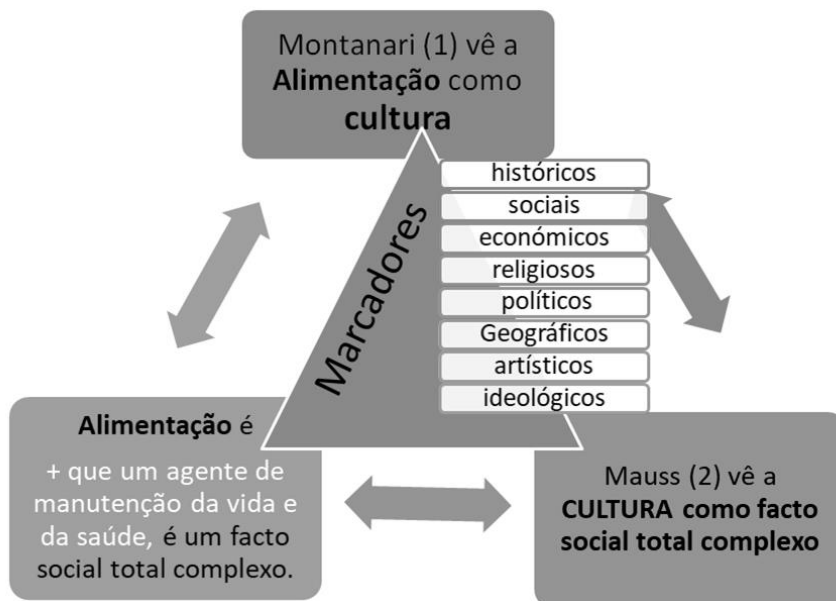
Portanto, sendo um país relativamente pequeno em tamanho, possui uma grande diversidade em termos de paisagem cultural, na qual se incluem os patrimónios alimentares. No que respeita à alimentação, Montanari (2004) vê-a como cultura, e Mauss (1968) refere-a como facto social total complexo, sendo o resultado da junção de várias dimensões: históricas, sociais, económicas, religiosas, políticas, geográficas, artísticas e ideológicas e não apenas um agente de manutenção da vida e da saúde. (Figura 3) Da integração dessas dimensões resultam marcadores de diferenciação que permitem construir identidades. Será a linguagem do Alentejo e as suas linhagens culturais, que se podem descobrir nas próximas secções.

Portanto perante tal diversidade de opiniões, optou-se por fazer uma breve referencia a marcadores (históricos, geográficos, de carácter, sociais e religiosos) que influenciaram a alimentação do espaço-território Alentejo. Percebe-se que os diversos povos que ocuparam o território, ao partilharem os seus saberes, sabores, técnicas e etiqueta, deixaram um valioso legado de patrimónios (material, imaterial

e móvel) e uma herança cultural que ainda hoje

permite a diferenciação regional em Portugal.

Figura 3 – Alimentação como facto social total



Fonte: Produção própria com base em Montanari, Massimo (2004 1ª edição) (2006) e Mauss, Marcel (1968:147).

2.1 Marcadores históricos do território do Alentejo

Partindo do significado de “nação” como entidade, esta põe em evidência uma variedade de sentidos e uma multiplicidade de representações que assinalam e definem os territórios, garantindo a sua originalidade quanto à cultura, tradição e costumes. Branco (1999) alega que o conceito de “nação” determinou que a identidade nacional estava assente num discurso de unidade e singularidade coletivas. No respeitante ao Alentejo, e de acordo com Saramago et al. (2000), o território foi ocupado por diversos povos Fenícios, Celtas, Romanos, Visigodos e Muçulmanos, que partilharam os seus saberes, técnicas, etiqueta e modos de socializar.

2.1.1 Os Fenícios

Os Fenícios povoaram a região alentejana no séc. VII a.C., tendo trazido uma grande quantidade de melhoramentos, como as formas de escrita e a abertura de rotas comerciais, influenciando a vida dos povos indígenas do Sul do país. No setor agrícola intensificaram as áreas de cultivo de cereais (cevada, trigo), vegetais (ervilhas, lentilhas, favas, alhos, cebolas, pepinos, alhos-porros), árvores de fruto (figueira, macieira, romãzeira, amendoeira e

videira) e introduziram novos métodos no fabrico do vinho e do azeite. Os Fenícios trouxeram a técnica de preparação do *Garum* e outras formas de conservação do peixe (salga).

No setor tecnológico inovaram a metalurgia do ferro (fabricaram armas e utensílios domésticos) e introduziram a roda de oleiro e noções de olaria, com impactes nas condições e conservação dos alimentos. A tradição de moldar o barro, na produção de talhas e outros utensílios domésticos ainda é uma referência no Alentejo (exemplo a Casa do Barro - Centro Interpretativo da Olaria de S. Pedro do Corval e a produção de talhas vinárias). Quanto à vinha, ela é muito antiga no território alentejano, mas só a partir do séc. VII a. C. começou a ser cultivada com a intenção de produzir vinho. Diogo, (1988), refere que nessa época o vinho era guardado em ânforas (“ânforas vinárias”) bebendo-se cortado com água devido ao seu teor alcoólico e espessura. No respeitante ao azeite, era utilizado inicialmente em rituais religiosos, na iluminação, para práticas medicinais e higiénicas e por fim na alimentação. Pela primeira vez é estabelecida a diferença entre “civilização” (consumo de azeite e vinho) e a “barbárie” (consumo de cerveja e manteiga animal).

Portanto, ainda hoje muitos destes produtos agro alimentares alentejanos foram classificados como DOP – Denominação de Origem Protegida, como o Azeite de Moura DOP,

Azeites do Alentejo Interior DOP, Azeites do Norte Alentejano DOP².

2.1.2 Os Celtas

Os Celtas (bárbaros – grandes devoradores de carne) chegaram no séc. VI a. C. vindos por terra, do centro e norte da Europa, baseando os seus costumes na caça e pastorícia, trazendo as técnicas da Idade do Ferro. Nos seus hábitos alimentares estava a carne de vaca e porco, caça, trigo, favas, derivados do leite, queijos e manteiga. A mistura das duas singulares civilizações permitiu a coexistência das “cozinha civilizada” e “cozinha barbara” criando uma identidade própria à culinária local. Os produtos resultantes de atividades de pastorícia como os Queijo de Évora DOP, Queijo de Nisa DOP, Queijo Serpa DOP³, Requeijão Serpa, e a caça são uma referência do território alentejano.

2.1.3 Os Romanos

Os Romanos iniciaram em 45 a. C. o processo de aculturação intencional do território alentejano, seguindo as regras de Roma. A agricultura conhece uma enorme intensificação, privilegiando a monocultura - vinho, azeite e trigo – e a indústria especializou-se com a fabricação de cerâmica, preparação de peixe e exploração mineira. A romanização alastrou-se à religião, usos, costumes e alimentação, influenciando as gentes locais. Pessoas importantes vindas do império, instalaram-se em grandes cidades como Évora, Beja, Mértola, Alcácer do Sal, etc, trazendo com eles hábitos alimentares e maneiras de estar à mesa mais sofisticadas. Estes romanos eram muito urbanos o que fez as cidades ganharem poder, ficando o campo como uma atividade menor, com o objetivo específico de alimentar as cidades do império. Perante esta explosão populacional durante o séc. I d. C., o comércio incrementou-se sendo necessário importar vinho da Itália e Espanha. O intercâmbio de produtos, a facilidade de transporte e as novas formas de conservação originou uma modificação nos hábitos alimentares, enriquecendo-se as práticas culinárias. Nasce uma “cozinha civilizada” que era sustentada por 3 pilares: a convivialidade, o género dos alimentos consumidos e a cozinha.

- **A convivialidade** foi o elemento estruturante da sociedade humana, significando conviver à mesa, mostrando agregação ao grupo e manifestando as identidades. O comportamento romano filia-se na prática grega do *symposium*, que reunia os convivas após o repasto, para beberem vinho, mostrando com isso um sinal de civilização. Os Gregos ritualizavam o ato de beber vinho, tomando-o numa cerimónia diferenciada do banquete (os gregos não bebiam vinho quando comiam). Os gregos dominavam o ato de beber vinho, sabendo parar. Por seu turno, os romanos dessacralizaram o ato de beber vinho, acompanhando as refeições com ele.

- **Alimentos consumidos:** O **pão** (alimento básico na norma alimentar romana). Foram os padeiros romanos que fizeram a primeira receita de massa de pão com mel e azeite. As tibornas feitas de pão quente polvilhado com sal e regado com azeite era uma cortesia que os ajudantes de padeiro faziam ao mestre. Atualmente o pão alentejano é uma referência da gastronomia nacional (Produtos Tradicionais Portugueses, Lisboa, DGDR, 2001).

- O **azeite** (a azeitona era o elemento assistencial do pão, sendo comidas depois de “adoçadas” e temperadas com sal e com orégãos. Foram os romanos que trouxeram para o Alentejo uma massa feita de azeitona esmagada, à qual adicionavam alho pisado e sal. O **vinho** (os romanos intensificaram o cultivo da vinha no Alentejo, que já estava implantada e usavam técnicas inovadoras de enxertia). Esta trilogia (pão, azeite e vinho) do “fazer”, distingue os homens civilizados dos animais.

Para o homem civilizado a agricultura é um fundamento da sua condição de civilização, pois é uma atividade que apoia a confeção dos seus próprios alimentos e desenvolve a prática de criar os seus próprios animais domesticados. Mas os alimentos “civilizados” não eram suficientes e os povos tiveram de se dedicar à pastorícia, à caça e em transformar em farinha outros cereais como a cevada e o centeio, com as quais era feita uma papa (base da alimentação). Os romanos consumiam muito leguminosas (fava, grãos, lentilhas, etc), vegetais (couve, nabos, rábanos, cebolas,) cogumelos e utilizavam ervas aromáticas. Comiam pouca carne de vaca pois apenas era permitido o seu consumo após um ritual de sacrifício. O porco era bastante consumido.

² <https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/zona-geografica/alentejo>

³ <https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/cat/queijos-e-produtos-lacteos?start=18>

• **Estrutura da cozinha:** os romanos estruturaram uma cozinha eficiente na confecção dos alimentos e de os tornar agradáveis ao paladar. Surge o conceito de dietética e de saúde na cozinha (com a medicina dos humores: quente, frio, seco, húmido). Pedia-se à cozinha que fosse capaz de juntar quente onde exista excesso de frio, húmido onde exista

excesso de seco, etc. A cozinha foi considerada uma forma de correção da natureza, através do uso dos temperos, da arte de combinar os alimentos, da ordem dos pratos a serem servidos, das técnicas de cozimento, etc.. Por outro lado, os romanos gostavam de ter uma horta com legumes, frutas e uvas.

Quadro 1- Resumo de algumas características alimentares da cozinha árabe

Interditos	A cozinha árabe não permitia alimentos de porco. O vinho era tolerado.
Pão	A cozinha árabe nasceu numa região pobre onde os pastores nómadas viviam de laticínios, um pouco de carne de borrego e legumes. Nos oásis havia um pouco mais de variedade como cereais, legumes e frutos. A escassez de alimentos esteve na origem de um prato (tarida = migas de pão) baseada em pão mergulhado em caldo e temperado com azeite. Este prato é a génese da açorda à Alentejana e com ele se podia acompanhar de carne, peixe, ou vegetais.
Carnes	No que respeita às tradições alimentares dos árabes, estes gostavam de carne gorda de animais novos, assada ou frita em manteiga ou azeite. Preparavam vários guisados com massas, arroz e espinafres. Comiam carnes assadas no forno (tannûr = forno em barro cilíndrico côncavo) com molhos. Preparavam ensopado de carneiro, guisado borrego e cabeça assada no forno – (assada com ou sem a lâ). Usavam carnes de carneiro, borrego, criação de capoeira, caça, vaca, pombo (criavam pombos - Alentejo possui muitos pombais), pássaros, codornizes eram a maior preferência alimentar. Receitas: Galinha albardada; galinha mourisca; almondegas;
Peixes	Quanto aos peixes apreciavam mais atum e a sardinha, mas não lhes davam grande valor dietético. Faziam escabeche de peixe.
Sopas açordas e Legumes	Confecionavam Sopas de grão com labças (erva azeda ou espinafre limão) usando cenouras, couves, espinafres, cebola, alho, alho-porro. Açorda;
Molhos	Escabeche;
Pª Perfumar	Musgo, a alfazema, água de rosas, canela, noz-moscada
Pª Temperar	Para temperar carnes usavam marinadas, deixadas de um dia para o outro, feitas de vinagre, leite, sal, especiarias. Usavam o almofariz para pisar carne para fazer almondegas. Por norma juntavam açúcar e maceravam as carnes antes de as confeccionar em leite azedo e especiarias.
Pª Dar cor	Açafrão e espinafres enfeitar pratos antes de servir;
Pª Melhorar o gosto	Uvas, tâmaras, amêndoas, nozes, avelãs, pinhões e pistácios
Pª ativar o Doce do amargo	Maças e romãs
Pª Adoçar	Açúcar e o mel
Pª Dar maior consistência	Cereais e leguminosas que juntam ao alimento principal; ovo para dar consistência aos molhos
Conservar legumes (Pickles)	Usavam o limão, vinagre, laranja para compor sabores azedos e com eles faziam conservas (pickles) de alcaparras, azeitonas e outros legumes; Temperavam azeitonas com sal e orégãos.
Frutos	Desenvolveram formas engenhosas de acondicionar e conservar frutas. Os melões e melancias (originários da Índia) eram embalados em caixas de chumbo e cobertos de gelo. “Inventaram” os damascos; incrementaram a produção de figos que conservavam secos e em calda;
Xaropes, Doces e compotas	Aperfeiçoaram e divulgaram as compotas, xaropes e geleias. Faziam sumo de doce de fruta preparado com fruta macerada em açúcar;
Bolos e doces	Na fabricação dos bolos e doces de colher usam ovos, amêndoas, nozes, avelãs, mel, queijo branco e queijo fresco, açúcar, pistácios, canela e açafrão. Algumas massas eram fritas em azeite. Faziam nogados com mel, açúcar, nozes e avelãs. Alcomonias (mel, pinão, água, canela e tolão); aletria; alfite; alféolas; almojanas; massapão; As sobremesas levam açúcar, nozes, e amêndoas pisadas. Os frutos eram acompanhados de vinho da melhor qualidade.
Ervas aromáticas	Coentros frescos, hortelã, tomilho, manjerona, funcho
Produtos comuns	Sal, pimenta, coentros em grão, gengibre, vinagre e laticínios
Gorduras	As gorduras utilizadas eram de carneiro (para clarificar, conservar, perfumar e colorir), a manteiga e o azeite
Laticínios	Os muçulmanos apreciavam muito: queijos frescos e curados;
Bebidas	Água, sumos de fruta e algumas bebidas semi-fermentadas à base de mosto de frutas (arrobe); xaropes à base de rosas, mel, romãs, violeta, pêssego, hortelã-pimenta; hidromel;
Vinho	O consumo de vinho era proibido mas o Corão não castigava os desvios. Era vendido sem restrições em tabernas legais ou clandestinas. Na época almorávida (1040 – 1147) e almóada (1121 – 1269) só as classes sociais altas bebiam publicamente, deduzindo que as outras bebiam clandestinamente. O vinho deveria ficar um dia exposto ao sol para ganhar espessura.

Fonte: Produção própria com base em Braga (2007); Braga, (2008); Saramago, Madeira, Vale & Fialho, (2000)

Fruto da junção da civilização Fenícia e Celta, os romanos encontraram no Alentejo, pão, vinho, azeite, trigo, pomares, legumes e produtos hortícolas, algo semelhante à sua alimentação em Roma. Tiveram conhecimento de um porco mais gostoso pois era alimentado com bolotas e tiveram conhecimento de um conjunto vasto de ervas aromáticas, que era desconhecido na cozinha romana. O contributo romano foi a melhoria das técnicas na agricultura (novas alfaías, moinhos manuais de grão, enxertias, ...), horticultura e hidráulica (regadio, cegonha, nora), que permitiu uma produção em maior quantidade e de melhor qualidade.

2.1.4 Os Suevos e Visigodos

Durante os séc. III e IV a relação de forças entre bárbaros e o império romano inverteu-se, com o aparecimento de um novo mundo germânico, apologista da ruralização e que sobrepos o seu poder civil e religioso. Os Visigodos entraram no Alentejo no Sec. V respeitando a romanização, alterando apenas a organização política e administrativa. Nesta época a cidade perde o seu poder em favor do rural. O Alentejo vê valorizar as suas terras e a dignificação dos seus trabalhadores e agricultores. O comércio decresceu, mas o autoconsumo fortaleceu-se, dispondo as populações de alargado leque de produtos alimentares. Incrementou-se a cultura “barbara” associada à caça (inscreve-se nos termos visigóticos a coutada, o defeso, etc) e criação de gado.

2.1.5 Os Muçulmanos

A influência muçulmana (berberes, árabes e judeus) ocorreu no Século VIII com efeitos a nível da língua, da política, da religião, da sociedade e na alimentação, atenuando-se no século XV com a sua expulsão de Portugal (Braga, 2008; Saramago, Madeira, Vale & Fialho, 2000). As relações entre cristãos e muçulmanos regularizaram-se facilmente com a acomodação de ambos os costumes, adotando um estilo de vida inspirado nas aristocracias vencidas. O quadro 1 resume algumas características alimentares da cozinha árabe, usando de forma imaginativa a combinação de ingredientes e de especiarias.

A cozinha Alentejana foi muito permeável às influências dos invasores com predominância para a muçulmana, com especial enfoque

nas especiarias e no açúcar. Muita da doçaria de origem árabe é hoje considerada marca de território (Receitas e Sabores dos Territórios Rurais, MINHA TERRA, 2013), como por exemplo as Alcomonias. É ainda tributária de uma “cozinha de estação”, com a “comida de verão” (por exemplo com os gaspachos) e a “comida de inverno” (por exemplo sopas).

2.1.6 Época Medieval

Com o advento da Reconquista e sem as restrições do Islão quanto a alguns alimentos, o porco voltou a ter apoio seguro na alimentação. As tradições celtas e visigóticas avivaram-se ao considerar as ovelhas e cabras não como fornecedoras de carne, mas que se deveriam conservar vivos para se obter deles o leite e a lã. A economia agrária ligada aos cereais expande-se também, tendo a igreja um forte contributo o que permitiu a acumulação e o armazenamento. Neste período (após séc. XIII) a igreja acumulou grandes riquezas e recebeu mercês, instalando-se diversas ordens religiosas e militares em todo o Alentejo, sendo detentoras de vastas terras. Os conventos e mosteiros funcionavam como pousadas, desenvolvendo uma cozinha que se denominou de “cozinha conventual”. Existe um vasto receituário alentejano com esta denominação, como por exemplo os citados no trabalho de Barros (2001) “Produtos Tradicionais Portugueses” para a DGDR, onde para além das influências culturais se verificam fortes repercussões do ambiente físico.

2.2 Marcadores Geográficos

Oliveira Martins (1882:22-31) explora marcadores de localização geográfica, incluindo a diversidade de relevo, a existência de rios e a sua navegabilidade, a relação litoral vs interior, como atributos nucleares da definição e geração de perfis identitários culturais singulares. Este autor acreditava que o carácter das pessoas, os seus hábitos alimentares, de sociedade, capacidade de relacionamento e atividades desenvolvidas (...), eram influenciadas pelo meio físico onde habitavam. No capítulo III da Geografia Portuguesa de Oliveira Martins (1882:26) são descritas as características físicas do nosso país “Quando se percorre de norte a sul a estreita facha da nação ocidental da Hespanha, encontram-se os sucessivos pro-

longamentos das cordilheiras peninsulares, galgando uns até ao mar, terminando outros mais distante da costa.” Refere os rios e as bacias hidrográficas que no Sul encontram o Guadiana, destaca as planícies e as “*serras de Guadalupe e Morena onde assentam Portalegre ao norte e Évora ao sul*” (p.27). Já no Guia de Portugal – Estremadura, Alentejo, Algarve (1927:16), Amorim Girão (1958) realça o Alentejo como propício ao cultivo de cereais, como trigo, aveia, cevada, à produção vinho, azeite e fava, e criação de gado, espelhando as influências históricas dos povos que habitaram esse espaço-território e que aproveitaram o potencial dos atributos climáticos, hidrográficos e dos terrenos, tendo tido impactes no receituário culinário. Mas todo o ambiente físico é influenciado pela atividade humana e pelos seus costumes e tradições.

2.3 Marcadores sociais

Silva (1997:39) destaca marcadores sociais apoiando-se na matriz simbólica oitocentista que coloca a tónica no Povo apresentando-o como a “coluna vertebral da Nação, a travessa da “identidade coletiva” geradora de tradições e costumes. Hobsbawm & Ranger (1984) consideram que a “tradição” se caracteriza pela sua invariabilidade, diferenciando-a do “costume” que por seu turno tem uma dupla função de motor e de volante, não impedindo as inovações. Reforçam que o costume deve parecer compatível ou idêntico com a “tradição”. A função do “costume” é dar a qualquer mudança desejada, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. O “costume” não pode ser invariável, porque a vida está em constante mutação, mesmo nas sociedades tradicionais. No que respeita ao Alentejo e fruto das diferentes miscigenações, primeiro dos Fenícios, depois dos Celtas, dos Romanos, Visigodos e por fim dos Muçulmanos, as populações tiveram de aceitar as regras desses povos.

Nas diferentes ocupações do território, os povos invasores antes dos muçulmanos traziam as famílias, enquanto os últimos vinham apenas homens. A fusão das mulheres autóctones com os muçulmanos durou 500 anos, pois o Corão permitia a poligamia, resultando em evidentes características físicas. A descrição do povo Alentejano, no Guia de Portugal – Estremadura, Alentejo, Algarve (1927:26) ao referir-se à mulher do Alentejo, “olhos árabes,

negros, ramalhudos, chamejantes de volúpia, são por vezes admiráveis” estabelecendo uma desvalorização relativa face ao modelo exemplar de beleza feminina da mulher do Norte. Leite de Vasconcellos referia que o povo alentejano “tinha espírito romano e corpo de um árabe”.

2.4 Marcadores religiosos

Quanto à religião, esta possui um relevo fundamental enquanto determinante cultural e influencia a aceitação e a escolha dos alimentos. Assim e de acordo com Geertz (1926:68), religião é considerada (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Neste contexto, muitos hábitos alimentares demonstram uma questão de respeito espiritual. Por exemplo, o consumo de peixe em Portugal (tal como em outras sociedades cristãs europeias) está associado a motivações de ordem religiosa. O cristianismo impunha como penitência, jejuns e abstinência de consumo de carne e das gorduras animais, em grande parte do ano (162 dias por ano), o que tornava obrigatório o consumo de peixe, para escapar a uma alimentação de apenas de vegetais.

Garrido (2003) reforça esta ideia, ao referir que a ação das prescrições religiosas, do jejum e da abstinência, ajuda a fixar no mundo mediterrânico e cristão a tradição multissecular do consumo de bacalhau salgado seco. Este é consumido durante a Idade Moderna principalmente pelos camponeses e pelas gentes humildes das cidades, sendo uma subsistência considerada indicador de condições modestas de vida e um elemento fundamental de compensação da pobreza proteica das dietas mediterrânicas. Por outro lado, observa-se uma relativa coincidência da distribuição geográfica das salinas com as fronteiras da Cristandade e com os países da Europa do Sul, explicando em parte a difusão do bacalhau salgado seco nessas regiões. A título de exemplo, no livro Arte de Cozinha de Domingos Rodrigues considerado como “uma cartilha de refinamentos culinários” nas receitas de sexta-feira e sábado

eram cumpridos os interditos alimentares católicos, servindo peixes diversos nos “dias ma-gros” do calendário religioso (Amorim, 1987:181).

3. OBJETIVOS E METODOLOGIA

Como descrito na secção anterior, os sabo-res e saberes tradicionais da gastronomia e dos vinhos do Alentejo são fruto de vários fatores, desde as condições geográficas e da evolução histórica e social daquele espaço-território. Prova disso está no rico e singular receituário, composto por uma grande diversidade de in-gredientes e processos de confeção autóctones, mas também nas tradições ancestrais de socia-bilidade.

Para além de uma forte revisão bibliográfi-ca que envolveu o estudo de alguns livros de cozinha desde Séc. XV ao Séc. XVIII, onde se procuraram vestígios da cultura árabe no seu receituário, a metodologia baseou-se ainda na triangulação de dados de 3 fontes impressas de referência: “Cozinha Tradicional Portuguesa” de Maria de Lurdes Modesto na secção “Alen-tejo” e “Cozinha de Portugal” de Maria Odette Cortes Valente, como balizadoras da identida-de e autenticidade do território alentejano, e o “Guia das Tascas e Tabernas” de Orlando Lei-te, como gastrónomo e líder de opinião, desta-cando apenas as indicações para o território do Alentejo.

A escolha do livro de Maria de Lourdes Modesto, editado pela Verbo, esteve relacio-nada com a sua notoriedade, pois foi a mais popular apresentadora de programas culinários de que há memória no país. Por outro lado, a autora refere no prefácio que o receituário cu-linário incluído no livro, foi “fruto de 20 anos de uma lenta mas emocionante recolha” e do “Concurso de Cozinha e Doçaria Regional Portuguesa”. Quanto à Maria Odette Cortes Valente editado pela Temas e Debates, pouco se sabe da sua biografia, embora se saiba que foi uma estudiosa da cozinha regional, pois compilou receitas antigas que sabia em perigo de se perderem. O resultado foram os 8 volu-mes da Cozinha Portuguesa e dos quais apenas se estudou o território do Alentejo. Quanto ao Guia das Tascas e Tabernas, editado pela Mar-cador, foi escrito por Orlando Leite, jornalista da área da cultura e apaixonado pelas tradições e costumes portugueses. Colaborou com vários jornais, organizou a filmografia completa de

Michel Giacometti e editou a coleção “Raízes e Tradições”, entre outros.

3.1 Proposição de partida

As tabernas afirmam-se como equipamen-tos de sociabilidade, podendo alavancar as dimensões identitária, económica, social e cultural dos espaços-território, mantendo vivas as tradições alimentares (vinhos e petiscos) e de sociabilidade (envolvendo os visitan-tes/clientes locais com a comunidade, no espa-ço da taberna). Apoiam ainda no fomento dos destinos através da divulgação do património material (arquitetura e decoração das adegas e tascas) e da criação de narrativas de storytel-ling, que importa salvaguardar e promover, visando o desenvolvimento do território.

3.2 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho destina-se a investigar se a gastronomia e vinhos praticados pelas tascas e tabernas do Alentejo se revelam identitários daquela região (com base na he-rança histórica e cultural) e difundir um mode-lo de *storytelling* que promova o destino e sal-guarde o património imaterial dos saberes e sabores culinários daquele espaço-território.

3.3 Estratégia de Trabalho

Através da análise de conteúdo do receituá-rio do Alentejo nas 3 fontes de cozinha tradi-cional do Alentejo, serão elencandos os diferen-tes tipos de pratos (Aperitivos, Sopas, Peixes, Mariscos, Açordas e Migas, Aves e Caça, Car-nes, Enchidos, Legumes, Arroz, Ovos, Bola, Empadas, Folares, Doces, compotas). A fase seguinte será analisar comparativamente com as fontes anteriores, as ementas das tabernas e tascas do Alentejo, sugeridas por Orlando Lei-te e identificar as mais emblemáticas. Quanto ao espaço território de análise, e partindo da repartição geográfica de Amorim Girão (1938, 1958), 01 - Entre Douro e Minho, 02 - Trás-os-Montes e Alto Douro, 03 - Beira Alta, 04 - Beira Litoral, 05 - Beira Baixa, 06 - Ribatejo, 07 - Estremadura, **08 - Alentejo**, 09 - Algar-ve, 10 - Açores e 11 - Madeira, foi escolhido o Alentejo para realizar este trabalho, por ser a actual geografia em estudo no presente pós-doutoramento.

Como resultados esperados, importa consi-der que as tabernas existentes no Alentejo,

devam se constituir como uma ferramenta de divulgação da identidade gastronómica e de sociabilidade cultural do território, através do Storytelling, visando o seu desenvolvimento sustentável.

4. A GASTRONOMIA DE TABERNA

A cozinha alentejana de forte matriz árabe (cozinha imaginativa, colorida, perfumada, doce, ...) resultante de cinco séculos de permanência, revela-se abundante em receitas, técnicas de confeção e produtos utilizados, tão característicos daqueles povos. Para conhecer a tónica árabe das receitas nos livros estudados no período do Séc. XIV a XIX, basta observar alguns elementos como: o título das receitas onde se encontra a designação “à mourisca”, ou o nome da receita que comece com “al” (exemplo, “almondegas à”); os ingredientes utilizados para aromatizar, colorir, engrossar, adoçar, tornar agridoce; as técnicas confeção, como assados no forno, guisados; as consistências untosas – uso de carnes gordas e a ausência do porco; os molhos e finalizações ligadas com ovo, entre outras técnicas e outros atributos como detalhado no Quadro 1.

Fazendo um exercício de pesquisa destes atributos, em alguns livros de receitas emblemáticos da nossa cultura, encontram-se essas influências no século XV no Livro de cozinha da Infanta D. Maria com: alféloas, alfitete, almojavénas, almondegas, galinha albardada, galinha mourisca e massapão, arroz-doce, água de rosas, amêndoas.

No século XVI, no livro “As receitas de cozinha de um frade português Sec. XVI” em Barros, (2014), contam-se alcaparras, alcorcas, almeiroins, almondegas, amêndoa, arros de carneiro, arros de leite de amêndoas, asafrão pisado, asucar rosado, berengellas, caldo de miollo de pão, caldo de pão com amêndoas, cebolas, codernizes, coelho, ensopados de galinha, galinha mourisca, carneiro, (...). De notar que os pratos mais populares entre a população árabe residente no reino no século XVI era o cuscuz – sêmola de trigo cozida a vapor – e o alfitete – massa doce composta de farinha, açúcar, ovos, manteiga, cominhos e vinho – sobre a qual se colocava galinha ou carneiro.

No século XVII, com Domingos Rodrigues, na sua “Arte de Cozinha”, cuja 1ª edição é de 1680, inclui um numero considerável de receitas de matriz árabe: almojavénas de diferentes

qualidades de carnes, várias receitas de berigelas, manjar-branco, aletrias de ovos, almondegas de carneiro e de requeijão, carne assada, coelho, frangão, galinha, vitela e pombos de alfitete, carneiro mourisco, escabeche, olha moura, 75 receitas de carneiro e borrego e grande nº de receitas de caça e de aves.

No século XVIII, Francisco Borges Henriques (1715), no seu livro “Receitas de milhores doces e de alguns guizados particulares e remedios de conhecida experiencia que fes para uso da sua caza. No anno de 1715 tem seo alfabeto no fim. [1715-1729]” revela várias receitas de carneiro, coelho, lebre e aves, doces de amêndoas, beringela, cebola, (...). Nos temperos há açafrão, almíscar, gengibre; ervas diversas: coentro, louro, manjerição, manjerona, orégão, salsa e tomilho, e ainda agraço, água de flores, alcaparra, alho, limão azedo, laranjas doces e amargas, pimentão.

No século XVIII, no “Cozinheiro Moderno ou Nova Arte de Cozinha” de Lucas Rigaud (1999) (1ª Edição 1780) embora tentando dar um “ar afrancesado” nas suas receitas, encontramos 17 receitas de carneiro, 4 de veado, 19 de coelhos e láparos, sopa de almondegas e leguminosas: favas, lentilhas, e outros vegetais como cenouras, (...) e várias receitas doces: bolinhos de amêndoa; massapães; creme de aletria.

No século XIX, no livro “O cozinheiro Imperial” (1843:149) encontram-se 58 receitas de carneiro, cabrito e cordeiro; aves e caça: galinha de alfitete, frangas de manjar branco; massapoes de ovos (...); peixes em escabeche; Doces: arroz-doce; legumes variados e leguminosas: nabos, espinafres, ...

No século XIX na “Arte de cozinha” de João da Mata (1876 1ª edição) (1993 5ª edição) possui assado de galinhola, codorniz e de peru, manjar branco, pato recheado com trufas, cabrito assado, frituras de carne, carneiro estufado, mãos de carneiro, coelho, (...); caldos e açordas varias, (...); vegetais usa espargos, nabos, (...); doces: bolos vários com amêndoa, arroz-doce.

No século XIX, no “O Cozinheiro Completo ou Nova Arte de Cozinheiro e de Copeiro” do Visconde de Vilarinho de São Romão (1ª ed 1849) “ encontram-se várias receitas de cordeiro e carneiro, coelho, lebre, peru, galinha (galinha alfitete, galinha sem osso); vegetais: cenouras, alface, espargos, beringelas; leguminosas: feijões, favas, (...); doces vários com amêndoas, arroz-doce.

No século XIX, no livro “Novíssima arte de Cozinha” de 1889, escrito por um mestre de cozinha, descobrem-se 35 receitas de carneiro, várias receitas de aves e caça; vegetais: espina-fres, cenouras, espargos; leguminosas: feijões, favas, (...); doces: manjar branco, e bolos de amêndoa.

Com a expulsão dos muçulmanos e a vontade em consolidar as fronteiras da fé (ou seja cristianizar os territórios), foi promovida a instalação de conventos por todo o Alentejo. O latifúndio tipo de propriedade tão característico daquela região, teve a sua origem no período romano, que juntamente com o trabalho dos frades, dos conventos e do monte, moldaram o perfil de uma região. Nos conventos, as filhas de famílias de classes nobres partilharam os seus dotes culinários com as freiras, produzindo uma culinária requintada, com especial ênfase nos doces conventuais.

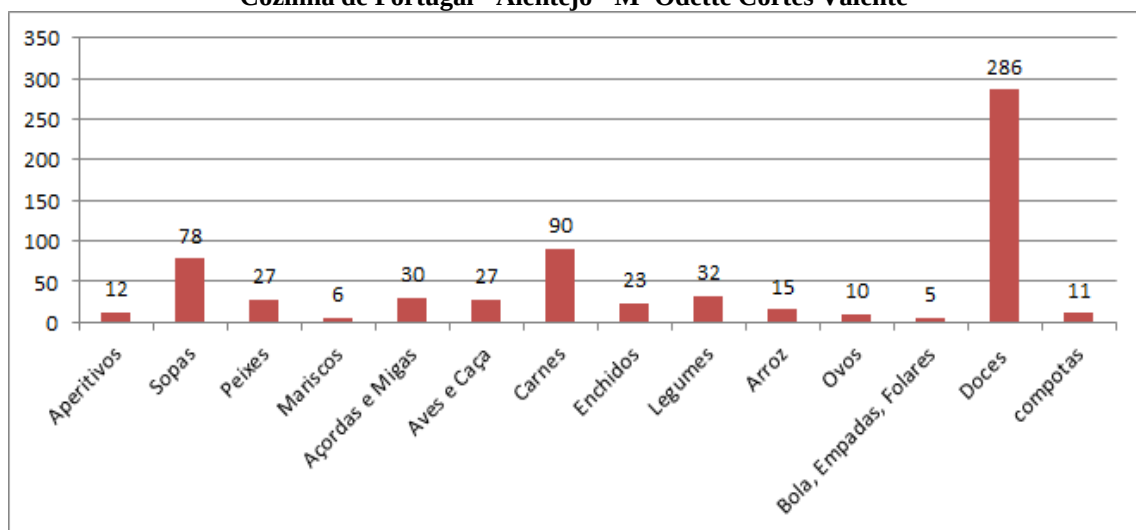
O porco torna-se o rei da alimentação e um aliado alimentar com aproveitamento total. Mas a história gastronómica do Alentejo en-

contra não apenas a mesa farta dos ricos mas também a forma imaginativa dos substitutos do conduto, usados pelas classes mais humildes. Um bom exemplo é a gastronomia que usa o pão como alimento primordial, ao qual se junta azeite e ervas aromáticas, ajudando os pobres a alcançar sabores especiais. Será essa cozinha se sabores e saberes que se desenvolve na secção seguinte.

4.1 A cozinha tradicional Alentejana

Das fontes analisadas, encontra-se uma grande variedade de receitas que usam cheiros e legumes, alhos, coentros, louro, poejos, manjerona, alecrim, orégãos, cardos, beldroegas (...), para preparar sopas, peixes, mariscos, açordas e migas, carnes, enchidos, doces e para apaladar o receituário local. Grande destaque é dado aos doces de influência conventual, às carnes e sopas. (Figura 4).

Figura 4- resumo de receitas das fontes de Cozinha tradicional portuguesa - M^a Lourdes Modesto e Cozinha de Portugal - Alentejo - M^a Odette Cortes Valente



Fonte: Produção própria

De acordo a fonte “Guia das Tascas e Tabernas de Portugal” do autor Orlando Leite, das 78 Sopas registadas nos livros de cozinha de Maria de Lourdes Modesto e de Maria Odette Cortes Valente, apenas um número reduzido surge nos menus, destacando: Sopa cação; Sopa de tomate à antiga; Sopa de beldroegas; Sopa tomate com bacalhau e ovo e Sopa de panela.

No que respeita a Carnes das 90 receitas disponíveis nas obras estudadas, apenas são

indicadas no Guia das tascas as seguintes: Carne do alguidar; cabeças de borrego assadas; ensopado e caldeirada de borrego; borrego assado no forno; cozido de grão; feijoada de cabeça de porco; burras (queixadas de porco) assadas; carne de porco com amêijoas (ou à alentejana); cabeça de xara (porco), presas, secretos e costeletas de porco grelhado, carne de porco frita, favas.

As açordas e migas à alentejana constituem um dos mais conhecidos pratos da gastronomia

da região, onde o ingrediente de base é o pão, produto tradicional do Alentejo. Das 30 açordas e migas referidas no receituário da cozinha tradicional estudado, as mais comuns e utilizadas nos menus das tascas e tabernas foram sugeridas as seguintes: açorda de alho à alentejana; açorda de espinafres com amêijoas; açorda de bacalhau; açorda de beldroegas e migas de batata e cogumelos; migas de espargos; migas com carne de porco; migas gatas; migas de feijão-frade.

Quanto aos doces, foram referidas 286 receitas diversas entre bolos, bolinhos, doces de colher, as mais usuais nos menus das tascas são: manjar de Alcácer; manjar real; pudim de requeijão com amêndoas; sericaia; encharcada; migas doces; pão de rala; bolo de mel e nozes; filhoses com mel; bolo rançoso, entre outros. No que se refere a outros petiscos, surge o incontornável pão alentejano, as azeitonas, os enchidos diversos, desde linguiça, paio, até ao presunto.

O vinho mais referido foi o da talha “da casa”, armazenado em potes de barro o que leva a pressupor que existe produção própria e que utilizam a taberna para o seu escoamento. O vinho de talha mantém-se como um produto único, importante representante do milenar processo de vinificação desenvolvido pelos romanos no Alentejo. De acordo com o indicado no site da adega de Borba, o processo de produção de vinho de talha é um sistema ancestral romano de fazer vinho, onde a talha ou pote de barro, tem uma dupla finalidade, a produção e a armazenagem do vinho. As uvas depois de desengaçadas e esmagadas, são transportadas para dentro das talhas, onde ficam a fermentar durante 3 a 4 semanas. As massas, também chamadas de balsa, sobem à superfície da talha, sendo necessário mexer as talhas misturando o mosto com as películas e grainhas da uva, para que a parte sólida seja mergulhada na parte líquida.

Concluída a fermentação as películas e grainhas vão-se depositando no fundo da talha, formando uma manta compacta, conhecida por mãe. Esta, tem como função principal filtrar naturalmente o vinho para que fique pronto a beber, quando sai da talha por acção da gravidade, através de um orifício que se encontra na parte inferior. O vinho de talha para ser certificado como DOP Alentejo, obrigatoriamente deverá ficar com a “mãe” na talha até ao dia de S. Martinho do ano da colheita (11 de novembro).

4.2 As Tabernas e o *storytelling*

Woodside, Cruickshank & Dehuang (2004) alegam que a indústria do turismo tem vindo a usar estratégias de diferenciação para obter vantagens competitivas, como forma de combater a concorrências entre os destinos turísticos e a uniformização da oferta. Uma forma de tornar únicos os destinos é recorrer à sua história. Por isso os DMOs (Destination Management Organizations) e outras organizações ligadas ao turismo devem apostar ativamente no turismo criativo, e em estratégias de *storytelling* para aumentar a satisfação dos turistas.

O estudo de Soon Choi (2016), mostrou que a narrativa de *storytelling* no turismo, tinha efeitos impactantes no valor da marca do destino e nas futuras intenções de compra dos turistas.

É notória uma tendência global em enoturismo e gastronomia de construir experiências extraordinárias em torno da história ou de histórias (*storytelling*) dos espaços-território, dos produtos autóctones, de acontecimentos históricos, de pessoas e de ambientes singulares, visando diferenciar a oferta e ganhar vantagens competitivas face a outros destinos. A taberna sendo um ambiente de produção e transmissão de memórias, que não se esgota no seu espaço físico nem na gastronomia e vinhos lá consumidos, poderá contribuir de forma criativa para entregar experiências turísticas inovadoras. Este forte interesse da investigação pelo turismo criativo é o resultado da crescente procura de alteridade nas experiências turísticas, com envolvimento emocional na paisagem cultural dos territórios.

De acordo com Sundbo & Darmer, (2008) o conceito de experiência não é novo, tendo sido introduzido por Gilmore & Pine, (1999) no seu trabalho “The experience economy” aventando que as experiências tendem a substituir os serviços, tornando-se num elemento de valor acrescentado para as organizações e um complemento do produto. O cerne desta questão reside no facto da experiência turística envolver mais do que apenas o produto, devendo ser adicionados outros elementos com valor cultural, criativo e simbólico.

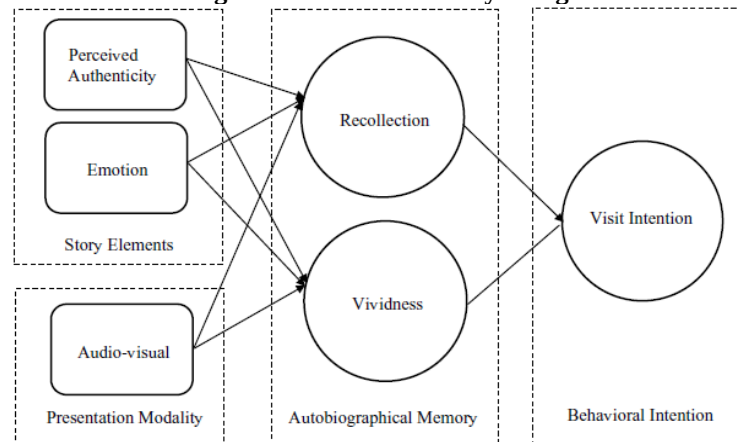
Os valores e princípios culturais da adega e da região devem ser transferidos de geração em geração através da história e de histórias, dando continuidade e significado à vida, estimulando a imaginação e envolvendo emocionalmente os intervenientes (anfitrião/visitante).

A narração de histórias, como um meio eficaz para a entrega de experiências turísticas, recebeu atenção crescente de vários investigadores, como por exemplo, Chronis (2008) que sugeriu que os destinos podem ser vistos como paisagens, onde o ambiente físico é negociado, moldado e transformado através de uma história desenvolvida e que uma história real ou fictícia sobre um destino pode fornecer uma vantagem competitiva única, proporcionando uma experiência significativa aos visitantes. Gilmore e Pine (2007) argumentam que a prin-

cipal fonte de vantagens competitivas de um negócio/destino é aprender a criar autenticidade, gerindo a percepção dos visitantes. Segundo Hall & Sharples, (2008), os eventos gastronómicos estão fortemente ligados ao “espírito do lugar” e ao “orgulho da comunidade”, construindo assim processos identitários.

Conforme mostra o modelo de Storytelling da Figura 5, todos os intervenientes na experiência recolhem e vivenciam a história do destino/espço.

Figura 5 – Modelo de storytelling



Fonte: Kim, Jong-Hyeong & Youn, Hyewon (2017)

No futuro esta memória poderá influenciar novos processos de decisão, sendo um fator decisivo na repetição da visita. Neste contexto, Manthiou, Kang, Chiang & Tang, (2016), argumentam que para contar ou escrever uma narrativa é necessário criar uma atmosfera propícia (cenário autentico), captar a atenção do ouvinte (desenhar uma narrativa cativante e uma encenação cuidada) e envolver emocionalmente os visitantes, integrando os residentes locais em torno dos factos de orgulho da sua historia.

A forma como é entregue este conteúdo cultural, pode ser diverso. Kao, Huang & Wu, (2008) sugerem atividades que promovam a imersão no ambiente; que surpreendam o visitante; que convidem o visitante a participar; e que sejam de puro divertimento. Por seu turno, Kim, Ritchie & McCormick (2012) propõem foco no hedonismo; na novidade das iniciativas; no envolvimento do visitante com a cultura local; atividades que permitam escapismo; e realizar eventos que ofereçam um significado especial ao visitante ou simplesmente transmitir conhecimento.

Perante este enquadramento propício ao storytelling, é verificado que “O Guia das tas- cas e tabernas de Portugal”, relata histórias e mostra que todos os espaços tinham algo para contar. Sugerem-se vários temas que podem ser vivenciadas de forma criativa, como por exemplo:

- Narrar a génese da taberna: contando a história da família, do espaço, da visão dos proprietários;
- Detalhar os processos de confecção/serviço das iguarias ou explicar o modo de produção de vinho da talha.
- Executar workshops ou seminários onde se transmita conhecimento e se pratique, focando como cozinhar em panelas de barro na lareira, como fazer pão ou queijos alentejanos e como aprender a moldar o barro e construir o seu próprio tacho de barro;
- Realizar exposições de fotografias antigas ou de alguns objetos temáticos como talhas, barris, etc;
- Valorizar simbolicamente a decoração dos espaços: ementa na lousa, talhas de vinho/azeite, alfaia agrícolas, cangas, cancalhos,

malhos; equipamentos antigos, objetos maçó-nicos;

- Conceber noites culturais /musicais temáticas: fado, cante alentejano;
- Explorar o perfil criativo dos visitantes: aulas de pintura em barro, manejo da roda de oleiro;
- Escutar *estórias*/ participar em enca-nações históricas;
- (...)

Todos estes “ingredientes” permitem a construção de uma narrativa de Storytelling, num palco (a taberna) onde entram todos os atores (clientes, proprietários, residentes) e no final os visitantes sentem que a experiência foi deliciosamente satisfatória. Para ilustrar o refe-rido anteriormente e retirando aleatoriamente um caso citado no guia de restaurantes certi-ficados, apresenta-se o caso da Adega da Casa Monte Pedral, e a forma como se podem real-çar os atributos dos espaços e dos territórios.

Portanto, toda a temática em torno da gas-tronomia e vinhos poderá ser objeto de Story-telling, e o potencial da experiência turística em espaços rurais está dependente dos contex-tos e dos recursos (materiais e imateriais) exis-tentes nessas regiões. Por isso, o grande desa-fio dos gestores ligados ao enoturismo será desenhar experiências memoráveis, integrando cultura, criatividade e inovação, na sua oferta (Cole & Chancellor, 2009).

4.3 Exemplo de Storytelling – O caso da Adega da Casa Monte Pedral

De acordo com o Guia dos restaurantes cer-tificados, a Adega da Casa Monte Pedral⁴ tem uma história para contar. Situada no centro de Cuba, é um espaço singular na história que conta, nas instalações, na sua decoração, no ambiente que proporciona e na comida que delicia os visitantes.

Um espaço com história: No pátio de en-trada vê-se uma estátua de Cristóvão Colombo, que segundo os moradores dizem ter sido em Cuba e nesta casa que nasceu o grande nave-gador a quem se deve a descoberta da Améri-ca.

Atravessando o pátio, onde se ergue uma estátua de Cristóvão Colombo encontra-se uma sala com chão de granito, 12 talhas de barro de grandes dimensões alinhadas ao longo de uma

das paredes, espelho envelhecido num dos topos, balcão de cerveja e presuntos suspensos do teto. No 2º espaço há a adega com o seu fuso, alambique, mobiliário antigo, um sobrei-ro de razoável porte e, no meio de tudo isto, grandes mesas e cadeirões de cabedal, que convidam a ficar.

A visão do proprietário: O agricultor José Tomás Landum Soudo adquiriu a casa na dé-cada de 80 do século passado e decidiu fazer o restaurante na primeira década do atual. A cozinha é tradicional portuguesa com natural predomínio dos pratos típicos do Alentejo e o vinho é de talha. Quanto à existência de dois espaços distintos, o proprietário elucida:

“Quando criei a Adega da Casa de Monte Pedral, quis manter toda uma tradição que tende a desaparecer, como é o caso das taber-nas alentejanas, com os seus vinhos e petiscos. Quis manter a tradição de um local social, cujos benefícios de frequência são muito salu-tares, uma vez que constituem uma ótima tera-pia de relaxamento, fazendo desta adega um lugar de verdadeiro convívio e amizade tran-quila, o que nos dias de hoje nem sempre é fácil de conseguir. O restaurante, apesar de mais sóbrio, serve outro propósito. E a comida pode até ser a mesma, mas a apresentação é outra”⁵.

Quanto ao vinho, Soudo esclarece “O nosso objetivo é confrontar a harmonia entre o vinho da talha e a comida tradicional, definindo assim aromas da gastronomia alentejana com os do vinho. Os vinhos da nossa região são os ideais para acompanhar queijos e petiscos tradicionais, pratos à base de caça, carnes grelhadas ou assadas, e as açordas (sopas de pão), as migas e os ensopados”⁶.

O menu tradicional alentejano também po-de contar a sua história que atravessa os tem-pos: Para entrada insinuam-se petiscos de forte matriz árabe, como os passarinhos fritos em azeite (já os muçulmanos também os comiam fritos) de produção local, os torresmos, os es-pargos com ovos e silarcas (ou túberas ou cria-dilhas são cogumelos) ou produtos como o Queijo Serpa DOP e o presunto de porco preto. Entre os pratos principais destacam-se o feijão com tengarrinhas (ou cardos) e secretos ou presas de porco preto, o ensopado de borrego,

⁵ In <http://myguide.iol.pt/profiles/blogs/adeaga-casa-de-monte-pedral-cuba-alentejo>

⁶ In <http://myguide.iol.pt/profiles/blogs/adeaga-casa-de-monte-pedral-cuba-alentejo>

⁴https://www.visitalentejo.pt/fotos/editor2/eBooks/guia_de_re-stantes_certificados_do_alentejo_pt.pdf

as açordas de alho e de tomate, as migas com carne de alguidar, as migas de azeitona com costeletas de borrego fritas, as migas de espargos com carne de porco preto grelhada, as sopas de cação e de beldroegas, etc. Quanto à doçaria, de forte índole conventual, cada receita daria para contar histórias interessantes quanto à sua origem e evolução ao longo dos tempos. O vinho e a sua história centrada na região – tudo o que há em Vila Alva e Vidigueira – e no Alentejo, transportariam os visitantes a uma dimensão hedonista inesquecível.

Layout do espaço e as razões de cada peça exposta: O restaurante Adega Casa de Monte Pedral apresenta uma decoração imponente, com abobadas, forno tradicional, 12 talhas de tamanho gigante e um sobreiro de grande porte. Cada espaço conta uma história e possui uma identidade que seria interessante explorar.

Portanto, as tabernas possuindo um forte elemento cultural, identitário e da memória da comunidade onde está inserida, são o reflexo de um espaço-território e da sua população. Por outro lado, residem nas tabernas algumas marcas de alguns rituais ancestrais, do perfil da economia local, que permitem compreender melhor os hábitos, os costumes e as mentalidades de uma comunidade ao longo do tempo.

5. CONCLUSÃO

Sendo o património alimentar um elemento fundamental da identidade das comunidades, a sua salvaguarda poderá constituir uma forma de preservar a diversidade cultural face à globalização. Como se tem vindo a referir ao longo deste trabalho, o processo civilizacional integra os alimentos como produto cultural e o fenómeno da comensalidade como expressão dos diversos modelos culturais, sociais, antropológicos e etnológicos (Kindersley, 1993), conferindo singularidade aos territórios e permitindo experiências gastronómicas ímpares. Reforçando, Hall & Sharples, (2008), consideram que os eventos gastronómicos estão fortemente ligados ao “espírito do lugar” e ao “orgulho da comunidade”, construindo assim processos identitários úteis para criar diferenciação.

O receituário culinário é um importante património cultural, que depende daqueles, cujo conhecimento das tradições, aptidões e costumes, os possam transmitir ao resto da coletividade, às gerações futuras, ou a outras comunidades. Este património cultural intangível é um

fator de diferenciação, fazendo contraponto à crescente tendência de globalização. Por outro lado, a compreensão do património cultural intangível ajuda no diálogo intercultural e incentiva ao respeito mútuo por outros modos/estilos de vida.

Perante este contexto, a gastronomia alentejana transformou-se numa marca forte do destino, com uma identidade própria, fruto de influências dos povos que ocuparam aquele território. Segundo o Guia de Restaurantes Certificados do Alentejo (2014:4), a região conta com “84 restaurantes tradicionais certificados (integra as tabernas e as tascas), possui um selo que atesta o compromisso de respeitar e pôr em prática um referencial de qualidade, que abrange tanto o serviço, como os produtos e a confeção, e ainda o acolhimento”. O selo da Certificação envolve a avaliação de vários critérios: confeção genuinamente alentejana, a inspiração nos receituários ancestrais, a utilização de produtos endógenos, a excelência do serviço e das informações prestadas, a decoração, o ambiente, a apresentação de ementas constituídas maioritariamente por pratos tipicamente alentejanos e as cartas de vinhos da região.

As tabernas podem assim, funcionar como um espaço de produção de memória, pela via das histórias partilhadas (storytelling) e da transmissão de saberes entre frequentadores e visitantes. Jollivet, & Pavé (2000) reforçam esta ideia, considerando que uma região tem o poder de se manifestar permanentemente a partir da memória e das relações sociais.

Esta sociabilidade pode ser catalisada através da literatura, com recurso a tertúlias; da cultura do vinho & gastronomia, através de provas, degustações e eventos culturais; da transmissão de tradições e saberes ancestrais; da fotografia, recorrendo a pequenas exposições que permitem conhecer a história/evolução da taberna/gastronomia do território; eventos eno-gastronómicos criativos, engajando os visitantes a participar em atividades lúdicas ou de aprendizagem; realização de *workshops* de artes e técnicas culinárias tradicionais (...).

Importa que os Municípios e as entidades de turismo acarinhem o conceito de taberna como um elemento cultural e identitário de uma comunidade, apoiando a salvaguarda e preservação desses espaços e dessas culturas. Tal como refere Rastoin no prefácio de Noro-

nha (2016), a alimentação é uma questão vital para o futuro das sociedades, mas não beneficia da prioridade política que deveria ter. Portanto, o desenvolvimento territorial só será possível se todos os *stakeholders* respeitarem as identidades de cada território – sejam elas culturais, ambientais, paisagísticas, infraestruturais ou demográficas, fazendo surgir um sentimento de pertença e criando laços de solidariedade entre eles. (Kuper, 1999; Brunet, 1990).

Mas para que tal aconteça com autenticidade é crucial partir de uma forte base científica e de pesquisa histórica, sendo possível criar narrativas emocionantes que possibilitem ao visitante/turista viver experiências diferenciadas. O ato de pesquisa funciona como um instrumento de planeamento, ou uma ferramenta

que configura os procedimentos e as ações que se irão desenrolar no decorrer da implementação do projeto. O objetivo deste processo centra-se, principalmente, na sistematização dos procedimentos associados ao Storytelling criativo, revestida de um tratamento metodológico científico. Este aspeto é importante pois dá credibilidade à iniciativa e autenticidade às experiências.

Portanto, as narrativas de storytelling quando aplicadas de forma criativa no turismo e fundamentadas por factos históricos (associados a patrimónios materiais, imateriais ou móveis), podem ser um meio eficaz de salvaguarda das heranças culturais e um instrumento competitivo e de sustentabilidade dos territórios.

BIBLIOGRAFIA

Leite, Orlando (2012), “Guia das Tascas e Tabernas de Portugal”. Editorial Presença.

Modesto, Maria de Lurdes (1982), “Cozinha Tradicional Portuguesa”. Editora Verbo

Valente, Maria Odette Cortes (1997), “Cozinha de Portugal – Alentejo”. Temas e Debates.

Albala, Ken & Trudy, Eden, editors (2011), "Historical Background to Food and Christianity. Food and Faith in Christian Culture", Columbia University Press, 2011, pp. 7–20, JSTOR, www.jstor.org/stable/10.7312/alba14996.4.

Amorin, Roby (1987), "Da mão à boca. Para uma história da alimentação em Portugal", Edições Salamandra, p.103-105

Barros, Anabela (2014), "As receitas de cozinha de um frade português Sec. XVI", Imprensa da Universidade de Coimbra, receita 75

Barros, Vitor Manuel Coelho; Barreiro, Rui Pedro; Soeiro, Ana (2001), “Produtos Tradicionais Portugueses”, Lisboa, Ministério da Agricultura, do desenvolvimento rural e pescas, DGDR.

Blaikie, NWH (1991), "A critique of the use of triangulation in social research", Quality and Quantity 25, pp.115-136.

Braga, Isabel Drumond (2007), "Influências mouriscas na gastronomia portuguesa", Les

actes du XIIe Symposium International d'études mourisques sur: Imágenes, escritos Y lengua de los moriscos em el siglo XVI, Publications de la Fondation Temimi pour la Recherche Scientifique et L'Information, Série 4: Etudes d'Histoire morisque: n 26. Tunis. In <https://lisboa.academia.edu/IsabelDrumondBraga>.

Braga, Isabel Drumond (2008), "Do árabe e do aljamiado em Portugal", Actas: Jornadas sobre manuscritos árabes. Anaquele de estudos árabes. Anejos, Colecciones madrileñas. Transmisiones moriscas, Publicaciones Universidad complutense de Madrid, pp:111-128. In <https://lisboa.academia.edu/IsabelDrumondBraga>.

Branco, Jorge Freitas (1999), “A fluidez dos limites: Discurso etnográfico e movimento folclórico em Portugal “ em http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N1/Vol_iii_N1_23-48.pdf, p.25-27

Brunet, Roger (1990), "Le territoire dans les turbulences" Paris: Reclus, p.224

Cabral, Manuel Villaverde (1992), "Portugal e a Europa: diferenças e semelhança", Análise Social, vol. XXVII, n.os 118-119, pp. 943-954.

Chronis, Athinodoros (2008), “Coconstructing the Narrative Experience: Staging and

Consuming the American Civil War at Gettysburg", *Journal of Marketing Management* 24 (1/2): 5–27.

Coelho, Maria Helena (1994), "Festa e Sociabilidade na Idade Média". 1ªed., Coimbra, INATEL., 2 vols., Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Cole, S. T., e Chancellor, H.C. (2009), "Examining the festival attributes that impact visitor experience, satisfaction and re-visit intention", *Journal of Vacation Marketing*, 15, 323-333.

Convenção Europeia da Paisagem (2000), Florença 20.X.2000 in <https://rm.coe.int/16802f3fb7>

Diogo, António Dias & Alves, Francisco (1988), "O Arqueólogo Português", Série IV, 6/7, in Saramago, Alfredo, Madeira, Joaquim, Roque Vale, Clara & Fialho, Manuel (2000). *Gastronomia e vinhos do Alentejo*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Figueiredo, Candido, (1903), "O Norte e o Sul", *Revista "A Tradição"*, t. V, pp. 39-40.

Garrido, Álvaro (2003), "Abastecimentos e Poder no Salazarismo: o "bacalhau corporativo" (1934-1967), Coimbra, FEUC, p. 21.

Geertz, Clifford (1926), "A interpretação das culturas" 1ª.ed, reimpresso 1989 por LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, p.68.

Gilmore, James H., & Pine, Joseph B (2007), "Authenticity: What Consumers Really Want". Boston, MA: Harvard Business Press.

Gilmore, James H, & Pine, Joseph B (1999), "The Experience Economy", *Researchgate*, in <https://www.researchgate.net/publication/299292969>.

Girão, Amorim (1958), "Atlas de Portugal, Mapas, in http://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/OutrasPubl/AAG/pdfs/I_Como_nasceu_Portugal.pdf

Girão, Amorim (1938), "A divisão provincial do novo Código Administrativo: segunda resposta", Coimbra: Coimbra Editora

Guia de Portugal (1995), Fundação Calouste Gulbenkian, vol.V Tomo II, 3ª Edição, p.456.

Guia de Restaurantes Certificados do Alentejo (2014), Edição e copywriting Turismo do Alentejo, ERT, Beja, Edição, conceção gráfica e paginação Caminho das Palavras.

Hall, Colin & Sharples, Liz (2008), "Food and Wine Festivals and Events Around the World: Development, Management and Mar-

kets", Routledge.

Henriques, Francisco Borges (1715), "Receitas de milhores doces e de alguns guizados particulares e remedios de conhecida experiencia que fez Francisco Borges Henriques para uso da sua caza. No anno de 1715 tem seo alfabeto no fim. [1715-1729]"

Jollivet, M. & Pavé, Alain (2000), "O meio ambiente: questões e perspectivas para a pesquisa", In: Vieira, P.F. & Weber, J. (orgs) *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento. Novos desafios para a pesquisa ambiental*. São Paulo: Cortez, p. 115-146.

Kim, Jong-Hyeong & Youn, Hyewon (2017), "How to Design and Deliver Stories about Tourism Destinations", *Journal of Travel Research*, Vol. 56(6) 808–820

Kim, Jong-Hyeong; Ritchie, J. R. Brent & McCormick, Bryan P (2012), "Development of a scale to measure memorable tourism experiences", *Journal of Travel Research*, 51(1), 12-25.

Kindersley, Dorling (1993), "Sinais do tempo do mundo antigo. Uma cronologia visual desde as origens da vida até 1500", Edição Público, Tradução e revisão Ana Falcão Bastos. Mirandela artes gráficas, SA.

Kuper, Adam,(1999), "Culture: the anthropologist's account", Cambridge: Harvard University Press.

LCI (1987), "Livro de Cozinha da Infanta D. Maria", código português l. E. 33 da Biblioteca Nacional de Nápoles, prólogo, leitura, notas aos textos, glossário e índices de Giacinto Manuppella, Lisboa, imprensa Nacional,

Leite, Orlando (2012), "Guia das Tascas e Tabernas de Portugal". Lisboa, Editorial Presença, p.5.

Levi-Strauss, Claude (1964), "Mythologiques 1, Le Cru et le Cuit", Paris, Plon

Manthiou, Aikaterini; Kang, Juhee; Chiang, Lanlung, & Tang, Liang (2016), "Investigating the effects of memorable experiences: An extended model of script theory", *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 33(3), 362–379.

Mata, João (1993), "Arte de cozinha" prefácio de Melo Lapa, 5ª edição, Veja.

Mauss, Marcel (1968), "Sociologie et anthropologie", Paris: Press Univ. de France in Sobral, José Manuel, (2008, p.100), *Cozinha, Nacionalismo e cosmopolitismo em Portugal (Séc. XIX-XX)*, p.147

Montanari, Massimo (2004 1ª edição) (2006), "Food is culture", Nova York, Colum-

bia Univ. Press.

Noronha, Teresa (2016), "Setor Agroalimentar em Portugal. Conjunturas e Abordagens Recentes", Lisboa, Edições Sílabo, Lda.

O cozinheiro imperial ou nova arte do cozinheiro e copeiro em todos os seus ramos (1843).

Oliveira Jorge, Vitor (2005), "Espaço, meio, paisagem, território, região e lugar na experiência de um arqueólogo: alguns contributos reflexivos", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 45, 159-172.

Oliveira Martins, J. P. (1881), "As Raças Humanas e a Civilização Primitiva", Lisboa, Livraria Bertrand.

Oliveira Martins, J.P. (1882), "História de Portugal", 3ª Edição, Livraria Bertrand

Por um mestre de cozinha, (1889), "Novíssima arte de Cozinha" por um mestre de cozinha". Editores proprietários Tavares Cardoso & Irmão. Lisboa, p.170-173

R.C.M (1843), "O cozinheiro imperial ou nova arte do cozinheiro e copeiro em todos os seus ramos", Eduardo e Henrique Laemmert, Rio de Janeiro

Rastoin, Jean-Louis (2016), prefácio, in Noronha, Teresa, (2016), "Setor Agroalimentar em Portugal. Conjunturas e Abordagens Recentes", Lisboa, Edições Sílabo, Lda.

Ratazzi, Maria (1997 [1879]), "Portugal de Relance", Lisboa, Editora Antígona.

Resolução do Conselho de Ministros nº 96/2000 (p. 3618-3620)

Ribeiro, Orlando (1967 [1945]), "Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico", Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

Rigaud, Lucas (2004), "Cozinheiro Moderno ou Nova Arte de Cozinha", Colares Editora.

Rodrigues, Domingos (1ª edição 1680) (1995), "Arte da Cozinha", Colares Editora.

Saramago, Alfredo; Madeira, Joaquim; Ro-

que Vale, Clara & Fialho, Manuel (2000), "Gastronomia e vinhos do Alentejo", Lisboa, Assírio & Alvim.

Soares, Carmen (2010), "História da alimentação na Antiguidade Clássica: os primeiros livros de culinária", Coimbra, Boletim de Estudos Clássicos vol. 54, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Instituto de Estudos Clássicos, pp:43-52. in <http://hdl.handle.net/10316.2/30356>.

Soares, Carmen (2011), *Iguarias do Mundo de Arquêstrato: o melhor da cozinha grega no Séc. IV a. C.*, Boletim de Estudos Clássicos vol. 56. Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos, in <http://hdl.handle.net/10316.2/30316>

Soon Choi, Seung, (2016), "A Study on Effect of Tourism Storytelling of Tourism Destination Brand Value and Tourist Behavioral Intentions", *Indian Journal of Science and Technology* 9(46), in <http://www.indjst.org/index.php/indjst/article/view/107387>, accessed March 21, 2018.

Sundbo, Jon, e Per Darmer, (2008), "Creating Experiences in the Experience Economy", <https://libro.eb20.net/Reader/rdr.aspx?b=361514>.
<http://ezproxy.uniandes.edu.co:8080/login?url=http://www.elgaronline.com/view/9781847209306.xml>, accessed March 21, 2018.

Vasconcellos, J. Leite de (1982), "Etnografia Portuguesa", (volume V), Lisboa Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Woodside, AG, Cruickshank, BF, Dehuang, N. (2004), "Stories visitors tell about Italian cities as destination icons", *Tourism Management*, 28(1):162-74.

www.adegaborba.pt/loja/adega-de-borba-vinho-de-talha/

www.visitalentejo.pt/fotos/editor2/eBooks/guia_de_restaurantes_certificados_do_alentejo_pt.pdf

Melhoria da Distribuição de Mercadorias na Baixa Pombalina de Lisboa – Perspetivas Sobre a Implementação de um Centro de Distribuição Urbana Para Servir o Segmento HORECA¹

Improving Distribution of Freight in Lisbon Downtown – Perspectives on the Implementation of an Urban Consolidation Centre To Serve the HORECA Segment

Vasco Reis

vascoreis@tecnico.ulisboa.pt

CERIS, CESUR, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Alexandra Escameia

alexandra.escameia@ist.utl.pt

CERIS, CESUR, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Rosário Macário

rosariomacario@tecnico.ulisboa.pt

CERIS, CESUR, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Resumo/ Abstract

Os Centros de Distribuição Urbana (CDU) são vistos com particular interesse enquanto solução mitigadora dos problemas decorrentes da atividade logística. Porém, experiência passada revela que os casos de sucesso são escassos.

Este artigo apresenta as conclusões de uma investigação desenvolvida com o propósito de avaliar as expectativas dos agentes da logística urbana sobre a implementação de um CDU na zona da Baixa Pombalina da cidade de Lisboa. O método de investigação foi baseado numa revisão de literatura, seguida de entrevistas semiestruturadas a um conjunto de 24 agentes públicos e privados.

Os resultados evidenciam um consenso transversal sobre a maior valia de um CDU. A investigação revela, porém, divergências entre agen-

Urban Distribution Centres (UDC) are seen with particular interest as a solution to mitigate some of the problems accruing from the logistic activity. Past attempts reveal however that the cases of success are scarce.

This manuscript describes the results of a research aimed at evaluating the perspectives of the urban logistics agents regarding the implementation of a UDC in Lisbon Historic Downtown. The research method was based on a literature review, followed by a set of 24 semi-structured interviews to both public and private agents.

The results reveal an agreement on the added-value of a UDC. The investigation evidenced, however, divergences between agents on the management model, and on the most relevant requirements and conditions to the success of

¹ Nota sobre Instituições Financiadoras: não houve financiamento da investigação

tes sobre o modelo de gestão ou sobre os requisitos e condições mais relevantes para o sucesso do CDU. O artigo conclui com recomendações para a mitigação e acautelamento das divergências.

Palavras-chave: Centros de Distribuição Urbana, Logística Urbana, Fatores Localização, Lisboa

Código JEL: L91, O18, R42

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A cidade de Lisboa tem vivenciado um crescimento acelerado da atividade turística, com particular incidência nas zonas históricas. Tal evolução tem repercussões importantes nas atividades económica e social locais, nomeadamente no segmento de mercado HORECA (Hotéis, Restaurantes e Cafés) com um aumento do consumo de bens alimentares, bebidas e afins. A título exemplificativo, na zona da Baixa Pombalina aproximadamente 25% dos estabelecimentos comerciais na zona de estudo já são dedicados à restauração (TIS.PT 2013).

O resultado é a crescente necessidade de entrega e recolha de bens e resíduos, o que resulta num aumento dos serviços de transporte e logística. Atendendo a que a maioria destes serviços é realizado por modo rodoviário e considerando que o tecido urbano destas zonas é predominantemente constituído por vias de largura reduzida, então a consequência é um aumento do tráfego e, consequentemente, do congestionamento, com impacto a nível das emissões de gases poluentes, de ruído e de poluição visual. De facto, hoje em dia, o transporte de mercadorias em meio urbano corresponde a aproximadamente 10 a 15% do total de quilómetros percorridos, e é responsável por 25% das emissões de dióxido de carbono e por 30 a 50% de outros poluentes (ex.: partículas ou óxido de azoto) (ALICE and ERTRAC Urban Mobility WG 2015; Russo and Comi 2012). Atendendo aos compromissos assumidos por Portugal e pela União Europeia (UE) a nível do desenvolvimento sustentável e da redução das emissões de gases com efeito de estufa, a situação atual não é aceitável e a necessidade de inverter e reduzir os impactos daquele setor já foram reconhecidas (Comissão Europeia 2013). Entre as várias medidas de

the UDC. The manuscript concludes with recommendations for the mitigation of the divergences.

Keywords: Urban Distribution Centre, Urban Logistics, Location Factors, Lisbon

JEL Codes: L91, O18, R42

mitigação, os Centros de Distribuição Urbana (CDU) têm recebido crescente atenção devido aos ganhos potenciais a nível ambiental e energético (Browne, Allen, and Leonardi 2011).

No ano de 2012, a Câmara Municipal de Lisboa (CML) comissionou um estudo para apresentação de propostas para a melhoria da logística urbana na zona da Baixa Pombalina (TIS.PT 2012b, 2013). Do estudo resultaram várias medidas, entre elas a implementação de um CDU. Porém, desde então, não se registam avanços práticos na concretização dessa proposta.

Este artigo apresenta os resultados de uma investigação desenvolvida com o propósito de avaliar as expectativas dos agentes da logística urbana relativamente à implementação de um CDU na zona da Baixa Pombalina da cidade de Lisboa. Este objetivo de investigação foi dividido em três propósitos individuais, a saber: i) aferição das condições contextuais para a implementação do CDU, ii) identificação dos fatores relevantes para a localização do CDU, e iii) aferição das alterações decorrentes da operação do CDU. O âmbito setorial do estudo foi o segmento HORECA, pela sua predominância e relevância na área de estudo. Este é um grupo relativamente homogéneo, com requisitos logísticos semelhantes, o que facilitou a análise e a validação dos dados e resultados.

Os autores não identificaram outro estudo semelhante ao apresentado neste artigo realizado em contexto nacional. Acreditamos, portanto, na pertinência científica e no interesse prático desta investigação. O seu valor acrescentado decorre do espectro alargado de agentes envolvidos na análise, nomeadamente: retalhistas, produtores operadores logísticos, transportadores e instituições, o que permitiu mapear de modo compreensivo os interesses do setor e

caracterizar, pela primeira vez, os fatores convergentes e os divergentes. A informação recolhida pode ser utilizada pelas autoridades locais, nomeadamente as Câmaras Municipais, para criar o interesse por este tipo de iniciativas nos agentes privados.

O presente artigo apresenta a seguinte estrutura de secções. A Secção 2 descreve o método de investigação, largamente suportado em entrevistas semiestruturadas. Na Secção 3, os autores dissertam sobre o conceito de CDU e apresentam os resultados da revisão de literatura relativa aos fatores relevantes para a sua implementação em meio urbano. A Secção 4 é dedicada à descrição do caso de estudo e resultados das entrevistas. Por fim, a Secção 5 apresenta as conclusões e lança novos desafios de investigação.

2. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Com o propósito de satisfazer o objetivo apresentado na Secção 1, o método de investigação foi organizado em duas fases sequenciais, a saber: revisão da literatura (Fase 1) e entrevistas (Fase 2). Na Fase 1 procedeu-se à revisão da literatura com o propósito de identificar os fatores relevantes para a localização de um CDU. Na Fase 2 foi realizado um conjunto alargado de entrevistas semiestruturadas a agentes económicos e políticos com interesse na atividade da logística urbana na cidade de Lisboa.

2.1 Fase 1 – Revisão da literatura

A revisão da literatura foi desenvolvida de acordo com o método proposto por Cooper (1989). Este método está organizado em cinco etapas, conforme apresentado de seguida.

- Etapa 1: Formulação do objetivo da revisão da Literatura:

- O objetivo foi a identificação dos fatores de localização de CDU.

- Etapa 2: Determinação das fontes de informação:

- Foi realizado uma revisão exaustiva às revistas científicas disponíveis na base de dados eletrónica da B-ON² para os anos disponíveis. Esta busca foi complementada com a revisão de projetos de investigação, nomeada-

mente os financiados por fundos comunitários e nacionais³, livros e artigos de jornais.

- Etapa 3: Avaliação e seleção da literatura:

- A literatura foi selecionada por forma a responder ao objetivo apresentado na Etapa 1. Um total de 131 referências foi analisado, abordando diversas temáticas, tais como definições e conceitos designações; métodos de localização e avaliação de desempenho; ou casos práticos de sucesso e insucesso.

- Etapa 4: Análise e interpretação da literatura:

- Foi identificado um conjunto de 127 fatores de localização distintos.

- Perante i) a impossibilidade prática de considerar tamanha quantidade de indicadores no processo de investigação e ii) a existência de diversos fatores cuja referenciação foi esporádica (frequentemente devido a especificidades contextuais da investigação respetiva), o número de indicadores foi reduzido. Assumiu-se que a repetição de um mesmo fator pelos diversos autores seria uma evidência da sua relevância e consensualidade. Assim, através de uma análise de frequências foi possível identificar os fatores, num total de 22, que eram consistentemente referenciados como relevantes.

- Etapa 5: Apresentação dos resultados:

- O conjunto inicial de 127 fatores está apresentado em de Sousa (2015). O conjunto de 22 fatores, objeto de análise na Fase 2 da investigação, é apresentado na Secção 3 deste artigo.

2.2 Fase 2 – Entrevistas semiestruturadas

De acordo com Bryman (2012) as entrevistas semiestruturadas são adequadas quando se pretende obter a reação e opinião dos entrevistados sobre um conjunto de tópicos, mantendo controlo sobre a sequência temática (i.e., guião da entrevista). As entrevistas tiveram como propósito aferir a relevância dos fatores de localização identificados na Fase 1 no contexto particular do caso de estudo – Baixa Pombalina da Cidade de Lisboa.

Uma das características do setor da logística urbana é a diversidade de agentes envolvidos, como por exemplo: produtores, operadores

² Endereço eletrónico www.b-on.pt (acedido em 14 Junho de 2017).

³ Disponíveis no portal Transport Research em www.transport-research.info (acedido em 14 Junho de 2017).

logísticos, transportadores, lojistas, ou autoridades públicas. Assim, estes foram agrupados em três grupos distintos. Para cada grupo foi desenvolvido um guião personalizado. Os grupos considerados foram os seguintes: i) Grupo 1: Produtores, Grossistas, Armazenistas, Operadores Logísticos e Transportadores, ii) Grupo 2: Retalhistas e iii) Grupo 3: Entidades Públicas.

A seleção das entidades a entrevistar pretendeu assegurar uma boa cobertura espacial e setorial (do setor público e canal HORECA). A seleção foi baseada nas boas práticas indicadas na literatura e com base em estudos previamente realizados na área de estudo, nomeadamente TIS.PT (2012a). De particular importância, foi a consideração das cadeias logísticas mais propícias à utilização do CDU. Assim, evitamos produtos transportados em cadeias de frio (i.e., congelados ou refrigerados) ou perecíveis de curto tempo de vida (ex.: frescos). Em alternativa, procuramos aqueles produtos com menor exigência e de mais fácil manuseamento, tais como, bebidas, perecíveis com longo período de vida, ou produtos não perecíveis. O entrevistado, sempre que possível, foi alguém com responsabilidades de logística, ou conhecimento das dinâmicas de distribuição, entrega e recolha de bens.

As entrevistas⁴ foram conduzidas a 24 profissionais entre 11 de junho a 29 de julho de 2015.

As entrevistas foram estruturadas de acordo com as propostas com Eisenhardt (1989) e Yin (2003) por forma a responder aos objetivos da investigação⁵. Os principais grupos de questões são brevemente descritos de seguida:

- Grupo de Questões 1: teve como propósito aferir as condições contextuais favoráveis (ex.: mercado, políticas ou económica) para a implementação de um CDU na zona de estudo, avaliar as potenciais vantagens e desvantagens da implementação de um CDU e os impactos nas respetivas operações. Perguntas abertas e semiabertas realizadas a todos os agentes tendo sido apresentado ao entrevistado condições identificadas durante a revisão da literatura.

- Grupo de Questões 2: teve como propósito aferir a relevância dos fatores de localização identificados na literatura. Perguntas

fechadas realizadas aos Agentes do Grupo 1 e do Grupo 3, e à Associação Comercial de Lisboa (ACL) (Grupo 2). A estes agentes foi pedido que identificassem os cinco fatores mais relevantes⁶, a partir da lista de 22 fatores, sendo estes, depois, classificados em *Fundamentais* (os considerados Indispensáveis) ou *Relevantes* (aqueles que podem não existir, mas que existindo potenciam a adoção de um CDU). Aos agentes pertencentes ao Grupo 2 (exceto ACL) foi somente colocada uma questão aberta sobre os fatores de localização relevantes de um CDU⁷.

Os respetivos guiões foram enviados com antecedência, tipicamente na semana anterior à realização da entrevista, para o entrevistado. A entrevista realizou-se nas instalações do entrevistado e, em média, tiveram uma duração entre os 45 e 80 min. As entrevistas foram gravadas e as respostas transcritas.

3. O CONCEITO DE CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO URBANA E FATORES DE LOCALIZAÇÃO

O conceito de CDU tem assumido vários significados. Consoante o país ou período temporal, as definições divergem, tendendo a ser ambíguas e frequentemente referindo-se a distintos conceitos: armazém público de distribuição, ponto de desconsolidação de mercadorias, centro de transbordo urbano, plataformas logísticas, ou *freight village* (BESTUFS 2006; Boudoin, Morel, and Gardat 2014; Rimiené and Grundey 2007). No âmbito desta investigação foi considerado que o CDU é “um dispositivo logístico situado relativamente próximo da área geográfica que pretende servir, no qual variadas empresas de logística entregam mercadorias destinadas a essa área, a partir da qual são feitas entregas consolidadas e de valor acrescentado” (BESTUFS 2006, 5). Os requisitos de implementação de um CDU são, por norma, simples e reduzidos (ex.: área coberta, acessos aos veículos, ou vedação contra intrusos). Exemplos típicos de locais incluem parque de estacionamento, edificado desocupado, ou interior de quarteirões.

⁶ Na ausência de literatura de apoio esta foi a quantidade que consideramos mais adequada ao equilíbrio entre a necessidade de minimizar o tempo da entrevista e obter dados relevantes e úteis.

⁷ Estes agentes não participam diretamente na gestão e operação do CDU pelo que a resposta é meramente indicativa. Esta solução permitiu reduzir a duração do tempo de resposta e aumentar a taxa de sucesso.

⁴ No Anexo I apresenta-se a listagem das entidades e respetivos entrevistados.

⁵ O guião de entrevista poderá ser encontrado em de Sousa (2015).

O recurso ao CDU é considerado, há cerca de vinte anos, uma popular medida de logística urbana (Verlinde, Macharis, and Witlox 2012) pela mitigação dos impactes negativos (ex.: redução das emissões poluentes, ou redução do ruído), ou aumento da eficiência do transporte de mercadorias (ex.: redução dos quilómetros transportados, melhor controlo de inventário ou melhor planeamento da operações) entre outras vantagens (Browne et al. 2012). Assim, sem surpresas, existe um corpo diversificado de literatura no que respeita à avaliação das vantagens e desvantagens, incluindo análise casos de estudo (Julian Allen et al. 2012; Gogas and Nathanail 2017; Johansson and Björklund 2017; Kin et al. 2016). A título exemplificativo apresentam-se os principais benefícios aferidos em diferentes casos de estudo de sucesso:

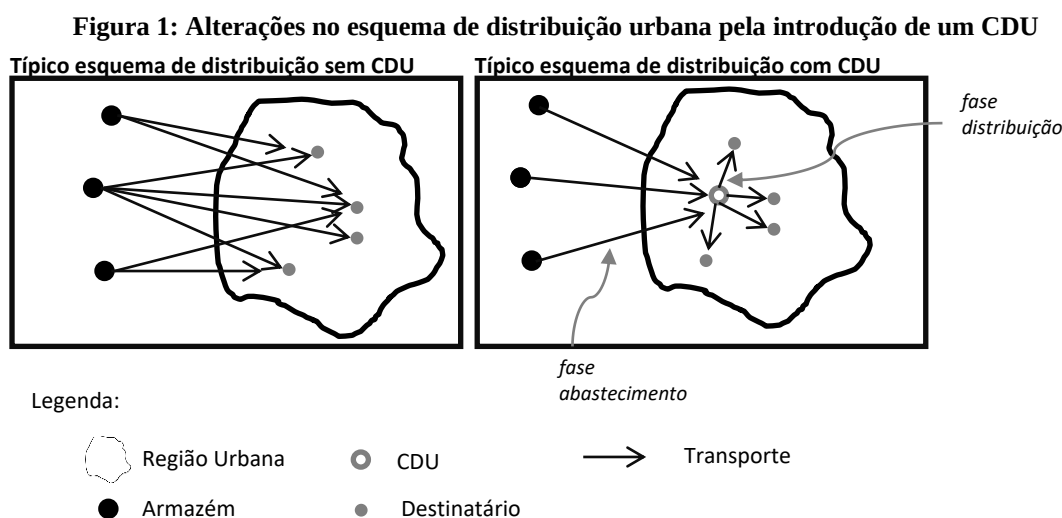
- La Rochelle, França (van Duin, Quak, and Muñuzuri 2010): redução de 61% dos quilómetros por veículo, redução das perdas de

tempo nas entregas no centro da cidade, redução de tráfego, ou melhoria de condições de estacionamento no centro da cidade;

- Londres, Reino Unido (Browne et al. 2012) redução de 20% da distância total conduzida por parcela entregue, ou redução do total de emissões equivalentes de CO₂ por parcela entregue correspondente a 54% do valor inicial;

- Utrecht, Holanda (Dasburg-Tromp, Schoemaker, and Maurer 2009) redução de custos de transportes e maior produtividade para as transportadoras; ou aumento da atratividade da cidade.

O CDU promove a utilização de veículos de maiores dimensões, incluído o modo ferroviário ou fluvial na fase de abastecimento; e a utilização de modos suaves ou veículos eléctricos, na fase de distribuição da última milha (Figura 1).



Existem, porém, distintas dificuldades na implementação e gestão de um CDU (BESTUFS 2003). As principais são apresentadas de seguida:

- Aumento da estrutura de custos pela introdução de i) um novo nó – o CDU – na cadeia logística no tecido urbano, aonde o preço do solo é consideravelmente superior ao da periferia, e ii) um novo serviço de transportes na fase de distribuição.

- Menor disponibilidade dos operadores logísticos em partilhar a operação do CDU com outros operadores devido ao receio de fuga de informação relevante e *know-how*.

- Reduzida disponibilidade dos operadores logísticos em delegar num outro operador o transporte na fase de distribuição devido i) ao receio de perda de clientes, ii) à relutância em abandonar o controlo de determinadas fases da cadeia de abastecimento, ou iii) à resistência em perder o contacto direto com o cliente.

- Eventual menor importância dos custos de transporte e logísticos na estrutura de custos da cadeia logística, o que poderá resultar na subalternização do transporte perante outros factos (ex.: nível de serviço ao cliente) e reduzir o interesse desta solução.

Estas e outras dificuldades reduzem as oportunidades de sucesso a médio e longo prazo. De facto, uma quantidade significativa de iniciativas acaba por ser descontinuada após alguns meses ou anos (Vahrenkamp 2016). As razões dos poucos casos de sucesso também permanecem desconhecidas pois não existe a prática de se realizar avaliações *ex-post* (van Duin, Quak, and Muñuzuri 2010). Assim, a informação pública é relativamente escassa e incompleta (Melo 2010).

Não obstante, são conhecidos diversos fatores que potencializam o sucesso destas soluções. Estes fatores classificados entre internos e externos caso possam ou não, respetivamente, ser influenciados e determinados pelos agentes envolvidos na gestão do CDU. Assim, exemplos de fatores internos incluem: localização e capacidade do CDU, tipologia de veículos, procura potencial (quantidade de pontos de entrega e recolha), ou o modelo de negócio. Enquanto que exemplos de fatores externos incluem: problemas de tráfego e congestionamento; políticas públicas favoráveis, para a discriminação positiva e promoção do CDU; apoio financeiro, nomeadamente estatal, na fase de arranque.

A localização é tida como um fator determinante para o sucesso da operação de um CDU (Terezinha and Senna 2014). De facto, a importância deste fator pode ser evidenciada pela abundância da literatura sobre este tema. Através da revisão da literatura foi possível identificar um conjunto inicial de 127 fatores de localização⁸, os quais foram reduzidos a 22. A listagem final é apresentada de seguida:

1. *Governança*: neste fator estão incluídas diversas dimensões nomeadamente as políticas públicas e os regulamentos nacionais e municipais relacionados com o transporte de mercadorias, os regimes fiscais (impostos) ou a legislação ambiental.

2. *Estrutura de Custos*: este fator inclui os vários custos relacionados com a operacionalização de um CDU, nomeadamente os custos i) de instalação e manutenção, ii) de produção (ex.: recursos humanos, energia, equipamento, etc.), iii) de inventário e transporte, iv) impostos ou benefícios fiscais.

3. *Distância de acesso*: este fator refere-se à localização do CDU, nomeadamente os

acessos aos destinos (ex.: retalhistas), e às origens (ex.: terminais logísticos).

4. *Mão-de-obra*: este fator está relacionado com a disponibilidade (oferta) de recursos humanos qualificados para a gestão e operação do CDU.

5. *Tempo de viagem*: este fator está relacionado com os tempos necessários para entrega e recolha de mercadoria, que depende dos níveis de congestionamento, disponibilidade de estacionamento ou frequência de entregas, entre outros.

6. *Segurança*: este fator está relacionado com as várias dimensões de segurança, nomeadamente i) a rodoviária (ex.: acidentes dos veículos), ii) perda ou furto da mercadoria durante o transporte, ou iii) perda ou furto da mercadoria no CDU.

7. *Impactes ambientais*: este fator está relacionado com as várias dimensões ambientais nomeadamente a poluição sonora e vibrações, a poluição do ar, ou a poluição visual.

8. *Impactes socioeconómicos*: está relacionado com os impactes decorrentes da instalação e operação de um CDU na região urbana, através da criação de emprego, ou pólo de desenvolvimento económico (ex.: fixação de novos retalhistas).

9. *Existência de meio institucional*: este fator está relacionado com a quantidade de agentes económicos (ex.: fornecedores, associações comerciais, retalhistas, etc.) a apoiar o CDU.

10. *Qualidade das relações institucionais*: este fator está relacionado com a natureza das relações institucionais entre agentes, nomeadamente privados (ex.: associações, transportadores) e públicos (ex.: câmara municipal, polícias).

11. *Quantidade de relações institucionais*: este fator está relacionado com a densidade da rede de relações institucionais entre agentes.

12. *Diferentes atores e múltiplos interesses*: este fator está relacionado com os impactes (normalmente de barreira) dos diferentes alinhamentos estratégicos e interesses dos diferentes agentes.

13. *Serviços básicos para instalações*: este fator está relacionado com a disponibilidade de serviços necessários ao adequado funcionamento do CDU (ex.: água, saneamento, eletricidade, gás ou telecomunicações).

14. *Vias de acesso*: este fator está relacionado com a adequação das vias de acesso,

⁸ A lista completa de indicadores pode ser encontrada em de Sousa (2015).

principalmente a rodoviária, mas também poderá incluir outras, tais como, a ferroviária.

15. *Serviços de apoio para a comunidade*: este fator está relacionado com a proximidade de outros serviços, que poderão utilizar ou dar apoio ao CDU, nomeadamente serviços de saúde ou lazer, bancos, escolas, instalações religiosas, segurança pública ou centros comerciais.

16. *Procura*: este fator está relacionado com a natureza do uso e da procura que se espera para o CDU (ex.: tipo de produtos, volume e pesos, variações ou incerteza).

17. *Condições de distribuição*: este fator está relacionado com a rede de distribuição a operar a partir do CDU, o que vai determinar a diversidade de oferta de serviços de transporte ou a disponibilidade do mesmo.

18. *Mobilidade*: esta fator está relacionado com as políticas de transportes e mobilidade, que poderão influenciar a operacionalidade do CDU.

19. *Condições acessibilidade*: este fator está relacionado com as características do ambiente construído, nomeadamente i) o perfil das vias rodoviárias, ii) a métrica do espaço físico urbano, iii) a estrutura topológica, iv) limitações horárias ou v) restrições ambientais (ex.: zonas de baixas emissões).

20. *Confiabilidade e exigências de serviço*: este fator está relacionado com os requisitos em termos de transporte, armazenamento e operações logísticas que se esperam do CDU, o que vai determinar as necessidades da infraestrutura, aptidão, das tecnologias de suporte ou, mesmo, da capacidade instalada.

21. *Condições imobiliárias e de construção*: este fator está relacionado com as exigências legais e regulamentares para a construção e operação do CDU, nomeadamente i) processos de licenciamento, ii) autorização de construção, iii) normas de regulamentação de construção, iv) códigos de segurança contra incêndio ou v) regulamentos camarários.

22. *Características das instalações*: este fator está relacionado com as propriedades físicas do CDU, nomeadamente a área das instalações, restrições físicas (ex.: alturas máximas ou caminhos de circulação) ou potencial de expansão.

4. CASO DE ESTUDO – BAIXA POMBALINA EM LISBOA

4.1 Caracterização da Área de Estudo

O âmbito territorial da Baixa Pombalina está definido no Plano de Pormenor de Salvaguarda da Baixa Pombalina e corresponde à área que é delimitada⁹ pelo eixo dos seguintes arruamentos assinalados na Figura 2.

O edificado urbano da Baixa Pombalina está estruturado em grandes quarteirões reticulados, equilibrados volumetricamente, com cêrceas, em média, de cinco ou seis pisos, aproximadamente. Os espaços públicos são amplos e existem três praças com dimensões assinaláveis: Praça D. Pedro IV (Rossio), Praça da Figueira e Praça do Comércio. A maioria do edificado é privado, contudo existem alguns edifícios que são propriedade (parcial ou total) do município e outros que pertencem ao património do estado. Os atuais usos de solo apontam para uma área predominantemente comercial e de serviços, sendo a função residencial de caráter residual, desde 2004 (CML 2005), facto confirmado pelos Censos de 2011 (TIS.PT 2012b, 2013). Desde então, houve um crescimento acelerado da atividade turística na cidade de Lisboa e, em particular, na área em estudo. Este crescimento tem sido gerador de atividade económica local e do consumo no setor HORECA, o que, por sua vez, originou um aumento da atividade logística. Por outro lado, assistiu-se a um aumento do movimento pedonal na área. Este duplo crescimento é potenciador de conflitos e interações acrescidos, que devem ser acautelados e mitigados.

Os estabelecimentos comerciais encontram-se dispersos por toda a área (Figuras 3, 4 e 5) em contraponto com os armazéns existentes, que se concentram sobretudo na envolvente à Rua dos Fanqueiros. Existem outros armazéns, nomeadamente de apoio à hotelaria, predominantemente na envolvente da Praça dos Restauradores.

A rede viária baseia-se em sentidos de circulação única, com restrições à circulação automóvel e vias exclusivas BUS. Existem diversas vias pedonais que restringem a circulação rodoviária. Os principais movimentos de entrada e saída da área de estudo fazem-se através da Praça dos Restauradores, Praça

⁹ Um mapa interativo da Área de Estudo está disponível neste endereço de internet: <https://goo.gl/ChqPXn>.

Figura 2 – Limites da Baixa Pombalina (Diário da República 2011)

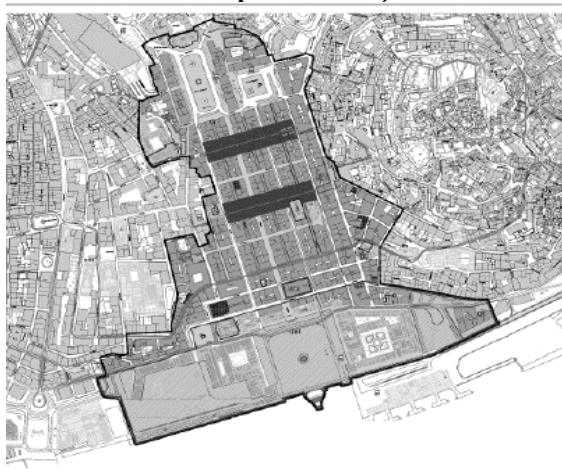


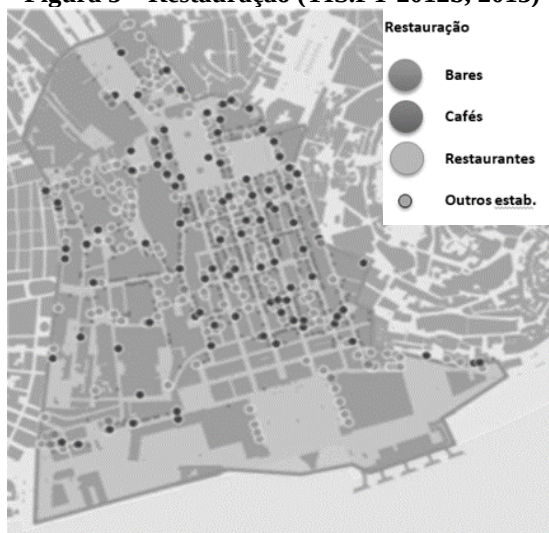
Figura 3 – Comércio não alimentar (TIS.PT 2012b, 2013)



Figura 4 – Comércio alimentar (TIS.PT 2012b, 2013)



Figura 5 – Restauração (TIS.PT 2012b, 2013)



Martim Moniz, Cais do Sodré e Praça das Cebolas, pela Rua da Alfândega.

Através de visitas à área de estudo constatou-se a ocupação indevida dos lugares de carga e descarga por automóveis e outros veículos de passageiros e, em determinadas situações, por veículos de mercadorias, através de paragens de longa duração (superior a 30 min). Nestas situações, a fiscalização revelou-se ineficiente e ineficaz. Por um lado, o número de agentes de fiscalização é insuficiente para uma vigilância completa da área; por outro lado, os esforços das ações de fiscalização centram-se nos lugares de estacionamento para veículos de passageiros ou em outros estacionamentos ilegais (ex.: em cima dos passeios). Os lugares de carga e descarga, distribuídos na

área de estudo, estão localizados em arruamentos transversais com menor movimento e afastados dos estabelecimentos comerciais, pelo que a sua utilização é evitada pelos motoristas. Por fim, é de notar que na área de estudo está em vigor, pela legislação municipal, uma janela horária restrita para a entrega e recolha de bens para veículos de média dimensão (das 6:00 às 8:30 e das 19:00 às 21:00 e, nas vias pedonais das 8:00 às 10:30). Assim, os transportadores são forçados a concentrar as suas operações nesse curto espaço de tempo, provocando congestionamento de veículos de mercadorias em alguns dos arruamentos. As políticas e estratégias para a cidade de Lisboa no domínio da logística urbana são escassas e abordam o tema de forma simplificada. O “Ob-

servatório Regional” (OR) da CCDRLVT, em 2015, confirmou a ausência de estudos setoriais realizados ou a realizar. Acresce o facto de haver poucas evidências da implementação dessas estratégias aos níveis tático e operacional na área de estudo.

4.2 Breve Caracterização dos Agentes Entrevistados

4.2.1 Grupo 1: Produtores, Grossistas, Armazenistas, Operadores Logísticos e Transportadores

O Anexo I apresenta a lista de entidades do Grupo 1 entrevistadas. Relativamente aos produtores SCC-Novadis e UNICER, estes indicaram que servem aproximadamente 200 e 400 estabelecimentos comerciais, respetivamente. Indicaram que todos os dias abastecem a zona do Caso de Estudo, sendo a terça-feira e a sexta-feira os dias de maior procura. A frota inclui camiões de 12 toneladas no caso de SCC-Novadis e, entre as 3.5 e as 12 toneladas no caso de UNICER. Os produtores e grossistas DIAGEO e PERNOD-RICARD optaram por realizar a logística integrada dos seus produtos recorrendo a empresas especializadas (LUÍS SIMÕES e DHL, respetivamente) e não servem diretamente os estabelecimentos comerciais mas sim os armazenistas (GARCIAS, SOLBEL). A garantia de elevado nível de serviço (acima dos 98.5%) foi um requisito fundamental na contratação dos serviços de logística por terceiros. Os grossistas, armazenistas e operadores logísticos (GARCIAS e SOLBEL) são abastecidos pelos produtores ou grossistas (ou pelas empresas de logística integrada subcontratadas) e fornecem os estabelecimentos comerciais recorrendo a viaturas ligeiras. Não existem rotas fixas, sendo a distribuição organizada por destinatário ou zona, e condicionada pelos horários que lhes são impostos pelos clientes HORECA. Para uma gestão dos tempos mais eficientes, para evitar desperdícios de tempo, no ato da entrega, a SOLBEL optou por não entregar guias mas sim faturas, não sendo feito o pagamento na hora mas a crédito. Os operadores logísticos LOGIC, LUÍS SIMÕES e URBANOS abastecem cerca de 100, 300 e 250 estabelecimentos comerciais, respetivamente. As viaturas utilizadas são: ligeiras (LOGIC); viaturas ligeiras de mercadorias (5 toneladas) e semirreboques (10 toneladas) (LUÍS SIMÕES); viaturas ligeiras designadas

por “botelheiros” (URBANOS). Fazem entregas diárias na zona, tendo as empresas indicado que a sexta-feira tinha maior procura.

4.2.2 Grupo 2: Retalhistas

O Anexo I apresenta a lista dos nove estabelecimentos comerciais, pertencentes ao Grupo 2, entrevistados. Estes estabelecimentos apresentam uma significativa diversidade de fornecedores, assim: dois estabelecimentos indicaram que tinham dois fornecedores, um que tinha quatro fornecedores, um que tinha cinco fornecedores, dois que tinham seis fornecedores, dois que tinham dez fornecedores, e um que tinha treze fornecedores.

Os estabelecimentos comerciais divergiam no número de fornecedores assim como na frequência de receção de mercadoria. Assim, um estabelecimento indicou que recebe mercadorias uma vez em cada duas semanas, três que recebem mercadorias uma vez por semana, três que recebem duas vezes por semana, dois que recebem três vezes por semana.

Quanto à Associação Comercial identificou diversos problemas e queixas, apontadas pelos estabelecimentos comerciais relativamente à distribuição de bebidas: elevado número de restrições e proibições, barreiras físicas à movimentação de veículos e pessoas, necessidade de reorganizar os processos de cargas e descargas, ou a inadequada fiscalização.

4.2.3 Grupo 3: Entidade Públicas

O Anexo I apresenta a lista de entidades do Grupo 3 entrevistadas. No setor público, a Junta de Freguesia, apesar de fisicamente estar muito próxima da zona de estudo, informou que os assuntos relativos a problemas ou queixas dos estabelecimentos comerciais não são da sua competência e que trata de outros temas, nomeadamente dos relativos à ocupação da via pública.

Os elementos camarários (do antigo Pelouro da Mobilidade e Infraestruturas, do Departamento de Mobilidade e da Divisão de Gestão de Tráfego) identificaram problemas similares: tráfego elevado e consequentes problemas ambientais e de segurança, dificuldades operacionais de cargas e descargas e reduzidas áreas de armazenagem dos estabelecimentos de restauração. Apresentaram uma visão muito semelhante relativamente a possíveis soluções para redução do tráfego: alterar o regulamento

de carga e descargas e compatibilizar os horários, também com o tráfego pedonal, promover a disciplina do setor por via regulamentar com a devida fiscalização, reduzir o espaço ocupado com circulação e estacionamento de viaturas, estimular o uso de modos de transporte mais suave (nomeadamente para pacotes), impulsionar a adoção de gaiolas logísticas e medidas discriminatórias positivas, em suma, a urgente definição da Política Logística da CML.

A EMEL também identificou a falta de legislação no âmbito da logística urbana, bem como já tinha apurado as questões de ineficiências na gestão do estacionamento que lhe eram apontadas como: i) a ocupação indevida de lugares de estacionamento de cargas e descargas por falta de fiscalização, ii) a localização das bolsas de estacionamento ou iii) as dificuldades ou impossibilidades de entregas noturnas ou em horários diferenciados. Na procura de soluções, a empresa municipal tem participado em diversos projetos de investigação e desenvolvimento. A EMEL informou que é expectável que, brevemente, a CML apresente a documentação estratégica que tem estado a desenvolver na área da mobilidade e na qual se inclui a logística urbana.

4.3 Resultados das Entrevistas

A informação recolhida com as entrevistas não teve o propósito de suportar o desenvolvimento de análises quantitativas mas somente apoiar a construção de uma visão compreensiva da perspectiva dos agentes da logística urbana sobre a possibilidade da implementação de um CDU na Baixa Pombalina. Nesta secção discutem-se os resultados principais da investigação, a saber: i) aferição das condições contextuais para a implementação do CDU, ii) identificação dos fatores relevantes para a localização do CDU, e iii) aferição das alterações decorrentes da operação do CDU.

4.3.1 Perspetiva dos Agentes perante um futuro CDU

Os agentes privados entrevistados concordaram na importância de um CDU na área de estudo para o segmento HORECA. De igual forma, demonstraram disponibilidade na participação em tal iniciativa. Vários dos entrevistados dos estabelecimentos comerciais mostraram-se disponíveis para se deslocarem ao

CDU para recolher e entregar a mercadoria. Houve, porém, uma condição à participação, e também neste ponto houve unanimidade, de não haver aumento nos custos das operações. Para tal, sugerem a criação de apoios públicos à implementação e operação do CDU.

A mais valia esperada é a redução nos custos de transporte pela redução do número de viagens em vazio e o aumento da carga em cada veículo. A perspetiva dos agentes privados, focada na rentabilidade a curto prazo, é paradigmática e reveladora da dificuldade na introdução de medidas que onerem estes agentes ou que tenham longos prazos de retorno.

Os agentes públicos não discordam da existência de um mecanismo de apoio público. Uma sugestão aceite, por entrevistados da CML, foi esta suportar os custos do solo e da infraestrutura; ficando somente a cargo dos operadores privados os custos das operações. Foi ainda sugerido a criação de incentivos à utilização do CDU, quer pela redução de taxas, quer pelo aumento das restrições de acesso à área de estudo. O período mínimo para o apoio público foi balizado entre os três e os seis meses; foi, porém, referido que o mesmo se prolongasse por um período mais longo entre três e os cinco anos.

Diferentes modelos de exploração foram propostos para o CDU pelos agentes públicos e privados. Os agentes públicos favorecem a gestão feita por uma única empresa pública. Esta seria responsável pela fase de distribuição da última milha. Pelo contrário, os agentes privados favorecem a gestão por um consórcio de operadores logísticos e empresas de transportes. Desta forma seria assegurado o acesso de vários agentes ao CDU. A gestão por um único agente público é vista com alguma apreensão por diferentes motivos, entre eles: o aumento dos custos, devido a uma gestão menos eficiente, perda do contacto direto os clientes finais ou favorecimento de algum agente. A dicotomia entre agentes públicos e privados evidencia as diferenças de perspetiva sobre a função e funcionamento de um CDU, e são reveladoras de potenciais dificuldades para a sua implementação.

Sobre a localização do CDU, os entrevistados concordaram que o mesmo se deveria localizar o mais próximo possível da área de estudo. Estabeleceram o limite de dez quilómetros para a distância máxima à área de estudo e às vias de comunicação.

4.3.2 Avaliação da relevância dos fatores de localização

Os entrevistados analisaram a listagem dos 22 fatores de localização, selecionaram os cinco mais importantes e, a esses, atribuíram uma classificação, segundo a escala Likert de dois escalões, a saber: *Fundamental e Relevante*. Os restantes 17 fatores foram considerados *Não Relevantes*. A Figura 6 apresenta os resultados da avaliação.

Assim, os fatores tidos como *Fundamentais* pelos agentes do Grupo 1¹⁰ foram: custos (identificado por oito entrevistados distância de acesso (identificado por quatro entrevistados), vias de acesso (identificado por quatro entrevistados) ou condições de distribuição (identificado por dois entrevistados). Os fatores tidos como *Relevantes* foram: serviços básicos para instalações (identificado por quatro entrevistados), procura (identificado por três entrevistados), características das instalações (identificado por três entrevistados), diferentes atores e múltiplos interesses (identificado por três entrevistados) e segurança (identificado por três entrevistados).

Os agentes do Grupo 3 apresentaram maior dispersão na classificação *Fundamental*, eventualmente por conhecimento insuficiente sobre as operações e processos da logística urbana e, também, por maior sensibilidade às temáticas políticas, institucionais e ambientais, não se obtendo respostas agregadoras da opinião dos entrevistados. Os fatores tidos como *Relevante* foram: impactes ambientais (identificado por três entrevistados), vias de acesso (identificado por dois entrevistados), procura (identificado por dois entrevistados) e condições de acessibilidade (identificado por dois entrevistados). Atendendo à influência deste setor no sistema de mobilidade urbana, o processo de tomada de decisão pública beneficiaria de agentes conhecedores do setor da logística urbana. O nível de conhecimento deverá ser o suficiente para compreender as necessidades, problemas ou expectativas dos agentes privados. O défice de conhecimento sobre a logística urbana pelos agentes públicos já foi identificado em outras cidades Europeias e reconhecido pela Comis-

são Europeia como um problema¹¹. Este resultado carece de investigação futura, nomeadamente no que concerne a identificação de ações de capacitação.

Nas entrevistas ao Grupo 2, a lista dos 22 fatores não foi apresentada, dado o elevado risco de o entrevistado desistir da entrevista, atendendo a que estas foram realizadas durante o horário de funcionamento. Assim, optou-se por colocar em questão aberta a indicação dos fatores mais relevantes para a escolha da localização de um CDU. Os entrevistados indicaram como mais relevantes: i) proximidade de acesso; ii) área de instalações; iii) condições de acessibilidade; iv) custos e confiabilidade e v) exigências de serviço. À Associação Comercial foi facultada a listagem dos 22 fatores que assinalou, igualmente, como fundamentais os seguintes fatores: distância de acesso (proximidade ao cliente), custos, segurança, impactes ambientais, e confiabilidade e exigências de serviço.

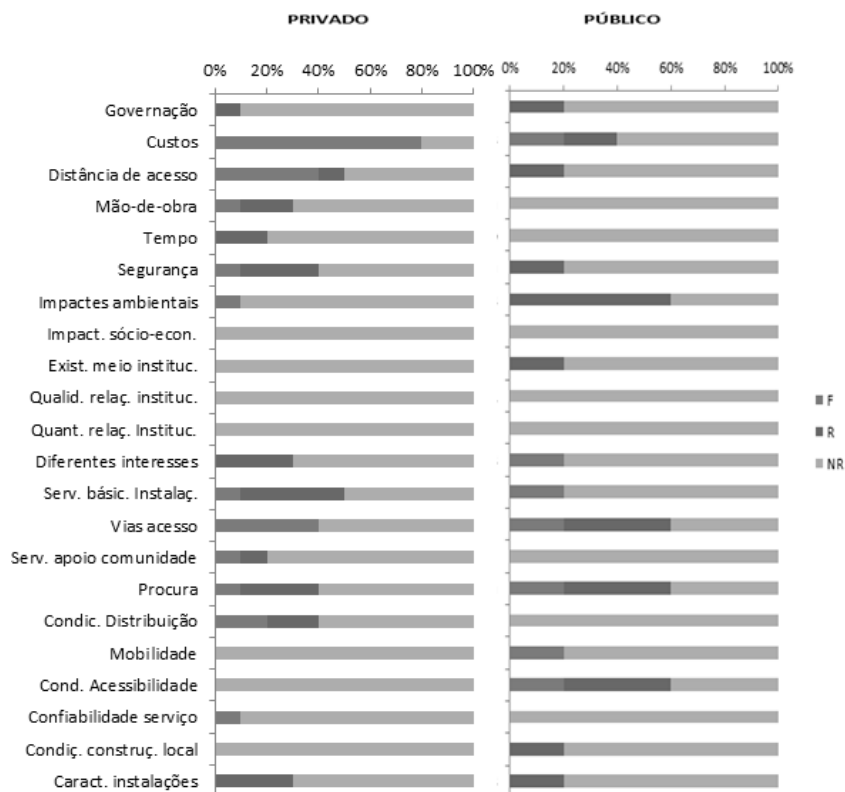
Numa outra questão foi pedida a inclusão de outros fatores de localização. Não houve qualquer sugestão, tendo a maioria dos entrevistados observado que “Está lá tudo, [a lista] está muito completa”.

A análise às respostas releva as diferenças de perspetivas e estratégias entre agentes, particularmente entre os operadores privados e os agentes públicos. Tais divergências representam potenciais fontes de conflito entre os agentes, que devem ser devidamente exploradas e mitigadas aquando da definição de soluções conjuntas. A implementação de um grupo de discussão de logística urbana pela CML é uma solução que tem colhido bons resultados em outras cidades Europeias, por favorecer o diálogo e criação de pontes entre os agentes (J. Allen et al. 2010).

Observando com detalhe a resposta do Grupo 2, os fatores relevantes indicados (custos, proximidade ao cliente (distância de acesso)), coincidem com a restante cadeia de abastecimento do setor privado e, também, parcialmente, com o setor público (condições de acessibilidade). A confiabilidade e exigências de serviço foram também consideradas relevantes por este grupo, o que poderá revelar a preocupação

¹⁰ No grupo 1 incluiu-se a informação prestada pela Associação Comercial de Lisboa (ACL). Apesar da ACL pertencer ao grupo 2 e representar especificamente o ramo comercial, trata-se de “um privado” e foi a única entidade, desse grupo, que analisou os 22 fatores, podendo-se extrair informação relevante. Assim, foi considerado haver, neste caso, um conjunto de 10 entidades.

¹¹ Neste sentido, a Comissão Europeia publicou recentemente dois estudos relevantes, a saber: “Study on Urban logistics – The Integrated Perspective” e “Study on Urban Vehicles Access Regulations”. Mais informações podem ser obtidas no seguinte endereço de Internet: https://ec.europa.eu/transport/themes/urban/studies_en (acedido em 25 de março de 2018).

Figura 6: Avaliação dos Fatores de Localização pelo Grupo 1 (esquerda) e Grupo 3 (direita)

de garantir um serviço, pelo menos, semelhante ao atual na eventualidade, futura, de virem ser chamados a utilizar o CDU.

4.3.3 Vantagens e desvantagens do CDU

Um CDU irá afetar diretamente os processos dos agentes do Grupo 1 principalmente os operadores logísticos e transportadores. Como tal, foram os entrevistados deste grupo que mais debateram as vantagens e, principalmente, as desvantagens decorrentes da implementação de um CDU. Os demais agentes serão afetados indiretamente, por alterações nos processos dos agentes daquele Grupo.

Assim, os entrevistados do Grupo 1 apontaram duas principais vantagens genéricas relacionadas com o aumento da produtividade e da eficiência. Estas duas vantagens são esperadas por diversas alterações na execução das tarefas e nos respetivos recursos. Assim a nível da execução das tarefas é expectável um aumento da velocidade comercial, um aumento da carga transportada em cada viatura (otimização), uma redução dos quilómetros percorridos em vazio (ou com pouca carga), ou uma melhoria da fiabilidade nas entregas. A nível dos recursos foi apontado uma previsível redução da

frota, incluindo viaturas e equipas e redução de custos diários por viatura. Foi ainda apontado benefícios a nível ambiental, decorrentes do aumento da eficiência dos processos e pela potencial utilização de veículos elétricos na fase de distribuição e aumento segurança consequente da redução de viaturas. No que concerne as desvantagens, a maior preocupação é pelo aumento dos custos. Não obstante uma redução, decorrente do aumento da eficiência dos processos, a incerteza nos custos associados com a operação do CDU é a principal desvantagem. Caso seja evidenciado a não existência de custos acrescidos, a aceitação do CDU é elevada. A introdução de um nó no processo logístico com a eventual entrada de um intermediário é também apontada como uma desvantagem por diversos motivos, a saber: redução da flexibilidade no serviço; receio da perda da confidencialidade da informação; redução do contacto com os clientes finais e, eventual, perda dos mesmos; e necessidade de alterações culturais, em particular aumento da cooperação entre agentes. A inadequada cultura organizacional e de gestão do setor foi ainda apontada como adversa à implementação de um CDU. Isto porque, a operação de um CDU exigirá disciplina acrescida, tal como por

exemplo na colocação das ordens ou no cumprimento das janelas horárias de entrega, o que não acontece hoje em dia.

Para os entrevistados do Grupo 2, o aumento dos custos logísticos é visto como a maior desvantagem de um CDU, pois teria como consequência o aumento dos bens. Um outro potencial problema está relacionado com o modelo de gestão do CDU, pois poderá influenciar na qualidade dos serviços logísticos (ex.: fiabilidade, tempos de entrega, etc.). Pelo contrário foram apontadas diversas vantagens relacionadas com o esperado aumento da flexibilidade nos horários de entrega, aumento das entregas, redução dos tempos de entrega, e melhor ocupação e utilização dos lugares na via pública. A simplificação dos procedimentos administrativos foi apontada como outra vantagem. Atualmente cada operador logístico ou transportador utiliza um procedimento próprio (i.e., guias de transportes, recibos e demais documentos). No caso de um CDU haverá somente um agente responsável, o que resultará na uniformização dos procedimentos administrativos. Foram ainda apontadas vantagens a nível ambiental e social, decorrentes da diminuição das emissões dos gases com efeito de estufa, da redução do número de veículos, ou da substituição dos veículos tradicionais por veículos elétricos.

Por fim, os agentes do Grupo 3 apontam diversas vantagens de natureza ambiental e social. Assim, esperam que o CDU contribua para a redução das emissões de gases com efeito de estufa, dos níveis de ruídos e dos níveis de congestionamento. A redução do número de veículos pesados a circular na Baixa Pombalina é apontada como outra vantagem. De igual forma, esperam conseguir regular melhor o estacionamento, em particular nos lugares de carga e descarga. A única desvantagem apresentada relaciona-se com um eventual custo para o erário público, associado à implementação do CDU.

5. CONCLUSÕES E DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

De entre as várias medidas para mitigar os problemas resultantes do transporte de mercadorias em meio urbano, os CDU são vistos com particular interesse. Porém, o sucesso destas soluções tem-se revelado complexo e de difícil alcance. Entre os fatores contribuindo para o insucesso encontram-se o aumento de

custos operacionais, decorrentes da introdução de um novo nó na cadeia logística; e por dificuldades a nível operacional, decorrentes da necessidade de coordenar as fases de abastecimento e distribuição.

Na cidade de Lisboa, a Baixa Pombalina, é particularmente crítica. O sistema viário apresenta diversas limitações e a presença de veículos de mercadorias é prejudicial ao turismo e atividades conexas. O turismo, aliás, tem revolucionado os usos na Baixa, nos últimos anos, designadamente pela proliferação de hotéis, hosteis e alojamento local, acrescendo também muita população sazonal, uma tendência que se prevê crescente. Assim, tem havido (e haverá) um crescimento pela procura destes serviços de transporte, particularmente no segmento HO-RECA, precisamente derivado do crescimento daquela atividade. Atualmente, a restauração já representa 25% dos estabelecimentos comerciais desta zona.

Assim, o presente artigo apresentou os resultados de uma investigação desenvolvida com o propósito de avaliar o potencial de um CDU que sirva o segmento de mercado HO-RECA na zona da Baixa Pombalina da cidade de Lisboa. O método de investigação inclui uma revisão da literatura para a identificação dos fatores de sucesso de um CDU. Com base num conjunto dos 22 fatores considerados mais relevantes, procedeu-se a uma campanha de entrevista aos agentes da logística urbana com interesses na Baixa Pombalina. Foram realizadas, no total, 24 entrevistas.

Como condições contextuais, o requisito para o envolvimento dos agentes privados, do Grupo 1 e 2, é o não aumento dos custos da cadeia logística. Como tal a implementação do CDU depende de uma análise económica. Na eventualidade provável de um aumento de custos, a sugestão, consensual entre os vários Grupos, é a de haver apoio público por parte da CML, através de subsídios, redução de taxas camarárias ou suporte dos custos relativos à implementação do CDU com a disponibilização do local.

Houve divergência sobre o modelo de exploração do CDU. Os agentes do Grupo 3 favorecem a gestão feita por uma única empresa pública; enquanto que os agentes do Grupo 1 favorecem a gestão por um consórcio de operadores logísticos e empresas de transportes. Esta potencial fonte de conflito deverá ser acautelada através da consideração de vários modelos de gestão, nomeadamente de parcerias

público-privadas ou de um financiamento público inicial, e diálogo com os agentes, antes da implementação do CDU. A divergência entre estes dois grupos não é novidade e está devidamente identificada na literatura (Anand et al. 2012; Morgado 2005; Ogden 1992). Apesar da literatura sobre este tema ser ainda escassa BESTUFS (2007) é relativamente consensual que a escolha do modelo de exploração depende dos condicionantes e requisitos específicos de cada local. Cada área urbana apresenta especificidades únicas que dificultam as generalizações. Assim, com base nas conclusões da presente investigação, sugere-se iniciar o processo de implementação através de um caso-piloto. Neste caso piloto seriam convidados o número mínimo necessário de agentes de cada Grupo para viabilizar a atividade do CDU. A Câmara Municipal deverá ter uma participação ativa através da facilitação e disponibilização de condições (ex.: infraestrutura) adequadas. O piloto servirá dois propósitos principais: de laboratório de ensino dos agentes envolvidos sobre as reais alterações e impactes do CDU nas cadeias logísticas; e de elemento demonstrador para os demais agentes, que podem ver no piloto a validade e mais valia de tal solução.

Relativamente aos fatores de localização, a divergência sobre os fatores ditos *Fundamentais* ou *Relevantes* entre agentes evidência divergências entre as respetivas estratégia e posicionamento no mercado e sociedade. Tais divergências poderão ser fontes de conflito e atritos para a implementação do CDU. O envolvimento dos agentes é crítico para cessar as divergências ou mitigar os impactes. Neste sentido a criação de grupos de discussão da logística urbana tem gerado resultados promissores noutros países Europeus.

A análise às respostas releva as diferenças de perspetivas e estratégias entre agentes, particularmente entre os operadores privados e os agentes públicos. Não obstante observa-se concordância em alguns dos fatores de preferência *Fundamental* e *Relevante*, entre os agentes privados (fatores: custos, distância de acesso, vias de acesso, e serviços básicos para instalações) e os agentes públicos (fatores: impactes ambientais, vias de acesso, procura, e condições de acessibilidade). Tais elementos comuns representam oportunidades de consenso entre agentes, que devem ser exploradas aquando da definição de soluções conjuntas.

Observando com detalhe a resposta do Grupo 2, os fatores relevantes indicados coincidem com a restante cadeia de abastecimento do setor privado e, também, parcialmente, com o setor público. A confiabilidade e exigências de serviço foram também consideradas relevantes por este grupo, o que poderá revelar a preocupação de garantir um serviço, pelo menos, semelhante ao atual na eventualidade, futura, de virem ser chamados a utilizar o CDU.

Quanto às possíveis alterações na zona de estudo, os resultados revelam um consenso entre os agentes sobre a potencial mais valia de um CDU na Baixa Pombalina. Os motivos, contudo, variam, refletindo o diferente posicionamento dos agentes na economia e sociedade. Os agentes do Grupo 1, diretamente relacionados com o transporte das mercadorias, anteveem melhorias operacionais a nível do desempenho. Os agentes do Grupo 2, relacionados com o segmento HORECA, anteveem uma maior flexibilidade nos serviços e uma menor presença física de veículos de mercadorias. Por fim, os agentes do Grupo 3, relacionados com o setor público, anteveem uma melhoria a nível ambiental e uma redução dos níveis de congestionamento induzidos por aqueles veículos.

Das entrevistas foi possível identificar pontos comuns com a literatura, no que diz respeito às vantagens e desvantagens do CDU. Assim, em relação às vantagens (e comparando com o Capítulo 3 e tabela 1), os entrevistados apontaram: organização do setor logístico e suas operações; otimização dos tempos de entrega; flexibilidade e fiabilidade dos níveis de serviço das entregas; possibilidade de distribuição em modos suaves da na última milha; melhoria do espaço público e segurança, melhorando o relacionamento com outras entidades públicas; poupança de recursos e viaturas, oportunidade para ter serviços com maior valor acrescentado (ex.: “fornecedor único”) que são comuns à literatura. Apontaram como desvantagens, também comuns à literatura: possível excesso de manuseamento e eventuais danos da mercadoria; introdução de um novo ponto de entrega e eventual aumento de custo; risco de não haver confidencialidade do negócio dos aderentes; possibilidade de deixar de haver flexibilidade para urgências; reduzida disponibilidade dos operadores em partilharem a operação do CDU.

O consenso sobre a mais valia de um CDU na Baixa Pombalina e sobre a forma de resolver a principal preocupação (i.e., aumen-

tos dos custos) é o principal resultado da presente investigação e evidência a existência de um contexto favorável que a CML poderá explorar para melhorar as condições ambientais, sociais e económicas desta área relevante da cidade de Lisboa.

Esta investigação revelou ainda uma lacuna significativa no estudo da logística urbana em contexto nacional, sendo importante e necessário a realização de mais estudos. Com base nos trabalhos e resultados da investigação desenvolvida foi possível definir um conjunto de novas linhas de investigação relativa sobre:

1) indicadores e critérios de suporte ao processo de tomada de decisão relativa à localização de CDU,

2) instrumentos de estimativa da procura de transporte e volumes de mercadorias,

3) modelos de negócio e gestão de CDU,

4) a viabilidade económica de um CDU (van Duin, Quak, and Muñuzuri 2010).

A própria investigação reportada neste artigo poderá ser objeto de melhoria através:

1) da realização de novas entrevistas a agentes não considerados (ex.: áreas metropolitanas, comissões de coordenação e desenvolvimento regional, ou ministérios), ou

2) do alargamento da área de estudo, pois várias cadeias logísticas englobam as zonas contíguas e seriam afetadas pela implementação de um CDU na Baixa Pombalina.

BIBLIOGRAFIA

ALICE, and ERTRAC Urban Mobility WG. 2015. *Urban Freight Research Roadmap*. http://www.ertrac.org/uploads/documentsearch/id36/ERTRAC_Alice_Urban_Freight.pdf.

Allen, J., Browne, M., Piotrowska, M., and Woodburn, A.. 2010. *Freight Quality Partnerships in the UK – an Analysis of Their Work and Achievements*. http://www.greenlogistics.org/themesandoutputs/wm9/downloads/FQP_report_Westminster_Uni_June_2010.pdf.

Allen, J., Browne, M., Woodburn, A., and Leonardi, J. 2012. "The Role of Urban Consolidation Centres in Sustainable Freight Transport." *Transport Reviews* 32(4): 473–90. <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01441647.2012.688074>.

Anand, N., Quak, H., van Duin, R., and Tavasszy, L. 2012. "City Logistics Modeling Efforts: Trends and Gaps - A Review." *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 39: 101–15.

BESTUFS. 2003. *3 D 2.3 BESTUFS-Best Practice Handbook Year 3 (2002). Road Pricing and Urban Freight Transport. Urban Freight Platforms*. Rijswijk, Holanda.

2006. *D 1 . 1 BESTUFS-Policy and Research Recommendations I. Urban Consolidation Centres, Last Mile Solutions*. Rijswijk, Holanda.

2007. *BESTUFS-Guia de Boas Práticas No Transporte Urbano de Mercadorias*. Rijswijk, Holanda.

Boudoin, D., Morel, C., and Gardat M. 2014. "Supply Chains and Urban Logistics Platforms." In *Sustainable Urban Logistics: Concepts, Methods and Information Systems*, eds. Jesus Gonzalez-Feliu, Frédéric Semet, and Jean-Louis Routhier. Springer Berlin Heidelberg, 1–20. http://link.springer.com/10.1007/978-3-642-31788-0_1.

Browne, M., Allen, J., Nemoto, T., Patier, D., and Visser, J. 2012 "Reducing Social and Environmental Impacts of Urban Freight Transport: A Review of Some Major Cities." *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 39: 19–33.

Browne, M., Allen, J., and Leonardi, J. 2011. "Evaluating the Use of an Urban Consolidation Centre and Electric Vehicles in Central London." *IATSS Research* 35(1): 1–6.

Bryman, A. 2012. *Social Research Methods*. Oxford, England: OUP Oxford.

CML. 2005. *Reabilitação Urbana. Baixa Pombalina: Bases Para Uma Intervenção de Salvaguarda*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

Comissão Europeia. 2013. *SWD(2013) 524 Final - A Call to Action on Urban Logistics: Together towards Competitive and Resource-Efficient Urban Mobility*. Bruxelas, Bélgica. <https://ec.europa.eu/transport/sites/transport/files/themes/urban/doc/ump/swd%282013%29524-communication.pdf>.

Cooper, H. M. 1989. "Integrating Research:

A Guide for Literature Reviews.” In Newbury Park/London/New Delhi: SAGE Publications.

Dasburg-Tromp, N., Schoemaker, J., and Maurer, H. 2009. *Deliverable 3 - Urban Logistics Practices Synthesis of Selected Case Studies*.

Diário da República. 2011. *Plano de Pormenor de Salvaguarda Da Baixa Pombalina*.

van Duin, J.H.R., Quak, H., and Muñuzuri, J. 2010. “New Challenges for Urban Consolidation Centres: A Case Study in The Hague.” *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 2(3): 6177–88. <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1877042810010827>.

Eisenhardt, Kathleen M. 1989. “Building Theories from Case Study Research.” *The Academy of Management Review* 14(4): 532–50. <http://www.jstor.org/stable/258557>.

Gogas, Michael A., and Eftihia Nathanail. 2017. “Evaluation of Urban Consolidation Centers: A Methodological Framework.” *Procedia Engineering* 178: 461–71. <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S187705817300899>.

Johansson, H., and Björklund, M. 2017. “Urban Consolidation Centres: Retail Stores’ Demands for UCC Services.” *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management* 47(7): 646–62. <http://www.emeraldinsight.com/doi/10.1108/IJPDLM-02-2017-0114>.

Kin, B., Verlinde, S., van Lier, T., and Macharis, C. 2016. “Is There Life After Subsidy for an Urban Consolidation Centre? An Investigation of the Total Costs and Benefits of a Privately-Initiated Concept.” *Transportation Research Procedia* 12: 357–69. <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2352146516000739>.

Melo, S. 2010. “Evaluation of Urban Goods Distribution Initiatives towards Mobility and Sustainability: Indicators, Stakeholders and Assessment Tools.” Tese de Doutoramento em Engenharia Civil, Porto: Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto.

Morgado, A. V. 2005. “Contribuição Metodológica Ao Estudo de Localização de Terminais Rodoviários Regionais Coletivos de Carga.” Tese de Doutoramento, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ogden, K. W. 1992. *Urban Goods Movement: A Guide to Policy and Planning*. https://books.google.pt/books/about/Urban_Goods_Movement.html?id=aE5PAAAAMAAJ&pgis=1 (April 24, 2016).

Rimienė, K., and Grundey, D. 2007. “Logistics Centre Concept through Evolution and Definition.” *Engineering Economics* 4(54): 87–95. <http://inze.ktu.lt/index.php/EE/article/view/12286>.

Russo, F., and Comi, A. 2012. “City Characteristics and Urban Goods Movements: A Way to Environmental Transportation System in a Sustainable City.” *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 39: 61–73. <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1877042812005587>.

de Sousa, A. 2015. “Localização de Alternativas Para Um Centro de Distribuição Urbana: Caso de Estudo Da Baixa de Lisboa.” Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

Terezinha, E., and Senna, P. 2014. “Plataformas Logísticas: Uma Abordagem Sobre as Tipologias E Características Através de Uma Revisão Sistemática.” *Journal of Transport Literature* 8(1): 210–34.

TIS.PT. 2012a. *Estudo de Logística Urbana Para a Zona Piloto Da Baixa de Lisboa: Apresentação E Discussão Com Os Agentes Locais*. Lisboa, Portugal.

2012b. *Estudo de Logística Urbana Para a Zona Piloto Da Baixa de Lisboa II. Apresentação E Discussão Com Agentes Locais*. 14Set2012. Lisboa: TIS.PT.

2013. *Estudo de Logística Urbana Para a Zona Piloto Da Baixa de Lisboa: Propostas de Intervenção E Plano de Ação - Fase III*. Lisboa, Portugal.

Vahrenkamp, R. 2016. “25 Years of City Logistics: Why Failed the Urban Consolidation Centres?” *European Transport \ Transporti Europei* 60(4): 6. http://www.istiee.org/te/papers/N60/P04_60_04_2016.pdf.

Verlinde, S., Macharis, C., and Witlox, F. 2012. “How to Consolidate Urban Flows of Goods Without Setting up an Urban Consolidation Centre?” *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 39: 687–701.

Yin, R. 2003. *Case Study Research - Design and Methods, 3rd Edition*. London, UK: SAGE Publications.

Anexo I – Entidades e entrevistados

Função na Cadeia de Abast.	Empresa	Função	Reunião - Dia
Grupo 1	Unicer-Cervejas S.A.	Gestor	29/07/2015
Grupo 1	SCC-Sociedade Central de Cervejas e Bebidas, S.A.	Distribution Coordinator	20/07/2015
Grupo 1	Diageo Portugal-Distribuidora de Bebidas Lda	Demand Planner Manager Portugal & Canárias	15/07/2015
Grupo 1	Pernod Ricard Portugal – Distribuição SA	Departamento de Logística	23/07/2015
Grupo 1	Garcias	Responsável de Armazém	20/07/2015
Grupo 1	Solbel	Directora Recursos Humanos	08/07/2015
Grupo 1	Logic	Director de Transportes	29/06/2015
Grupo 1	Luís Simões	Director Desenvolvimento Estratégico e Adjunto de Conselho de Administração	25/06/2015
Grupo 1	Urbanos	Director Área Negócio Express	29/06/2015
Grupo 2	Hotel/Bar Brown's Central 4*	Responsável de bar	12/06/2015
Grupo 2	International Design Hotel/Restaurante Bastardo, Salão de Chá e Bar	Director de Compras	12/06/2015
Grupo 2	Restaurante Chefe Cordeiro	Emprega de 1ª	11/06/2015
Grupo 2	Restaurante Velho Macedo	Proprietário	11/06/2015
Grupo 2	Cafetaria/Snack-bar Nova Pombalina	Sócio Gerente	11/06/2015
Grupo 2	Café/Snack-bar/Cafetaria O Cofre Verde	Sócio	12/06/2015
Grupo 2	Café/Restaurante 3a O Conde	Gerente	23/06/2015
Grupo 2	Café/Snack-bar Videirinha	Gerente	12/06/2015
Grupo 2	Bar Trobadores	Gerente	11/06/2015
Grupo 2	Baixa-Associação de Dinamização da Baixa Pombalina	Presidente	08/07/2015
Grupo 3	Junta de Freguesia de Santa Maria Maior	Chefe de Divisão Territorial	23/04/2015
Grupo 3	Câmara Municipal de Lisboa (CML)	Ex-Vereador do Pelouro da Mobilidade e Infra-estruturas	24/06/2015
Grupo 3	Câmara Municipal de Lisboa (CML)	Técnica Superior - Divisão de Gestão de Tráfego	01/07/2015
Grupo 3	Câmara Municipal de Lisboa (CML)	Transportes	16/07/2015
Grupo 3	Empresa Municipal de Fiscalização e para a Mobilidade, e.e.m.	Técnico Superior - Departamento de Mobilidade	30/06/2015

A Tropicalização da Especialização Inteligente: Considerações Iniciais e Falhas Sistêmicas de Inovação Para o Desenvolvimento de Uma Estratégia em Pernambuco (Brasil)

The Tropicalisation of Smart Specialisation: Initial Considerations and Innovation Systemic Failures For the Development of a Strategy in Pernambuco (Brazil)

Hugo Pinto

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra
Faculdade de Economia, Universidade do Algarve

Carla Nogueira

Centro de Investigação sobre os Espaços e as Organizações, Universidade do Algarve

Manuel Laranja

Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa

John Edwards

Joint Research Centre, European Commission

Resumo/ Abstract

As Estratégias de Investigação e Inovação para a Especialização Inteligente (RIS3) estão a ser implementadas em várias regiões da União Europeia de modo a facilitar a mudança estrutural nas economias regionais. O Estado de Pernambuco, na região do Nordeste do Brasil, está atualmente a implementar a sua Estratégia para a Ciência, Tecnologia e Inovação 2017-2022. Este artigo procura refletir sobre as condições para o desenvolvimento do sistema pernambucano de inovação com base nos princípios da especialização inteligente, em dois setores específicos que se têm afirmado como competitivos: as Confecções e o Automotivo-TI. O texto é eminentemente conceptual, mas a-

Research and Innovation Strategies for Smart Specialisation (RIS3) are being implemented across the European Union, in order to facilitate structural change in regional economies. The State of Pernambuco, in the North-eastern region of Brazil, is currently developing a Science, Technology and Innovation Strategy 2017-2022. This article seeks to reflect on the conditions for the development of the Pernambuco innovation system based in the principles of smart specialisation, along with two specific sectors that have been identified as competitive: Clothing and Automotive-TI. The text is eminently conceptual but presents a synthesis of the innovation dynamics in this

Agradecimentos: O trabalho apresentado neste artigo resulta do projeto financiado pela DGREGIO - Direção Geral de Política Regional da Comissão Europeia (Tender N°2016CE160AT045 EU-CELAC *Cooperation on Territorial Cohesion - Regional Innovation Systems in the State of Pernambuco - Brazil*). Hugo Pinto agradece o apoio financeiro da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia à sua investigação de pós-doutoramento (SFRH/BPD/84038/2012). Carla Nogueira agradece o apoio financeiro da FCT à sua investigação de doutoramento (SFRH/BD/117398/2016).

apresenta sinteticamente as dinâmicas de inovação neste território, uma avaliação das falhas sistémicas pelos atores-chave contribuindo para a reflexão sobre a tropicalização das RIS3.

Palavras-chave: Estratégias de Especialização Inteligente, Inovação, Sistemas de Inovação, Pernambuco, Tropicalização.

Código JEL: E61, O20, O00.

this territory, an evaluation of the systemic failures by the key actors contributing to the reflection on the tropicalisation of RIS3.

Keywords: Smart Specialisation Strategies, Innovation, Innovation Systems, Tropicalisation, Pernambuco.

JEL Codes: E61, O20, O00.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento sustentado e equilibrado das regiões é um dos principais desafios e, consequentemente, uma das principais preocupações das políticas públicas. A diversidade regional de um determinado território conduz a desafios de igualdade que os governos devem procurar colmatar, de modo, a estimular o desenvolvimento nacional como um todo integrado. A abertura aos mercados globais e o aumento da competitividade imprimiram novas dinâmicas económicas e consequentemente, empresariais, políticas, culturais e sociais. A inovação surge, neste contexto, como um fator-chave para o aumento da capacidade competitiva das empresas e o seu crescimento depende do desenvolvimento e da difusão de novas tecnologias, produtos e processos, com maior capacidade de produzir valor acrescentado e consequentemente, maiores índices de desenvolvimento.

Contudo, o processo de inovação não é linear, mas sim um processo complexo, que deve ser o resultado da interação entre vários atores, quer institucionais quer organizacionais e que deve obedecer às características territoriais e setoriais de uma determinada região. As estratégias de especialização inteligente (RIS3) surgem como um paradigma renovado do desenvolvimento estratégico da inovação sob a premissa da interação e do conhecimento das capacidades e forças regionais. As RIS3 sugerem um processo através do qual as regiões selecionam domínios prioritários, através de um processo de descoberta empreendedora, nos quais se possam destacar, aumentando a sua capacidade competitiva e uma maior eficácia no acesso aos mercados nacionais e internacionais. A abordagem RIS3 diferencia-se de iniciativas estratégicas anteriores por compreender o processo de inovação como participa-

tivo e multinível, com o envolvimento mais profundo de diversos atores no sistema de inovação, de forma a aproximar a estratégia da realidade do território, nos seus diferentes níveis de ação (empresarial e industrial, governança e agentes de geração de conhecimento como as universidades e os centros de investigação). As RIS3 foram adotadas transversalmente na União Europeia (UE) como forma de amenizar a mimetização crescente de políticas regionais de inovação e tornadas um requisito, uma condicionalidade *ex-ante*, para o acesso aos mecanismos de financiamento de inovação no contexto dos Fundos Europeus Estruturais e de Investimento em 2014-2020.

Dado que esta nova abordagem se tornou tão disseminada na Europa, começou a atrair o interesse de outras partes do mundo para a adotarem na promoção do desenvolvimento regional. Vários países da América Latina têm procurado a importação deste conceito e deste modelo de desenvolvimento, no sentido, de consolidarem sistemas regionais de inovação nos quais possam alicerçar vantagens competitivas e acesso a mercados de elevado valor acrescentado. No entanto, a adoção desta abordagem nos países da América Latina não se encontra isenta de desafios, nomeadamente ao nível, das diferenças culturais e das diferentes configurações institucionais e governamentais. Este processo, que denominamos como a “tropicalização” das RIS3, deve ser fundamentado numa análise cuidada de adaptação e tradução para que por um lado, possa representar mudança estrutural no território onde é implementado e, por outro lado, não perca as características intrínsecas e novas que tornam as RIS3 eficazes.

Este artigo resulta das reflexões e análises exploratórias iniciais, conduzidas para a implementação da RIS3 em Pernambuco no Bra-

sil. As características territoriais, políticas, económicas e sociais que caracterizaram a estrutura produtiva de Pernambuco geraram mecanismos que condicionaram a diversificação das atividades produtivas, conduzindo a uma industrialização tardia que adiou a necessidade, do tecido económico promover trabalho qualificado e dinâmicas inovadoras. Tal potenciou uma inércia na procura da inovação por parte das unidades empresariais estaduais e uma fraca interação entre os elementos do sistema de inovação, seja entre empresas, seja entre as instituições científicas e tecnológicas. O Estado de Pernambuco tem vindo a desenvolver um conjunto de iniciativas de forma a colmatar estas limitações e potenciar o seu sistema de inovação.

O artigo pretende contribuir para a reflexão do processo de tropicalização das abordagens RIS3, analisando as dinâmicas de inovação e as falhas sistémicas do sistema pernambucano. O texto organiza-se da seguinte forma: numa primeira parte são tecidas algumas considerações teóricas sobre as estratégias de especialização inteligente e uma reflexão em torno dos desafios inerentes à adoção deste modelo nos países da América Latina, nomeadamente no Brasil. Posteriormente, é explicado o processo de implementação da estratégia em Pernambuco, seguido de uma análise em torno do sistema de inovação pernambucano, ao nível das suas dinâmicas de inovação e das falhas sistémicas. O artigo termina com conclusões e implicações políticas das reflexões e resultados.

2. DESAFIOS À ESPECIALIZAÇÃO INTELIGENTE

2.1 Especialização Inteligente e Descoberta Empreendedora

A implementação bem-sucedida de uma estratégia de inovação e investigação ancorada nos princípios da ‘especialização inteligente’ pode ser um importante catalisador do desenvolvimento regional (Foray, David, & Hall, 2011). Inspirado pelo trabalho do *Knowledge for Growth Expert Group* da Comissão Europeia, a noção de ‘especialização inteligente’ tornou-se uma importante parte do enquadramento das políticas de C&T+I na UE e uma componente essencial do período de

financiamento 2014-2020 como condicionalidade *ex-ante* aos fundos estruturais e de investimento na temática da inovação (Capello & Kroll, 2016; McCann & Ortega-Argilés, 2016).

A ‘especialização inteligente’ adota uma visão sistémica da inovação (Edquist, 2005) para estruturar a decisão política de forma sustentada. Esta noção define o processo virtuoso de diversificação através da concentração de recursos e capacidades num número delimitado de domínios que representam trajetórias possíveis de transformação das estruturas produtivas regionais (Foray, 2016: 1430). Tenta apontar para a utilização efetiva do potencial não utilizado nas regiões, no seu desenvolvimento, através de um *policy-mix* que envolva quer investimento infraestrutural quer em *soft capital*, como apoio às empresas e atividades de colaboração. Apesar de ser um conceito originalmente desenvolvido para o nível nacional tem sido progressivamente adaptado para contextos regionais (Baier et al., 2013). Considera como essencial o entendimento multinível da governança compreendendo como necessária a articulação dos diferentes níveis de governo.

A União Europeia começou a promover ao nível regional, principalmente a partir do final dos anos 1990 e 2000, planos regionais de inovação baseados no conceito de ‘sistemas regionais de inovação’ (Cooke, 1998). Muitas regiões aproveitaram esse financiamento (Pinto et al., 2012). Quando o conceito de ‘especialização inteligente’ começou a ser discutido nos grupos de especialistas da União Europeia, foi novamente a Comissão Europeia que o adotou e promoveu, tornando-o o centro das estratégias de inovação, fruto da transformação em condicionalidade *ex-ante* de acesso a fundos estruturais.

A experiência RIS3 nos diferentes estados-membros da UE é bastante díspar (Kroll, 2015) mas permite constatar que a concentração e a animação dos atores locais em redor de prioridades específicas, definidas através de processos de ‘descoberta empreendedora’, produzem resultados positivos nas dinâmicas empresariais e nas dinâmicas científicas e tecnológicas, entre outros aspetos, a expansão do número de projetos colaborativos entre universidade e indústria, criação de novas empresas de base tecnológica e lógicas de internacionalização (Vallance et al., 2017). Apesar da sua implementação ter sido relativamente mais bem sucedida em regiões avançadas do que em regiões em transição ou menos desenvolvidas,

as RIS3 têm gerado impactos que se difundem pelo território, estimulando o emprego e cadeias de valor de maior valor acrescentado (Muscio et al., 2015).

A aplicação do conceito de especialização inteligente nas políticas regionais encontra também justificação no facto de os governos regionais e os atores locais serem normalmente confrontados com recursos escassos e orçamentos limitados para as necessidades de intervenção (Capello & Kroll, 2016). Deste modo, as políticas devem definir prioridades de intervenção que tenham forte enraizamento territorial, nas quais tenham capacidades explícitas ou latentes, e que encontrem procura nos mercados. A ênfase é muito maior na diversidade de atores e de iniciativas e na sua relevância para a mudança institucional. Mesmo em regiões menos intensivas em tecnologia e com um desfasamento em termos de desenvolvimento económico-social o potencial de seletividade de prioridades temáticas ligadas a domínios de conhecimento, com a introdução de mecanismos de descoberta empreendedora, é essencial para o sucesso de eventuais políticas. As políticas regionais de inovação têm sido muitas vezes acusadas de se basearem essencialmente na replicação de boas-práticas de regiões mais avançadas, de terem um enfoque *top-down* muito intenso, e um carácter tecnologista essencialmente ligado à dimensão explícita do conhecimento e a modos de aprendizagem de ciência-tecnologia-inovação (Tödtling & Trippl, 2005). Estes limites impedem que os diferentes atores-chave desenvolvam iniciativas e projetos de acordo com as suas capacidades e interesses e, deste modo, que a implementação das políticas públicas seja eficaz (Howells, 2005).

A abordagem à metodologia RIS3 sublinha que à dimensão ciência-tecnologia-inovação é importante conferir importância aos saberes tácitos e práticas implícitas, dando atenção a modos de aprendizagem que se associam normalmente ao que a literatura designa por fazer-usar-interagir (*doing-using-interacting*) (Jensen, Johnson, Lorenz, & Lundvall, 2007). Esta forma de aprendizagem é particularmente crucial em sistemas regionais de inovação em fases pouco amadurecidas, com ligações insípidas entre atores, com uma institucionalização intermédia de práticas ligadas à C&T+I (Cooke, 2016).

Em regiões desfavorecidas as políticas públicas necessitam de ultrapassar vários desafios

para ser bem-sucedidas (McCann & Ortega-Argilés, 2016). Em termos económicos apresentam um tecido empresarial menos diversificado e com menor qualificação dos recursos humanos. A existência de ‘variedade relacionada’ é um aspeto essencial uma vez que a investigação tem sugerido que as regiões beneficiam fortemente da colocalização de empresas de setores relacionados, principalmente de média e alta intensidade tecnológica, com uma proximidade cognitiva que facilite a aprendizagem coletiva e a colaboração (Content & Frenken, 2016). Em termos institucionais, as regiões mais desfavorecidas tendem a apresentar regras de funcionamento pouco amadurecidas ou desadequadas para as dinâmicas inovadoras e empreendedoras. Em termos de governança, possuem sistemas de governo mais frágeis e tendem a apresentar uma menor coordenação e cooperação, com desalinhamento entre atores e falta de capital social. Em termos de desenvolvimento, as regiões mais desfavorecidas tendem a obter uma parte mais significativa dos seus recursos através de financiamento e transferências dos governos centrais e outros recursos públicos, criando relações de dependência com outros níveis de governo. Finalmente, em termos de inovação as regiões desfavorecidas enfrentam uma aparente contradição, algo que tem sido designado como paradoxo regional da inovação (Oughton et al., 2002). Regiões que necessitam de mais inovação, mas apresentam menos oportunidades para a promoção de inovação. A inovação é um processo altamente cumulativo e associado a fenómenos de aglomeração pelo que contextos mais inovadores tendem a atrair cada vez mais inovação. São as regiões mais carenciadas de inovação que têm mais dificuldade em absorver recursos para a inovação mesmo quando esses recursos são disponibilizados pelos governos, uma vez que os atores de inovação, em particular as empresas, têm uma capacidade limitada de absorção dos benefícios (Capello & Kroll, 2016).

Apesar de não estar isenta de problemas, a ‘especialização inteligente’ oferece possibilidades de mitigar alguns destes problemas através da noção de ‘descoberta empreendedora’. O termo ‘Processo de Descoberta Empreendedora’ (PDE) é provavelmente um dos elementos-chave na metodologia RIS3 (Forte, Marinelli & Foray, 2016) e refere-se à priorização do investimento, partindo de um processo inclusivo e baseado em evidências, que inclui a parti-

cipação dos atores e a atenção às procuras existentes ou potenciais nos mercados. Neste sentido, um aspeto de destaque é o chamado ‘princípio da granularidade’ (Richardson, Healy & Morgan, 2014) sugerindo que o foco das políticas deixa de ser nos setores ou *clusters* específicos, mas em atividades concretas na interligação entre domínios de ‘variedade relacionada’ (Boschma, Minondo & Navarro, 2011).

O PDE é uma ferramenta crucial para resolver os problemas de informação que os governos têm ao definir, sozinhos, novos domínios de oportunidades para o desenvolvimento regional (Foray, 2016). Pretende ser um mecanismo inclusivo e interativo, um híbrido entre a decisão *top-down*, tradicional nas políticas públicas de inovação, e abordagens *bottom-up*, para envolver diferentes atores na identificação das novas atividades prioritárias, “ideias-parcerias”, para a mudança estrutural na região. Parte do pressuposto que o setor público não possui conhecimento inato sobre as prioridades a escolher ou sobre o caminho a seguir para o desenvolvimento regional (Foray, 2016). O PDE afasta-se, assim, dos mecanismos tradicionais de intervenção política ancorados em processos *top-down*. Este processo desafia a lógica de escolher ‘campeões’, que impõe novas áreas de especialização, permitindo aos empreendedores - entendidos numa conceção alargada, e envolvendo empresas, empresários, mas também outros atores de inovação, em particular as entidades públicas de Ensino Superior e pesquisa científica - identificar as potenciais vantagens nos seus domínios de especialização (Boschma & Gianelle, 2014). Neste sentido, normalmente utilizam-se as duas abordagens ao ‘processo de descoberta empreendedora’ (Forte et al., 2016). O conhecimento baseado em evidências, através de análises socioeconómicas, entrevistas e questionários aos atores, mas também modelos participativos de governança com diferentes momentos para auscultar os atores através da realização de *workshops* (Boden et al., 2015).

O PDE é particularmente importante para, enquanto passo inicial de uma estratégia de especialização inteligente, abrir novos domínios de desenvolvimento tecnológico e oportunidades de mercado na perspetiva dos empreendedores. Este processo deve facilitar a identificação de áreas prioritárias, mas também os caminhos (considerando atividades concretas) para a exploração ou realização dessas áreas.

As análises e as bases de conhecimento devem permitir um processo de decisão robusto e transparente. O PDE aproxima-se da lógica de exercícios de participativos e como tal não está isento de problemas. Corre riscos de manipulação, de alienação, de sequestro pelos interesses de atores específicos.

Por outro lado, o PDE permite através da participação e da evidência gerada pelas análises, gerar informação e consensos sobre novos domínios, suportando a definição da agenda, eventuais decisões políticas, a implementação e até os mecanismos adequados de monitorização. Deve permitir também refletir sobre as possibilidades de cada domínio se inter-relacionar com tecnologias transversais (KET – *key enabling technologies*) para se desenvolver e afirmar competitivamente. O ‘processo de descoberta empreendedora’ é um processo vivo e que não deve terminar com a elaboração de um documento estratégico (Hermosa et al., 2015). Os mecanismos de monitorização e de animação da RIS3 em fases subsequentes devem ter em conta a necessidade de manter as dinâmicas do PDE alimentadas.

Apesar do PDE não ser uma ideia original, na prática é um processo que sempre aconteceu em todas as mudanças estruturais e na maior parte das vezes de forma espontânea, acaba por ser a maior novidade da RIS3. Ao formalizar e explicitar o PDE na estratégia, uma RIS3 pode gradualmente descobrir as prioridades em termos de C&T+I ligadas à capacidade de transformar a estrutura económica existente, orientando a região para uma trajetória desejável de crescimento.

2.2 Falhas Sistémicas como Barreiras à Implementação da RIS3

O processo de inovação e a consolidação de um sistema de inovação implica a conjugação de diversos fatores, a interação entre diversos atores, o papel das instituições e o processo evolutivo (Edquist, 2011). Em todos estes elementos podem ocorrer imperfeições sistémicas, caso a combinação dos mecanismos não funcione de forma eficiente. Quando tal acontece, a transferência de conhecimento e a inovação preconizada pelos atores pode ficar bloqueada, abrandando o sistema de inovação como um todo. As falhas sistémicas referem-se à incapacidade do sistema de inovação para apoiar a criação, absorção, retenção, utilização e difusão de conhecimento economicamente

útil através da aprendizagem interativa (Woolthuis et al., 2005) e são um dos elementos centrais na justificação das políticas públicas de apoio à inovação.

As falhas nos sistemas de inovação e, consequentemente, as circunstâncias em que o

setor público deve intervir, podem ser de dois tipos principais: falhas de mercado e falhas sistémicas, estruturais ou transformacionais (Woolthuis et al., 2005; Weber & Rohracher, 2012; Pinto & Santos Pereira, 2014). Estas falhas encontram-se organizadas no quadro 1.

Quadro 1: Falhas de inovação

Falhas de Mercado	Assimetria de Informação
	<i>Spill-overs</i> de conhecimento
	Externalização de custos
	Sobre-exploração de recursos comuns
Falhas Sistémicas Estruturais	Falha de infraestrutura
	Falha institucional
	Falha de interação
	Falha de recursos
Falhas Sistémicas Transformacionais	Falha de direccionalidade
	Falha de articulação com a procura
	Falha de coordenação de políticas
	Falha de reflexividade

Fonte: Pinto & Santos Pereira (2014) baseados em Klein Woolthuis, Lankhuizen, & Gilsing (2005) e alargado por Weber & Rohracher (2012)

De acordo com estes autores, as falhas de mercado encontram-se associadas a situações em que interacções de troca não conseguem alcançar condições ótimas, para incentivo à inovação, sem a intervenção do setor público. Neste contexto, as falhas de mercado estão ligadas principalmente a quatro dimensões: a assimetrias de informação que são condicionadas pela incerteza dos resultados e devido ao horizonte temporal que leva a que investidores privados providenciem uma suboferta de financiamento para I&D; a *spill-overs* de conhecimento que conduzem a investimentos socialmente subótimos em I&D, em particular na componente fundamental; à possibilidade de externalizar custos, o que leva a inovações que podem prejudicar o meio ambiente ou de outros atores sociais e; à sobre-exploração de recursos comuns, nomeadamente quando os recursos públicos são mais utilizados na ausência de regras institucionais que limitam a sua exploração ('tragédia dos comuns').

As falhas sistémicas estruturais referem-se a falhas de infraestrutura, falhas institucionais, falhas de interação e falha de recursos (Woolthuis et al., 2005; Weber & Rohracher, 2012; Pinto & Santos Pereira, 2014). As falhas de infraestrutura referem-se à falta de infraestruturas físicas, em particular de conhecimento e inovação, devido à grande escala e ao longo horizonte temporal de operação e ao conse-

quente baixo retorno previsto para o investimento privado. As falhas institucionais encontram-se associadas, por um lado, ao débil funcionamento de mecanismos institucionais formais que podem dificultar a inovação, e podem ser uma parte do quadro de regulação, tais como normas técnicas, leis do trabalho, regras de gestão de risco, regulamentos de saúde e segurança, entre outros, e o sistema jurídico geral em matéria de contratos, emprego e direitos de propriedade intelectual dentro do qual os atores operam. E por outro lado, ao contexto mais amplo de valores políticos, culturais e sociais, que moldam os objetivos de políticas públicas, o ambiente da política macroeconómica e a forma de fazer negócios. Estas falhas institucionais macias (ou informais) incluem as normas e os valores sociais, a cultura, a vontade de partilhar recursos com outros atores, o espírito empresarial dentro das organizações, indústrias, regiões ou países. Outra das falhas analisadas pelos autores são as falhas de recursos que acontecem quando o sistema não dispõe de meios para inovar, nomeadamente quando as empresas e outros atores-chave da inovação carecem de competências e recursos financeiros adequados.

As falhas de interação, embora sejam falhas estruturais, encontram-se associadas à conectividade entre os atores-chave do sistema e à qualidade das redes, operando num nível in-

termédio do sistema. No caso de existir uma falha forte de rede, os atores individuais são guiados por outros atores da rede na direção errada e, conseqüentemente, não conseguem entre si os conhecimentos necessários. Isto é causado pela falta de troca de informações com os atores que desempenham um papel de intermediação. Isto pode potencialmente bloquear a renovação do sistema, sendo que as principais causas que as originam são a miopia devido à orientação interna, a falta de laços fracos e a dependência de parceiros dominantes. Quando a conectividade entre os elementos do sistema é baixa, ciclos frutíferos de aprendizagem e inovação podem ser impedidos.

A revisão e reflexão em torno das falhas dos sistemas de inovação indica que as mesmas também podem ser categorizadas como transformacionais (Woolthuis et al., 2005; Weber & Rohracher, 2012; Pinto & Santos Pereira, 2014). Nesta dimensão podem existir falhas de direccionalidade que ocorrem devido à falta de visão partilhada sobre o objetivo e a direção do processo de transformação, à incapacidade de coordenação coletiva dos atores envolvidos na formação de uma mudança sistémica, à regulação insuficiente para orientar e consolidar a direção da mudança, a falta de financiamento específico de investigação, desenvolvimento e demonstração projetos e infraestruturas para o estabelecimento de caminhos de desenvolvimento satisfatórios. A inexistência de espaços para antecipar e aprender sobre a procura de inovação não permitem absorção de inovações pelos utilizadores o que conduz a falhas de articulação com a procura.

Outra das falhas transformacionais que condicionam um sistema de inovação é a falha de coordenação multinível de políticas. Por um lado, falta a coordenação horizontal entre políticas de I&D, tecnologia e inovação e políticas sectoriais. Por outro, falta coordenação vertical entre ministérios e agências implementadoras, o que leva a um hiato entre intenções estratégicas e operacionais na implementação de políticas. Esta falha também se deve à incoerência entre as políticas públicas e as instituições privadas e à limitada coordenação temporal, resultando em discrepâncias relacionadas aos *timings* das intervenções pelos diferentes atores. Finalmente a falha de reflexividade encontra-se relacionada, mesmo que de forma latente, com a capacidade insuficiente do sistema para monitorar, prever e envolver atores nos processos de governação, a falta de arranjos

reflexivos distribuídos para conectar diferentes esferas discursivas, de modo a proporcionar espaços para a experimentação e aprendizagem, e à ausência de políticas de adaptação para manter opções em aberto e lidar com a incerteza.

As falhas sistémicas podem ser um ponto de partida interessante para se compreenderem os desafios que uma determinada região encontra para a inovação regional. Por este motivo devem estar presentes na avaliação e construção das estratégias, que como as RIS3, que pretendam transformar as dinâmicas de inovação no território.

3. ESTRUTURAR UMA RIS3 NO BRASIL

3.1 A Origem da Iniciativa RIS3-PE

No seguimento da Primeira Cúpula UE-Brasil e no âmbito dos memorandos de entendimento assinados entre a União Europeia e vários países da América Latina em 2007, o Brasil e a UE prepararam uma parceria estratégica que abrangesse diversos temas e o intercâmbio de conhecimentos e experiências em áreas de interesse mútuo. Em 2008 foi criado o “Projeto Apoio aos Diálogos Setoriais UE-Brasil” que tem como objetivo contribuir para o progresso e aprofundamento da parceria estratégica e das relações bilaterais por meio da elaboração de estudos, intercâmbio de conhecimentos técnicos especializados, missões técnicas e disseminação de resultados.

Mais recentemente, no período de preparação do período 2014-2020 as Estratégias de Investigação e Inovação para a Especialização Inteligente (RIS3) começaram a ser implementadas nas regiões da UE. As RIS3 resultam da visão estabilizada sobre a noção de ‘especialização inteligente’ e que compreende várias fases desde o processo de desenvolvimento de uma visão, identificação de vantagens competitivas, definição de prioridades estratégicas e implementação de políticas para promover o potencial de desenvolvimento baseado no conhecimento existente, baseado ou não em Ciência & Tecnologia e Inovação (C&T+I) (Foray et al., 2012).

A abordagem RIS3 tem vindo a tornar-se relevante, mesmo em regiões menos desenvolvidas e tem começado a ser utilizada, cada vez mais, como referencial em estratégias fora da

Europa¹. Neste sentido, a aprendizagem resultante do desenvolvimento e implementação das RIS3 na UE é de grande interesse para o Brasil e abre um campo vasto para potenciais parcerias em termos de desenvolvimento económico e de cooperação. Com base nesta experiência, a Comissão Europeia tem vindo a apoiar desde 2011 vários projetos para a troca de experiências entre autoridades regionais e agências especializadas latino-americanas e europeias na definição de políticas, implementação e gestão de *clusters* e políticas de inovação para pequenas e médias empresas (PME).

De acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Regional, o desenvolvimento de sistemas regionais de inovação é uma das prioridades do desenvolvimento socioeconómico em todas as regiões e Estados brasileiros (PNDR, 2011). No contexto do Brasil, a região do Nordeste, em particular o Estado de Pernambuco, oferece condições únicas para pilotar a adaptação da abordagem RIS3 à realidade brasileira. Este Estado apresenta uma assinalável evolução no domínio da C&T e inovação, com destaque para o setor das tecnologias de informação (TI), com a instalação e desenvolvimento do Porto Digital, que abriga mais de duzentas empresas, entre elas várias multinacionais. Pernambuco engloba, no entanto, territórios com distintos níveis de desenvolvimento socioeconómico, o que gera tensões e desafios para a estruturação de uma estratégia que promova de forma satisfatória a excelência, a competitividade, a coesão e a equidade.

O projeto RIS3 Pernambuco (RIS3-PE) baseou-se numa ação preparatória prévia, que foi apoiada pelo Projeto Apoio aos Diálogos Setoriais União Europeia – Brasil, e que compreende duas fases essenciais. A primeira fase decorreu em 2015 e teve como principais objetivos a escolha dos territórios-alvo e domínios de intervenção com o intercâmbio de especialistas, no sentido de fomentar a partilha do conhecimento das abordagens RIS3. Para tal, foi realizada uma missão aos territórios-alvo e posteriormente, foi organizada a deslocação de uma delegação brasileira, à Europa. Esta fase consolidou os aspetos necessários ao desenvolvimento de um projeto que preconizasse a implementação das RIS3 no território pernambucano. A segunda fase, que decorreu em

2017, alinou-se com a metodologia RIS3, de forma a definir o modelo de governança, avaliar os recursos de C&T+I com base em entrevistas a especialistas, desenvolver estudos de caso da governação da inovação regional, realização de workshops para a descoberta empreendedora e perceber as necessidades de inovação e potencial dos sistemas territoriais de Conhecimentos e de Automotivo-TI. O objetivo foi transferir princípios orientadores do racional RIS3 para a formulação de políticas de inovação em Pernambuco, em particular, para a Estratégia para a Ciência, Tecnologia e Inovação 2017-2022, que estava a ser finalizada.

A secção seguinte aprofunda o debate sobre os principais limites para a implementação do racional das RIS3 na América Latina.

3.2 Desafios para a Tropicalização das RIS3

A crescente procura de apoio para o desenvolvimento de estratégias de especialização inteligente por parte de regiões da América Latina aumentou a cooperação com a União Europeia, permitindo às partes interessadas dos dois continentes encontrarem sinergias e pontos de confluência no que diz respeito à promoção da inovação regional, nomeadamente através da construção de quadros de cooperação que pretendem articular os decisores políticos e especializações posicionais nas cadeias de valor globais. No entanto, a adaptação destas estratégias requer uma análise sobre as diferenças de contextos, as variações socioeconómicas e as abordagens territoriais existentes (del Castillo et al., 2015).

Embora a tropicalização das RIS3 possa ser um fenómeno vantajoso, quer para a América Latina quer para a UE, esta adaptação levanta questões conceptuais e estratégicas que devem ser acauteladas durante todo o processo (Barroeta et al., 2017). Um dos desafios centrais é transversal a todos os territórios e reflete os problemas emergentes da tradução de um conceito académico para a realidade do planeamento regional. Esta questão tem vindo a ser amplamente discutida (Foray, David, & Hall, 2011; Baier et al., 2013; Content & Freken, 2016) e o trabalho desenvolvido tem procurado desconstruir esta dificuldade, tornando o conceito de especialização inteligente um processo estratégico.

No entanto, no caso da América Latina crescem outros desafios, nomeadamente, ao

¹ Para uma análise e reflexão mais detalhada sobre a abordagem RIS3 em regiões exteriores à UE é possível consultar os projetos da Plataforma S3 sobre *S3 in lagging regions* e *S3 beyond EU*.

nível das capacidades técnicas e o capital humano do território, da configuração institucional e centralização da capacidade de intervenção no governo federal e dos recursos financeiros limitados para implementar uma agenda de transformação como uma RIS3. Ao nível da existência de redes e sinergias entre atores, tem-se verificado, uma fragilidade nas ligações e falta de confiança entre atores privados e universidades e outras organizações públicas de investigação, bem como um desfasamento entre a motivação dos atores locais, durante a fase de experiências-piloto e a incapacidade de mobilização durante a fase de implementação. Estes fatores podem representar uma condicionante estrutural, uma vez que a colaboração e o envolvimento dos atores são um ponto fulcral na implementação e desenvolvimento de estratégias de inovação.

Outras dimensões que requerem análises e reflexões aprofundadas são as lógicas de governança, nomeadamente, ao nível da vontade política das autoridades estaduais e federais para incentivar estratégias verdadeiramente descentralizadas de desenvolvimento, em particular no domínio da C&T+I e numa tendência de diluição das políticas regionais de inovação noutras políticas (verticais e horizontais, como exportação, educação, emprego). Para além destes fatores, a escassez nacional e regional de informação relativa a resultados e impactos das políticas de inovação, também representa um desafio na implementação das estratégias (Barroeta et al., 2017).

Assim, a implementação das RIS3 a outros territórios, como é o caso de Pernambuco, implica refletir sobre a metodologia RIS3 e adaptá-la e testá-la para implementação na realidade brasileira. Para além de desafios estruturais, a adoção de uma RIS3 em Pernambuco enfrenta outros problemas que arrogam um caráter reflexivo. Estes problemas podem ser, sumariamente, divididos em dois grupos interligados entre si. Um grupo de desafios com um foco mais macroestrutural e que se refere aos problemas que advêm da transferência de um conceito pensado para a realidade europeia, para o Brasil, bem como, aos desafios acrescidos para a implementação de uma RIS3, como resultado da complexidade da governação multinível, no caso brasileiro. Por outro lado, existe um conjunto de problemáticas mais específicas que devem ter em conta os limites para as regiões com desfasamentos de C&T e os problemas de desenvolvimento, desigualdade e exclusão social, como é o caso de Pernambuco.

Assim, uma reflexão em torno da tropicalização das RIS3, implica analisar as dinâmicas de inovação num determinado território, neste caso o pernambucano e construir uma base de conhecimento sólida que permita perceber a avaliação, por parte dos atores-chave, das falhas sistémicas. Este conhecimento permitirá compreender a realidade institucional, de modo, a construir uma estratégia que possa ser desenvolvida, contribuindo para a consolidação de um sistema de inovação que opere de forma integrada e articulada e que potencie mecanismos de geração de conhecimento e valor acrescentado para o desenvolvimento económico e social de Pernambuco.

Esta secção permite distinguir três aspetos importantes na transferência das RIS3 para a América Latina. A primeira é a dificuldade de aplicar um conceito académico a um processo político e as consequentes reflexões se uma RIS3 pode ou não potenciar a transformação e a mudança estrutural de uma região. Uma segunda dificuldade é a de *'policy transfer'*, ou seja, a absorção de conceitos e racionais de política em contextos bastante diferentes. Uma terceira dificuldade é a adaptação a RIS3 ao contexto específico da América Latina e do Brasil em particular.

4. DESENVOLVER UM SISTEMA DE INOVAÇÃO EM PERNAMBUCO

4.1 As Dinâmicas de Inovação em Pernambuco

Pernambuco localiza-se na porção centro-leste da região Nordeste do Brasil e possui uma extensão territorial de 98.149,119 quilómetros quadrados e, conforme a contagem populacional realizada em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), totaliza 8.796.448 habitantes. O IBGE estima que em 2017 a população do Estado seja de 9.473.266 habitantes, verificando-se assim um elevado crescimento populacional. Embora tenha sido um dos estados mais afetados pela crise brasileira, Pernambuco vinha apresentando um elevado crescimento económico, nos últimos anos, fato constatado no aumento anual do Produto Interno Bruto (PIB).

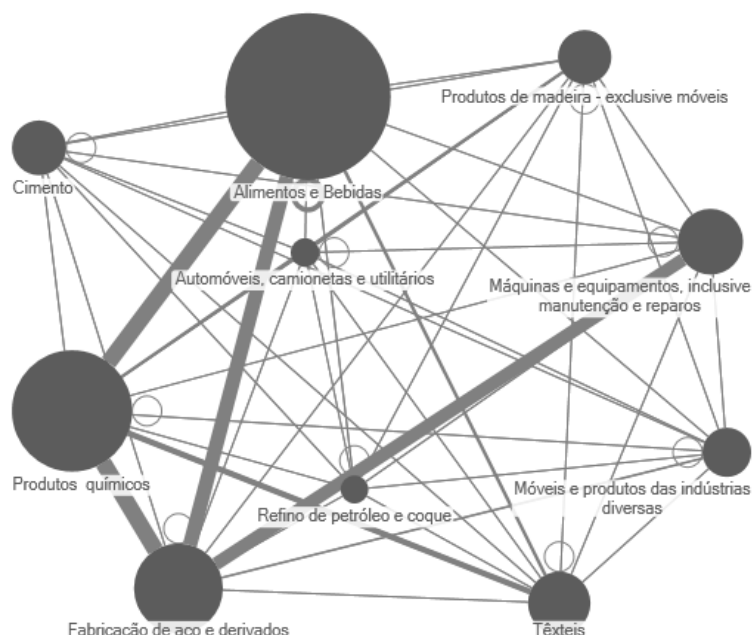
Segundo dados do IBGE, Pernambuco apresentou em 2015 um PIB *per capita* de 16,8 mil reais. Desde 2002 tal representa um aumento real de 28,1%. Em contrapartida o PIB *per capita* do Brasil aumentou 25,4% nesse

período, alcançando 29,3 mil reais (conferir anexo). Em termos de desemprego, Pernambuco apresenta estruturalmente um número elevado de desempregados, também pelo peso substancial da economia informal. Segundo os dados do IBGE, o Estado termina o ano de 2017 com uma taxa de desemprego de 17,6%, o equivalente a 723 mil indivíduos desempregados. Esta taxa é a segunda mais elevada do Brasil, que apresenta uma taxa média de 12,7%. Desde 2015, quer o país quer este Estado vêm registando um aumento significativo de desemprego. Em 2014, a taxa era de apenas 8,1%, mas com a crise económica subiu para 9,8% em 2015 e 14,5% em 2016.

O perfil económico de Pernambuco baseou-se largamente, ao longo da sua história, na

produção de cana de açúcar. Nas últimas décadas tem vindo a sofrer mudanças aceleradas fruto de investimentos, em particular no setor secundário. Actualmente é uma economia altamente terceirizada (76,1% do VAB em 2015 estava nos Serviços, cf. anexo). A figura 1 mostra a dimensão dos principais setores industriais na economia pernambucana bem como as ligações existentes entre estes. Para elaborar esta representação utilizaram-se as informações constantes na matriz Input-Output deste Estado e as técnicas relativas à análise estrutural de redes sociais (AERS), uma técnica que tem vindo a ser crescentemente utilizada no estudo das dinâmicas regionais (Ter Wal & Boschma, 2008).

Figura 1: Redes entre setores industriais na economia de Pernambuco



Fonte: Elaboração própria baseado na matriz input-output de Pernambuco em 2005, através do software NodeXL

O tamanho dos nós representa o peso relativo dos setores e a espessura dos laços a dimensão dos fluxos intersectoriais. Neste sentido, a figura 1 permite sublinhar o peso dos setores e as ligações entre eles. Os setores com mais peso na economia são: os produtos químicos, a fabricação de aço e derivados e os alimentos e bebidas. Esta análise também permite ter uma visão inicial das condições económicas estruturais que podem potenciar a capacidade de introdução de dinâmicas inovadoras por parte dos dois sistemas territoriais de inovação (STI) selecionados na RIS3 de Pernambuco e cuja escolha se explica mais detalhadamente na

subsecção seguinte: STI Confecções e STI Automotivo-TI. O setor de Têxteis tem uma expressão económica considerável enquanto o setor de Automóveis, camionetas e utilitários, apesar do seu peso menor, é central na interconexão da estrutura da economia. Um outro aspeto relevante é o grande peso dos produtos químicos e da fabricação de aço e derivados pois representam setores âncora que podem potenciar o desenvolvimento dos setores de Têxteis e da indústria automóvel.

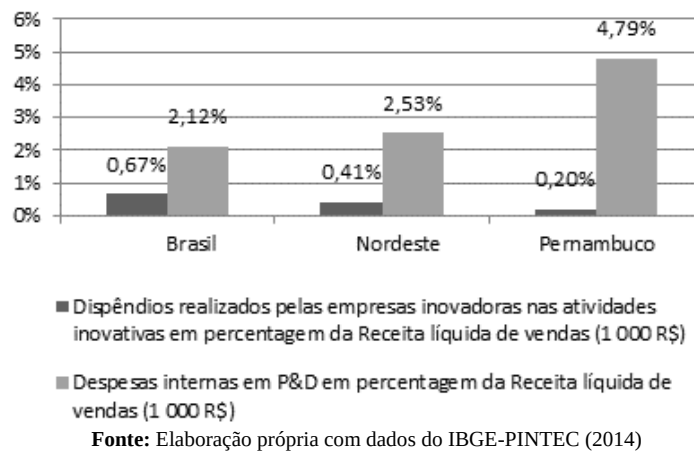
Para além, das ligações entre setores podem representar um mecanismo potenciador de dinâmica inovadora e, consequentemente, fun-

cionarem como alicerces da consolidação de um sistema de inovação, o Estado de Pernambuco tem vindo a apostar na evolução das suas competências científicas. Pernambuco está atualmente a implementar a ECT&I-PE - Estratégia para a Ciência, Tecnologia e Inovação 2017-2022 (SECTI-PE, 2017) com o objetivo de desenvolver e robustecer o Sistema Pernambucano de Inovação (SPIn). O território possui uma oferta de competências científicas e técnicas relativamente estruturada e capaz de contribuir para o aumento da competitividade da economia estadual. Os recursos relacionados com a ciência, tecnologia e inovação têm vindo a aumentar consistentemente, como por exemplo, o número de investigadores, de doutorados e pedidos de patentes (SECTI-PE,

2017). Simultaneamente, ainda se verifica um baixo esforço de inovação da indústria local. As atividades inovadoras são ainda realizadas, maioritariamente, pelo setor público, por um conjunto de instituições de produção de conhecimento e de desenvolvimento e difusão de tecnologia.

No entanto, dados recentes do PINTEC – Pesquisa de Inovação 2014 sugerem alguns aspetos animadores para a dinâmica de inovação no setor privado neste Estado. Apesar da despesa com atividades inovadoras (em percentagem da receita líquida) realizada pelo setor privado ser, em Pernambuco, menor que a média nacional ou do Nordeste, se tivermos em atenção as despesas em I&D, o Estado apresenta resultados superiores (Figura 2).

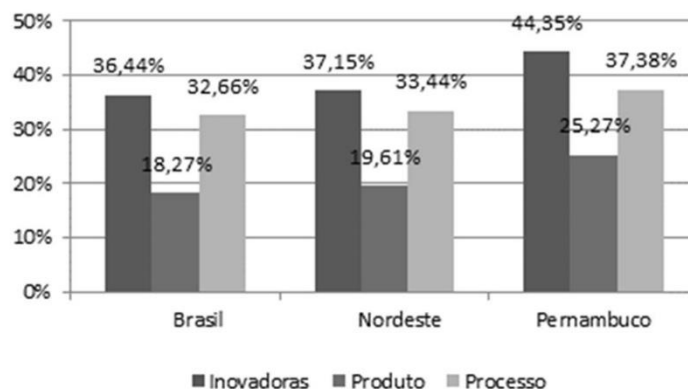
Figura 2: Despesas em inovação, em proporção da receita líquida



Outro dos dados que permite perceber o potencial de Pernambuco em consolidar o seu sistema de inovação é a percentagem de empresas com atividades inovadoras. A figura 3 revela que 44,35% das empresas de Pernambuco são inovadoras, sendo a inovação em pro-

cessos o tipo de inovação mais utilizado (37,78%). Este Estado brasileiro apresenta valores superiores à média nacional e nordestina na percentagem de empresas inovadoras, tanto em inovação de produto como de processo.

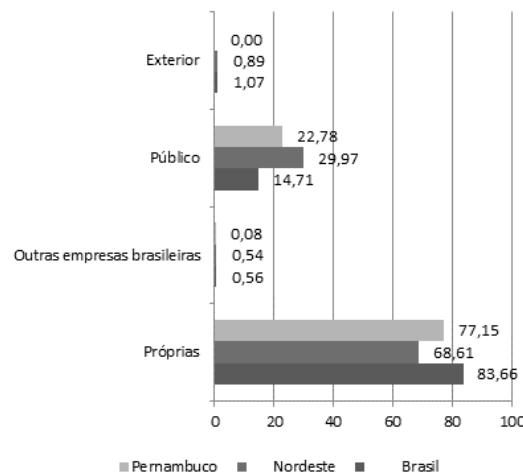
Figura 3: Empresas inovadoras, com Inovação de Produto e Processo (%)



No entanto, um aspeto que importa realçar quando se analisa as dinâmicas de inovação de Pernambuco, é relativo às fontes de financiamento das atividades inovadoras. Embora os dados e reflexões anteriores corroborem a hipótese de que Pernambuco tem vindo a crescer no que diz respeito ao contexto potenciador de

inovação, a figura 4 mostra que as despesas em inovação são ainda muito dependentes de fontes públicas de financiamento e que existe uma primazia no autofinanciamento destas atividades apesar de relativamente menor que a média nacional.

Figura 4: Fontes de financiamento das atividades internas de I&D e das demais atividades inovadoras (%)



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE-PINTEC (2014)

Vale a pena sublinhar que Pernambuco é um Estado marcado por fortes assimetrias geográficas, sociais e económicas. Essas desigualdades acabam também por ter reflexos no tecido empresarial e portanto, estes dados permitem deduzir que empresas de menor dimensão com menor capital económico e com limitações no acesso à informação, podem ter dificuldades acrescidas na promoção de atividades de inovação e, consequentemente, ver o seu crescimento e evolução condicionado. Neste sentido, a promoção de um sistema de inovação, coeso e sustentável, pode passar pela necessidade de fomentar mais sinergias e diversificação nas fontes de financiamento das atividades inovadoras, de forma, a consolidar um verdadeiro sistema de inovação.

4.2 Sistemas Territoriais de Inovação na RIS3 de Pernambuco

Como referido, Pernambuco abarca uma significativa heterogeneidade interna que aumenta consideravelmente os desafios para uma RIS3 ser bem-sucedida. Por um lado, compreende uma zona litoral dinâmica, com lógicas de inovação tecnológica, de criação de novas empresas, uma significativa rede de entidades

públicas de C&T+I. Por outro lado, inclui territórios interiores com problemas de desenvolvimento socioeconómico, limites à inovação inclusiva e questões importantes de sustentabilidade. Para responder a este desafio, a ECT&I-PE, organizou o Estado por diferentes ‘territórios inovadores’ (SECTI-PE, 2017).

Esta organização em ‘territórios inovadores’ baseia-se na definição de sistema territorial de inovação (Morgan, 2004). O STI é uma adaptação do conceito de sistema de inovação para uma escala sub-regional, um híbrido das noções de *cluster*, distrito tecnológico e meio inovador. A análise do STI é particularmente útil no caso brasileiro porque permite compreender a diversidade de escalas de análise e de intervenção (Fernandes, 2016). À escala nacional (relacionada com o nível federal), escala regional (que se preocupa com o nível estadual) e escala local (dinâmicas das cidades), o conceito de STI adiciona o entendimento sobre agrupamentos territoriais de dimensão intermédia, conferindo atenção específica a determinadas atividades económicas que se configuram como essenciais ao dinamismo do território.

Para a RIS3-PE foram delimitados dois setores económicos, que se têm afirmado como

competitivos à escala nacional e mesmo internacional - Confecções e o Automotivo-TI – como ponto de partida para a reflexão da especialização inteligente no Estado. Estes dois casos foram entendidos como STI, no contexto da construção e implementação da RIS3, que devem funcionar como exemplos-piloto para demonstrar e adaptar esta abordagem ao contexto brasileiro, em particular compreendendo a forma adequada de governação multinível e de seleção de prioridades e atividades. A escolha prévia destes STI pretendia orientar a seleção de “ideias-parcerias” inovadoras capazes de promover a mudança estrutural, permi-

tindo implementar na prática a perspectiva de granularidade que as RIS3 defendem. Tratou-se essencialmente de uma escolha política orientada pela discussão dos especialistas da fase 1 para identificar um STI de alta tecnologia e com grande dinamismo e outro STI de baixa tecnologia mas de grande relevância social. O quadro seguinte ilustra alguns elementos que comparam indicadores de desenvolvimento social e económico nestes STI, como o Índice de Desenvolvimento Humano, o índice de GINI, a variação do PIB, a variação da população e a taxa de atividade.

Quadro 2: Indicadores-chave nos STI selecionados

	Brasil	Pernambuco	STI Confecções	STI Automotivo-TI
IDH médio	0,729	0,673	0,594	0,678
Índice GINI	0,6086	0,6366	0,481	0,552
Δ PIB 2000-2010 (preços constantes)	43%	47%	79%	44%
População	190,75M	8,796M	0,691M	3,297M
Δ População 2000-2010	12%	11%	24%	9%
Taxa de atividade	58%	51%	56%	55%

Fonte: Lima & Irís

Existem muitas ideias pré-concebidas sobre estes dois territórios inovadores. O STI Confecções localiza-se no Agreste, em torno de Caruaru, cidade interior a cerca de 140 quilómetros do Recife. É, em geral, pouco qualificado, demonstrando pouca intensidade tecnológica, a maioria das empresas são de pequena dimensão e existe um elevado grau de informalidade nas relações comerciais. No entanto, este STI encontra-se numa fase de transição, em que procura passar de um modelo baseado no baixo custo-qualidade virado para o mercado regional, para o desenvolvimento de uma indústria mais sofisticada, associada à Moda, focada no comércio nacional e internacional.

O STI Automotivo-TI, na interseção do setor automóvel e as tecnologias de informação, tem um carácter mais disperso, mas organiza-se em torno da unidade produtiva da Fiat-Chrysler Automobiles em Goiana que produz cerca de 250 mil veículos por ano e beneficia da grande concentração empresarial em torno do Porto Digital em Recife. É um STI altamente qualificado, de elevada intensidade tecnoló-

gica, mas com um número limitado de atores no sistema e com bastante preponderância deste ator-chave na dinâmica do território.

O quadro 3 sintetiza algumas informações gerais sobre os STI selecionados, nomeadamente ao nível da sua localização, número de trabalhadores, emprego formal e informal, características tecnológicas, especialização dos recursos humanos e as instituições de CT&I com presença em cada STI (CGEE, 2015).

Como um todo, o sistema de inovação de Pernambuco tem tido um desenvolvimento condicionado e ainda enfrenta alguns desafios no sentido de se consolidar e de se tornar um sistema integrado que potencie as dinâmicas inovadoras e contribua para o desenvolvimento do Estado. Estas limitações, ainda persistentes, impedem a maturidade do sistema (SECTI, 2017). Neste sentido, torna-se importante uma análise às principais falhas do sistema de inovação. Esta análise é basilar para a formulação de políticas públicas para colmatar essas fraquezas.

Quadro 3: Características gerais dos STI selecionados

STI Confeções no Agreste	STI Automotivo-TI
- 14 municípios (150 Km do Recife) - 752 mil habitantes - 80 mil trabalhadores - Alto grau de informalidade dos trabalhadores (80%) - Produção anual: 720 milhões de peças - 15 mil empresas (formais) - Baixo nível educacional - Baixa intensidade tecnológica - Foco no mercado local - Desenvolvimento espontâneo e dinâmico - Instituições de CT&I com presença no território: UFPE, UPE, SEBRAE, SENAI, ITEP e Armazém da Criatividade.	- 11 municípios (incluindo a capital Recife); - 3,4 milhões habitantes - 80 empresas (montadora, sistemistas e autopeças) - 8.500 empregos formais - Principal empresa: Fiat Chrysler Automobile (FCA) - FCA: 250 mil carros por ano, incluindo exportações - Profissionais altamente especializados (maioria local) - Alta intensidade tecnológica - Centro Global de I&D - Interação com as universidades locais - Mercado global - Instituições de CT&I com presença no território: UFPE, UFRPE, UPE, Parques Tecnológicos (Porto Digital e Parqtel), CESAR, SENAI, ITEP, IF, Institutos privados de PD&I, Sebrae

Fonte: Lima & Irís

4.3 Avaliação das Falhas Sistémicas

Uma análise ao sistema de inovação de Pernambuco e uma reflexão em torno da tropicalização das RIS3, deve entender de que forma os atores-chave do sistema sentem as falhas existentes no sistema de inovação. Para compreender melhor o SPIn foi efetuada uma visita de estudo, entre 20 e 24 de março de 2017, que envolveu várias reuniões com atores-chave de ambos os STI, particularmente em Recife, Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Belo Jardim. Durante esta visita decorreram várias entrevistas, informação de base para as análises a realizar no projeto.

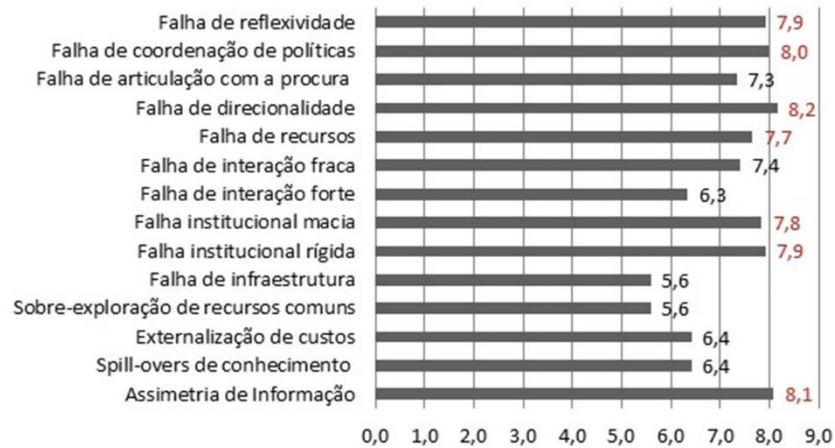
De modo a perceber quais as direções a seguir para a implementação da abordagem RIS3 no território pernambucano, procurou-se perceber quais eram as principais falhas que os agentes identificavam no sistema e no território. Deste modo, posteriormente à visita de estudo em Pernambuco, foi distribuído por 24 atores estratégicos identificados durante a visita, um questionário *online* para a avaliação das falhas de inovação. Estes atores eram representantes de empresas, de entidades públicas e privadas de I&D, de universidades, de incubadoras tecnológicas e de órgãos de governação

local, entre outros atores de inovação. A avaliação das falhas foi efetuada com base nas opiniões de 12 atores estratégicos. A hierarquização das principais falhas encontra-se refletida na figura 5.

Existem seis falhas que se destacam, como as mais relevantes, tendo por base, a avaliação dos atores pernambucanos. Neste sentido, as principais falhas identificadas são, sequencialmente, falhas de direccionalidade, assimetrias de informação, falha na coordenação das políticas públicas, falhas institucionais, falhas de reflexividade e falha de recursos. Esta avaliação permite ainda perceber que os atores consideram as falhas de infraestrutura e a sobre-exploração dos recursos comuns como as menos expressivas no sistema de inovação de Pernambuco.

Tendo em conta as falhas destacadas, embora os atores considerem que existem falhas em todas as dimensões previstas na literatura: falhas de mercado, falhas sistémicas estruturais e falhas sistémicas transformacionais, a avaliação destaca as falhas sistémicas como mais relevantes para o desenvolvimento do sistema de inovação.

Figura 5: Falhas de inovação na perspectiva de atores estratégicos no SPIIn



Fonte: Elaboração própria (n=12)

Das falhas sistêmicas estruturais, os atores consideram que por um lado, o quadro regulamentar, o sistema jurídico e os mecanismos institucionais formais (falhas institucionais rígidas) condicionam e despromovem a dinâmica inovadora e por outro lado, a cultura pernambucana, ao nível dos valores políticos, culturais e sociais (falhas institucionais macias), acaba por restringir não só o reconhecimento da necessidade de inovar, como também cria, no geral, um ambiente pouco fértil para a emergência de fenómenos de inovação.

Em relação às falhas sistêmicas transformacionais, a avaliação permite perceber que os atores-chave do SPIIn de Pernambuco percebem lacunas na visão partilhada, na coordenação entre os atores e no financiamento específico para investigação, como fatores que afetam a direcionalidade do processo de inovação, minimizando o potencial de consolidação do sistema. Na mesma linha de argumentação destaca-se a falta de coordenação das políticas públicas, tanto ao nível horizontal – que não agrega e coordena as políticas de I&D, tecnologia e inovação com as políticas setoriais (por exemplo, transportes, energia, agricultura) – como ao nível vertical, que conduz a incoerências entre as políticas e as necessidades do setor privado, a uma falta de articulação entre as intenções estratégicas e operacionais e discrepâncias relativamente aos momentos das intervenções dos atores.

Por fim, os atores consideram ainda a assimetria da informação como uma das principais falhas de inovação no sistema pernambucano.

Como verificado anteriormente, os processos de inovação de Pernambuco ainda se encontram muito dependentes de financiamento público. A assimetria de informação, por precorizar o processo através do qual os investidores privados subvalorizam o investimento em I&D, devido não só à incerteza como ao tempo de demora na obtenção de resultados, corrobora esta característica do sistema de inovação pernambucano, sublinhando esta falha de mercado como uma limitação que deve ser minimizada para a consolidação do sistema.

Após a identificação das falhas de inovação no sistema pernambucano foi solicitado aos atores que refletissem acerca de possíveis ações que poderiam ser implementadas de forma a gerar mudanças estruturais que pudessem colmatar as lacunas e potenciar as oportunidades, de forma, a resultar no desenvolvimento de um sistema com potencial de maturação e de dinamização. Esta dinamização e maturação teria, potencialmente, a capacidade de introduzir um incremento nas dinâmicas inovadoras e consequentemente, fortalecer o tecido económico e social de Pernambuco. As respostas dos atores-chave foram reorganizadas e ordenadas de acordo com o número de ocorrências (ou seja, o número de vezes que foram apontadas pelos intervenientes):

- Promoção de parcerias envolvendo múltiplos atores do SPIIn;
- Criação de um animador (ou da função) no Estado para a promoção de inovação;
- Definição de uma visão consensualizada sobre o futuro de Pernambuco;

- Criar condições para que as iniciativas de governo perdurem além da administração que as criou;
- Estimular a cultura de inovação nos empresários;
- Estimular uma governança participativa permanente (academia, governo, empresas e sociedade);
- Formular soluções tanto para melhoria na distribuição, quanto na geração de água para a região do Agreste (região onde se localiza, principalmente, o STI Confecções);
- Aumentar o investimento em segurança pública;
- Criação de uma rede de metro e comboio que facilite o deslocamento dentro de cada polo (e entre os polos);
- Estruturação de cursos direcionados para área de tecnologia no polo do Agreste;
- Diminuição da carga tributária em todos os níveis, bem como desburocratizar a máquina pública;
- Estimular a interação entre empresas, a partir de fóruns sectoriais ou territoriais, que permitam a identificação de problemas tecnológicos e a procura por soluções aproveitando as competências locais;
- Propor um Pacto pela Inovação que envolva o Governo e os diversos agentes do Sistema Pernambucano de Inovação.

As reflexões dos atores-chave do sistema de inovação de Pernambuco podem ser agrupadas em torno de algumas dimensões que podem ser estruturantes para o desenvolvimento deste sistema e que se encontram alinhadas com as principais falhas detetadas e analisadas anteriormente. Neste sentido, é possível verificar que existe uma primazia pelo reconhecimento da necessidade de estímulo à criação de parcerias e sinergias entre diversos órgãos e agentes (governo, empresas, universidades), no sentido de ativar a sua interação e aumentar a capacidade de inovação.

Para além disso, percebe-se também, a preponderância da reestruturação da governança, seja através de uma abordagem multinível e transparente, seja através da criação de incentivos. Estas duas dimensões encontram-se associadas a uma outra dimensão que, embora de forma latente, se encontra prevista nas sugestões dos atores-chave e que se refere à importância da emergência de uma visão sistémica e integrada que potencie a cultura de inovação.

Os intervenientes sublinharam ainda a necessidade de formação orientada para as necessidades do mercado e a melhoria das infraestruturas, ao nível, essencialmente, da distribuição de água, da cadeia de transportes e da segurança pública.

Estas sugestões podem ser consubstanciadas em estratégias e mudanças que preconizam o desenvolvimento do sistema de inovação e consequentemente, podem servir como pistas de orientação e potenciais linhas de ação para informar as políticas públicas, no sentido de introduzir mudanças estruturais.

5. CONCLUSÃO

O desenho de uma estratégia de especialização inteligente em Pernambuco pode ser uma ferramenta útil para a promoção das dinâmicas inovadoras neste Estado brasileiro, se enquadradas e baseadas nos resultados de uma avaliação atenta ao potencial territorial existente, capaz de interpretar os conceitos, ideias e práticas que tenham sentido e relevância para utilizar neste contexto específico. Caso seja bem-sucedida, a incorporação do racional RIS3 na Estratégia de CT&I tem igualmente um forte potencial demonstrador da relevância da especialização inteligente em contextos que não os europeus.

Este artigo permitiu refletir sobre três questões fundamentais. A primeira é o que é afinal a ‘especialização inteligente’? A especialização inteligente refere-se às características de uma região que alcançou a seleção de domínios onde se consegue destacar. Esses domínios são aqueles considerados estratégicos para o desenvolvimento, catalisadores de mudanças estruturais na região. Estão inseridos territorialmente, mas também em cadeias de valor globais e combinam convenientemente a base de conhecimento local com a oportunidade de mercado. A segunda questão é como criar uma ‘especialização inteligente’? A especialização inteligente pode ser alcançada por “geração espontânea” – mas é difícil. Preparar e implementar uma estratégia de especialização inteligente é provavelmente mais eficaz. Uma RIS3 precisa ser assumida como um processo contínuo e inacabado para orientar a região para uma mudança estrutural desejável. Mesmo que esse pressuposto já esteja presente na lógica RIS3, na prática muitas regiões continuam a adotar uma perspetiva “tradicional” - como um documento de planeamento que é desen-

volvido em um determinado momento no tempo e fechado, concedendo o cumprimento de uma condicionalidade *ex-ante* e facilitando a seleção de projetos em domínios temáticos a serem apoiados por fundos públicos. Uma terceira questão é o que significa o Processo de Descoberta Empreendedora? A principal novidade das RIS3 é o processo de “descoberta empreendedora”. Este processo considera diretamente a descoberta de novas áreas que podem transformar a região. É um processo que está sempre presente na evolução dos territórios. A diferença nas RIS3 é que é assumido como parte da estratégia, um processo direcionado, tentando instigar a combinação de abordagens de “baixo para cima” com o envolvimento das partes interessadas na formulação e governança de políticas e que parte do pressuposto que os decisores políticos não conseguem obter o conhecimento relevante para decidir o futuro desejável.

Embora ainda recente e com muitas limitações na sua implementação prática, as RIS3 têm-se afirmado como um potencial paradigma das políticas de inovação regional. A sua grande novidade, a governança participada através do PDE, permanece também um dos maiores desafios, em particular para a tropicalização das RIS3 e para a adoção deste modelo de desenvolvimento a países da América Latina devido à limitada capacitação dos atores de inovação. As limitações deste processo de tradução podem ser, simultaneamente, oportunidades de aprendizagem e crescimento para ambos os territórios, quer na América Latina quer na UE, se enquadrados com análises cuidadosas e rigorosas às diferenças dos mesmos,

não só ao nível da governança, como ao nível cultural, empresarial, social e muitas vezes, de estágios de desenvolvimento. A existência de diversos desafios nos processos de tropicalização das RIS3 leva a que devam ser desenvolvidos com cautela. O caso de Pernambuco é um exemplo desse cuidado na transferência deste referencial.

O desenvolvimento da RIS3 de Pernambuco tem sido ancorado em diversos momentos de análise, que têm acompanhado o projeto desde a sua fase inicial. Os resultados apresentados neste artigo revelam algumas das análises efectuadas e mostram que embora incipiente, Pernambuco tem trilhado um caminho que encerra em si um potencial de desenvolvimento de um sistema de inovação. Os crescentes incrementos na capacidade inovadora das suas empresas são um reflexo disso mesmo e um contributo para o aumento da variedade relacionada e especialização do território, fundamental para a consolidação do sistema e para uma especialização inteligente. O desenvolvimento do sistema de inovação deve então passar pelo reconhecimento das suas falhas e as políticas públicas devem procurar focar os seus esforços na minimização das mesmas, contribuindo para o estímulo de parcerias e incentivos, melhoria das infraestruturas e para a emergência de uma visão sistémica e integrada do futuro do território pernambucano. Embora seja possível ter uma visão otimista em relação ao sucesso da tropicalização das RIS3, a mesma deve ser prudente e tentar antecipar diferentes tipos de impactos da sua implementação no território.

BILIOGRAFIA

Baier, E., Kroll, H. & Zenker, A. (2013), Templates for smart specialisation: Experiences of place-based regional development in Germany and Austria, Fraunhofer ISI, Working Papers Firms and Region, N° R5/2013.

Barroeta, B., Gómez Prieto, J., Paton, J. & Palazuelos, M. (2017), Innovation and Regional Specialisation in Latin America: Identifying conceptual relations with the EU Smart Specialisation approach, S3 Working Paper Series, EUR 28511 EN, doi: 10.2760/906206

Boden, M., Marinelli, E., Haegeman, K. & Dos Santos, P. (2015), Bridging thinkers and doers: first lessons from the Entrepreneurial

Discovery Process in Eastern Macedonia and Thrace, Smart Specialisation Policy Brief No.14/2015.

Boschma, R. & Gianelle, C. (2014), Regional branching and smart specialisation policy, S3 Working Paper Series, n.03/2014.

Boschma, R., Minondo, A., & Navarro, M. (2011), Related variety and regional growth in Spain. Papers in Regional Science, 91(2), 241–257. <http://doi.org/10.1111/j.1435-5957.2011.00387.x>

Capello, R. & Kroll, H. (2016), From theory to practice in smart specialization strategy: emerging limits and possible future trajectory

ries. *European Planning Studies*, 24(8), 1393–1406.

<http://doi.org/10.1080/09654313.2016.1156058>

Content, J. & Frenken, K. (2016), Related variety and economic development: a literature review, *Papers in Evolutionary Economic Geography*, #16.21.

Cooke, P. (1998), Introduction: origins of the concept. In: Braczyk, H.-J.; Cooke, P. & Heidenreich, M. (eds.): *Regional Innovation Systems: The Role of Governances in a Globalized World*. 1. Edition London: UCL Press, pp. 2–28.

Cooke, P. (2016). Four minutes to four years: the advantage of recombinant over specialized innovation – RIS3 versus “smartspec.” *European Planning Studies*, 24(8), 1494–1510. <http://doi.org/10.1080/09654313.2016.1151482>

CONDEPE / FIDEM (2016) Anuário Estatístico de Pernambuco, Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco, disponível online em <http://www.anuario.pe.gov.br/>

Del Castillo, H. J.; Paton, J. E.; & Barroeta, B. E.; (2015), Smart specialization and entrepreneurial discovery: Theory and reality, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 39.

Edquist, C. (2005), Systems of Innovation. Perspectives and challenges. In: J. Fagerberg, D. C. Mowery, & R. Nelson, *Oxford Handbook of Innovation* (Vol. 1, pp. 181-208). Oxford, England: Oxford University Press.

Edquist, C. (2011), “Design of Innovation Policy through Diagnostic Analysis: Identification of Systemic Problems (or Failures)”, *Industrial and Corporate Change*, 20(6), 1725-1753. doi:10.1093/icc/dtr060

ETENE (2018), Diário Económico ETENE, Escritório Técnico de Estudos Económicos do Nordeste, no I - Nº 1 – 15.01.2018 ISSN 2594-7338.

Fernandes, A. C. (2016), Sistema Territorial de Inovação ou uma dimensão de análise na geografia contemporânea. In: E. S. SPOSITO, C. A. Silva, J. L. Sant’anna neto, & E. S. Melazzo, *A diversidade da Geografia brasileira. Escalas e dimensões da análise e da ação* (pp. 113-142). Rio de Janeiro, Brasil: Editora Consequência.

Foray, D. (2016), On the policy space of smart specialization strategies. *European Planning Studies*, 24(8), 1428–1437. <http://doi.org/10.1080/09654313.2016.1176126>

Foray, D., David, P. A., & Hall, B. H. (2011), Smart specialization from academic idea to political instrument, the surprising career of a concept and the difficulties involved in its implementation (MTEI-WORKING PAPER No. 2011–1).

Foray, D., Goddard, J., Beldarrain, X. G., Landabaso, M., McCann, P., Morgan, K., ... Ortega-Argilés, R. (2012), *Guide to Research and Innovation Strategies for Smart Specialisations* (RIS 3).

Forte, I.P., Marinelli, E. & Foray, D. (2016), The Entrepreneurial Discovery Process (EDP) cycle: from priority selection to strategy implementation, In Gianelle, C., Kyriakou, D., Cohen, C. & Przeor, M. (ed.) *Implementing smart specialisation strategies: a handbook*, Brussels, European Commission

Hermosa, J.D, Elorduy, J.P. & Eguia, B.B. (2015), Smart specialisation and entrepreneurial discovery: Theory and reality, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 39, 5-22.

Jensen, M. B., Johnson, B., Lorenz, E., & Lundvall, B. Å. (2007), Forms of knowledge and modes of innovation. *Research Policy*, 36(5), 680–693. <http://doi.org/10.1016/j.respol.2007.01.006>

Klein Woolthuis, R., Lankhuizen, M., & Gilsing, V. (2005), A system failure framework for innovation policy design. *Technovation*, 25(6), 609–619. <http://doi.org/10.1016/j.technovation.2003.11.002>

Kroll, H. (2015), Efforts to Implement Smart Specialization in Practice—Leading Unlike Horses to the Water. *European Planning Studies*, 23(10), 2079–2098. <http://doi.org/10.1080/09654313.2014.1003036>

Lima & Irís (2015) Caracterização socioeconômica das regiões selecionadas no território pernambucano, Projeto Apoio aos Diálogos Setoriais União Europeia – Perito Nacional (Automotivo e Confecções).

McCann, P. & Ortega-Argilés, R. (2016), Smart specialisation: Insights from the EU Experience and Implications to Other Economies, *Investigaciones Regionales*, 36, 279-293.

McCann, P. & Ortega-Argilés, R. (2016), The early experience of smart specialization implementation in EU cohesion policy. *European Planning Studies*, 24(8), 1407–1427. <http://doi.org/10.1080/09654313.2016.1166177>

Morgan, K. (2004). The exaggerated death of geography: learning, proximity and territorial innovation systems. *Journal of Economic*

Geography, 4(1), 3–21. <http://doi.org/10.1093/jeg/4.1.3>

Muscio, A., Rivera Leon, L., & Reid, A. (2015), An empirical test of the regional innovation paradox: Can smart specialisation help overcome the regional innovation paradox? *Journal of Economic Policy Reform*, 18(2), 153–171. doi:10.1080/17487870.2015.1013545.

Oughton, C., Landabaso, M. and Morgan, K. (2002) The Regional Innovation Paradox: Innovation Policy and Industrial Policy, *Journal of Technology Transfer*, 27(1), 97–110.

Pinto, H., & Santos Pereira, T. (2014), Resiliência dos sistemas de inovação face à turbulência económica (Oficinas do CES No. 418–novembro de 2014). Coimbra. Retrieved from http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/11157_Oficina_do_CES_418.pdf

Pinto, H., Guerreiro, J. & Uyarra, E. (2012), Diversidades de Sistemas de Inovação e Implicações nas Políticas Regionais: Comparação das Regiões do Algarve e da Andaluzia, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, Nº 29, <http://www.apdr.pt/siteRPER/PT/revista.html>.

PNDR (2011), Política Nacional de Desenvolvimento Regional – PNDR. Ministério da Integração. Sumário Executivo disponível em: http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=240b7eb3-af5d-458a-ad65-1e9f4d5e9095&groupId=24915

Richardson, R., Healy, A & Morgan, K. (2014), Embracing Social Innovation- Reflection Paper: Work Package 2, Smart Specialisation for Regional Innovation, FP7 Cooperation Programme: Social Sciences, and the Humanities. Grant number 320131.

SECTI-PE (2017), ECT&I-PE - Estratégia para a Ciência, Tecnologia e Inovação 2017–2022, Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, Recife.

Ter Wal, A. L. J., & Boschma, R. a. (2008). Applying social network analysis in economic geography: framing some key analytic issues. *The Annals of Regional Science*, 43(3), 739–756. <http://doi.org/10.1007/s00168-008-0258-3>

Tödtling, F., & Trippel, M. (2005), One size fits all? *Research Policy*, 34(8), 1203–1219. <http://doi.org/10.1016/j.respol.2005.01.018>

Vallance, P., Blazek, J., Edwards, J., & Kveton, V. (2017) Smart specialisation in regions with less-developed research and innovation systems: a changing role for universities?. *Environment and Planning C: Politics and Space*. <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2399654417705137>

Weber, K. M., & Rohracher, H. (2012), Legitimizing research, technology and innovation policies for transformative change. *Research Policy*, 41(6), 1037–1047. <http://doi.org/10.1016/j.respol.2011.10.015>

Anexo

Tabela A1: PIB per capita e taxas de variação real a preços de mercado, do Brasil, do Nordeste e de Pernambuco - 2002-2015

	PIB pc 2002	PIB pc 2015	Var Real
Pernambuco	13 113,31	16 795,34	28,1%
Nordeste	11 229,41	15 002,33	33,6%
Brasil	23 380,79	29 326,33	25,4%

Fonte: ETENE (2018) baseado em dados do IBGE.

Tabela A2: Produto interno bruto e taxas de crescimento real a preços de mercado, do Brasil, do Nordeste e de Pernambuco - 2010-2015

		2011	2012	2013	2014	2015
PIB - Valores correntes (R\$ milhões)	PE	110.162	127.989	141.150	155.143	156.955
	NE	583.413	653.067	724.524	805.099	848.533
	BR	4.376.382	4.814.760	5.331.619	5.778.953	8.995.787
Taxa de crescimento real (%)	PE	4,5	3,9	2,9	1,9	-4,2
	NE	4,1	3	3	2,8	,3,4
	BR	4	1,9	3	0,5	-3,5

Fonte: CONDEPE / FIDEM (2016) baseado em dados do IBGE e Agência CONDEPE/FIDEM / DEPE/DEPS/GEEC/Contas Regionais.

Tabela A3: Composição (%) do valor acrescentado bruto (VAB) de Pernambuco - 2010-2015

Atividades económicas	VAB (%)					
	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Agropecuária	4,8	4,4	3,5	3,5	3,3	3,9
Agricultura, inclusive o apoio e a pós colheita	3,2	2,8	2,0	2,0	1,8	1,9
Pecuária, inclusive apoio à pecuária	1,5	1,6	1,5	1,4	1,4	1,8
Produção Florestal e Pesca	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2
Indústria	21,9	21,6	22,0	21,5	18,6	20,0
Indústrias extrativas	0,2	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1
Indústria de transformação	10,1	9,0	9,9	10,5	9,2	10,7
Geração e distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana	3,1	2,7	2,4	1,5	1,6	2,5
Construção	8,6	9,7	9,6	9,3	7,7	6,7
Serviços	73,3	74,0	74,5	75,0	78,1	76,1
Comércio, manutenção e reparação de veículos automotores e motocicletas	13,9	14,7	15,1	14,5	15,9	14,0
Transportes, Armazenagem e Correios	3,6	3,6	3,6	3,5	3,7	3,7
Serviços de Alojamento e Alimentação	2,8	2,8	2,7	2,9	3,0	2,9
Serviços de Informação	2,8	3,1	2,4	2,2	2,5	2,4
Intermediação financeira, de seguros e previdência complementar e serviços relacionados	4,3	4,0	3,9	3,6	3,7	4,0
Atividades imobiliárias	8,5	9,4	10,4	10,9	10,6	10,9
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	7,4	7,0	7,7	8,6	9,1	7,4
Administração, educação e saúde pública, defesa e seguridade social (APU)	24,6	23,7	22,5	22,3	23,1	23,8
Educação e Saúde privada	2,5	2,7	3,2	3,5	3,8	4,2
Artes, cultura, desporto e recreação e outros serviços	1,9	1,8	1,7	1,7	1,7	1,6
Serviços domésticos	1,2	1,2	1,3	1,2	1,1	1,2

Fonte: CONDEPE / FIDEM (2016) baseado em dados do IBGE e Agência CONDEPE/FIDEM / DEPE/DEPS/GEEC/Contas Regionais.

A Relevância da Gestão de Recursos Para o Desempenho- Aplicação da Teoria Baseada Nos Recursos ao Empreende- dorismo Social em Portugal

The Relevance of Resource Management For Performance- Appli- cation of The Resource-Based Theory to Social Entrepreneurship in Portugal

Susana Bernardino
susanab@iscap.ipp.pt
P. Porto/ISCAP/CEOS.PP

J. Freitas Santos
jfsantos@iscap.ipp.pt
P. Porto/ISCAP/CEOS.PP

Resumo/ Abstract

O empreendedorismo social é reconhecido como um importante instrumento para a criação de valor para a sociedade, bem como para o desenvolvimento regional. No entanto, pelo facto de combinarem uma orientação social e empreendedora, as organizações sociais deparam-se com frequência com um cenário de escassez de recursos, que poderá comprometer a capacidade para prosseguir a sua missão social. Com esta investigação pretende-se compreender em que medida a forma como são geridos os recursos nas organizações sociais portuguesas é capaz de influenciar o desempenho que estas são capazes de alcançar. A investigação adota uma metodologia quantitativa, através de inquérito por questionário *on-line* enviado aos gestores de organizações sociais em Portugal. A investigação indica que a forma como os responsáveis gerem os recursos influencia o nível de desempenho geral das organizações, quer sejam de natureza tangível (recursos financeiros e recursos tecnológicos) quer intangível (identidade, envolvimento dos grupos-alvo e percepção da qualidade).

Social entrepreneurship is recognized as a valuable tool for creating value for society as well as for regional development. However, by blending a social and entrepreneurial orientation, social organizations are often faced with a resource scarcity scenario, which might constrain their ability to pursue their social mission. This research aims to understand to what extent the way resources are managed in Portuguese social organizations can influence their success. To achieve this purpose, the research uses a quantitative methodology, based on an online questionnaire survey sent to the managers of social organizations in Portugal. The investigation shows that the way the resources are managed influences the overall performance of these organizations, whether they are tangible resources (financial and technological resources) or intangible resources (identity, engagement of target groups and quality perception).

Palavras-chave: Empreendedorismo social, gestão de recursos, desempenho

Keywords: Social entrepreneurship, resources management, performance

1. INTRODUÇÃO

Em linguagem corrente ser empreendedor encontra-se frequentemente associado ao início de um negócio privado com fins lucrativos (Dees, 2001). Todavia, para Dees (2001) esta é uma aplicação muito redutora para um conceito mais abrangente e com raízes históricas na teoria económica. A origem do termo ‘empreendedor’ remonta aos séculos XVI e XVII, derivando da palavra francesa ‘entreprendre’, que significa “empreender, tentar, experimentar” (Tan, Williams & Tan, 2005, p.355). Na literatura económica, a presença do conceito de empreendedor está, nas palavras de J. B. Say, relacionada com a capacidade para se combinar recursos produtivos, ou, segundo Richard Cantillon, para se aceitar correr os riscos do próprio negócio. Outros economistas, na segunda metade do século XIX (tais como Stuart Mill ou Marshall), advogam uma função restrita de empreendedor limitando-a a um mero gestor de recursos financeiros, humanos e produtivos. Pelo contrário, Schumpeter (1934; 1947) alarga essa função à inovação considerando o empreendedor não apenas um gestor de recursos, mas um criador de novos negócios que surgem pela descoberta de novas combinações de produtos, conquista de novos mercados ou ganhos de eficiência na gestão e organização dos recursos indispensáveis ao processo produtivo. Deste modo, o empreendedor é responsável por fazer novas coisas ou coisas que já eram levadas a cabo, mas de um novo modo, fazendo com que os padrões até aí existentes se tornem obsoletos. Esta atividade de ‘destruição criativa’ viabiliza a criação de oportunidades no mercado e, deste modo, a obtenção do lucro pelo empreendedor (Schumpeter, 1934). Knight (1921) enfatiza a capacidade do empreendedor em lidar eficazmente com o risco e a incerteza. Liebenstein (1968) recorda que o empreendedorismo é um exercício de gestão de recursos que procura reduzir ao mínimo as ineficiências organizacionais, enquanto Kirzner (1979) se centra no conceito de oportunidade e na função de arbitragem que o empreendedor desempenha ao conduzir o mercado para o equilíbrio.

Stevenson (citado em Dees, 2001) acrescenta a ideia de utilização plena de recursos,

pela forma como os empreendedores não se acomodam às restrições de recursos existentes, conseguindo mesmo assim a exploração das oportunidades consideradas viáveis. Mais recentemente, Kuratko, Hornsby e Goldsby (2007) falam em intensidade empreendedora, referindo que o grau de empreendedorismo será tanto maior quanto maiores forem a inovação, o risco e a proatividade envolvidos nas atividades desenvolvidas.

O conceito de empreendedorismo nos últimos anos tem vindo a ser progressivamente aplicado à resolução de questões sociais. O empreendedorismo social, enquanto prática, aplica um comportamento empreendedor à área social. A conjugação de uma dimensão ‘social’ com uma dimensão ‘empreendedora’ num mesmo modelo organizacional procura sinergias que amplifiquem a capacidade geral de criação de valor para a sociedade. Mantendo a missão social explícita e central, estas organizações incorporam uma visão empreendedora e económica com o intuito de aumentar a eficácia, eficiência e viabilidade das suas operações (Mair & Martí, 2006). Deste modo, o objetivo do empreendedorismo social será é o de potenciar a construção de uma resposta social duradoura e permitir assegurar a continuidade do exercício da missão social da organização (Weerawardena & Mort, 2006, 2012). A originalidade deste novo enquadramento reside precisamente em combinar a eficiência dos mercados, que o setor privado prossegue, com a orientação para o bem-estar social típico do setor não lucrativo.

Para Alvord *et al.* (2004) o empreendedorismo social “cria soluções inovadoras para os problemas sociais imediatos e mobiliza as ideias, capacidades, recursos, e os acordos sociais necessários para a transformação social sustentável” (p. 262). Dees (2001) propõe uma definição idílica de empreendedorismo social, na qual os empreendedores sociais assumem o papel de agentes de mudança no setor social através da(o): (i) adoção de uma missão para criar valor social de um modo sustentável (e não apenas valor privado); (ii) reconhecimento e captura de novas oportunidades que sirvam a sua missão; (iii) compromisso num processo de inovação contínua, adaptação e aprendizagem; (iv) atuação audaciosa sem ficarem limitados aos

recursos detidos num dado momento do tempo; (v) demonstração de uma elevada prestação de contas para com os elementos servidos e pelos resultados gerados.

A análise dos conceitos mostra que o principal elemento que delimita os contornos do empreendedorismo social enquanto campo de atividade é a missão social, que é explícita e central. A criação de valor social representa o objetivo primário da organização, que prevalece sobre todas as suas atividades apesar de coexistir com objetivos de cariz económico, considerados instrumentais para a sustentabilidade da organização e para a capacidade de produção de valor social de um modo continuado.

Pela combinação de um propósito social e de uma orientação empreendedora, o empreendedorismo social tem sido reconhecido como um campo promissor, designadamente, no que se refere à atenuação dos problemas de desemprego e de exclusão social, bem como motor do desenvolvimento regional e local sustentável (Azmat, 2013; Friedman & Desivilya, 2010; Nega & Schneider, 2014; Yiu, Wan, Ng, Chen & Su, 2014). De facto, são inegáveis os contributos do empreendedorismo social para a criação de emprego, a mudança da sociedade e a inclusão social (Alvord *et al.*, 2004; Friedman & Desivilya, 2010). Como sublinha McAnany (2012), o empreendedorismo social apresenta um enorme potencial em termos de: (i) mudança social; (ii) apoio ao desenvolvimento das comunidades locais; (iii) estímulo ao desenvolvimento económico; e (iv) sustentabilidade ambiental.

Contudo, a presença de duas orientações de fundo (económica e social) leva a que o empreendedorismo social seja um campo intrinsecamente híbrido, que se desenvolve na interseção dos convencionais domínios de atividade. Esta condição introduz importantes desafios na edificação de uma estratégia e na conceção do *modus operandi* da organização social. De facto, a natureza híbrida do empreendedorismo social provoca uma complexidade adicional no que respeita à mobilização e gestão de recursos, derivada da baixa capacidade de apropriação de valor num contexto de relativa insuficiência de recursos. Nessa medida, a construção de um projeto (auto)sustentável passa pela adoção de uma abordagem inovadora e criativa, quer no desenvolvimento de novas formas de angariação de recursos, quer na atração de recursos não-tradicionais, ou na combinação de recursos de um modo novo (Kickul *et al.*, 2010; Krlev,

2012). Tal como defendido por Peredo e McLean (2006), as pessoas que exercem o empreendedorismo social são extraordinariamente engenhosas, não se deixando intimidar pela escassez de recursos na prossecução da sua iniciativa social. De um modo geral, estes empreendedores procuram utilizar em pleno os recursos disponíveis (Light, 2006), dispondo de uma capacidade para reunir, alocar, utilizar e alavancar recursos (Leadbeater, 1997; Thompson, Alvy & Lees, 2000). Para além disso, os empreendedores sociais possuem a capacidade para identificar e gerir recursos que se encontram subvalorizados, demonstrando uma forte capacidade de liderança transformacional e de comunicação, quer com os seus colaboradores quer com os *stakeholders* em geral (Schmitz & Scheuerle, 2012).

Com esta investigação pretende-se, através de um estudo exploratório, compreender de que forma a importância atribuída pelos responsáveis das organizações sociais Portuguesas à posse, uso e afetação de um conjunto de recursos e capacidades organizacionais é capaz de influenciar o sucesso das organizações sociais.

A relevância da investigação resulta da necessidade de se compreender como se podem alavancar os recursos disponíveis e potenciar um nível de desempenho superior em organizações que, embora muito promissoras, enfrentam com frequência um contexto de forte escassez de recursos. No âmbito das organizações sociais em Portugal, o conhecimento aprofundado dos comportamentos adotados tem fortes implicações na gestão mais eficiente e eficaz destas organizações, que poderão dessa forma maximizar a criação de valor social. Apesar da importância do tema a evidência empírica é ainda bastante escassa, sendo reclamada a necessidade de investigação adicional (Zeyen *et al.*, 2013), em particular no contexto Português onde os estudos sobre o impacto da gestão de recursos sobre o desempenho são praticamente inexistentes. Acresce que o empreendedorismo social pode ser visto como um importante instrumento para o desenvolvimento regional e uma forma de contribuir para a redução das diferenças económicas entre as regiões em Portugal, em particular em regiões menos desenvolvidas e com menor nível de dinamismo económico (Bernardino, Freitas Santos & Cadima Ribeiro, 2016).

Tendo em mente o propósito da investigação, a comunicação é organizada do seguinte modo. Em primeiro lugar procede-se a uma revisão da literatura relevante sobre o tema,

explorando a teoria baseada nos recursos e a relação entre a gestão de recursos e o desempenho. Segue-se a apresentação das opções metodológicas assumidas para a realização do estudo empírico. Na secção seguinte apresentam-se os principais resultados obtidos que são depois discutidos. Por fim são sintetizadas as principais conclusões, apresentando-se ainda pistas para investigação futuras.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Breve reflexão sobre a teoria baseada nos recursos

A literatura da gestão considera que os recursos constituem um meio para que as organizações possam explorar uma oportunidade e, por consequência, alcancem de uma forma mais eficiente os seus propósitos (Gras & Mendoza-Abarca, 2013; Meyskens *et al.*, 2010). De facto, a execução de uma estratégia organizacional requer um conjunto de recursos adequados para ser bem-sucedida (O'Reilly *et al.*, 2010). Na aceção de Katz e Gartner (1988) os recursos dizem respeito aos componentes físicos que são combinados para se formar uma organização. Para Nevo e Wade (2010), os recursos são definidos como os fatores de produção tangíveis ou intangíveis que a organização possui, controla ou tem acesso numa base semipermanente. Barney (1991) alarga a definição, considerando que os recursos de uma empresa incluem todos os ativos, capacidades, processos organizacionais, atributos, informação ou conhecimento controlados por uma empresa, que permitem que esta conceba e implemente estratégias que melhorem a sua eficiência e eficácia.

Desde a década de 90 que a teoria baseada nos recursos, *resource-based theory* (RBT) na literatura anglo-saxónica, se tem tornado central no âmbito da gestão estratégica das organizações e do empreendedorismo (Hart & Dowell, 2011; Steffens, Davidsson & Fitzsimmons, 2009; Kellermanns *et al.*, 2016). A RBT assenta na ideia de que uma empresa é um conjunto de recursos e capacidades que assumem um papel determinante na construção das vantagens competitivas de uma organização (Hart & Dowell, 2011; Molloy, Chadwick, Ployhart & Golden, 2011). O portfólio de recursos é visto como a combinação de todos os ativos, tangíveis e intangíveis, que uma empresa detém ou tem acesso, que deverão ser agrupados de modo a que permitam a identificação e exploração de

oportunidades empreendedoras, bem como a construção de vantagens competitivas sustentáveis (Ireland, Hitt & Sirmon, 2003).

Deste modo, a empresa é encarada como um conjunto único de recursos e capacidades (Barney, 1991), assumindo-se que as diferenças persistentes de desempenho entre organizações residem precisamente na singularidade do seu portfólio de recursos e capacidades (Finney, Lueg & Campbell, 2008; Foss, Knudsen & Montgomery, 1995). A RBT recorre, portanto, à heterogeneidade das empresas em termos de recursos e capacidades, para explicar as diferenças ao nível do desempenho entre organizações (Killen, Jugdev, Drouin & Petit, 2012; Brito & Brito, 2012).

A literatura acautela, porém, que nem todos os recursos são capazes de conferir uma vantagem competitiva sustentável. Desde o artigo seminal de Barney (1991), que os autores defendem que os recursos deverão apresentar quatro características (Barney & Clark, 2007; Finney *et al.*, 2008; Greco, Cricelli & Grimaldi, 2013): serem (i) valiosos, (ii) raros, (iii) inimitáveis e (iv) insubstituíveis; ou, segundo uma nomenclatura alternativa: (i) valiosos, (ii) raros, (iii) inimitáveis e (iv) capazes de serem explorados de forma autónoma pelos processos organizacionais de uma empresa. O valor de um recurso traduz-se na extensão com que viabiliza a exploração de uma oportunidade e/ou a neutralização de uma ameaça (Barney & Clark, 2007). Um recurso será raro quando está indisponível para os concorrentes da organização (atuais ou potenciais) (Nevo & Wade, 2010). A inimitabilidade reflete as dificuldades associadas à reprodução dos recursos organizacionais. Por último, a não-substituibilidade expressa a inexistência de recursos organizacionais estrategicamente equivalentes (Nevo & Wade, 2010). Barney e Clark (2007) defendem que os recursos valiosos, raros e inimitáveis apenas poderão ser fonte de vantagem competitiva sustentável caso a empresa se encontre organizada para explorar o potencial que estes são capazes de oferecer. Para isso, relevam elementos como a estrutura formal, os sistemas de controlo de gestão ou a política de compensações da organização.

Pela análise das características críticas dos recursos e capacidades apenas uma pequena quantidade de ativos de uma empresa é considerada estratégica e contribui para a construção das suas vantagens competitivas (Killen *et al.*, 2012). Para além disso, a RBT sugere que o valor criado pela organização resulta não só dos

recursos que detém, mas também do modo como estes são geridos (Finney *et al.*, 2008). Deste modo, os recursos poderão ser configurados de múltiplas formas, consoante a estratégia empresarial e a natureza idiossincrática da organização (Molloy *et al.*, 2011). Ora, organizações com recursos semelhantes poderão combiná-los de formas diferentes, o que leva a que cada uma possua um conjunto de recursos único e distinto das demais organizações (Meyskens *et al.*, 2010; Steffens *et al.*, 2009). Daqui se poderá concluir, tal como defendido por Molloy *et al.* (2011), que nem sempre as empresas com melhores recursos são aquelas que apresentam uma maior capacidade de criação de valor. De acordo com a RBT, não é a posse de recursos *per si* que gera valor, mas sim o modo como estes são combinados (Austin & Seitanidi, 2011; McKelvie & Davidsson, 2009), o que significa que a geração de valor depende essencialmente das capacidades da organização (McKelvie & Davidsson, 2009; Rumelt, Schendel & Teece, 1991).

Meyskens *et al.* (2010), aplicam a RBT ao empreendedorismo social, encontrando um processo operacional semelhante ao existente no empreendedorismo económico, concluindo que as diferenças entre estes dois tipos de empreendedorismo não se manifestam ao nível da RBT. Zeyen *et al.* (2013), por sua vez, são mais céticos em relação à capacidade do modelo RBT explicar adequadamente o nível de desempenho nas organizações sociais, reclamando investigação adicional ao tema. A razão deste ceticismo reside nos objetivos, que no caso das organizações sociais é o da maximização do valor social criado e nas outras organizações será o da criação de vantagens competitivas, cuja posse poderá conduzir à maximização do lucro.

2.2 A relação entre a gestão de recursos e o desempenho

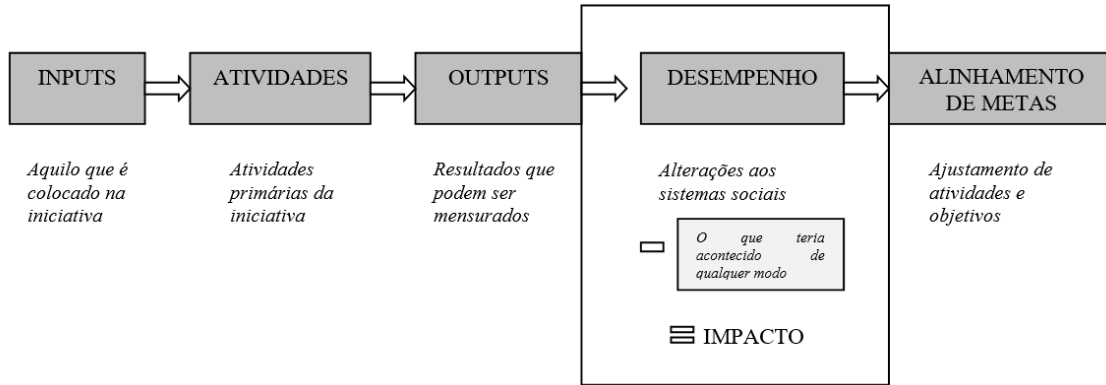
As iniciativas de empreendedorismo social são criadas, desenvolvidas e levadas a cabo com um propósito: criar valor económico e social. Como a figura 1 sistematiza, o processo de criação de valor resulta da aplicação de um conjunto de atividades organizacionais (comportamentos) que aglutinam um conjunto de recursos (inputs) para a produção de determinados produtos ou serviços (outputs), que são disponibilizados enquanto veículo para a produção dos

resultados pretendidos (desempenho). Para a compreensão do quadro completo de criação de valor, Clark, Rosenzweig, Long e Olsen (2004) introduzem o conceito de impacto. Para estes, o impacto diz respeito à proporção de resultados na sociedade que decorrem única e exclusivamente da atividade da organização, isto é, representa o acréscimo de valor que as atividades da organização libertam para a sociedade.

Embora não haja estatísticas disponíveis, a literatura reconhece que nem todas as iniciativas de empreendedorismo social são de facto bem-sucedidas (Germak & Singh, 2010; Studdard & Darby, 2011). Na visão de Zeyen *et al.* (2013), sem um bom sistema de métricas é difícil distinguir o sucesso do fracasso ou aprender com base nas experiências passadas. Torna-se, portanto, necessário determinar e analisar o desempenho obtido com as atividades da organização.

Para Lynch-Cerullo e Cooney (2011) a avaliação do desempenho organizacional diz respeito ao processo contínuo de estabelecimento de objetivos, transformação desses objetivos em componentes mensuráveis e recolha e análise de dados sobre essas mesmas medidas. A avaliação do desempenho organizacional diz, assim, respeito à análise da forma como os comportamentos organizacionais desenvolvidos estão, ou não, a conduzir aos resultados pretendidos. Achleitner *et al.* (2009) descrevem o desempenho de uma organização como a utilização eficiente e eficaz de recursos para a prossecução de determinados resultados. Deste modo, a eficácia mede os resultados em termos de mudança social, enquanto a eficiência avalia a extensão com que os recursos são economicamente convertidos em resultados. Por conseguinte, as medidas de eficácia são construídas com base na comparação da proximidade dos resultados obtidos (em termos de outputs, desempenho ou impacto) com os objetivos inicialmente definidos pelo empreendedor social (Achleitner *et al.*, 2009). Assim, quanto menores forem os desvios observados, maior será a eficácia.

A eficiência, por sua vez, analisa a produtividade dos processos, podendo ser avaliada através de rácios entre os inputs incorporados e os outputs gerados. Sawhill e Williamson (2001) defendem que o processo de avaliação de desempenho organizacional deverá contemplar a informação relativa a três vetores: processos (atividades), outputs (produtos e serviços) e resultados. Em paralelo, na terminologia de

Figura 1- O processo de geração de desempenhoFonte: Clark *et al.* (2004)

Clark *et al.* (2004) as métricas de avaliação de desempenho podem ser classificadas em três categorias distintas, embora complementares: (i) métodos de processos; (ii) métodos de impacto; e (iii) métodos monetários. Os métodos de processo incluem as ferramentas que são utilizadas para avaliar a eficiência e eficácia dos outputs, traduzindo-se em indicadores que monitorizam a continuidade operacional dos processos. Clark *et al.* (2004) consideram adequada a sua avaliação por via dos outputs da organização na medida em que estes se encontram correlacionados com o desempenho social desejado. Os métodos de impacto, por sua vez, avaliam os resultados incrementais (em termos de desempenho ou de output) proporcionados à sociedade pelas atividades da organização, comparativamente com a melhor alternativa existente para a resolução do problema social em questão. Por último, os métodos monetários representam o desempenho ou o impacto gerado, expressos em unidades monetárias, descontando, ou não, o valor temporal do dinheiro.

3. METODOLOGIA

A revisão de literatura realizada sugere que a forma como as organizações gerem os seus recursos é crítica para as organizações que desenvolvem atividades de empreendedorismo social. Esta investigação tem como objetivo compreender em que medida a importância atribuída pelos responsáveis das organizações sociais à gestão de diferentes tipologias de recursos contribui para o sucesso das organizações sociais. Tendo em mente esse propósito é proposta a hipótese de que o nível de desempenho das organizações sociais é influenciado positivamente

pela forma como os seus responsáveis gerem os recursos (H1).

A investigação adotou uma metodologia quantitativa, através de um inquérito por questionário *on-line*. Para a construção da amostra consideraram-se as Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD) registadas em Portugal e os projetos cotados na Bolsa de Valores Sociais (BVS). De forma a assegurar que as organizações analisadas apresentavam características próximas do espírito do empreendedorismo social, excluíram-se da amostra as organizações com ligações religiosas, políticas ou partidárias, ou detidas por outras organizações de carácter empresarial. Esta seleção foi realizada com base na informação recolhida nos *sites* institucionais, blogues das organizações, e demais fontes disponíveis na internet.

Esta opção metodológica resultou numa amostra constituída por 99 ONGD e 29 projetos cotados na Bolsa de Valores Sociais. No processo de recolha de dados foram incluídos processos que permitiram assegurar a aleatoriedade da amostra. Como unidades de análise foram considerados os responsáveis pela gestão de organizações de empreendedorismo social, assegurando-se a não resposta dos restantes através de questões de filtro.

Os dados primários foram recolhidos entre 19 de setembro de 2012 e 2 de janeiro de 2013, tendo permitido a obtenção de um total de 68 respostas, o que corresponde a uma taxa média de resposta de 53.1% (82.8% nos projetos cotados na BVS e 44.9% nas ONGD). Das respostas obtidas, 62 foram concedidas por indivíduos responsáveis pela gestão das organizações, 42 dos quais responsáveis pela gestão de ONGD e

os restantes 20 por projetos cotados na BVS. De salientar que a taxa de resposta obtida é bastante superior à taxa geral de resposta encontrada em questionários online por Nulty (2008, 303), que é de 33%.

Tendo por base a fórmula da população finita ($N=128$) e tomando como referência um nível de confiança de 95% e um erro de amostragem de $\pm 10\%$, o tamanho estimado da amostra foi de 55 (Malhotra, 1999, 362), sendo que o estudo empírico foi realizado com base numa amostra superior, de 68 respostas.

O questionário era composto por 3 secções. Uma primeira, para caracterização geral dos respondentes e das organizações sociais. Um segundo grupo abordava a gestão de recursos e, por fim, um terceiro grupo incluía questões relativas ao desempenho da organização.

A construção do questionário teve por base os estudos realizados por Light (2008), *National Survey of Third Setor* (2008) e Ewing e Napoli (2005), efetuando-se as adaptações necessárias. O questionário foi, depois, sujeito a um estudo piloto, através da opinião de especialistas.

O questionário privilegiou o uso de questões de resposta fechada. Através de uma escala gráfica de 5 pontos, onde se procurava avaliar a importância atribuída à gestão de diferentes recursos na organização (em que 1 correspondia a uma importância muito baixa e 5 a uma importância muito elevada). Na avaliação do desem-

penho geral da empresa foi também aplicada uma escala gráfica de 5 pontos, em que 1 correspondia a um desempenho muito baixo e 5 a um desempenho muito elevado.

Para a análise dos dados primários, optou-se pelo uso de técnicas de análise descritiva. No decorrer da análise, para sintetizar e compreender melhor a estrutura dos dados, procedeu-se à análise fatorial (componentes principais), empregando-se uma rotação ortogonal (método *varimax*). Por fim, para teste da hipótese de investigação recorreu-se ao Teste MANOVA não-paramétrico.

O tratamento estatístico dos dados foi obtido por recurso ao programa SPSS versão 20.

4. RESULTADOS

4.1 A gestão de recursos

De modo a facilitar a análise de dados e poder fazer uma melhor leitura dos resultados obtidos, procedeu-se à redução dos dados (Análise Fatorial por Componentes Principais), através do uso de rotação ortogonal, com normalização de Kaiser. Após o apuramento das componentes principais, construíram-se os respetivos índices com base na média ponderada dos pesos fatoriais das variáveis nas componentes.

Os resultados obtidos encontram-se sintetizados na tabela 1.

Tabela 1- Importância conferida à gestão de recursos

Componentes principais	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
Recursos humanos			
Gestão de colaboradores	4.0	1.0	0.82
Trabalho em equipa	4.4	0.7	0.76
Gestão de voluntários	4.2	0.9	-
Recursos financeiros:			
Obtenção de donativos	4.2	1.1	0.89
Posse dos meios líquidos necessários	4.2	0.7	0.72
Geração de receitas próprias	4.1	1.0	0.73
Recursos físicos	3.6	1.0	0.82
Recursos tecnológicos	3.8	1.0	0.91
Imagem da organização			
Comunicação e marketing	4.0	0.9	0.84
Identidade corporativa	4.1	1.0	0.90
Reputação			
Gestão de perceções	3.8	0.9	0.92
Envolvimento do público-alvo	4.3	0.8	-
Qualidade			
Perceção de qualidade pelos stakeholders	4.3	0.9	0.90
Instrumentos de gestão de qualidade	4.0	0.9	0.92

Fonte: Elaboração própria

Como a análise da tabela 1 revela, a gestão de recursos humanos é bastante valorizada pelos responsáveis pelas organizações sociais, patente nas médias obtidas superiores ao ponto 4 da escala. A componente mais valorada é o trabalho em equipa ($M=4.4$), a que se segue a gestão de voluntários ($M=4.2$) e a gestão de colaboradores ($M=4.0$). A gestão de recursos financeiros é também vista como relevante, seja ao nível da obtenção de donativos ($M=4.2$), posse dos meios líquidos necessários ($M=4.2$) ou geração de receitas próprias ($M=4.1$). Uma importância elevada é também conferida à gestão da qualidade, quer nas componentes perceção de qualidade pelos stakeholders ($M=4.3$) como também em relação aos instrumentos para gestão da qualidade ($M=4.0$). A gestão da imagem

e da reputação acolhem também uma importância elevada por parte dos responsáveis das organizações. Com uma valoração um pouco inferior, ainda que situada no polo positivo da escala, encontram-se a gestão de recursos tecnológicos ($M=3.8$) e a gestão de recursos físicos ($M=3.6$).

4.2 O desempenho das organizações

De seguida procedeu-se à análise do desempenho geral das organizações sociais. Os indicadores em análise foram agregados em torno de duas componentes principais: o desempenho económico e o desempenho social, conforme se observa na tabela 2.

Tabela 2- Desempenho geral das organizações

Componentes principais	Média	Desvio-padrão	Alpha de Cronbach
Desempenho económico	3.5	0.9	0.94
O crescimento dos valores monetários movimentados	3.4	1.2	
O aumento da sustentabilidade económica	3.4	1.2	
Capacidade para atingir objetivos económicos	3.3	1.1	
O crescimento da procura pelos programas	3.8	1.0	
O crescimento do número de beneficiários	3.8	1.0	
Desempenho social	4.2	0.8	0.89
Capacidade para atingir a missão social	4.3	0.9	
Capacidade para atingir objetivos sociais	4.2	0.9	
Capacidade para a prossecução dos principais objetivos	4.1	0.9	

Fonte: Elaboração própria

A análise dos dados revela que as organizações apresentam um desempenho superior na dimensão social ($M=4.2$) do que na dimensão económica ($M=3.5$), verificando-se que apenas 8 das organizações (12.9%) manifestam um nível de desempenho económico superior ao social. De acrescentar que o desempenho económico é baixo (inferior ao ponto neutro da escala) em quase um quarto dos respondentes (24.2%), verificando-se o mesmo apenas num pequeno número de organizações em relação à dimensão social (6.5%).

Das três variáveis que integram a componente desempenho social, a mais pontuada é a capacidade de prossecução da missão social

(média de 4.3), embora muito próxima das demais variáveis (tabela 2). Na componente de desempenho económico, as variáveis que tiveram uma maior pontuação foram o crescimento da procura pelos programas da organização e o crescimento do número de beneficiários (ambas com uma cotação média de 3.8). O aumento da sustentabilidade da organização e o crescimento dos valores monetários movimentados pela organização contaram apenas com uma pontuação média de 3.4, logo seguidas pela capacidade de prossecução dos objetivos económicos ($M=3.3$).

Apesar das componentes principais serem determinadas por recurso a métodos de rotação ortogonal, as dimensões económica e social

encontram-se, ainda assim, relacionadas ($r=0.495$, $\alpha=0.01$), o que atesta a forte interdependência entre a criação de valor social e económico no empreendedorismo social.

4.2 A gestão de recursos e o desempenho

A análise exploratória desenvolvida indicia que os responsáveis organizacionais atribuem uma importância positiva (e elevada) às diferentes componentes de gestão de recursos. Deste modo, importa agora avaliar em que medida é que estes comportamentos são capazes de contribuir positivamente para o desempenho das organizações sociais.

A análise da matriz de correlações (tabela 3) sugere que a importância atribuída à gestão de determinados recursos se encontra associada a um maior nível de desempenho. Nomeadamente, o trabalho em equipa (gestão de recursos humanos), e o envolvimento do público-alvo na organização (reputação) estão positivamente relacionados com o desempenho social. Desta relação parecem emergir duas observações importantes. Em primeiro, que o empreendedorismo social é um processo essencialmente coletivo e partilhado e, em segundo lugar, que a contribuição de todos (interna ou externa) e as sinergias daí resultantes, permitem atingir a criação de um nível de valor social que de outro modo não seria possível. Adicionalmente, a gestão de recursos financeiros e, em particular, a geração de receitas próprias e a posse dos meios líquidos necessários para o desenvolvimento das atividades da organização estão positivamente associadas ao desempenho económico. A angariação de donativos é a única componente da gestão de recursos financeiros que não parece influenciar o nível de desempenho económico. Entre estas duas variáveis (angariação de donativos e desempenho económico) verifica-se inclusivamente uma relação negativa, embora não estatisticamente significativa. Um melhor desempenho económico encontra-se também associado a uma maior valoração da gestão dos colaboradores, dos recursos tecnológicos, das perceções (dimensão da reputação) e da gestão da qualidade (perceção de qualidade pelos stakeholders e instrumentos de gestão de qualidade).

Após a análise das correlações, avança-se para os testes de inferência estatística, para se testar em que medida o nível de desempenho das organizações sociais é ou não influenciado pela importância que os responsáveis da organização atribuem à gestão de recursos. A análise das correlações indica que as duas dimensões do desempenho (económico e social) não são independentes ($r=0.495$, $\alpha=0.01$). Deste modo, afigura-se pertinente recorrer à análise multivariada de variância (MANOVA), para se avaliar a extensão com que as diferentes componentes principais são capazes de afetar, no global, as duas variáveis dependentes em análise (Maroco, 2007, pp. 188-194). Isto significa que se pretende estudar até que ponto o desempenho social e económico em simultâneo (desempenho global), variável dependente, é influenciado pelas diversas práticas de gestão de humanos em análise (variáveis independentes).

A análise à normalidade das variáveis, designadamente pela aplicação dos testes de Kolmogorov-Smirnov (com a correção de Lilliefors) e dos testes de Shapiro-Wilk levam a rejeitar a hipótese de que os dados tenham aderência a uma distribuição normal ($p\text{-value}<0.05$). Verifica-se que as componentes apresentam uma distribuição enviesada à direita ($Z_{\text{Assimetria}} < -1.96$), o que confirma uma concentração das respostas nos valores superiores da escala, tal como a análise descritiva havia sugerido. A análise do achatamento da distribuição (curtose), por sua vez, indica a presença de uma distribuição leptocúrtica ($Z_{\text{Curtose}}>1.96$) para a maioria das variáveis, denunciando que muitas componentes principais apresentam uma tendência pontiaguda na distribuição de dados (Field, 2005, p. 93). O teste M de Box da igualdade da matriz de covariâncias, por sua vez, rejeita a hipótese de as covariâncias serem, para algumas componentes principais, iguais entre grupos ($p\text{-value}<0.05$) (Field, 2005, p. 593). Por isso, como sugerido por Maroco (2007, p. 254), utilizar-se-á o modelo MANOVA não paramétrico, baseado na ordem das observações. A opção tomada foi pela utilização da estatística de Roy (*Roy's Largest Root*), considerada como particularmente adequada para a investigação em ciências sociais (Field, 2005, p. 594).

Tabela 3- Correlação entre desempenho e práticas de gestão de recursos

Questão	De- semp. Econ.	De- semp. social	Gestão de co- lab.	Trab. em equipa	Gestão de vo- lunt.	Obtenção de donat.	Posse dos meios líqui- dos	Geração de recei- tas pró- prias	Recursos Físicos	Recursos Tecnol.	Comunicação e marketing	Identidade corporativa	Gestão de perceções	Envolv. do pú- blico- alvo	Perceção qua- lidade stake- holders	Instrum. gestão da qualidade
Desempenho económico	1															
Desempenho social	,495**	1														
Gestão de colaboradores	,310*	0,179	1													
Trabalho em equipa	0,201	,292*	,477**	1												
Gestão de voluntários	0,131	-0,001	0,222	0,166	1											
Obtenção de donativos	-0,003	0,191	0,110	,274*	0,108	1										
Posse dos meios líquidos	,282*	-0,094	,497**	,276*	0,093	,281*	1									
Geração de receitas próp.	,302*	0,031	,267*	0,190	0,168	,272*	,385**	1								
Recursos Físicos	0,204	-0,020	,258*	,410**	,341**	0,208	,380**	0,141	1							
Recursos Tecnológicos	,332**	0,079	,498**	,572**	,270*	,309*	,510**	,297*	,667**	1						
Comunicação e marketing	0,211	0,210	,431**	,604**	0,157	,509**	,437**	,423**	,388**	,480**	1					
Identidade corporativa	0,077	0,008	0,222	,303*	0,246	0,198	,357**	0,147	,272*	0,245	,404**	1				
Gestão de perceções	,398**	0,151	,516**	,603**	0,176	0,224	,492**	,465**	,292*	,474**	,703**	,443**	1			
Envolvimento público-alvo	0,175	,315*	,364**	,252*	0,110	-0,138	0,201	0,050	0,106	,253*	0,206	0,132	0,137	1		
Perceção de qualidade stakeholders	,373**	0,036	,516**	,577**	0,167	0,076	,618**	,285*	,326**	,492**	,563**	,354**	,781**	0,192	1	
Instrumentos de gestão da qualidade	,270*	0,153	,543**	,649**	0,237	0,235	,559**	,285*	,516**	,560**	,517**	,409**	,641**	,394**	,544**	1

* A correlação é estatisticamente significativa para $\alpha=0.05$; ** A correlação é estatisticamente significativa para $\alpha=0.01$;

Fonte: Elaboração própria

A aplicação desta técnica multivariada de análise de dados mostra que o desempenho geral da empresa é influenciado, de uma forma estatisticamente significativa pelas ações de gestão de recursos prosseguidas no interior das organizações sociais (tabela 4). A análise realizada indica como alavancas do desempenho das organizações sociais os seguintes comportamentos organizacionais: posse dos meios líquidos necessários e geração de receitas próprias (associados à gestão de recursos financeiros), a

gestão de recursos tecnológicas, a identidade corporativa (relativa à imagem institucional), envolvimento do público-alvo na organização (reputação) e a percepção de qualidade pelos stakeholders e gestão da qualidade. Os resultados obtidos permitem deste modo confirmar a hipótese de que o nível de desempenho das organizações sociais Portuguesas é influenciado positivamente pela forma como os seus responsáveis gerem os recursos (H1).

Tabela 4 - Teste MANOVA não-paramétrico

Componente	Poder Observado $\alpha=0,05$	Estatística F	Sig.
Gestão de recursos humanos			
Gestão de colaboradores	0.713	1.194	0.308
Trabalho em equipa	0.829	1.528	0.122
Gestão de voluntários	0.453	1.564	0.196
Gestão de recursos financeiros			
Obtenção de donativos	0.641	1.073	0.413
Posse dos meios líquidos necessários	0.886	1.734	0.066 *
Geração de receitas próprias	0.907	2.059	0.031 **
Gestão de recursos físicos	0.717	1.198	0.308
Gestão de recursos tecnológicos	0.967	2.212	0.015 **
Gestão da imagem			
Comunicação e marketing	0.596	1.027	0.480
Identidade corporativa	0.849	1.958	0.05 *
Gestão da reputação			
Gestão de percepções	0.719	1.289	0.259
Envolvimento do público-alvo na organização	0.923	5.478	0.002 ***
Gestão da qualidade			
Percepção de qualidade pelos stakeholders	0.843	1.807	0.066 *
Instrumentos de gestão de qualidade	0.850	1.641	0.09 *

***. Existem diferenças estatisticamente significativas no nível de desempenho, para $\alpha=0,01$; **. Existem diferenças estatisticamente significativas no nível de desempenho, para $\alpha=0,05$; *. Existem diferenças estatisticamente significativas no nível de desempenho, para $\alpha=0,10$

Fonte: Elaboração própria

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados do estudo permitiram concluir pela relevância da gestão de recursos sobre o nível de desempenho das organizações sociais, quer os recursos sejam de natureza tangível (recursos financeiros e recursos tecnológicos), quer intangível (imagem institucional, reputação, qualidade do serviço prestado e capital social). Parece, por isso, que a forma como as

organizações sociais gerem os seus recursos e capacidades explica as diferenças de desempenho observadas. Assim, verifica-se a aderência da teoria baseada nos recursos ao empreendedorismo social, tal como evidenciado empiricamente por Meyskens *et al.* (2010). Esta ilação permite responder ao desafio lançado por Zeyen *et al.* (2013) quanto à necessidade de investigação adicional sobre a possibilidade de aplicação

desta teoria à esfera do empreendedorismo social.

Os resultados apontam também para uma preponderância dos ativos de natureza intangível na explicação da heterogeneidade das organizações sociais, o que reforça a ideia apontada por Barney na década de 90, quando se referiu à importância desta categoria de ativos no sucesso das organizações. Os recursos intangíveis, que segundo Collis e Montgomery (1991) não se esgotam com o uso, poderão ser interpretados como particularmente relevantes no âmbito do empreendedorismo social, em consequência do ambiente de escassez de recursos que caracteriza este tipo de organizações e da associação aos valores de cooperação e partilha.

Ao nível dos recursos de carácter tangível, verifica-se a relevância dos recursos financeiros, nomeadamente a posse dos meios líquidos necessários e a geração de receitas próprias. A pertinência da gestão dos recursos financeiros poderá ser interpretada pelos desafios específicos que a natureza híbrida do empreendedorismo social impõe e pela reconhecida importância da conjugação da sustentabilidade financeira com a criação de valor social. Os resultados obtidos validam a ideia de que para a construção de um equilíbrio económico, sempre difícil de alcançar, são fundamentais os recursos financeiros. Estes recursos são necessários para assegurar a continuidade dos programas da organização social e para a maximização do valor gerado para a sociedade.

Um outro recurso de natureza tangível apontado como relevante para o sucesso das organizações sociais são os recursos tecnológicos, em particular por via do nível de desempenho económico alcançado. Os resultados indicam que a gestão de recursos tecnológicos está positivamente associada à maioria das componentes de gestão de recursos, o que comprova a importância central que este ativo assume para as organizações sociais. Os recursos tecnológicos poderão ser importantes para a eficiência dos processos organizacionais ou constituir importantes veículos para a formação das percepções dos seus stakeholders. Poderão também contribuir para a construção da reputação e percepção da qualidade da organização, bem como para afirmar a sua identidade na sociedade.

Os recursos materiais (e a sua gestão) não foram confirmados como determinantes para o sucesso das organizações sociais. Esta análise poderá sugerir uma certa desmaterialização da atividade do empreendedorismo social, acentuada

pelo facto de ser um processo essencialmente mão-de-obra intensivo, onde outras categorias de recursos se afiguram como mais relevantes do que a componente física. A ideia de ‘se fazer as coisas com as próprias mãos’ ou de ‘fazer as coisas com aquilo que se tem à mão’, presentes no conceito de bricolagem social (Kickul *et al.*, 2010), poderá levar a que a dimensão material seja colocada em segundo plano. Com efeito, o facto de os recursos materiais serem a categoria de recursos menos valorizada e de não serem assinalados como capazes de explicar o sucesso das organizações sociais, indicia, ainda que parcialmente, a presença do conceito de bricolagem social. Os resultados obtidos são ainda coerentes com a ideia defendida pela teoria dos recursos, de que não são os recursos (neste caso físicos) por si próprios, quem cria as vantagens competitivas, mas sim a forma como são agregados e utilizados para a formação das competências organizacionais (Finney *et al.*, 2008; Foss *et al.*, 1995; Killen *et al.*, 2012; McKelvie & Davidsson, 2009; Rumelt *et al.*, 1991). Daqui resulta a confirmação de que nem todos os recursos são capazes de conferir vantagens competitivas (Barney & Clark, 2007; Finney *et al.*, 2008; Greco *et al.*, 2013) e que não é nos recursos de natureza material que se forma a heterogeneidade das organizações sociais.

A evidência empírica disponível não encontra suporte para a influência positiva da gestão de recursos humanos sobre o desempenho da organização, o que contraria as conclusões de estudos existentes (Sharir & Lerner, 2006; Bloom & Smith, 2010). No entanto, salienta-se que os elementos da gestão de recursos humanos mais próximos de uma atuação empreendedora (gestão de colaboradores e trabalho em equipa) estão associados à grande maioria das dimensões de recursos em análise, com particular intensidade nos recursos de natureza intangível. Esta situação é sublinhada por Guclu *et al.* (2002) que apontam para a importância dos recursos humanos na captação de outros recursos. A gestão de recursos humanos poderá, por isso, ser vista como um elemento mediador, que influencia outros comportamentos organizacionais e a forma como outros recursos são geridos dentro da organização, pelo que poderão ser interpretadas como uma variável indireta na explicação do desempenho das organizações sociais. Acresce que a não observação de uma correlação da gestão de voluntários com os demais comportamentos organizacionais alimenta o alerta de Dees (1998) e Gallagher *et al.* (2012)

sobre os riscos de uma forte dependência do trabalho de voluntários. Estes riscos podem originar fraquezas para a organização social na medida em que não se verifica uma verdadeira articulação com a estratégia da organização.

No que respeita aos recursos de carácter intangível, a análise permitiu concluir pela importância da imagem, reputação, gestão da qualidade e capital social sobre o desempenho das organizações sociais portuguesas. A análise revela uma forte interconexão entre a gestão da imagem institucional e um elevado número de variáveis, que suporta a ideia de que a imagem da organização melhora a sua capacidade para mobilizar e gerir recursos (Ewing & Napoli, 2005; Kylander & Stone, 2012; Michel & Rieunier, 2012), ao mesmo tempo que facilita a gestão das perceções externas junto dos seus públicos (Kylander & Stone, 2012). A evidência empírica permitiu, depois, concluir pela importância da reputação sobre o desempenho organizacional, encontrando-se suporte para os argumentos desenvolvidos na literatura quanto à mais-valia que este ativo proporciona, bem como à sua importância para as decisões de financiamento (Bae & Cameron, 2006; Ang & Wight, 2009).

Um outro comportamento assinalado como catalisador para o sucesso organizacional é a gestão da qualidade. De facto, a literatura assinala que a extensão com que a organização vai de encontro às necessidades/expectativas dos seus utilizadores é determinante para o seu desempenho (Ang & Wight, 2009; Gorla *et al.*, 2010). Deste modo, a preocupação com a gestão da qualidade traduz a sua orientação para o mercado e reforça o seu carácter empreendedor. De notar que a gestão da qualidade se encontra correlacionada com todos os comportamentos organizacionais em análise, exceção feita à gestão de voluntários e obtenção de donativos, elementos mais próximos da gestão de organizações sem fins lucrativos tradicionais. A gestão de qualidade confirma-se, assim, como um elemento essencial às organizações mais empreendedoras e que procuram a produção de um maior nível de desempenho. Esta atenção para a qualidade poderá ser particularmente útil ao empreendedorismo social em virtude do ambiente de escassez de recursos em que operam, que obriga à procura da excelência na forma como se desenvolvem os processos organizacionais de modo a evitar desperdícios e a canalizar os escassos recursos disponíveis para as verdadeiras necessidades dos seus públicos.

6. CONCLUSÃO

O objetivo da investigação era o de compreender de que forma a gestão de recursos realizada pelos responsáveis das organizações sociais em Portugal poderia influenciar o desempenho dessas organizações. O estudo realizado revela que o sucesso das organizações de empreendedorismo social é explicado pela forma como são geridos os recursos organizacionais, quer os de natureza tangível quer intangível. Nos recursos tangíveis, verificou-se que as organizações mais bem-sucedidas são aquelas que atribuem maior importância à gestão de recursos financeiros e à gestão de recursos tecnológicos. Para além da importância da gestão dos recursos tangíveis, os resultados sublinham a influência positiva dos recursos de natureza intangível (imagem, reputação, qualidade do serviço prestado e capital social), identificados como sendo capazes de explicar um melhor nível de desempenho. As práticas de gestão de recursos humanos embora não sejam apontadas, de uma forma direta, como capazes de explicar as diferenças gerais de desempenho das organizações, estão associadas a comportamentos organizacionais tidos como relevantes para o seu sucesso. Em particular, os elementos mais operacionais da gestão de recursos humanos (gestão de colaboradores e gestão de equipas de trabalho) encontram-se associados à forma como se gerem os recursos financeiros da organização e os ativos de carácter intangível (imagem, reputação e gestão da qualidade). Por isso, a gestão de recursos humanos é vista como uma importante capacidade organizacional, que determina a forma como a organização utiliza os recursos disponíveis, sendo por isso confirmada como uma importante fonte de vantagem competitiva. Este facto é particularmente relevante pelo cenário de particular escassez de recursos com que estas organizações geralmente se deparam, o que leva a que as dotações de recursos humanos sejam imprescindíveis para que as organizações sociais possam alavancar os poucos recursos de que dispõem e consigam otimizar o valor social que são capazes de criar.

A investigação realizada oferece um contributo na compreensão das práticas de gestão de recursos no âmbito do empreendedorismo social em Portugal. As conclusões obtidas com o estudo empírico têm implicações importantes para a gestão mais eficiente e eficaz das organizações sociais, que podem maximizar a criação de valor social e potenciar o desenvolvimento

regional. No entanto, como qualquer trabalho de investigação, a investigação realizada apresenta algumas limitações. De destacar o número de observações obtidas e o facto de a investigação se restringir ao contexto Português. De referir ainda que a investigação foi realizada com base na perceção dos responsáveis pela gestão das organizações. Em futuras investigações, seria importante analisar a informação disponibilizada pelas organizações no âmbito do processo de prestação de contas, de forma a compreender

melhor a relação entre comportamentos e desempenho organizacionais. A utilização de outros modelos econométricos que permitam avaliar a magnitude da relação entre as variáveis em estudo e a performance seria igualmente positiva em futuros trabalhos de investigação. A realização de *focus groups* e entrevistas em profundidade com os responsáveis das organizações e com os principais *stakeholders* permitirá também compreender melhor os resultados avançados com este estudo preliminar.

BIBLIOGRAFIA

Achleitner, A., Bassen, A. & Roder, B. (2009). An integrative framework for reporting in social entrepreneurship. *Social Science Research Network*. Acedido em março 5, 2017 em <http://ssrn.com/abstract=1325700>

Alvord, S., Brown, D., & Letts, C. (2004). Social entrepreneurship and societal transformation. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 40, 260-282.

Ang, S., & Wight, A. (2009). Building intangible resources: The stickiness of reputation. *Corporate Reputation Review*, 12 (1), 21-32.

Austin, J., & Seitanidi, M. (2011). Value creation in business – Nonprofit collaborations. *Social Enterprise Series, Harvard Business School Working Paper*, 33. Acedido em fevereiro 1, 2017, em <http://www.hbs.edu/research/pdf/12-019.pdf>

Azmat, F. (2013). Sustainable development in developing countries: The role of social entrepreneurs. *International Journal of Public Administration*, 36 (5), 293-304.

Bae, J., & Cameron, G. (2006). Conditioning effect of prior reputation on perception of corporate giving. *Public Relations Review*, 32 (2), 144–150.

Barney, J. (1991). Firm resources and sustained competitive advantage, *Journal of Management*, 17 (1), 99-120.

Barney, J., & Clark, D. (2007). Resource-based theory. Creating and sustaining competitive advantage. New York: Oxford University Press.

Bloom, P., & Smith, B. (2010). Identifying the drivers of social entrepreneurial impact: Theoretical development and an exploratory empirical test of SCALERS. *Journal of Social Entrepreneurship*, 1 (1), 126-145.

Brito, R. & Brito, L. (2012). Vantagem Competitiva, Criação de valor e seus efeitos sobre o Desempenho. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 52 (1), 70-84.

Clark, C., Rosenzweig, W., Long, D. & Olsen, S. (2004). Double bottom line project report: Assessing social impact in double bottom line ventures. *Rockefeller Foundation*. Acedido em abril 10, 2012, em http://www.riseproject.org/DBL_Methods_Catalog.pdf

Collis, D., & Montgomery, C. (1981). *Corporate strategy: A resource-based approach*. Auckland: McGraw-Hill.

Dees, J. (1998). Enterprising nonprofits: What do you do when traditional sources of funding fall short? *Harvard Business Review*, 76 (1), 55-67.

Dees, J. (2001). The meaning of social entrepreneurship. *Stanford University: Center for Social Innovation*. Acedido em março 1, 2017, em http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf

Ewing, M., & Napoli, J. (2005). Developing and validating a multidimensional nonprofit brand orientation scale. *Journal of Business Research*, 58 (6), 841 -853.

Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. (2nd edition). London: Sage Publications.

Finney, Z., Lueg, J., & Campbell, N. (2008). Market pioneers, late movers, and the resource-based view (RBV): A conceptual model. *Journal of Business Research*, 61 (9), 925-932.

Foss, N., Knudsen, C., & Montgomery, C. (1995). An exploration of common ground: Integrating evolutionary and strategic theories of the firm. In C. Montgomery (Ed.), *Resource-based on evolutionary theories of the firm* (1-

17), Norwell, MA: Kluwer Academic Publishers.

Friedman, V. & Desivilya, H. (2010). Integrating social entrepreneurship and conflict engagement for regional development in divided societies. *Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal*, 22 (6), 495-514.

Gallagher, D., Gilmore, A., & Stolz, A. (2012): The strategic marketing of small sports clubs: From fundraising to social entrepreneurship, *Journal of Strategic Marketing*, 20 (3), 231-247.

Germak, A., & Singh, K. (2010). Social entrepreneurship: Changing the way social workers do business. *Administration In Social Work*, 34 (1), 79-95.

Gorla, N., Somers, T., & Wong, B. (2010). Organizational impact of system quality, information quality, and service quality. *Journal of Strategic Information Systems*, 19 (3), 207 -228.

Gras, D., & Mendoza-Abarca, K. (2013). Risky business? The survival implications of exploiting commercial opportunities by non-profits. *Journal of Business Venturing*, 28, <http://dx.doi.org/10.1016/j.jbusvent.2013.05.003>.

Greco, M., Cricelli, L., & Grimaldi, M. (2013). A strategic management framework of tangible and intangible assets. *European Management Journal*, 31 (1) 55-66.

Guclu, A., Dees, J., & Anderson, B. (2002). The process of social entrepreneurship: Creating opportunities worthy of serious pursuit. *CASE Working Paper Series 3*. Duke Fuqua School Duke University: Center for the Advancement of Social Entrepreneurship.

Hart, S., & Dowell, G. (2011). A natural-resource-based view of the firm: Fifteen years after. *Journal of Management*, 37 (5), 1464-1479.

Katz, J., & Gartner, W. (1988). Properties of emerging organizations. *Academy of Management Review*, 13 (3), 429-441.

Kellermanns, F., Walter, J., Crook, T. R., Kemmerer, B., & Narayanan, V. (2016). The Resource-Based View in Entrepreneurship: A Content-Analytical Comparison of Researchers' and Entrepreneurs' Views. *Journal Of Small Business Management*, 54(1), 26-48.

Kickul, J., Griffiths, M., & Gundry, L. (2010). Innovating for social impact: is bricolage the catalyst for change?. In A. Fayolle, & H. Matlay (eds.), *Handbook of research on social entrepreneurship* (232-251), Massachusetts: Edward Elgard.

Killen, C., Jugdev, K., Drouin, N., & Petit, Y. (2012). Advancing project and portfolio management research: Applying strategic management theories. *International Journal of Project Management*, 30 (5), 525–538.

Krlev, G. (2012). Strategies in social entrepreneurship: Depicting entrepreneurial elements and business principles in SEOs from Germany and Bangladesh. *ACRN Journal of Entrepreneurship Perspectives*, 1 (1), 61-96.

Kirzner, I. (1979). *Perception, opportunity and profit: Studies in the theory of entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press.

Knight, F. (1921). *Risk, uncertainty and profit*. New York: Harper.

Kylander, N., & Stone, C. (2012). The role of brand in the nonprofit sector. *Stanford Social Innovation Review*, 11 (7), 35-41.

Ireland, R., Hitt, M. & Sirmon, D. (2003). A Model of Strategic Entrepreneurship: The Construct and its Dimensions, *Journal of Management*, 29(6), 963-989.

Kuratko, D., Hornsby, J., & Goldsby, M. (2007). The relationship of stakeholder salience, organizational posture, and entrepreneurial intensity to corporate entrepreneurship. *Journal of Leadership & Organizational Studies*, 13 (4), 56-72.

Leadbeater, C. (1997). *The rise of the social entrepreneur*. London: Demos.

Light, P. (2006). Searching for social entrepreneurs: Who they might be, where they might be found, what they do. In Mosher-Williams (Ed.), *Research on social entrepreneurship: understanding and contributing to an emerging field: Arnova's Occasional Paper Series* (13-37). Washington, DC: Association for Research on Nonprofit and Voluntary Organizations.

Liebenstein, H. (1968). Entrepreneurship and development, *The American Economic Review*, 58 (2), 72–83.

Light, P. (2008). *The search for social entrepreneurship*. Washington, DC: Brookings Institution Press.

Lynch-Cerullo, K., & Cooney, K. (2011). Moving from outputs to outcomes: A review of the evolution of performance measurement in the human service nonprofit sector. *Administration in Social Work*, 35 (4), 364-388.

Mair, J., & Martí, I. (2006). Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight. *Journal of World Business*, 41 (1), 36-44.

Malhotra, N. K. (1999). *Marketing Research: An Applied Orientation*, New Jersey, Prentice-Hall.

Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. (3.^a edição). Lisboa: Edições Sílabo.

McAnany, E. (2012). Social Entrepreneurship and Communication for Development and Social Change- Rethinking Innovation. *Nordicom Review*, 33, 205-218.

McKelvie, A., & Davidsson, P. (2009). From resource base to dynamic capabilities: An investigation of new firms. *British Journal of Management*, 20 (1), 63-75.

Meyskens, M., Robb-Post, C., Stamp, J., Carsrud, A., & Reynolds, P. (2010). Social ventures from a resource-based perspective: An exploratory study assessing global Ashoka fellows. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 34 (4), 661-680.

Michel, G., & Rieunier, S. (2012). Nonprofit brand image and typicality influences on charitable giving. *Journal of Business Research*, 65 (5), 701 -707.

Molloy, J., Chadwick, C., Ployhart, R., & Golden, S. (2011). Making intangibles “tangible” in tests of resource-based theory: A multidisciplinary construct validation approach. *Journal of Management*, 37 (5), 1496-1518.

National Survey of Third Sector Organisations (2008). National Survey of Third Sector Organisations. *Cabinet Office of the Third Sector*. Acedido em março 10, 2017, em <http://www.communityplanningtoolkit.org/site/s/default/files/OutcomesR4.pdf>.

Nega, B. & Schneider, G. (2014). NGOs, the State, and Development in Africa. *Review of Social Economy*, 72 (4), 485–503.

Nevo, S., & Wade, M. (2010). The formation and value of it-enabled resources: antecedents and consequences of synergistic relationships. *MIS Quarterly*, 34 (1), 163-183.

Nulty, D. D. (2008). The adequacy of response rates to online and paper surveys: what can be done?, *Assessement and Evaluation in Higher Education*, 33 (3), 301-314.

Social entrepreneurship - A new look at the people and the potential. *Management Decision*, 38 (5), 328-338.

Yiu, D. W.; Wan, W. P.; Ng, F. W.; Chen, X.; & Su, J. (2014). Sentimental Drivers of Social Entrepreneurship: A Study of China's Guangcai (Glorious) Program. *Management and Organization Review*, 10 (1), 55–80.

O'Reilly, C., Caldwell, D., Chatman, J., Lapid, M., & Self, W. (2010). How leadership matters: The effects of leaders' alignment on strategy implementation. *The Leadership Quarterly*, 21 (1), 104-113.

Peredo, A., & McLean, M. (2006). Social entrepreneurship: A critical review of the concept. *Journal of World Business*, 41 (1), 56-65.

Rumelt, R., Schendel, D., & Teece, D. (1991). Strategic management and economics. *Strategic Management Journal*, 12, 5-29.

Sawhill, J., & Williamson, D. (2001). Mission impossible? Measuring success in non-profit organizations. *Nonprofit Management and Leadership*, 11 (3), 371-386.

Schmitz, B., & Scheuerle, T. (2012). Founding or transforming? Social intrapreneurship in three german christian-based NPOs. *ACRN Journal of Entrepreneurship Perspectives*, 1 (1), 13-36.

Schumpeter, J. (1934). *The theory of economic development: An inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. New Jersey: Transaction Publishers.

Schumpeter, J. (1947). The creative response in economic history. *The Journal of Economic History*, 7 (2), 149-159.

Sharir, M., & Lerner, M. (2006). Gauging the success of social ventures initiated by individual social entrepreneurs. *Journal of World Business*, 41 (1), 6-20.

Steffens, P., Davidsson, P., & Fitzsimmons, J. (2009). Performance configurations over time: Implications for growth and profit-oriented strategies. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33 (1), 125-148.

Studdard, N., & Darby, R. (2011). Social entrepreneurship: Managing strategic decisions in Social Entrepreneurial organisations. *International Journal of Social Entrepreneurship and Innovation*, 1 (1), 66-78.

Tan, W., Williams, J., & Tan, T. (2005). Defining the ‘social’ in ‘social entrepreneurship’: Altruism and entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 1 (3), 353-365.

Thompson, J., Alvy, G., & Lees, A. (2000).

Weerawardena, J., & Mort, G. (2006). Investigating social entrepreneurship: A multidimensional model. *Journal of World Business*, 41 (1), 21-35.

Weerawardena, J., & Mort, G. (2012). Competitive strategy in socially entrepreneurial non-profit organizations: Innovation and

differentiation. *Journal of Public Policy & Marketing*, 31 (1), 91–101.

Zeyen, A., Beckmann, M., Mueller, S., Dees, J., Khanin, D., Krueger, N., Murphy, P., Santos, F., Scarlata, M., Walske, J., &

Zacharakis, A. (2013). Social entrepreneurship and broader theories: Shedding new light on the ‘Bigger Picture’. *Journal of Social Entrepreneurship*, 4 (1), 88-107.

A Imprensa Regional Portuguesa Como Pequeno Bastião da Imprensa Tradicional no País¹

Portuguese Regional Press As the Stronghold of Traditional Press With in the Country

Tiago Lima Quintanilha

tiago.lima@obercom.pt

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

CIES-IUL - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ESPP)

Miguel Paisana

miguel.paisana@obercom.pt

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

CIES-IUL - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ESPP)

Gustavo Cardoso

Gustavo.cardoso@iscte-iul.pt

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

CIES-IUL - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ESPP)

CADIS e College d'Études Mondiales, FMSH, Paris

Resumo/ Abstract

A imprensa escrita é um dos sectores mais influenciados pelo crescimento da Internet (Flávian, 2014), onde a mutabilidade tecnológica e comportamento dos consumidores assume especial repercussão no decréscimo progressivo da circulação impressa paga de títulos de imprensa, em Portugal.

Este artigo aborda a forma como a imprensa regional assume comportamentos de mercado distintos da imprensa de alcance nacional, consubstanciados em menores perdas de material impresso vendido, por comparação com os valores registados para a imprensa de alcance nacional. Tirando partido de um inquérito aplicado aos profissionais do sector da imprensa regional, pretende-se aferir igualmente os perfis de utilização e consumo das publicações de cariz regional, de acordo com a auto-percepção dos profissionais do sector.

The newspaper industry is particularly influenced by the Internet growth (Flávian, 2014), where technological mutability and consumer behavior mostly affect the progressive decrease of newspapers' paid print circulation in Portugal. This paper aims to show how the regional press seems to assume a distinctive market behavior (as compared to the more wider national press), consolidated in lower losses of paid print circulation as compared to the values registered for the national press.

Taking advantage of a survey applied to professionals who work in the regional press sector, the purpose is to assess the usage and consumption profiles of regional print publications, according to the field professionals' self-perception.

By making use of the primary data collected, we demonstrate how the portuguese regional press is shaped as a stronghold of the traditional press

¹ Este artigo foi escrito com o apoio financeiro da FCT, contemplado na concessão da bolsa individual de doutoramento com a referência SFRH/BD/131338/2017.

Os dados primários recolhidos, demonstram a forma como a imprensa regional portuguesa se constitui como pequeno bastião da imprensa tradicional no país, onde características como a maior fidelização dos seus leitores, que são também leitores tendencialmente mais envelhecidos que se suportam dos formatos físicos tradicionais para o acesso aos conteúdos produzidos, ditam a realidade do sector.

Aborda-se igualmente a orientação das políticas públicas para o sector, orientadas para a crescente digitalização das publicações regionais.

Palavras-chave: Imprensa Regional em Portugal; comportamento no mercado; perfis de utilização e de fidelização.

Código JEL: L82, O18 e R11

within the country, where attributes such as the greater loyalty of its readers, who are also significantly older and rely on the physical printed formats to access the contents produced, dictate the reality of this sector.

We also discuss whether the policy orientation towards the increasing digitalization of the regional publications, is adjusted to the circumstances or not.

Keywords: Portuguese regional press; market behaviour; fidelization and usage profiles.

JEL Codes: L82, O18 e R11

1. INTRODUÇÃO

Uma das dificuldades inerentes ao conhecimento aprofundado do desempenho e características da imprensa regional em Portugal prende-se com o facto de ser difícil obter informação específica e diversificada sobre este segmento, numa paisagem dos media em Portugal que é complexa e onde a imprensa regional combina características singulares (Silva et al., 2017).

Em 2010, num estudo com a chancela ERC referia-se que, “em Portugal, os públicos da imprensa regional continuam a ser pouco conhecidos” (ERC, 2010: 225), sendo que, “ao longo de décadas, em Portugal, a imprensa regional foi objecto de uma curiosidade periférica, não se instalando como objecto privilegiado de estudo” (Correia, 2012: 9).

Tal fica a dever-se, por um lado, à escassez de indicadores de desempenho que nos possam dar um conhecimento mais amplo daquilo que se passa ao nível das redações regionais, dos conteúdos produzidos, e da sua relação com o consumidor.

Por outro lado, estas dificuldades ficam também a dever-se à falta de resultados tangíveis globais obtidos através de levantamentos periódicos de informação coligida pelas mesmas instituições e organizações que agregam dados

relativos a publicações de âmbito e alcance nacionais (APCT, API, MARKTEST, etc).

Esses resultados, caso existissem com periodicidade regular, seriam capazes de nos dar um entendimento mais amplo dos aspetos mensuráveis de procura e consumo, das formas privilegiadas de disseminação e receção de conteúdos produzidos, circulação impressa paga, tiragens, audiências, quota de investimento publicitário, etc., de um maior número de títulos de imprensa regional.

Do grupo restrito de publicações locais que entram nos boletins informativos da APCT, e discutidos em documentos produzidos pelo Observatório da Comunicação, nomeadamente o relatório *A Imprensa em Portugal: Desempenho e indicadores de gestão*², decorrem leituras que permitem inferir que este segmento se comporta de forma distinta da imprensa de alcance nacional.

Desde logo, a imprensa regional, até por definição do Estatuto da Imprensa Regional (Decreto-lei 106/88, de 16 de Março), possui uma natureza muito própria, fruto de questões de alcance regional e geográfico, no que à matéria noticiosa diz respeito. “A imprensa regional constrói-se no compromisso com a região e com as pessoas que a habitam” (Camponez, 2002: 19) na forma de um “pacto comunicacional com um território” (Camponez, 2002: 77). Com efeito “há um universo de preocupações que

² <https://obercom.pt/a-imprensa-em-portugal-desempenho-e-indicadores-de-gestao-2008-2016/>

tem a sua vivência discursiva no campo dos media regionais e que só ganha consistência para o comum dos cidadãos nessas publicações” (Correia, 1998:7).

Mesmo que os números do Incentivo à Leitura nos digam que uma parcela expressiva dos títulos de imprensa regional seja enviada para assinantes que residem fora da localidade onde a publicação é editada, podemos admitir que estes leitores, ainda que residindo fora do concelho, encontram nas publicações de cariz regional e local a melhor forma de se poderem informar sobre as suas regiões e localidades. A consolidação deste tipo de dietas mediáticas é consistente com uma ligação simbólica a um espaço territorial específico e dotado de particular significado, sendo os títulos de imprensa local e regional um eixo fundamental na manutenção dessa relação.

Assim, e uma vez que a imprensa de alcance nacional acaba por ser definida pela centralidade dos assuntos noticiosos com origem nas regiões mais povoadas, o leitor do jornal regional acaba por encontrar nestas publicações uma forma mais eficaz, e muitas vezes singular, de conhecer os assuntos da sua própria localidade. Os boletins de informação sobre farmácias em serviço nas regiões do interior, com acessos mais difíceis, são um exemplo recorrente neste tipo de publicações.

Esse é, na realidade, um ponto que nos permite explicar o porquê de as publicações de cariz regional terem um volume de circulação impressa paga que tem diminuído consideravelmente menos do que o registado para a imprensa de âmbito nacional, que sofre perdas significativas em vendas, tiragens, audiências, e até no número de páginas online consultadas que são afectas aos grupos de comunicação (Quintanilha et al., 2017).

Dito de outra forma, o facto de o volume de circulação impressa paga estar a diminuir de forma bastante menos acentuada no sector da imprensa regional, poderá ser um indicativo de que os residentes de localidades com títulos de imprensa regional se mostram ainda bastante interessados não só nos conteúdos informativos regionais mais comuns em publicações de cariz regional, mais agregadoras de conteúdos com origem nessa região, mas também no próprio formato tradicional impresso.

Por outro lado, o formato de distribuição e acesso dos conteúdos remete-nos para outra discussão que passa por perceber se estas publicações de cariz regional ainda privilegiam mais o

formato impresso, tradicional, ou se actuam igualmente no formato online, sendo que as audiências deste tipo de publicações constituem a principal lacuna na recolha de informação a partir de dados secundários.

Paralelamente, analisar as políticas públicas para o sector, mensurando o peso das publicações de âmbito regional no quadro do regime de incentivos do Estado à comunicação social (Decreto-Lei n.º 23/2015, de 6 de Fevereiro) e do Incentivo à Leitura (Decreto-lei n.º 98/2007 de 2 de Abril, em relação ao qual se introduziram alterações cirúrgicas com o Decreto-Lei n.º 22/2015, de 6 de Fevereiro) que surgiram em resposta à necessidade que então se fazia notar em reforçar os mecanismos de apoio aos órgãos de comunicação social regional ou local no sentido da sua empresarialização, são também uma forma de compreender a singularidade do sector.

No entanto, a mudança da política do chamado “porte pago” para “incentivo à leitura”, acabou por pecar por defeito em termos de implicações e mudança para o sector da imprensa regional:

“Parece claro, a todos os títulos (e na opinião de todos os interlocutores), que a alteração da designação “porte pago” para “incentivo à leitura” teve a ver com exigências nos planos administrativo e político, não significando qualquer efectiva mudança na política pública de apoio à distribuição, por via postal, de jornais regionais e locais. Enquanto o preâmbulo do decreto-lei que instituiu a designação de incentivo à leitura sugere uma mudança de paradigma (do apoio à imprensa e à empresa jornalística passar-se-ia ao apoio aos leitores e aos assinantes), na verdade tratou-se de uma mera mudança de nomenclatura” (Pinto et al., 2011: 239).

A insuficiência de uma abordagem coordenada ao sector da imprensa regional acabaria por ter um efeito positivo no benefício dos assinantes já existentes, mas dificultou significativamente a captação de novos assinantes, o que, de acordo com Pinto (et al, 2011), “não é propriamente incentivador e promotor da leitura”, princípio no núcleo do quadro político em questão.

É de relembrar a importância da política do “porte pago” no contexto da vontade política de unir uma população dispersa por um território pequeno (Aguado et al., 2009). Em termos económicos, esta política visava também, e em particular, a mitigação da desvantagem competitiva da imprensa regional em termos da sua

menor atratividade na captação de investimento e, por consequência, de receitas publicitárias. Em vigor desde 1976, o porte pago integral viria a ser revogado sob o argumento de que esta política fomentava a “passividade, oportunismo e a acomodação a um subsídio de dependência” (Aguado et al., 2009: 77). Após sucessivas reestruturações ao nível das políticas de incentivo à imprensa, o quadro político estabelecido em 2007 viria a substituir o apoio à iniciativa empresarial, desenvolvimento multimédia e qualificação de desenvolvimento de recursos humanos por um único incentivo, o já referido “incentivo à leitura”. Com efeito, esta alteração visava não só tornar disponíveis as publicações portuguesas em qualquer parte do país e do mundo, como, indirectamente, estimular a inovação tecnológica e de recursos humanos no sector.

Ferreira (2005) argumenta que a avaliação “das circunstâncias em que foram tomadas algumas das mais importantes decisões sobre a imprensa regional e local portuguesa permite concluir que, sobre este sector, os diferentes Governos tiveram sempre uma visão limitada, consubstanciada no facto de verem nestes apoios a melhor – senão a única – forma de ajudar no seu desenvolvimento” (Ferreira, 2005: 175). A visão sustentada pelo autor não defende o fim das ajudas, o que seria desaconselhado, mas sim a necessidade de estudar de forma mais concreta e holística a realidade do sector em toda a sua complexidade.

Faustino e Carvalho (2012), num estudo de caso sobre 26 jornais e 23 rádios concluem, de forma empírica, que “a ajuda económica não é suficiente para resolver os problemas económicos e de mercados fundamentais das empresas jornalísticas (...) na medida em que grande parte dos apoios fora canalizada para a área de equipamentos básicos e não para investimentos estratégicos e estruturantes que pudessem potenciar a dinamização do negócio” (Faustino e Carvalho, 2009: 19).

Assim, importa referir no contexto deste artigo, que a melhor forma de atenuar a ausência considerável de estudos e informação mais pormenorizada relativa às publicações de âmbito regional, por manifesta ausência de dados, pela impossibilidade de aplicação de inquéritos à população, e por falta de recursos, foi através da aplicação de um inquérito às redações de imprensa regional, questionando os seus profissionais relativamente aos pontos atrás mencionados.

Estes dados primários constituem a principal orientação inovadora deste estudo, numa análise que não se contenta com a interpretação de dados já existentes, indo por isso à procura de novos e originais dados sobre o sector. As informações que resultaram da aplicação deste inquérito revestem-se de grande importância, na medida em que decorrem da interpretação de intervenientes privilegiados no sector da imprensa regional, como sejam os seus profissionais.

2. METODOLOGIA

Abordagem quantitativa, por dados primários a partir do inquérito “*Jornais Regionais: A posição no mercado e a análise e interpretação de perfis de utilização*”. Este inquérito anónimo, enviado com sucesso a 650 contactos actualizados de uma lista de 800 contactos facultados pela Associação Portuguesa de Imprensa (API), foi respondido por 178 profissionais do sector da imprensa regional, numa taxa de resposta de cerca de 27,4%. A aplicação do inquérito decorreu nos meses de Setembro e Outubro de 2017 e contou com 3 chamadas via email intercaladas por períodos de duas semanas.

O pré-teste decorreu no mês de Agosto de 2017.

Esta amostra não-probabilística é constituída maioritariamente por indivíduos do sexo masculino. A idade média desta amostra situa-se nos 46,5 anos, com 50% dos inquiridos a referir ter mais de 47 anos de idade. A maioria dos inquiridos trabalha há mais de 10 anos no jornal regional no qual exercem funções. 33,1% trabalham exclusivamente para a edição tradicional/impresa, ao passo que apenas 12,4% o fazem em exclusivo para a edição online. Cerca de 60% dos inquiridos referem exercer funções de directoria ou chefia do jornal regional ao qual são afectos.

Os dados primários extraídos do inquérito foram trabalhados com o software SPSS, com análise estatística univariada.

3. A POSIÇÃO DOS JORNAIS REGIONAIS NO MERCADO DA IMPRENSA ESCRITA

“A nova comunicação online teve um impacto considerável na actividade e indústria da imprensa escrita (Flavián, 2010: 1816)”.

Valores decrescentes do volume de jornais impressos são uma característica muito típica do

mercado dos media em Portugal (Correia e Martins, 2017), o que, neste sector, levou a um agravamento dos problemas económicos registados, devido ao declínio significativo da leitura associada e das receitas publicitárias (Silva, 2017).

Contudo, o sector da imprensa regional é um sector com comportamentos no mercado distintos daqueles registados para a imprensa de cariz nacional. A imprensa regional e os jornais locais têm características únicas dentro do contexto europeu (Silva, 2017).

Se observarmos os resultados obtidos no relatório publicado pelo OberCom, *A Imprensa em Portugal: Desempenho e indicadores de gestão*, verificamos que o total de circulação impressa paga para as publicações em análise de âmbito nacional regista uma taxa de variação média negativa de 31,6%, de 2012 a 2016, o que se enquadra num cenário de perda acentuada do volume de exemplares vendidos (Cf. Quintanilha et al., 2017).

Tabela 1: Evolução da Circulação Impressa Paga (CIP) para jornais de alcance regional/local

Circulação Impressa Paga				
	2012	2015	2016	Taxa de variação CIP (2012-2016)
A voz de Trás-os-Montes	4449			
Açores Magazine	3454	3129	2997	-13,2
Açoriano Oriental	3026	2800	2672	-11,7
Diário As Beiras	5774			
Diário de Aveiro	2958	3055	3389	14,6
Diário de Coimbra	7646	7260	7057	-7,7
Diário de Notícias da Madeira	10692	9205	8996	-15,9
Diário do Sul	4996	4496	3421	-31,5
Jornal da Bairrada	7273	6363	6171	-15,2
Jornal do Fundão	10357	8562	8006	-22,7
Jornal Soberania do Povo	5179			
Reconquista	10526			
Região de Leiria	7496	6557	5955	-20,6
Repórter do Marão	19437			
Total*	57898	51427	48664	-15,9

Fonte: APCT, boletins informativos 2012, 2013

* Para os totais, foram apenas consideradas as publicações cujos resultados foram publicados nos anos de 2013, 2016 e 2017 (para os anos anteriores à data em que são publicados os valores)

Circulação Impressa Paga diz respeito à soma das assinaturas+Vendas+Vendas em bloco

Quando olhamos para a taxa de variação média do volume de circulação impressa paga para jornais de alcance regional, para o mesmo período, e integrando apenas na análise aquelas publicações que veem os seus resultados ser divulgados nos vários anos, observamos que, apesar de uma queda igualmente substancial no volume de exemplares vendidos, esta queda é manifestamente inferior ao valor registado para os jornais de alcance nacional (cerca de metade).

Como podemos observar na figura 1, uma percentagem considerável de inquiridos (14%) no inquérito realizado, *“Jornais regionais: a posição no mercado e interpretação de perfis de utilização”*, considera que as vendas pagas do

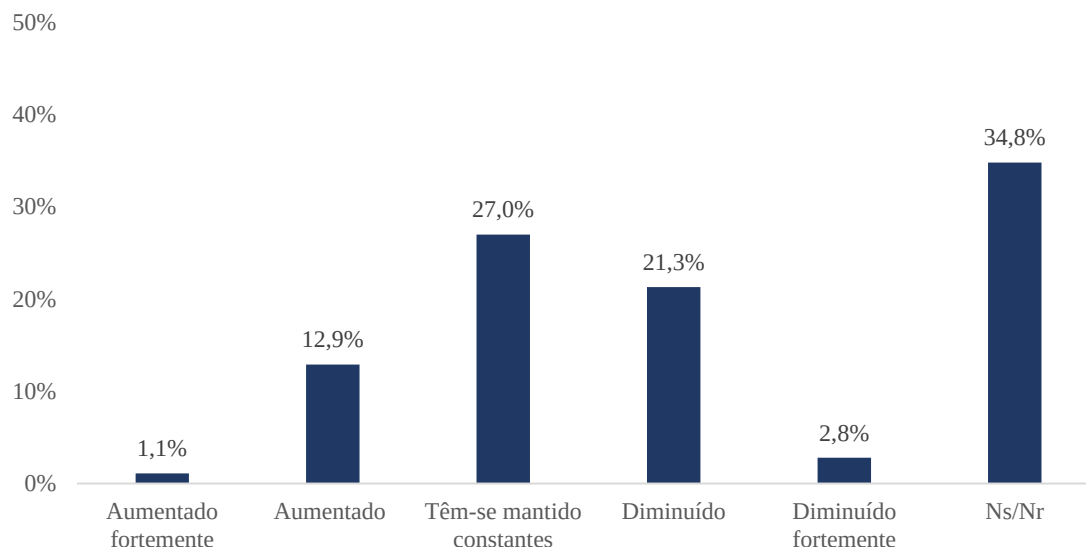
jornal regional para o qual trabalham têm aumentado. Por outro lado, 27% dos inquiridos referem que as vendas se têm mantido constantes e 34,8% não sabem ou não respondem à questão. Ora, estes resultados mostram-nos que há uma grande percentagem de profissionais dos jornais regionais que não atribuem um decréscimo de vendas às publicações para as quais trabalham.

A explicação para este primeiro resultado poderá estar nos pontos elencados na introdução deste trabalho, nomeadamente na questão do acesso e fidelidade aos conteúdos informativos de carácter regional, que nestas publicações são mais dificilmente secundarizados pela centra-

lidade dos conteúdos noticiosos com origem nas regiões mais povoadas que geralmente ocupam

um espaço maior nas publicações de alcance nacional.

Figura 1: Considera que as vendas/circulação paga do jornal regional/local para o qual trabalha têm...



Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Por outras palavras, a questão do jornalismo de proximidade (Correia, 2012; Carvalho, 2013) desempenha aqui um papel extremamente relevante, na medida em que, ao habitante de uma zona interior do país, será mais fácil manter-se informado sobre a sua zona, consultando o jornal da sua região, do que eventualmente abrindo o jornal de uma publicação de alcance nacional.

Como nos lembra Carvalho (2013), reportando-se à imprensa regional, “são as notícias-de-ao-pé-da-porta, que escapam à grande imprensa generalista, que lhe garantem reconhecidos e invejáveis índices de fidelização de leitores” (Carvalho, 2013: 8).

Estes conteúdos informativos regionais poderão assim desencadear comportamentos de pertença simbólica (Correia, 1998) que mais dificilmente as publicações de alcance nacional desencadeiam nos seus leitores, fixando por isso também mais os seus públicos, o que se reflecte em taxas de diminuição inferiores de vendas àquelas registadas para as publicações de alcance nacional.

Analisando a figura 2, constatamos que a grande maioria dos inquiridos (61,3%) no inquérito (profissionais do sector da imprensa escrita regional) concorda com a ideia de que o consumidor do jornal regional é mais fiel do que o consumidor do jornal de alcance nacional.

Sustentando as considerações já feitas, e olhando para os resultados do inquérito, constatamos que uma percentagem bastante considerável (38,8%) dos profissionais inquiridos afetos ao segmento dos jornais regionais, consideram que o meio preferido no acesso aos conteúdos produzidos pelo jornal regional para o qual trabalham é ainda o formato impresso, ao passo que apenas 13,5% dos inquiridos destacam o formato digital como principal forma de acesso a notícias (Cf. Figura 3).

Na mesma linha de raciocínio, 56,7% dos inquiridos concordam com a ideia de que o consumidor do jornal regional utiliza preferencialmente os formatos impressos para acesso a informação (Cf. Figura 4).

Dos 178 inquiridos no estudo, apenas 19,1% declaram que o jornal regional para o qual trabalham funciona exclusivamente no formato digital. Por contraponto, 35,4% dos inquiridos declaram que o jornal regional para o qual trabalham existe apenas no formato tradicional impresso, o que evidencia um peso considerável do formato impresso neste segmento.

Apesar de 19,7% dos profissionais inquiridos no estudo OberCom não terem opinião formada, cerca de 47% consideram que os consumidores tipo de jornais regionais são maioritariamente consumidores mais envelhecidos (Concordo e Concordo Totalmente) (Cf. Figura 5).

Figura 2: Qual o seu grau de concordância perante a seguinte afirmação: “O consumidor do jornal regional é mais fiel do que o consumidor do jornal de alcance nacional!”

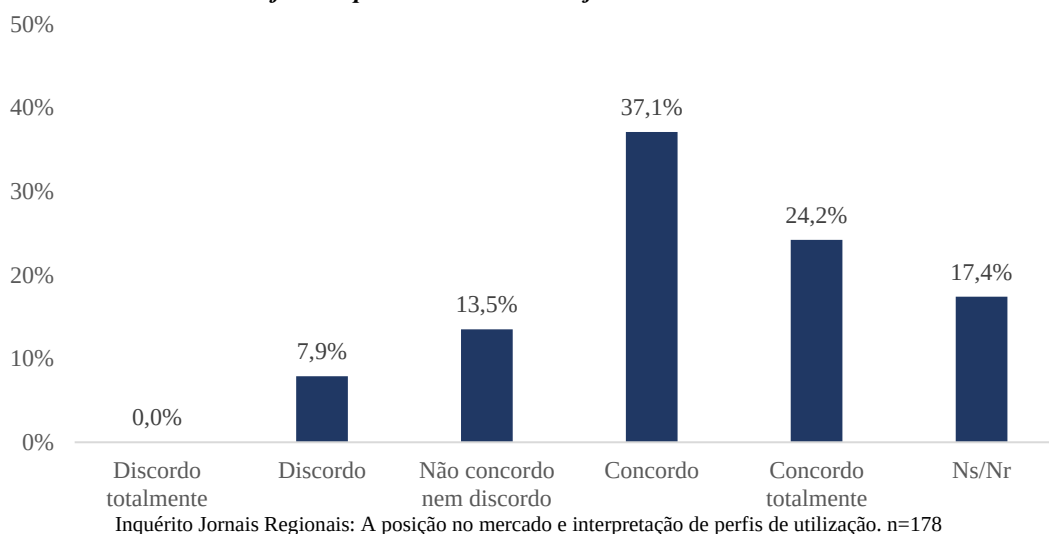


Figura 3: No seu entender, qual o meio preferido pelos consumidores no acesso aos conteúdos produzidos pelo jornal regional para o qual trabalha?

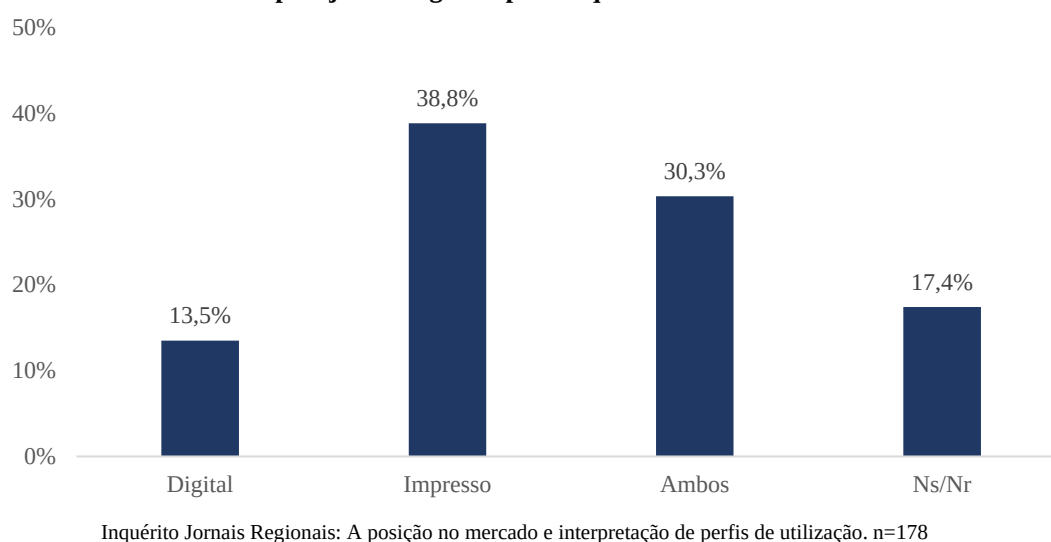
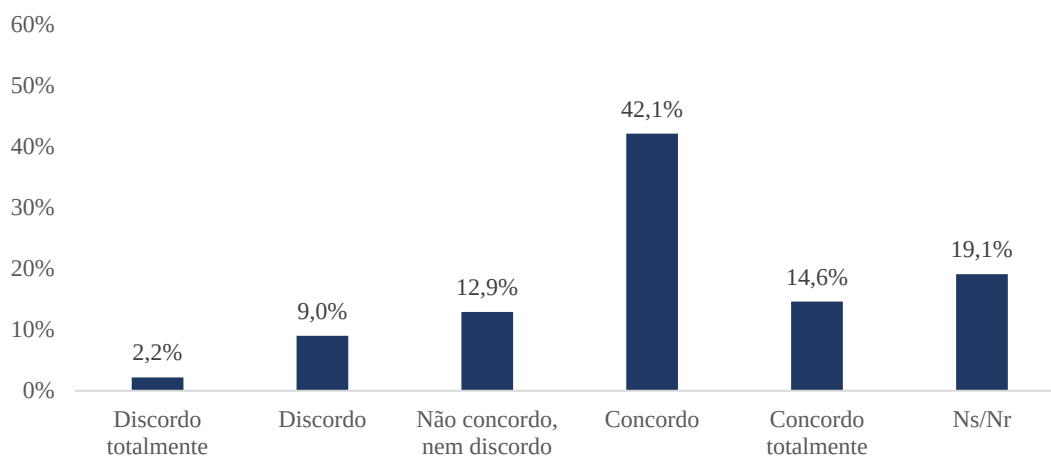
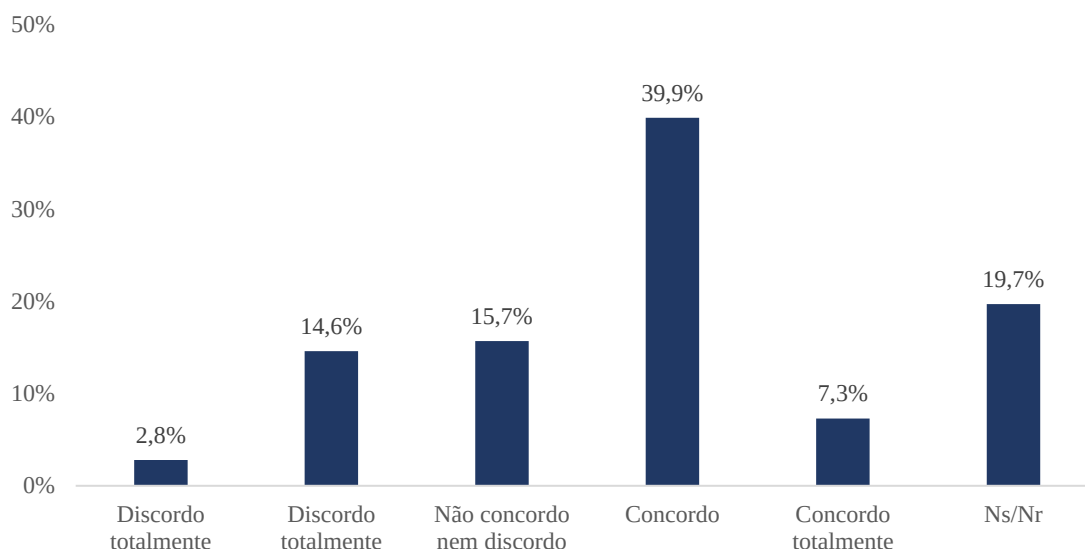


Figura 4: Qual o seu grau de concordância perante a seguinte afirmação: “O consumidor do jornal regional utiliza preferencialmente os formatos impressos para acesso a informação!”



Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Figura 5: Qual o seu grau de concordância perante as seguintes afirmações: Os consumidores-tipo de jornais regionais são maioritariamente consumidores mais envelhecidos!

Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Isto vai de encontro ao argumentado por Silva (2017), que tira partido de propostas avançadas pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (2016) que dão conta de que ainda existe um hiato geracional e duas velocidades caracterizadores dos perfis de utilização de media em Portugal: gerações mais novas que utilizam uma maior diversidade de aparelhos e plataformas digitais de consumo de media, e uma geração mais velha caracterizada por uma grande estabilidade onde os formatos tradicionais de consumo permanecem como principais formas de contacto com os media.

Para além disso, a maior estabilidade associada aos formatos tradicionais resulta da ideia de que os conteúdos no formato digital são mais rapidamente afectados pela tecnologia do que os conteúdos em formato físico (Sádaba, 2016; Hass, 2005, 2011), condição que em última análise condiciona usos de media e apropriações de dispositivos em função da adaptação à mutabilidade tecnológica (Fenton, 2010) e maiores literacias digitais³ (Aufderheide, 1993; Silverstone, 2004; Hague & Payton, 2010; Livingstone, 2011; Pinto, 2011), características que a

população portuguesa mais envelhecida não domina tão bem. O último Bareme Crossmedia (2017) da Marktest diz-nos também que os jovens tendem a preferir o formato digital no seu contacto com a imprensa.

Por outras palavras, é compreensível admitir-se que consumidores de media mais velhos tendem a optar pela estabilidade dos formatos tradicionais, muitas vezes como incapacidade de acompanhar inovação tecnológica e lógicas disruptivas e/ou evolutivas intrínsecas ao ecossistema dos media.

A utilização exclusiva destes dados primários está relacionada, como mencionado na introdução, com uma certa inobservância de estudos aprofundados sobre o sector da imprensa regional, nomeadamente em questões relativas à sua prática profissional, àquilo que os profissionais entendem como sendo as características de consumo dos seus leitores, e a percepção do profissional do jornal regional para o futuro do sector.

De acordo com os dados recolhidos, existem mais inquiridos a trabalhar para publicações que actuam exclusivamente no formato em papel,

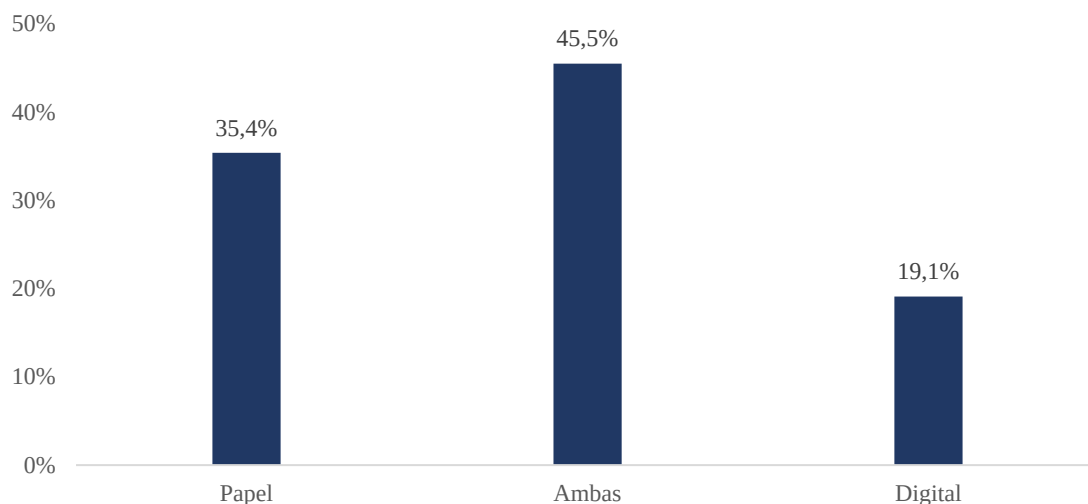
³ Literacias digitais são as interacções múltiplas, ricas e complexas, das pessoas com as tecnologias, numa ampla gama de práticas de literacia digital (Hague & Payton, 2010). Para Aufderheide (1993), o conceito “literacia para os media” era definido como a capacidade de aceder, analisar, avaliar e divulgar mensagens numa variedade de formas. Também Silverstone (2004:48) se apropriava do termo Media Literacy para referir que era o pré-requisito para a participação plena na pós-modernidade, envolvendo competências críticas de análise e apreciação das dinâmicas sociais. Para Sonia Livingstone, literacia digital é a forma como

cada um consegue ler e interpretar códigos e convenções a partir da utilização das suas ferramentas e tecnologias (Livingstone, 2011). A autora estabelece uma relação entre três dimensões que coadjuvam a sua análise, a saber: textualidade ou a forma como o conhecimento é codificado e transmitido (nas dimensões simbólica e material); competências distintivas e habilidades específicas dentro da população; e poder das relações associadas à literacia.

do que aqueles que consideram trabalhar para publicações que actuam exclusivamente no formato online. Contudo, 45,5% dos inquiridos

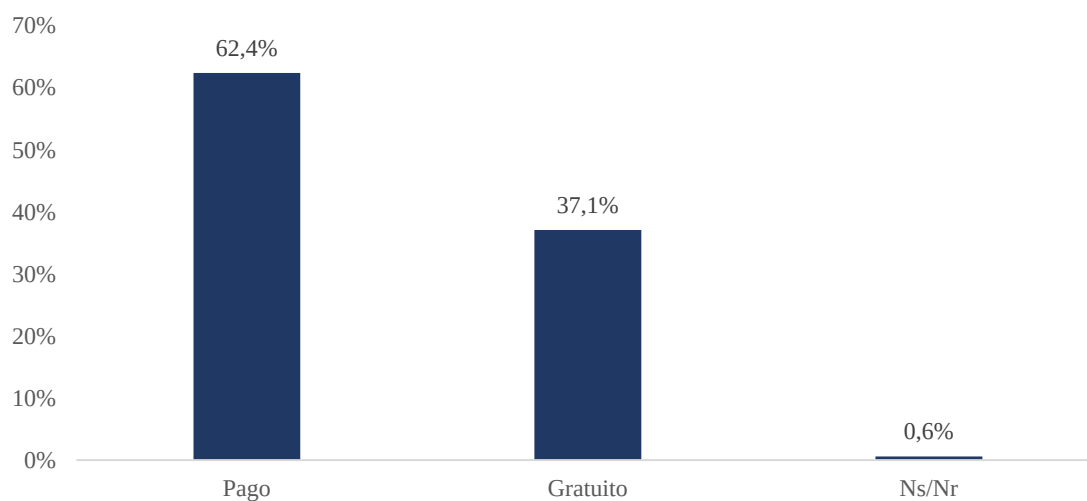
declaram trabalhar numa publicação que actua nos formatos tradicionais em papel e no formato digital.

Figura 6: O jornal regional para o qual trabalha tem publicação em...



Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Figura 7: O jornal regional para o qual trabalha é...



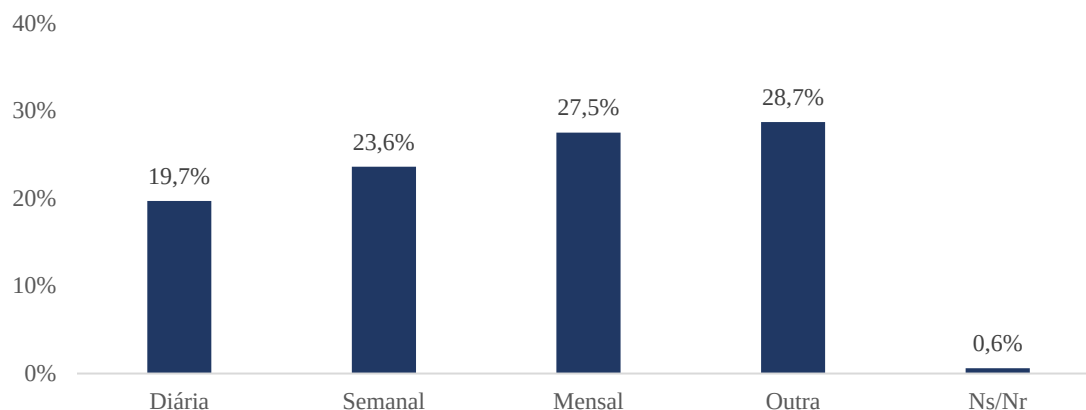
Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

A grande maioria dos jornais regionais nos quais trabalham os inquiridos neste estudo, são pagos. No entanto, uma percentagem muito considerável (37,1%) de inquiridos declara que os jornais regionais para os quais trabalham têm distribuição/consulta gratuita.

Dentro dos jornais com publicação exclusiva no formato em papel, a grande maioria tem dis-

tribuição paga, ao passo que a quase totalidade dos jornais regionais com publicação exclusiva no formato digital tem acesso gratuito. No que respeita às publicações com circulação dupla no formato impresso e no formato digital, a grande maioria também tem distribuição paga.

Figura 8: Qual a periodicidade do jornal regional/local para o qual trabalha?

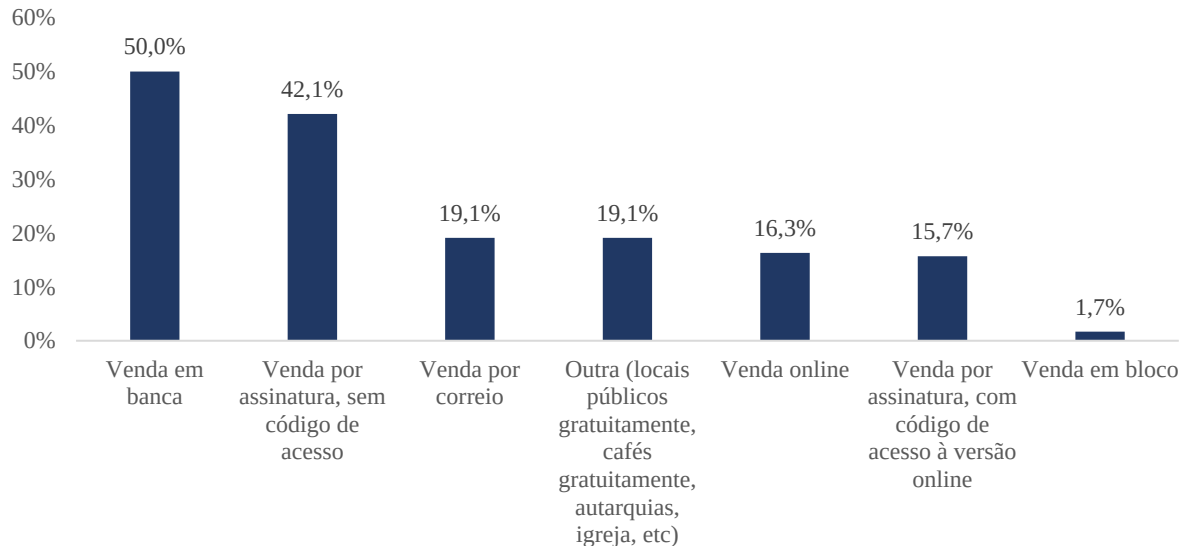


Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Cerca de 20% dos jornais regionais aos quais são afectos os inquiridos têm publicação diária. 23,6% têm publicação semanal; 27,5% publicação mensal e 28,7% assumem ter outra periodicidade que não as mencionadas na pergunta. Destes casos, que são 51, 33 inquiridos assina-

lam a publicação quinzenal/bimensal como característica do jornal regional para o qual trabalham, 4 referem a trimestralidade da publicação, 4 referem a semestralidade e 1 inquirido declara que o jornal para o qual trabalha tem publicação anual (Cf. Figura 8).

Figura 9: De que forma/s é vendido o jornal regional/local para o qual trabalha? (resposta múltipla)



Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

As formas de venda mais frequentes dos jornais regionais aos quais são afectos os inquiridos, são a venda em banca e a venda por assinatura, sem código de acesso (Cf. Figura 9).

De salientar que a venda por correio assume uma percentagem bastante significativa, sendo que, para se perceber de que forma esta venda por correio se processa, interessaria averiguar

sobre a condição do Porte Pago (alterado em 2007 para Incentivo à Leitura na forma de incentivo indirecto).

A figura 10 mostra a distribuição dos jornais regionais aos quais são afectos os inquiridos, por regiões NUTS I. Como podemos verificar, existe uma grande dispersão de jornais de carácter regional pelas várias regiões do país, o que

evidencia o quão expressivos são os jornais regionais em Portugal. Por outro lado, os dados evidenciam um peso muito considerável de distribuição dos jornais regionais quer no estran-

geiro, possivelmente para acesso das comunidades emigrantes aos assuntos da sua região, quer nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.

Figura 10: Em que região/regiões é distribuído o jornal regional/local para o qual trabalha? (por NUTS I) (resposta múltipla)

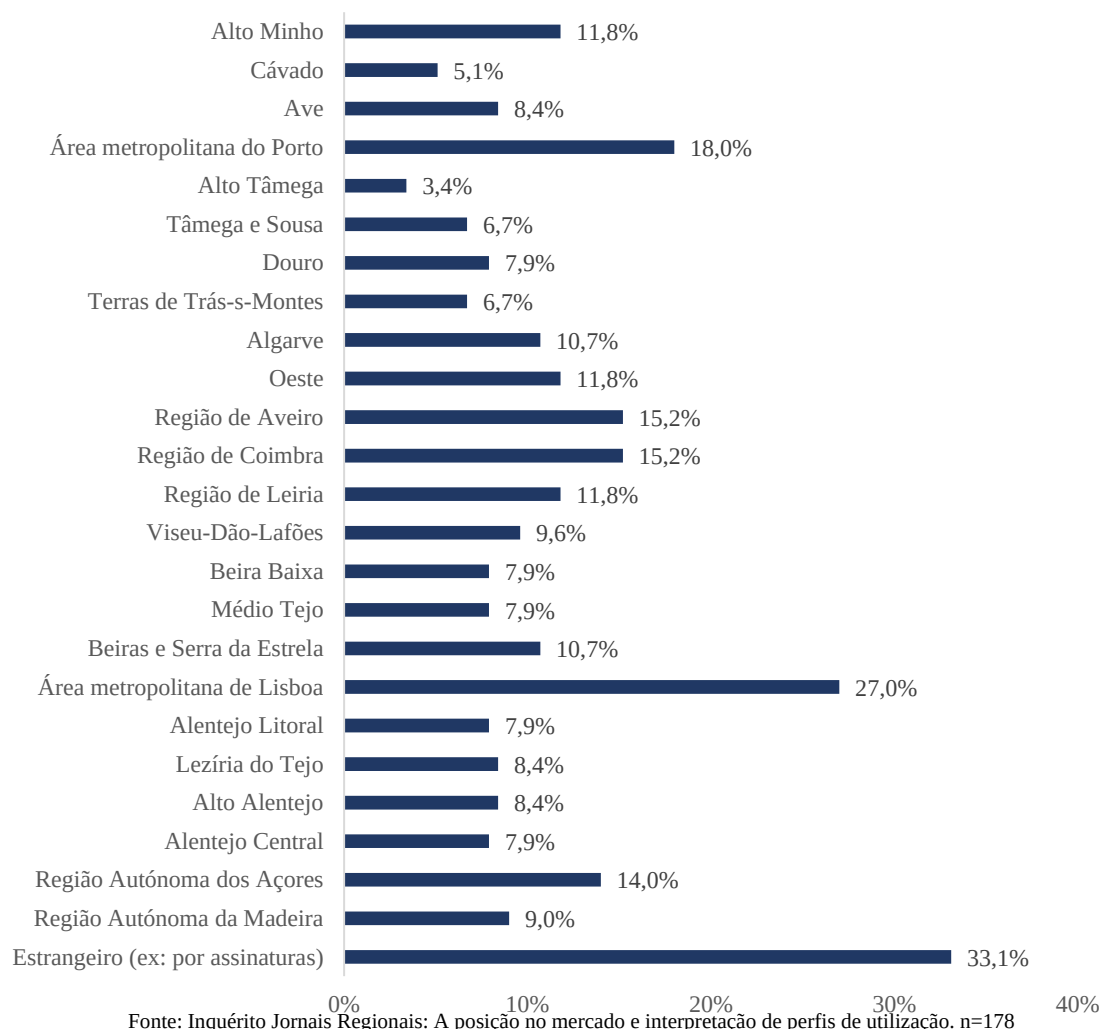
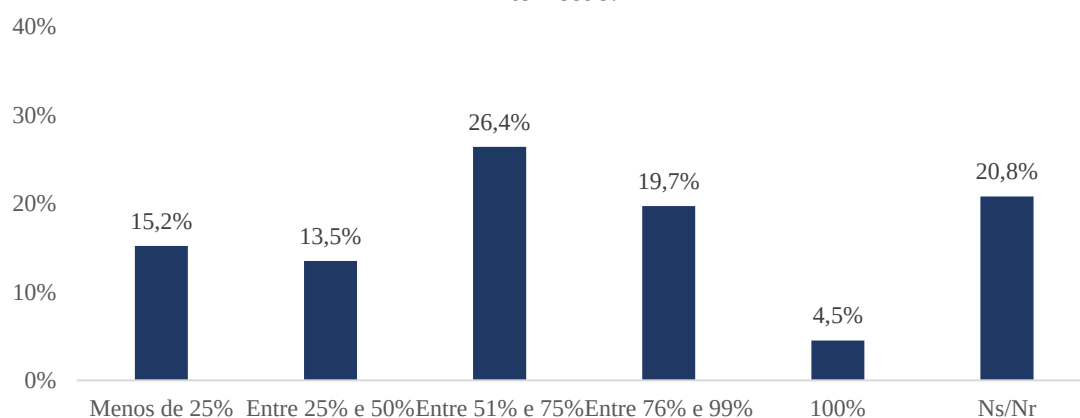


Figura 11: Qual a percentagem de vendas no distrito em que o jornal regional/local para o qual trabalha tem sede?

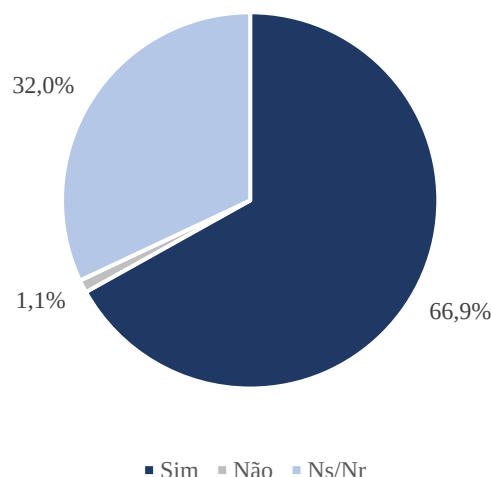


Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Cerca de 51% dos jornais regionais considerados pelos inquiridos tendem a ter uma percentagem de venda nos distritos nos quais têm sede, de 50% ou mais, o que atesta mais uma carac-

terística dos títulos de imprensa regional, com uma distribuição muito concentrada nas regiões onde actuam em termos de cobertura noticiosa preferencial (Cf. Figura 11).

Figura 12: Considera que cada exemplar impresso do jornal regional para o qual trabalha é normalmente lido/consultado por mais do que uma pessoa?

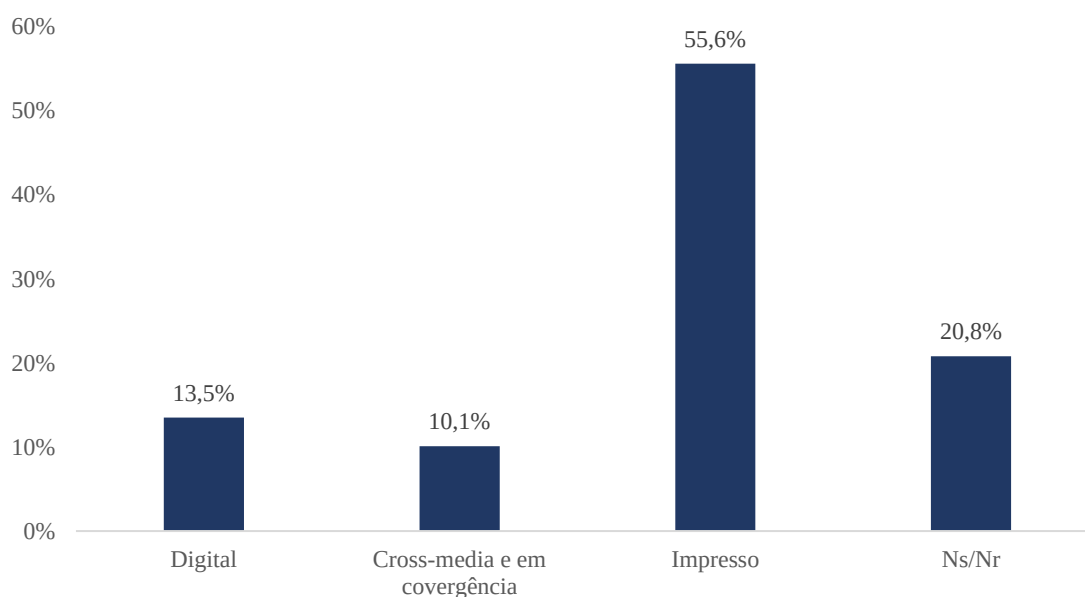


Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Para a grande maioria dos inquiridos (66,9%), um exemplar impresso do jornal regional para o qual trabalham tende normalmente a ser lido por mais do que uma pessoa.

Exemplos que poderão justificar esta resposta encontram-se nas lógicas de disponibilização dos exemplares em escolas, em cafés de localidades pequenas, entre outros (Cf. Figura 12).

Figura 13: No seu entender, o profissional da redacção do jornal para o qual trabalha, privilegia mais que formato na construção da notícia?



Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

A maioria dos inquiridos profissionais do sector da imprensa regional tende a privilegiar mais o formato impresso na construção da notícia.

Dois factores permitem explicar esta situação. Em primeiro lugar, o facto de, tal como explicado anteriormente, o consumidor preferencial dos jornais regionais ser um consumidor

que privilegia fundamentalmente o formato impresso da publicação.

Em segundo lugar, o facto de um número considerável de publicações de cariz regional ter ainda formas de publicação exclusivas no formato tradicional em papel, o que condiciona a utilidade dos formatos digitais nas estratégias das diferentes publicações (Cf. Figura 13).

Figura 14: No seu entender, o profissional da redacção do jornal regional para o qual trabalha privilegia mais que fontes de notícias? (resposta múltipla)



Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Os resultados da figura 14 evidenciam, em primeiro lugar, o carácter central da Internet como plataforma privilegiada de acesso à informação, para construção da notícia, por parte do profissional do sector da imprensa regional. Com efeito, 43,8% dos inquiridos declaram que os profissionais da imprensa regional tendem a

utilizar as redes sociais como fontes noticiosas, e 46,6% defendem que esses profissionais utilizam motores de busca para acesso a informação.

Uma explicação plausível para este cenário está relacionada com a própria essência da notícia de carácter regional, que muitas vezes é preterida pelos jornais de alcance nacional nas suas

matérias. Assim, na impossibilidade de ver discutidos determinados assuntos de cariz regional, nas publicações de alcance nacional, os profissionais dos jornais regionais podem tentar outras fontes como o enorme fluxo de matérias informativas disponíveis na Internet e redes sociais.

Em todo o caso, os sites online de notícias dos grandes grupos nacionais, assim como a agência LUSA, são ainda muito valorizados pelos inquiridos como sendo duas fontes importantes de acesso a informação. Os jornais de cariz regional são também relevados pelos inquiridos (28,7%).

Figura 15: Que tipo de conteúdos publica mais no jornal regional para o qual trabalha?

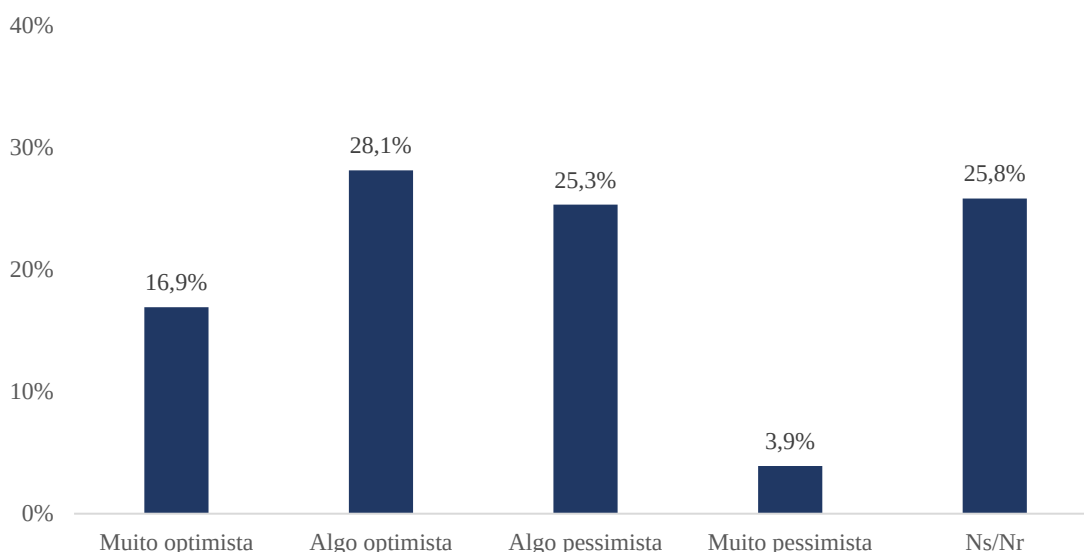


Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Os resultados expressos na figura 15 mostram novamente a relação que existe entre a essência de uma publicação regional e o produto final, sem esquecer a questão das preferências do público-alvo. Num tipo de publicações com especificidades tão óbvias, dirigidas a um públi-

co que procura essencialmente informação sobre a sua localidade e região, é expectável que o profissional do jornal regional opte por publicar e construir mais conteúdos informativos de cariz regional capazes de ir ao encontro das expectativas do seu público-alvo.

Figura 16: Em geral, quão optimista está em relação ao futuro do jornal regional para o qual trabalha?



Fonte: Inquérito Jornais Regionais: A posição no mercado e interpretação de perfis de utilização. n=178

Uma das diferenças percebidas na análise das especificidades da imprensa de cariz regional e imprensa de âmbito nacional, traduz-se, como já mencionado, numa maior fidelidade dos públicos-alvo às publicações de cariz regional, por circunstâncias que estão muito associadas ao impacto que esses jornais têm em regiões mais isoladas. Por outro lado, os resultados mostram que a queda do volume de vendas e circulação impressa paga é, entre outros exemplos, mais reduzido do que aquele verificado para a imprensa nacional. Por estas razões, passa a ser expectável que o optimismo daqueles profissionais do sector da imprensa regional possa ser consideravelmente superior ao optimismo registado pelos profissionais do sector da imprensa de âmbito nacional.

Com efeito, 45% dos inquiridos neste estudo declaram sentir-se optimistas em relação ao futuro, ao passo que, num estudo produzido pelo OberCom em 2012⁴ (que tinha em consideração a perspectiva dos jornalistas dos principais grupos de comunicação social), eram 35,1% aqueles a sentir-se optimistas em relação ao futuro. Por outro lado, 16,9% dos inquiridos neste estudo referem estar muito optimistas, ao passo que no estudo de 2012 do OberCom, que contemplava a opinião dos jornalistas dos maiores grupos, apenas 1,6% dos inquiridos se declaravam muito optimistas em relação ao futuro. Esta progressão das percepções evidencia uma vez mais a ideia de que as publicações regionais estarão em contra-ciclo com as publicações generalistas de alcance nacional.

4. CONCLUSÕES

Apesar de, nos últimos anos, a imprensa regional e local, normalmente constituída por pequenos grupos de profissionais, ter dado passos importantes no sentido da sua digitalização (Silva, 2017), também em função da orientação das políticas públicas para o sector⁵, torna-se importante olhar além das premissas unanimistas definidoras de uma certa universalidade no que diz respeito à migração de públicos e plataformas de media, para o formato digital.

Os resultados do inquérito produzido mostram que o formato digital, em acesso e actividade exclusivos, assumem um peso pequeno na

dimensão de publicação e disseminação das publicações de carácter regional em Portugal, não apenas porque estes jornais têm o formato impresso como formato preferencial de acesso pelos seus públicos-alvo, mas também porque são muitas vezes restritos a determinadas regiões envelhecidas, habitadas por populações com baixas literacias digitais, condições que impõem uma reflexão sobre a exequibilidade de regimes de incentivo focados na centralidade da transição para os formatos digitais. Medidas como o Portal da Imprensa regional⁶, que constituiu um apoio do Estado à imprensa regional, permitindo o alojamento gratuito das publicações de informação geral numa plataforma eletrónica com gestão estatal, são por isso medidas que urge reflectir sobre.

Os desafios da sustentabilidade de audiência no sector das publicações locais / regionais encontram assim na questão da literacia uma questão fundamental. Se, por um lado, os leitores mais velhos são os que mais preferem o tipo de conteúdos veiculados, constituindo o grosso das audiências deste género de publicações, por outro, estes são também menos permeáveis à inovação e à adopção de novos formatos noticiosos. As camadas populacionais que mais tendem a adoptar formas inovadoras de consumo de notícias, sustentadas no incremento da tecnologia, são os mais jovens, que tendem por sua vez a estar mais afastados das publicações de cariz regional.

Como nos indica Flavián (2010), os formatos tradicional e digital, sendo compatíveis, implicam que a sua relação resulte num processo de diferenciação influenciada pelas necessidades dos leitores em diferentes circunstâncias e combinando efeitos de lealdade às publicações.

No quadro da diferenciação entre imprensa de alcance nacional e imprensa de cariz regional, o impacto geracional surge como uma condição muito importante na avaliação dos perfis de utilização de jornais regionais, no sentido em que estes, na perspectiva dos próprios profissionais do sector, são constituídos maioritariamente por públicos mais envelhecidos. Por outro lado, a análise do impacto geracional na relação com os media não pode ser dissociada do conceito de literacias digitais ou literacias para os

⁴ Barómetro Desafios do Jornalismo, 2012, figura 44, página 43. <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/Desafios-do-Jornalismo-2012-2-edicao-C3%A7%C3%A3o.pdf>

⁵ Quadro do regime de incentivos do Estado à comunicação social (Decreto-Lei n.º 23/2015, de 6 de Fevereiro) e do Incentivo à

Leitura (Decreto-lei n.º 98/2007 de 2 de Abril, em relação ao qual se introduziram alterações cirúrgicas com o Decreto-Lei n.º 22/2015, de 6 de Fevereiro)

⁶ <http://www.imprensaregional.com.pt/portal/>

media⁷ (Aufderheide, 1993; Silverstone, 2004; Hague & Payton, 2010; Livingstone, 2011; Pinto, 2011). Para a análise das formas de ler e analisar a apropriação de tecnologia intra e inter grupos populacionais interessará uma visão mais maximalista, aprofundando contextos e leituras de apropriação e utilização dos vários dispositivos electrónicos que determinam as lógicas de consumo dos vários tipos de media.

No contexto da análise aos perfis de utilização dos jornais regionais, esta abordagem é fundamental no sentido em que nos permite ajudar a compreender o porquê de um perfil constituído por consumidores mais velhos de jornais regionais, ser um perfil que privilegia os formatos tradicionais da notícia em detrimento do formato digital associado à apropriação de diferentes dispositivos tecnológicos.

Num artigo da *democracy fund*⁸ é referido que “o fluxo de notícias das publicações locais está em diminuição à medida que o público e os anunciantes se deslocam para plataformas digitais e móveis”. Esta parece ser uma razão efectiva para um enquadramento concertado de políticas públicas para o sector da imprensa regional que estão centrados nas transições para o digital. Contudo, estas medidas, apesar de terem uma fundamentação empírica noutros contextos e noutros países, poderá estar de alguma forma desajustada à realidade portuguesa. Desde logo, em Portugal, e repetindo as mesmas razões elencadas ao longo deste artigo, é o formato impresso das publicações que ajuda a captar os públicos de jornais regionais, e não o formato digital.

Preferem-se assim os formatos impressos em detrimento dos formatos digitais, o que, como exemplificado neste relatório, acaba por ter influência nas formas de trabalhar do profissional do jornal regional. Os públicos de jornais regionais sustentam-se dos formatos tradicionais para acesso preferencial às notícias da sua região, secundarizando aquilo que é disseminação digital dos conteúdos produzidos.

Contudo, os decisores políticos preferem desvalorizar esta questão, argumentando, como o Secretário de Estado adjunto do Ministro-Adjunto e do Desenvolvimento Regional (Miguel Poiães Maduro, em 2015), “que os jornais regionais continuarão a ter leitores fiéis ao papel, mas que a evolução tecnológica impõe uma mudança para o digital num futuro próximo”, explicando desta forma os incentivos ao sector.

Em última análise, a apropriação dos formatos digitais em países como a Noruega, só para citar um exemplo, é uma realidade transversal a todos os sectores da população do país, incluindo as populações mais envelhecidas, ao passo que em Portugal os dados mostram-nos uma realidade bem diferente. Por outras palavras, o facto de a quase totalidade da população norueguesa⁹ ser utilizadora de Internet, implica idiosincrasias próprias nas formas de apropriação digital que não são comparáveis com um país como Portugal, onde ainda existem cerca de 30% de não utilizadores de Internet. E se falarmos em literacias digitais, ou na capacidade de apropriação e usos eficazes das tecnologias digitais, Portugal fica ainda mais atrás, não apenas da Noruega, mas em contexto de média europeia¹⁰. Ora, isto tem implicações nas formas de consumo dos jornais regionais, tendo por base que o seu público-alvo é constituído principalmente por leitores mais velhos que por sua vez tendem a estar sob representadas na população não utilizadora de Internet.

Esta interpretação daquilo que devem ser as linhas orientadoras de políticas públicas para o sector leva-nos a considerar que, especificamente para o caso português, estratégias de alocação de recursos focadas num mutualismo hipotético desejado entre imprensa regional e formato online, deverão primeiramente ter em consideração as características de consumo dos públicos de imprensa regional.

No caso inglês surge a ideia de que o digital começa a causar uma crise diferente no jornalismo regional. Num artigo publicado pela

⁷ Literacias digitais são as interacções múltiplas, ricas e complexas, das pessoas com as tecnologias, numa ampla gama de práticas de literacia digital (Hague & Payton, 2010). Para Aufderheide (1993), o conceito “literacia para os media” era definido como a capacidade de aceder, analisar, avaliar e divulgar mensagens numa variedade de formas. Também Silverstone (2004:48) se apropriava do termo Media Literacy para referir que era o pré-requisito para a participação plena na pós-modernidade, envolvendo competências críticas de análise e apreciação das dinâmicas sociais. Para Sonia Livingstone, literacia digital é a forma como cada um consegue ler e interpretar códigos e convenções a partir

da utilização das suas ferramentas e tecnologias (Livingstone, 2011). A autora estabelece uma relação entre três dimensões que coadjuvam a sua análise, a saber: textualidade ou a forma como o conhecimento é codificado e transmitido (nas dimensões simbólica e material); competências distintivas e habilidades específicas dentro da população; e poder das relações associadas à literacia.

⁸ <http://www.democracyfund.org/local-news-participation>

⁹ <https://www.internetworldstats.com/euro/no.htm>

¹⁰ <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/scoreboard/portugal>

BCC¹¹, e tendo em conta as especificidades não apenas do jornalismo regional, como dos seus públicos, é referido que o jornalismo regional no formato tradicional impresso está em declínio, questionando-se se a passagem das publicações regionais para o formato digital teria um impacto positivo equivalente à forma como as publicações regionais no formato impresso sempre tiveram no acto de servir as audiências locais e sua procura por informação. Assim, questiona-se se as redacções regionais, na transição para formatos de publicação digital, continuarão a desempenhar o seu papel com o mesmo vigor e com a mesma importância historicamente atribuída à imprensa regional no formato impresso.

Num artigo do *The Guardian* (2017), refere-se que as editoras regionais sucumbem à redução das vendas impressas, começando a abraçar as redes sociais e outros modelos de negócio. Em todo o caso, é de salientar que a realidade da imprensa regional portuguesa é em muito determinada pelo seu histórico de políticas para o sector. Enquanto que, por exemplo em França, ou na Itália do pós II^a Guerra, houve uma clara preocupação dos legisladores na defesa do papel do estado na garantia do pluralismo mediático, países como Espanha e Portugal só mais tarde encontraram na não-regulação da profissão jornalística e na não limitação do volume de mercado o impulso para o pluralismo informativo (Aguado et al., 2009: 80). O caso português é particularmente interessante na comparação com o francês: se no segundo as ajudas estatais tendem a formalizar-se como ajudas ao leitor, no caso português a política de incentivos incidu fortemente sobre as empresas de media e estruturação do mercado, podendo mesmo ter “limitado a iniciativa empresarial, desenvolvimento de estratégias criativas, inovação e contribuído para configurar um mercado em que a viabilidade de muitos títulos é questionável” (Aguado et al., 2009: 80). A ausência de muitos títulos regionais do portal da imprensa é também reflexo de que muitos dos títulos em funcionamento não cumprirão os mínimos exigidos pelo governo, sobretudo em termos de implementação de um modelo de negócio estruturado e profissionalizado. Relativamente a potenciais efeitos perversos de consecutivas políticas de

incentivo, “é de admitir que os incentivos têm pouco ou nenhum impacto na melhoria das situações financeiras ou de mercado dos jornais e a longo prazo não criam sustentabilidade, mas sim dependência da atribuição anual de subvenções (Faustino e Carvalho: 2012, 19).

Ainda assim, em Portugal, e do ponto de vista do leitor e não da organização de media, “os estudos indicam que os índices de leitura da imprensa local e regional têm sido subavaliados, estimando-se que cerca de 50% da população tem por hábito ler este tipo de publicações” (ERC, 2010: 226), e onde as regiões mais densamente povoadas como o Porto e Lisboa evidenciam os menores índices de leitura deste tipo de publicações (ERC, 2010: 227), no sentido em que são áreas que ocupam o maior espaço e a centralidade na cobertura noticiosa do país, surgindo hiper-representadas na cobertura de alcance nacional, em desfavorecimento de outras zonas do país cujos assuntos são mais facilmente relatados na imprensa regional.

Em última análise, imprensa regional visa ser, acima de tudo, jornalismo de proximidade, mas carece de uma abordagem de mercado estruturada e devidamente consistente para assegurar a sustentabilidade futura do sector.

A situação do sector da imprensa regional não é estanque e varia com as especificidades dos países, das regiões em que actuam e das circunstâncias que dão forma à paisagem mediática dos diferentes países.

Procurando novas estratégias de monetização, os jornais regionais britânicos, por exemplo, veem-se na incumbência de transitar para o formato online, na medida em que dele depende a sua sobrevivência e no sentido em que é lá que os consumidores querem estar, ávidos de imediato informativo.

No caso português, contudo, a realidade mostra-nos que a população mais envelhecida, grande âncora demográfica da imprensa regional, faz essencialmente uso dos formatos tradicionais para acesso à imprensa regional, o que redundará, como visto a partir da auto-percepção dos profissionais do sector em Portugal, numa actividade profissional ainda predominantemente orientada para os formatos convencionais de produção e distribuição da notícia.

¹¹http://www.bbc.co.uk/academy/en/articles/art20171113123859981?ns_mchannel=social&ns_campaign

n=the_bbc_academy&ns_source=twitter&ns_linkname=corporate

Figura 17: Hábitos de leitura de jornais regionais vs. nacionais, por distrito
(in ERC, 2010: 228)

Distrito	Âmbito		Regional - Nacional (p.p.)
	Regional (%)	Nacional (%)	
Aveiro	64,2	60,1	4,1
Beja	52,9	53,1	-0,2
Braga	63,6	62,8	0,8
Bragança	44,2	43,6	0,6
Castelo Branco	71,3	55,4	15,9
Coimbra	68,8	58,4	10,4
Évora	61,1	59,2	1,9
Faro	48,9	70,1	-21,2
Guarda	63,2	58,8	4,4
Leiria	69,2	62,1	7,1
Lisboa	31,8	72,1	-40,3
Portalegre	64,1	62,5	1,6
Porto	36,7	75,1	-38,4
Santarém	64,8	61,3	3,5
Setúbal	52,4	71,2	-18,8
Viana do Castelo	57,2	61,6	-4,4
Vila Real	50,9	50,8	0,1
Viseu	50,4	46,0	4,4

Fonte: Bareme Imprensa Regional 2009 (audiências da imprensa regional)

Em resumo, se as políticas públicas orientadas para a transição dos formatos digitais, em detrimento dos formatos convencionais, poderá fazer sentido em países como o Reino Unido, como forma de legislar todo um sector, a sua aplicabilidade em países como Portugal deve ser discutida, procurando-se um equilíbrio entre a vitalidade actual do sector e a construção dos alicerces de prosperidades futuras.

Por outro lado, haverá ainda que avaliar se o caminho mais ou menos generalizado para o digital, visto de certa forma como central na análise das grandes directrizes das políticas públicas para o sector da imprensa regional em Portugal, não acabará por acentuar o declínio da imprensa regional, no sentido em que lhe retirará originalidade e singularidade que o distinguem da imprensa nacional.

Para além disso, uma passagem progressiva das publicações regionais impressas para o

formato digital poderá não ser acompanhada pelo público-alvo, na medida em que, no caso português, as literacias digitais e a fraca apropriação de dispositivos tecnológicos entre as faixas etárias mais envelhecidas, poderá não contribuir para essa transição.

Assim, uma observação cuidada do sector, tendo por base o retrato sociodemográfico dos públicos-alvo, bem como uma análise do que se passa noutros países, permite concluir que a vitalidade e sobrevivência do sector surge-nos como um fenómeno de extrema complexidade, que, ao invés de ser trabalhado para o curto e médio prazos, deverá ter essencialmente em conta o longo prazo e as condições de sustentabilidade do sector.

Por outras palavras, é urgente definir se a grande orientação que está na base das políticas públicas em Portugal para o sector, e que tem por base a transferência dos formatos de

publicação para o digital (transferência substanciada nos dois decretos-lei que regulam os apoios ao sector), produzirá os resultados procurados nas condições que enformam o próprio sector da imprensa regional em Portugal.

Por outro lado, um dos pontos subjacentes à caracterização da imprensa regional é a constatação da existência de muitas publicações de carácter regional que não funcionam em regime diário, o que dificulta o cumprimento do papel primordial que cabe à imprensa regional na cobertura da actualidade local e regional.

Uma vez que a cobertura jornalística regional é um elemento fundamental das democracias maduras e pluralistas, uma das principais políticas públicas para a imprensa regional pode passar por ter em consideração o acto de facilitar às publicações de carácter regional mecanismos de publicação mais regulares. Incentivos directos às publicações, capazes de premiar o factor periodicidade em formato impresso, poderiam resultar num aumento exponencial da necessária cobertura regional do país, trazendo benefícios às populações e aos leitores de jornais regionais que privilegiam o formato tradicional físico da notícia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PISTAS FUTURAS

Ao longo deste relatório tentámos interpretar dinâmicas muito próprias da imprensa regional, a partir da análise aos perfis de consumo dos seus públicos e através da esfera da auto-percepção profissional.

Chegámos assim à conclusão de que as características diferenciadoras deste sector, por comparação com o sector da imprensa nacional, têm origem na necessidade que os cidadãos possam sentir em conhecer notícias sobre a sua região, em especial regiões votadas a um certo isolamento nas matérias informativas disseminadas por publicações de alcance nacional.

Esta constatação está na base de tudo o resto, como sejam o enorme sentimento de pertença e fidelidade destes cidadãos aos jornais da sua

região, que, interessados fundamentalmente nas notícias da sua localidade, definem a agenda de trabalho dos jornais e dos seus profissionais.

Por outro lado, é lícito pensar-se que se estabelece uma relação de causalidade entre perfis de utilização constituídos por populações mais envelhecidas, com menos literacias digitais que, por sua vez, e ao contrário do que se passa para os perfis de utilização da imprensa nacional, preferem os formatos de leitura tradicionais em papel, fazendo da imprensa regional um bastião dos formatos convencionais de disseminação da notícia.

Estas características diferenciadoras do sector devem ser tidas em conta no desenho das políticas públicas para o sector, tendo igualmente em conta (mas não só) o que vem sendo feito noutros países e percebendo as particularidades das várias regiões.

Uma das principais conclusões que podemos retirar deste artigo é que o sector da imprensa regional também é, ele próprio, profundamente diversificado, com publicações que resistem bem à mutabilidade de um sector em crise, e outras que só sobrevivem porque vão beneficiando do altruísmo e resiliência dos seus intervenientes que declaram amor à publicação como uma extensão do amor que sentem pelas suas terras. Neste sentido, é preciso analisar o sector da imprensa regional com um olhar renovado, percebendo a sua singularidade e entendendo a melhor forma de legislar no sentido de agilizar recursos, tornando-os mais eficientes e exequíveis à realidade portuguesa.

Para tal, importará continuar a seguir as dinâmicas da imprensa regional portuguesa, sendo que uma análise mais ampla e totalmente representativa do universo das publicações periódicas regionais em Portugal possibilitará uma leitura mais fidedigna do sector em Portugal. Uma das formas de continuar a desenvolver pesquisa sobre o tema, acrescentando valor ao que foi discutido neste texto, poderá ser feita através da análise às listas de assinantes e sua caracterização, através da aplicação de inquéritos.

BILIOGRAFIA

Aguado, Maria Guadalupe; Roset, Josep M. Sanmartí e Rosa, Raúl Magallón (2009) España, Francia, Italia y Portugal: Cuatro modelos

diferenciados de prensa euromediterránea. Observatorio (OBS*), Vol.3, 9, pp. 62-84

Aufderheide, Patricia (1993). Media Lite

racy. A Report of the National Leadership Conference on Media Literacy. The Aspen Institute Wye Center.

Bareme Crossmedia (2017). Marktest. Link: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~2304.aspx>

BBC, 13 de Novembro de 2017. Is digital causing a crisis in local journalism? Link: http://www.bbc.co.uk/academy/en/articles/art20171113123859981?ns_mchannel=social&ns_campaign=the_bbc_academy&ns_source=twitter&ns_linkname=corporate

Campones, C. (2002). *Jornalismo de Proximidade*. Minerva: Coimbra.

Cardoso, Gustavo et al (2012). *Barómetro Desafios do Jornalismo*. Observatório da Comunicação. ISSN 2182-6722. Link: <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/Desafios-do-Jornalismo-2012-2-edicao-C3%A7-C3%A3o.pdf>

Carvalho, Joana Margarida Gaspar (2013). *A Imprensa regional e local: estudo de caso do O Ribatejo*. Tese de mestrado. ESCS: Lisboa. Link: <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3221/4/TOTAL%20-%20tese%20-%20joana.pdf>

Correia, F. e Martins, C. (2017). *Portugal – Media Landscape*. European Journalism Centre (EJC). Link: <https://medialandscapes.org/country/pdf/portugal>

Correia, João Carlos (1998). *Jornalismo regional e cidadania*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior: Covilhã. Link: <http://bocc.ubi.pt/pag/co-reia-joao-jornalismo-regional.html>

Correia, João Carlos (2012). *As múltiplas faces da imprensa regional portuguesa: o jornalismo regional no contexto da comunicação comunitária*. Revista de Desenvolvimento Regional. V17, n1. Link: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/2615>

Democracy Fund. *Local News and Participation*. Link: <https://www.democracyfund.org/local-news-participation>

Entidade Reguladora para a Comunicação Social – ERC (2016). *As novas dinâmicas do consumo audiovisual em Portugal*. Lisboa: ERC. Link: http://www.erc.pt/documentos/Estudos/ConsumoAVemPT/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais_web/assets/downloads/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais.pdf

Entidade Reguladora para a Comunicação Social – ERC (2010). *“Públicos da Imprensa*

local e regional”. In *A Imprensa Local e Regional em Portugal*, parte V. ERC: Lisboa.

Europe’s Digital Progress Report (2017). European Commission. Link: <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/scoreboard/portugal>

Faustino, Paulo e Carvalho, Arons de (2012). *Políticas públicas e impactos dos subsídios aos Media Regionais e Locais em Portugal*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos de Comunicação, XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE.

Fenton, Natalie (2010). “News in the Digital Age”. In *The Routledge Companion to News and Journalism*. Routledge: UK. P557.

Ferreira, Paulo (2005) *O Custo das não-decisões na imprensa local e regional em Portugal*. Comunicação e Sociedade, Vol.7, pp. 153-180.

Flavián, Carlos e Gurrea, Raquel (2014). *The Impact of the Internet on press sector: New possibilities of digital press versus traditional press*. Link: https://www.researchgate.net/publication/26459145_The_impact_of_the_Internet_on_press_sector_New_possibilities_of_digital_press_versus_traditional_press

Flavián, Carlos e Gurrea, Raquel (2010). “*Online Journalistic Services: Are digital newspapers complementary to traditional press?*”. In *Electronic Services: Concepts, Methodologies, Tools and Applications*. Chapter 7.11. IGI Global.

Hague, Cassie and Sarah Payton (2010). *Digital Literacy across the curriculum*. Futurelab.

Hass, Berthold H. (2005). *Disintegration and Reintegration in the Media Sector: How Business Models are Changing on Account of Digitalisation*. In: Zerdick, Axel et al. (Eds.): *European Communication Council Report: E-Merging Media - Communication and the Media Economy of the Future*. Berlin et al.: Springer, 33-56.

Hass, Berthold. H. (2011). *Intrapreneurship and corporate Venturing in the media business: a Theoretical framework and examples from the german Publishing industry*. *Journal of Media Business Studies*, 8(1), 47-68.

Imprensa Regional: A sua publicação local em qualquer lugar. Governo de Portugal. Link: <http://www.imprensaregional.com.pt/portal/>

Livingstone, Sonia et al (2011). *Digital Literacy and Safety Skills*. LSE. Research online.

Pinto, Manuel; Pereira, Sara; Pereira, Luís; Ferreira, Tiago Dias (2011) *Educação para os media em Portugal - Experiências, actores e*

contextos, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade - Universidade do Minho, Entidade Reguladora para a Comunicação social

Pinto, Manuel; Sousa, Helena; Lopes, Felisbela; Fidalgo, Joaquim; Ribeiro, Luísa Teresa; Rocha, Rui Passos e Barbosa, Marta Eusébio (2011) Avaliação da Política de Incentivo à Leitura (ex-Porte pago); Centro de estudos de Comunicação e Sociedade – Universidade do Minho.

Quintanilha, Tiago Lima, Cardoso, Gustavo et al (2017). A Imprensa em Portugal – Desempenho e indicadores de gestão (2008-2016). Observatório da Comunicação. ISSN 2182-6722. Link: <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2017/09/2017-OBERCOM-imprensa-PT.pdf>

Região de Cister (2015). “No futuro teremos menos jornais regionais, mas serão jornais regionais mais fortes”. Região de Cister, edição online de 4 de Março de 2015. Link: <http://regiao-decister.pt/noticias/no-futuro-teremos-menos-jornais-regionais-mas-serao-jornais-mais-fortes>

Sádaba, Charo e Salaverría, Ramón (2016). Los ‘labs’ de medios en España: modelos y tendencias. In Casero-Ripollés, Andreu (coord). Periodismo y democracia en el entorno digital. Sociedad Española de Periodística.

Silva, Marisa Torres da et al (2017). Between traditional and social media: News repertoires in Portugal. In Participations: Journal of Audience & Reception Studies, vol14, n2, pp 283-300.

Silverstone, Roger (2004). Regulation, Media Literacy and Media Civics. Sage Publications: London.

The Guardian (2017). Regional publishers: How do those that remain survive?. Edição online de 17 de Janeiro de 2017. Link: <https://www.theguardian.com/media-network/2017/jan/17/regional-publishers-survive-data-content>

NORMAS PARA OS ARTIGOS A SUBMETER À REVISTA PORTUGUESA DE ESTUDOS REGIONAIS

A. Normas respeitantes à aceitação e avaliação dos artigos

1. Embora a Revista Portuguesa de Estudos Regionais (RPER) não seja membro do Committee on Publication Ethics (COPE), a sua Direção Editorial decidiu declarar a sua adesão aos princípios do Código de Conduta do COPE, com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 2012

(<http://publicationethics.org/files/Code%20of%20conduct%20for%20journal%20editors4.pdf>).

2. Só serão em princípio aceites para avaliação na RPER artigos que nunca tenham sido publicados em nenhum suporte (outra revista ou livro, incluindo livros de Atas). Excetua-se a divulgação anterior em séries do tipo “working papers” (eletrónicas ou em papel). Outras exceções pontuais podem ser aceites pela Direção Editorial, se os direitos de reprodução estiverem salvaguardados.

3. Ao enviar uma proposta de artigo para a Revista, os autores devem renunciar explicitamente a submetê-la para publicação a qualquer outra revista ou livro até à conclusão do processo de avaliação. Para o efeito deverão sempre enviar, juntamente com o artigo que submetem, uma declaração assinada neste sentido. No caso de recusa do artigo pela Direção Editorial, os autores ficarão livres para o publicar noutra parte.

4. Os artigos submetidos à Direção Editorial para publicação serão sempre avaliados (anonimamente) por dois especialistas na área, convidados para o efeito pela Direção Editorial. Os dois avaliadores farão os comentários que entenderem ao artigo e classificá-lo-ão de acordo com critérios definidos pela Direção Editorial. Os critérios de avaliação procurarão refletir a originalidade, a consistência, a legibilidade e a correção formal do artigo. No prazo máximo de 16 semanas após a submissão do artigo, os seus autores serão contactados pela Direção Editorial, sendo-lhes comunicado o resultado da avaliação feita.

O processo de avaliação tem três desenlaces possíveis:

(1) O artigo é admitido para publicação tal como está (ou com meras alterações de pormenor) e é inserido no plano editorial da revista. Neste caso, a data previsível de publicação será de imediato comunicada aos autores.

(2) O artigo é considerado aceitável mas sob condição de serem efetuadas alterações significativas na sua forma ou nos seus conteúdos. Neste caso, os autores disporão de um máximo de 6 semanas para, se quiserem, procederem aos ajustamentos propostos e para voltarem a submeter o artigo, iniciando-se, após a receção da versão corrigida, um novo processo de avaliação.

(3) O artigo é recusado.

5. A RPER poderá organizar números especiais de natureza temática, na sequência de conferências, *workshops* ou outros eventos relevantes na sua área de interesse. Embora nestes casos o processo de avaliação dos artigos possa ser simplificado, a RPER manterá ainda assim, escrupulosamente, o princípio de revisão pelos pares de todos os artigos.

6. Excecionalmente a RPER poderá contudo publicar artigos “por convite”, ou seja não sujeitos ao crivo de revisores. A singularidade destes artigos será sempre assinalada, de forma transparente, na sua primeira página.

7. A RPER reconhece o direito dos membros da sua Direção Editorial (incluindo o seu Diretor) a submeterem artigos para publicação. Sempre que um membro da Direção Editorial é autor ou coautor de um artigo, então é necessariamente excluído do processo de revisão, em todos os seus passos, incluindo a decisão final.

8. A RPER reconhece o direito de recurso de qualquer sua decisão relativa à aceitação de um artigo para publicação. Esse recurso é endereçado ao Diretor que deverá informar toda a Direção Editorial. Os termos do recurso serão enviados aos revisores, que terão um prazo máximo de 30 dias para se pronunciarem em definitivo. No caso de não haver acordo entre os dois *referees*, a Direção Editorial tem obrigatoriamente de indicar um terceiro especialista. Não existe novo recurso, para uma segunda decisão que decorra deste processo.

9. A RPER encoraja a publicação de críticas relevantes, por outros autores, a artigos publicados nas suas páginas. Os autores criticados têm sempre a possibilidade de resposta.

10. Os *referees* estão sujeitos ao dever de confidencialidade, quer quanto ao conteúdo dos artigos que apreciam, quer quantos aos seus próprios comentários, devendo mais em geral garantir que todo o material que lhes é submetido é tratado em confiança. Será sempre enviada aos revisores a informação sobre os princípios do Código de Conduta referido em 1.

11. Uma vez o artigo aceite, e feito o trabalho de formatação gráfica prévio à sua publicação na revista, serão enviadas ao autor as respetivas provas tipográficas para revisão. As eventuais correções que este quiser fazer terão de ser devolvidas à Direção Editorial no prazo máximo de 5 dias úteis a contar da data da sua receção. Só serão aceites correções de forma.

12. Ao autor e a cada um dos coautores de cada artigo aceite será oferecido um exemplar do número da Revista em que o artigo foi publicado.

13. Os originais, depois de formatados de acordo com as presentes normas, não poderão exceder as 30 páginas, incluindo a página de título, a página de resumo, as notas, os quadros, gráficos e mapas e as referências bibliográficas.

14. As propostas de artigo deverão ser enviadas por e-mail para rper.geral@gmail.com, ou pelo correio, para o Secretariado da RPER: APDR - Universidade dos Açores, Rua Capitão João d'Ávila 9700-042 Angra do Heroísmo – PORTUGAL. Para comunicação posterior o contacto com o Secretariado far-se-á pelo: e-mail: rper.geral@gmail.com.

B. Normas respeitantes à estrutura dos artigos

1. Os autores deverão enviar o artigo completo (conforme os pontos seguintes), por e-mail ou em CD-rom, para os contactos referidos no ponto 14 das Normas A.

2. Os textos deverão ser processados em Microsoft Word for Windows (versão 97 ou posterior). O texto deverá ser integralmente a preto e branco.

3. Na publicação os gráficos, mapas, diagramas, etc. serão designados por “figuras” e as tabelas por “quadros”.

4. As eventuais figuras e quadros deverão ser disponibilizados de duas formas distintas: por um lado devem ser colocados no texto, com o aspeto pretendido pelos autores. Para além disso, deverão ser disponibilizados em ficheiros separados: os quadros, tabelas e gráficos serão entregues em Microsoft Excel for Windows, versão 97 ou posterior (no caso dos gráficos deverá ser enviado tanto o gráfico final como toda a série de dados que lhe está na origem, de preferência no mesmo ficheiro e um por worksheet); para os mapas deverá usar-se um formato vetorial em Corel Draw (versão 9 ou posterior).

5. As expressões matemáticas deverão ser tão simples quanto possível. Serão apresentadas numa linha (entre duas marcas de parágrafo) e numeradas sequencialmente na margem direita com numeração entre parêntesis curvos. A aplicação para a construção das expressões deverá ser ou o Equation Editor (Microsoft) ou o MathType.

6. Salvo casos excecionais, que exigem justificação adequada a submeter à Direção Editorial, o número máximo de coautores das propostas de artigo é quatro. Só deverão ser considerados autores os que contribuíram direta e efetivamente para a pesquisa refletida no trabalho.

7. O texto deve ser processado em página A4, com utilização do tipo de letra Times New Roman 12, a um espaço e meio, com um espaço após parágrafo de 6 pt. As margens superior, inferior, esquerda e direita devem ter 2,5 cm.

8. A primeira página conterá exclusivamente o título do artigo, em português e em inglês, bem como o nome, morada, telefone, fax e e-mail do autor, com indicação das funções exercidas e da instituição a que pertence. No caso de vários autores deverá aí indicar-se qual o contacto para toda a correspondência da Revista. Deve ser também incluída na primeira página uma nota sobre as instituições financiadoras da investigação que conduziu ao artigo. Este nota é obrigatória quando pertinente.

9. A segunda página conterá unicamente o título e dois resumos do artigo, um em português e outro inglês, com um máximo de 800 caracteres cada, seguidos de um parágrafo com

indicação, em português e inglês, de palavras-chave até ao limite de 5, e ainda 2 a 5 códigos do Journal of Economic Literature (JEL) apropriados à temática do artigo, a 3 dígitos, como por exemplo R11. Os títulos, os resumos, as palavras-chave e os códigos JEL são obrigatórios.

10. Na terceira página começará o texto do artigo, sendo as suas eventuais secções ou capítulos numerados sequencialmente utilizando apenas algarismos (não deverão utilizar-se nem letras nem numeração romana).

11. Cada uma das figuras e quadros deverá conter uma indicação clara da fonte e ser, tanto quanto possível, compreensível sem ser necessário recorrer ao texto. Todos deverão ter um título e, se aplicável, uma legenda descritiva.

12. A forma final das figuras e quadros será da responsabilidade da Direção Editorial que procederá, sempre que necessário, aos ajustamentos necessários.

C. Normas respeitantes às referências bibliográficas

1. A “Bibliografia” a apresentar no final de cada artigo deverá conter exclusivamente as citações e referências bibliográficas efetivamente feitas no texto.

2. Para garantir o anonimato dos artigos, o número máximo de citações de obras do autor do artigo (ou de cada um dos seus coautores) é três e não são permitidas expressões que possam denunciar a autoria tais como, por exemplo, “conforme afirmámos em trabalhos anteriores (cfr. Silva (1998:3))”.

3. O estrito cumprimento das normas à frente só é obrigatório na versão final dos artigos, após aceitação. Ainda assim, recomenda-se

fortemente a sua adoção em todas as versões submetidas.

4. Os autores citados ao longo do texto serão indicados pelo apelido seguido, entre parêntesis curvos, do ano da publicação, de “:” e da(s) página(s) em que se encontra a citação. Por exemplo: ao citar-se “Silva (2003: 390-93)”: está-se a referir a obra escrita em 2003 pelo autor “Silva”, nas páginas 390 a 393. Deverá usar-se “Silva (2003: 390-93)” e não “SILVA (2003: 390-93)”. No caso de uma mera referência do autor bastará indicar “Silva (2003)”.

5. No caso de o mesmo autor ter mais de um trabalho do mesmo ano citado no artigo, indicar-se-á a ordem da citação, por exemplo: Silva (2003a: 240) e Silva (2003b: 232).

6. As referências bibliográficas serão listadas por ordem alfabética dos apelidos dos respetivos autores no fim do manuscrito. O nome será seguido do ano da obra entre parêntesis, e da descrição conforme com a seguinte regra geral:

Monografias: Silva, Hermenegildo (2007a), *A Teoria dos Legumes*, Coimbra, Editora Agrícola

Coletâneas: Sousa, João (2002), “Herbicidas e estrumes” in Cunha, Maria (coord.), *Teoria e Prática Hortícola*, Lisboa, Quintal Editora, pp. 222-244

Artigos de Revista: Martins, Vicente (2009), “Leguminosas Gostosas”, *Revista Agrícola*, Vol. 32, nº 3, pp. 234-275

7. A forma final das referências bibliográficas será da responsabilidade da Direção Editorial que procederá, sempre que necessário, aos ajustamentos necessários.

NORMS FOR THE SUBMISSION OF PAPERS TO THE PORTUGUESE REVIEW OF REGIONAL STUDIES

A. Norms concerning papers submission and evaluation

1. Although the Portuguese Review of Regional Studies (RPER) is not a member of the Committee on Publication Ethics (COPE), its Editorial Board decided to adhere to the principles of the COPE Code of Conduct, from January 1st 2012 onwards:

(<http://publicationethics.org/files/Code%20of%20conduct%20for%20journal%20editors4.pdf>).

2. In principle, only papers that have never been published (in another journal or book, including conference Proceedings) can be considered for publication in RPER. The previous publication in a series of “working papers” (electronic or paper format) is an exception to this rule. The Editorial Board may agree with other sporadic exceptions, when copyrights are secured.

3. When a paper is submitted to RPER, authors must explicitly state that it will not be submitted for publication in any other journal or book until the reviewing process is completed. For this purpose, a signed declaration must be sent along with the paper. If the paper is rejected by the Editorial Board, the authors are free to publish it anywhere else.

4. Papers submitted for publication will always be reviewed (anonymously) by two experts in the area, invited by the Editorial Board. Both referees will offer their comments and classify it in accordance with the criteria defined by the Editorial Board. The reviewing criteria include originality, consistency, readability and the paper’s formal correction. The authors will be informed by the Editorial Board of the results of the evaluation within 16 weeks of its receipt. The assessment has three possible outcomes:

(1) The paper is accepted for publication just as it is (or with minor changes) and it is included in the editorial plan. In this case, the authors are immediately informed of the expected publication date.

(2) The paper is considered acceptable provided that major changes are made to its form

or contents. In this case, authors will have a maximum of six weeks to make such changes and to submit the paper again. Once the revised version is received, a new assessment process starts.

(3) The paper is refused.

5. RPER may organize special issues on specific themes, following conferences, workshops, or other events relevant in its area of interest. Although, in these cases, a simplifying shorter reviewing process may be adopted, the principle of peer-review selection will always be preserved.

6. Exceptionally, RPER may publish articles “by invitation”, meaning that they are not subject to the reviewing process. These outstanding articles, however, are always clearly signaled as such in their front page.

7. RPER acknowledges the right of the members of its Editorial Board (including its Director) to submit papers to the journal. When an author or co-author is also a member of the Editorial Board, he/she is excluded from the reviewing process in all its stages, including the final decision.

8. RPER acknowledges the authors’ right of appeal on any publishing decision of the Editorial Board. That appeal is made to the Director of RPER that will inform the Editorial Board. The new arguments will be sent to the reviewers, asking for a final judgment within a 30-day term. In case of disagreement between the two referees, the Editorial Board is compelled to appoint a third reviewer. There is no further appeal for a second decision ensuing this process.

9. RPER positively welcomes cogent criticism on the works it publishes. Authors of criticized material will have the opportunity to respond.

10. Reviewers are required to preserve the confidentiality on the contents of the papers and on their comments, and requested, more generally, to handle all the submitted material in confidence. Proper information on the principles of the Code of Conduct referred in 1. will always be provided to the reviewers.

11. Once the paper has been accepted and formatted for publishing, it will be sent to the

author for graphics checking and revision. Any corrections the author might want to make must be sent to RPER within five days. Only formal corrections will be accepted.

12. Each author and co-author of accepted papers will be offered a number of the published issue

13. Articles cannot exceed 30 pages after being formatted according to the present norms, including the title page, the summary page, notes, tables, graphics, maps and references.

14. Papers must be sent, by e-mail to rper.geral@gmail.com or by normal mail, to the Secretariat of RPER: APDR - Universidade dos Açores, Rua Capitão João d'Ávila, 9700-042 Angra do Heroísmo – PORTUGAL. For future contact please use the e-mail address: rper.geral@gmail.com.

B. Norms concerning papers structure

1. The authors must send a complete version of the paper by e-mail or on a CD-Rom by mail, in the original Microsoft Word file, to the contacts specified in point 14 of Norms (A).

2. Texts must be processed in Microsoft Word for Windows (97 or later version). All written text must be black.

3. Graphics, maps, diagrams, etc. shall be referred to as “Figures” and tables shall be referred to as “Tables”.

4. Figures and Tables must be delivered in two different forms: inserted in the text, according to the author's choice, and in a separate file. Tables and graphics must be delivered in Microsoft Excel for Windows 97 or later. Graphics must be sent in both the final form and accompanied by the original data, preferably in the same file (each graphic in a different worksheet). Maps must be sent in a vector format, like Corel Draw or Windows Metafile Applications.

5. Mathematical expressions must be as simple as possible. They will be presented on one line (between two paragraph marks) and numbered sequentially at the right margin, with numeration inside round brackets. Equation Editor (Microsoft) or Math Type are the accepted Applications for original format files.

6. The paper must have no more than four co-authors. Exceptions may be accepted when

a reasonable explanation is presented to the Editorial Board. Authorship must be limited to actual and direct contributors to the conducted research.

7. Text must be processed in A4 format, Times New Roman font, size 12, line space 1.5 and 6 pt space between paragraphs. The upper, lower, left and right margins must be set to 2.5 cm.

8. The first page shall contain only the paper's title, the author's name, address, phone and fax numbers and e-mail, and the author's affiliation. In the case of several authors, please indicate the contact person for correspondence. A remark on funding institutions of the research or related work leading to the article – that is compulsory when it applies – must be placed as well in this first page.

9. Second page shall contain the title and the abstract of the paper, in English and, if possible, in Portuguese as well, with no more than 800 characters, followed by two lines, one with the keywords to a limit of 5, and the other with the proper Journal of Economic Literature (JEL) codes describing the paper. JEL codes must be from 2 up to 5, with three digits, as for example R11. The title, the abstract, the keywords and the JEL codes area all compulsory, at least in English.

10. Text starts on the third page. Sections or chapters are numbered sequentially using Arabic numbers only (letters or Roman numeration must not be used).

11. Figures and Tables must contain a clear source reference. These shall be as clear as possible. Each must have a title and, if applicable, a legend.

12. The final format of Figures and Tables will be of the responsibility of the Editorial Board, who will allow some adjustments, whenever necessary.

C. Norms concerning bibliographic references

1. The references listed at the end of each paper shall only contain citations and references actually mentioned in the text.

2. To ensure the anonymity of papers, each author's self references are limited to three and no expressions that might betray the authorship are allowed (for example, “as we affirmed in previous works (cfr. Silva (1998:3))”).

3. Although their meeting in preliminary versions is recommendable, the bibliographic norms below are mandatory for the final (accepted) version only.

4. Authors cited in the text must be indicated by his/her surname followed, within round brackets, by year of publication, by “:” and by the relevant page number(s). For example, the citation “Silva (2003: 390-93)”, refers to the work written in 2003 by the author Silva, on pages 390 to 393. If the author is merely mentioned, indication of “Silva (2003)” is sufficient.

5. In case an author has more than one work from the same year cited in the paper, citation must be ordered. For example: Silva (2003a: 240) and Silva (2003b: 232).

6. References must be listed alphabetically by authors' surnames, at the end of the manuscript. The name will be followed by year of publication inside round brackets and the description, thus:

Monographs: Silva, Hermenegildo (2007a), *The Vegetables Theory*, Cambridge, Agriculture Press

Collection: Sousa, João (2002), “Weed Killers and Manure” in Cunha, Maria (coord.), *Farming - Theories and Practices*, London, Grassland Publishing Company, pp. 222-244

Journal Papers: Martins, Vicente (2009), Tasty Broccoli, *Farmer Review*, Vol. 32, nº 3, pp. 234-275

7. The final format of the references will be the responsibility of the Editorial Board, who will allow adjustments whenever necessary

ÍNDICE

7

Editorial

9

Higer Education and Economic Prosperity at Regional Level

Igor Cvecic

Danijela Sokolic

Marija Kastelan Mrak

27

Recursos Perfeitos, Turismo e Singularidades Territoriais: Contributos Para o Desenvolvimento de Uma Linha de Turismo Científico na Golegã

Sérgio Paulo Leal Nunes

Vanda Cristina Brito e Sousa

49

Sustainability Evolution of North and Alentejo Vineyard Regions

Micael Santos

A. Galindro

C. Santos

A. Marta-Costa

V. Martinho

65

Gastronomia de Taberna & Storytelling: Saberes e Sabores Que Reforçam a Identidade Cultural do Território

Josefina Salvado

Ana Maria Ferreira

Jaime Serra

Noemi Marujo

85

Melhoria da Distribuição de Mercadorias na Baixa Pombalina de Lisboa – Perspetivas Sobre a Implementação de um Centro de Distribuição Urbana Para Servir o Segmento HORECA

Vasco Reis

Alexandra Escameia

Rosário Macário

103

A Tropicalização da Especialização Inteligente: Considerações Iniciais e Falhas Sistémicas de Inovação Para o Desenvolvimento de Uma Estratégia em Pernambuco (Brasil)

Hugo Pinto

Carla Nogueira

Manuel Laranja

John Edwards

123

A Relevância da Gestão de Recursos Para o Desempenho- Aplicação da Teoria Baseada Nos Recursos ao Empreendedorismo Social em Portugal

Susana Bernardino

J. Freitas Santos

141

A Imprensa Regional Portuguesa Como Pequeno Bastião da Imprensa Tradicional no País

Tiago Lima Quintanilha

Miguel Paisana

Gustavo Cardoso

REVISTA PORTUGUESA DE ESTUDOS REGIONAIS

PORTUGUESE REVIEW OF REGIONAL STUDIES

2019 1º Quadrimestre | nº 50 | Avulso €15

